

EDMUNDO COQUEIRO

A VIDA E A OBRA  
DE  
JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO

Rua Bahia de Todos os Santos, 11-A  
RIO DE JANEIRO

EDMUNDO COQUEIRO

MA  
92 f. A Coqueiro  
Coq  
Coq  
11.1

A VIDA E A OBRA  
DE  
JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO

Museu Histórico e Artístico do Maranhão  
BIBLIOTECA  
DOAÇÃO

MACALHÃES, CORREARD & Cia.  
Rua Barão de S. Felix n. 11-A  
RIO DE JANEIRO  
1942



## Carta - Prefácio

Meu caro Sr. Edmundo Coqueiro.

Há quarenta anos, acompanhado por minha mãe, subi timidamente, pela primeira vez, a escada do Internato do Ginásio Nacional. Aquela casa vetusta era, como ainda hoje, desprovida do conforto e majestade condizentes com o relevo que a instituição sempre teve no quadro do ensino público.



Atendeu-nos carinhosamente o Diretor, "um velho de aspecto venerando", o Doutor João Antônio Coqueiro.

.. — Disponho apenas de treze vagas para alunos gratuitos (disse êle a minha mãe). Se seu filho conseguir nota alta no exame de admissão, fique a Sra. descansada. Sinto-me feliz quando posso encaminhar os estudantes pobres.

QUINTINO DO VALE,  
Professor catedrático  
dos mais Ilustrados  
do Colégio Pedro II,  
ex-Diretor do mesmo  
Colégio e figura pro-  
eminente do magisté-  
rio brasileiro.

No exame de admissão a que me submeti, conquistei o primeiro lugar, com distinção, grau dez. Mas ainda assim eu não teria sido admitido com outros meninos também pobres e ótamente classificados se o Diretor não soubesse resistir à indefectível intervenção de governantes e políticos em favor de candidatos menos necessitados...



Tendo ingressado no melhor colégio do Brasil pela generosidade e justiça daquele que me guiou em todo o meu curso secundário, afeiçoei-me tanto ao Doutor Coqueiro que chorei copiosamente quando êle deixou o Internato e passou a dirigir a outra seção do Ginásio. Ali, mais tarde, me concedeu matrícula gratuita no sexto ano. Não me esqueço de seus olhos de pai comovido no momento em que me conferiu o grau de Bacharel em ciências e letras.

Durante a sua administração de cerca de dois lustros, o grande Mestre soube conduzir muitas inteligências juvenis, folgando particularmente com descobrir vocações esperançosas para as estimular no estudo da matemática. Lembro-me de que um dia se enganou. Depois de assistir à prova oral de aluno a quem muito queria, chamou-o para o abraçar e elogiar:

— Muito bem. O Sr. prestou exame como se desse uma aula. Tem queda para a matemática e muito jeito para ensinar. Quero ajudá-lo. Recomendarei o seu nome aos colegas seus que me pedirem a indicação de um explicador para a 2.<sup>a</sup> época e puderem pagar

E assim foi. Mas pouco depois o jovem e bisonho professor, embora amigo da ciência das grandezas, preferiu o magistério das letras. Em todo o caso, fez-se professor graças, principalmente, à orientação primorosa que lhe deram êsse e outros mestres insignes do Internato, verdadeira constelação de sábios.

Expansões como a que referi eram raras, muito raras no Doutor Coqueiro. Em geral tinha-as êle quando louvava alguma boa ação ou quando se lhe oferecia ensejo para tratar da matéria de sua especialidade. Ao mandar privar de recreio ou da saída semanal certos alunos indisciplinados, propunha-lhes, com uma agilidade pasmosa num homem de quase setenta anos, complicadíssimas questões de Algebra ou de Geometria. Se os discolos encontravam a solução, premiava-os com um sorriso paternal e palavras de conselho e incitamento, seguidas, é claro, de um "vá lá por esta vez".

Ai estão para o seu livro, Sr. Edmundo Coqueiro, algumas recordações que conservo de seu ilustre pai. Devia tê-las dito com outras muitas, em tom oratório, no Externato do Colégio Pedro II,

quando, em 1937, ali se comemorou o centenário do grande brasileiro. Designado para falar, não pude comparecer por doença, como o Sr. sabe.

Agradecendo-lhe o convite, congratulo-me com o Sr. pela publicação de "A VIDA E A OBRA DE JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO", testemunho de nobre devoção filial, e abraço-o afetuosamente.

Seu velho amigo (a) Quintino do Valle

Rio de Janeiro, 27 de Fevereiro de 1942. Praça Petrolina n.º  
12 — Tijuca.

## JUSTA HOMENAGEM

AO PROFESSOR INACIO M. DO AZEVEDO AMARAL,  
GLÓRIA E ORGULHO DO MAGISTERIO SUPERIOR BRASILEIRO  
E UM DOS MAIS CULTOS ESPIRITOS QUE TEM O BRASIL POS-  
SUÍDO.

Este livro, não é o esforço de um homem, porque não representa as idéias de um só cérebro. É, antes, a cristalização de uma saudade, senão mesmo, a ternura de uma gratidão que soube compreender a nobreza de uma vida toda dedicada ao Bem da juventude, e, portanto, à grandeza de sua Pátria.

O Professor JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO, cujo centenário esta obra rememora, foi dos que viveram para iluminar a Raça, educando e preparando nobremente aqueles que deveriam dignamente compartilhar da existência brasileira. É esta obra, assim, a síntese da veneração de seus discípulos, lembrança piedosa dos que o conheceram de perto, e dele ouviram os ensinamentos sadios que orientam a vida e provocam as vitórias.

Dedicando este trabalho ao eminente e culto Professor INACIO M. DO AZEVEDO AMARAL, rendemos-lhe, apenas, um tributo de gratidão, concretizada no reconhecimento profundo, pelo seu esforço magnífico em prol do brilho das festas comemorativas do primeiro centenário do grande educador JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO, a alma nobilíssima e intemerata que se tão bem soube viver melhor, ainda, soube morrer.

Ninguém mais do que o grande Professor INACIO M. DO AZEVEDO AMARAL compreenderia a sinceridade desta oferta, razão por que nós lha dedicamos com o carinho filial e o mais profundo reconhecimento.

Edmundo Coqueiro.

## JUSTIFICAÇÃO

A grande procura que despertou o opúsculo — "DADOS BIOGRÁFICOS DO DR. JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO" a ponto de se ter o mesmo esgotado rapidamente, trabalho êsse escrito e distribuído em Abril de 1937, em comemoração ao 1.º centenário de seu nascimento; os pedidos constantes que recebemos de vários pontos do País, de norte a sul, solicitando-nos a sua remessa; e, ainda, diante das excepcionais homenagens tributadas à sua memória por ocasião daquele centenário, tanto nesta Capital como em seu Estado natal — o Maranhão — tudo isso, enfim, levou-nos a pensar em enfeixar, num só volume, tudo o que dissesse respeito à sua vida e à sua obra.

E, assim, nasceu a idéa dêste livro, escrito ao correr da pena, sem preocupações de frases buriladas e onde reaparece a sua biografia bastante aumentada com os novos e preciosos elementos que obtivemos posteriormente, com farta documentação, ilustrada e expurgada das falhas existentes naquele opúsculo, próprias, aliás, do aqodamento com que foi o mesmo lançado, afim de que podesse, em época própria, ser distribuído.

Publicamos, mais, nesta obra, tudo o que se relaciona com aquele centenário, como sejam: as várias solenidades, conferências realizadas, artigos de jornais, telegramas, cartas e cartões recebidos de pessoas as mais eminentes, em que fica, ainda uma vez, evidenciado o elevado conceito e a grande estima em que era tido êsse notável e inolvidável vulto de cientista e de educador brasileiro.

Apresentando êste trabalho, tivemos em vista, tão somente,

mostrar o que foi a existência de JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO, daquele que fez do ensino um verdadeiro apostolado, e que, sem alarde, dentro daquela sua grande modéstia, procurou cumprir sempre e rigorosamente, com todos os seus deveres, servindo ao Brasil com o mais acrisolado devotamento e inexcedível renúncia.

Este livro, como vimos, foi ofertado ao eminente Professor Dr. Inácio M. do Azevedo Amaral, o grande espírito que honra sobremaneira o Magistério brasileiro, iluminando a mocidade que desperta para as esperanças da Pátria estremecida.

Desejo, agora, tão somente, chamar a atenção de meus idolatrados filhos para estas páginas de profunda saudade e carinhoso respeito, que, sem pretensão de espécie alguma, procuram, apenas, recordar a existência de um homem que soube viver dignamente, e, mais que tudo, soube morrer com a consciência de haver bem palmilhado a áspera rota que DEUS lhe traçara.

Nós vivemos mais do Passado do que do Presente, porque aquele nos outorga o exemplo magnífico de nossos Maiores, cujas virtudes temos de honrar. E é essa virtude de meu inesquecível Pai que, justamente, aspiro reviver, para que meus filhos, imitando-a, possam grangear o respeito humano e engrandecer, mais ainda, através dos tempos, a obra grandiosa daquele que me deu a vida e, hoje, de paragens longínquas, me fornece todos os bons sentimentos que nobilitam o homem e o aproximam, cada vez mais, de DEUS, SEU CRIADOR.

LUCILO BUENO, aquele grande diplomata e fino cultor das letras, de saudosíssima memória, aludindo a JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO, disse:

"O Dr. Coqueiro, dentro da sua grande modéstia, influuiu, enormemente, nos destinos do Brasil, dando os salutaros exemplos de uma vida tãda dedicada ao trabalho, ao estudo, ao bem e à verdade. Fui, quando menino, seu grande admirador. Hoje, que recolho as saudades da infância e da adolescência, às portas do outono da vida, confirmo o que pensava dele naquela época longínqua".

Finalmente, cumpre-nos agradecer e de modo inequívoco, ao nosso eminente amigo e conterrâneo, Dr. M. Nogueira da Silva, literato de renome e jornalista insigne e membro da "Academia

Carloca de Letras", o trabalho que teve com a leitura do manuscrito desta obra, bem como o conceito que sobre a mesma emitiu, em carta que nos dirigiu, e que muito e muito nos desvanece, carta que, com o maior prazer, publicamos neste nosso trabalho.

Como remate, cabe-nos declarar que, neste livro, tivemos a preocupação máxima de não deturpar em nada a verdade, esforçando-nos, o quanto possível, por documentar todos os fatos nele divulgados.

E. C.

Meu caro Edmundo.

Devolvo-te os originaes do trabalho sôbre o Dr. Coqueiro, a quem, muito justamente, te orgulhas de chamar — Meu Pai. Li-o todo, ontem à noite. Pouco, pouquíssimo, coube-me modificar. O teu trabalho está impecável: — não apenas feito com o coração, mas também com esclarecida e cultivada intelligência.

Assim, teremos, uma vez publicados êsses originaes, que render duas homenagens: — uma à memória do grande educador maranhense; outra ao seu biógrafo, que se revela, neste difficil prélio, armado de ponto em branco.

Destá forma, ficam igualmente de parabens as letras patricias e o Maranhão, que ganha mais um escritor escoreito, equilibrado o senhor de estilo elegante e próprio para trabalhos dêste gênero.

Caso necessites do meu auxilio, quando fôrem chegando as provas, estarei ao teu inteiro dispor.

Com minhas melhores felicitações, mando-te um grande abraço e me confesso satisfeito, teu "ex-corde".

(a) M. Nogueira da Silva.  
(Da "Academia Carioca de Letras").



## E R R A T A

Páginas.	Linhas.	Em vez de:	Leia-se:
56	7 descendo	à célebre	a célebre
58	22 "	"Onze de Agosto"	Curso Normal
79	2 subindo	peso 40%	pesa 40%
87	22 descendo	ateção	atenção
96	10 "	à esmo	a esmo
102	12 "	sera	será
109	19 "	Estendemos-nos	Estendemô-nos
111	20 "	ficaz	ficar
123	20 "	poetiza	poética
126	5 subindo	distnta	distinta
135	3 "	ârcadas	arcadas
139	20 descendo	recionalmente	racionalmente
143	2 "	reduzindo-se	reduzindo-as

NOTA: — O último período da página 146 leia-se assim:  
 "A instrução pública no Império e durante a República tem sido sempre o objeto das solicitudes dos Governos, que têm proposto e realizado uma série de reformas.

Entretanto a instrução pública continua a decair".

TRAÇOS BIOGRÁFICOS  
 DO PROFESSOR  
 JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO

JOAO ANTONIO COQUEIRO nasceu na cidade de São Luiz do Maranhão, á antiga rua das Barrocas, hoje Isaac Martins, a 30 de Abril dt 1837, e faleceu, repentinamente, á rua Emilia n.º 6, em Jacarépaguá, na Capital Federal, a 26 de Fevereiro de 1910. Seus Pais, o Coronel Vespasiano Coqueiro e D. Raimunda Garcia Coqueiro, não possuíam haveres.

Já nasceu, João Antônio Coqueiro, predestinado — pode-se assim dizer — ao estudo do CALCULO. E essa sua inclinação manifestou-se quando mal deixava sua primeira infância. E pelos mais justos motivos encheu de tais esperanças aos seus estremecidos e dedicados genitores, que, para logo, pensaram em mandar o promissor menino estudar em Paris.

Mas, em 1853 veio a falecer o Coronel Vespasiano Coqueiro, em virtude de uma melindrosa intervenção cirúrgica a que foi forçado submeter-se.

Dos mais rudes, fôram os primeiros anos de viuvez de D. Raimunda Garcia Coqueiro, pelo que aquele projeto teve que ser retardado durante os anos de 1853 e 54, em que vemos João Antônio Coqueiro matriculado nas aulas do Liceu Maranhense. Fez assim, os seus estudos primários e secundários na sua Província natal.

Em fins de Junho de 1855, sómente, e com inauditos sacrificios, ponde, D. Raimunda, mandá-lo para a França, satisfazendo, desse modo, aos mais ardentes desejos de seu falecido e bom esposo, que, pouco antes de expirar, encarecidamente, lhe havia pedido tudo fizesse para que êsse seu único filho varão não deixasse de estudar na Capital daquele grande País.

Partiu, assim, João Antônio Coqueiro.

A viagem, feita em navio á vela, e, por consequente, á mercê do vento — única condução naquela época — foi demoradissima.

Partiu, mas o seu coração de adolescente e de filho extremoso e afetivo ficara em S. Luiz, Ia cheio de saudades. Lembrava-se de sua velha e carinhosa Mãe, dos amigos de infância e daquela boa e sincera convivência do Liceu. Em Paris, naquela grande capital de vida intensa, de enorme agitação, naquela verdadeira

orgia de luz e de prazeres, a sua nova vida ia ser bem diferente daquela vida simples, bucólica e patriarcal, que levára em São Luiz, a conviver, somente, com pessoas estranhas, num meio todo-ê-ê diverso daquele em que fôra criado e onde tudo se lhe afigurava difícil, a começar pelo próprio idioma, com o qual não estava ainda familiarizado. Sabia, de antemão, que, para se ambientar àquela nova situação que lhe reservára o destino — essa força extraordinária à qual ninguém pôde fugir — teria de lutar bastante, não só pela sua quase nenhuma experiência de vida e muito pouco conhecimento dos homens, sem dúvida fruto do meio acanhado em que vivêra, como, também, pela sua pouca idade. De tudo isso, tinha a mais perfeita noção.

Pois bem. Foi sob essa dolorosa impressão e sob, ainda, uma grande nostalgia que, a bordo, solitário e taciturno, faz, João Antônio Coqueiro, a melancólica poesia, em seis quadras e em redondilha maior, sob o título — **EM VIAGEM** — que, mais tarde, logrou ser incluída entre as obras primas do "PARNASO MARANHENSE", e que passamos a transcrever:

## EM VIAGEM

E' noite — tudo é silêncio  
Nesta triste solidão!  
Tudo é calmo — tudo é quêdo  
Na bela equórea extensão!

Monta o astro opaco e belo  
Que exprime terna saudade,  
Monta ás nuvens — vagaroso  
Com sublime majestade.

Lá de cima esparze luz,  
Que pratêa o negro mar,  
Lá de cima aviva ao triste  
Seu padecer, seu penar.

No centro do mar redondo  
Segue o lenho sossegado,  
Que do horisonte só busca  
O termo tão afastado!

Sofre o triste, porque a pátria,  
Mãe e amigos lá deixou —  
Porque a saudade sentida  
O coração lhe cerrou;

Mas um bom e caro amigo  
O acompanha em sua dor,  
O consola em sua magoa,  
Dando-lhe ânimo e valor.

1.º de Julho de 1855.

Nessa triste e sentida poesia, como se vê, João Antônio Coqueiro deixa transparecer, nitidamente, a dor acerba que lhe ia nalma por se ter separado daquele ente mais caro de sua existência, daquela sua maior amiga e companheira de todos os tempos e mercê de cujos esforços e sacrificios, como dissemos, — e que êle bem os conhecia e sabia avaliar — ia estudar em França.

Em 14 de Junho, isto é, poucos dias antes de partir para Paris — pois que em 1.º de Julho, data que traz a poesia, acima, "EM VIAGEM", já se achava êle a bordo — escrevia, João Antônio Coqueiro, para o periódico, maranhense, "O BOTÃO DE OURO", uma sombria página intitulada — "SAUDADE" — que vai, na íntegra, transcrita mais adiante e cujo primeiro período é o seguinte:

"SAUDADE — dor íntima, suave ou acerba, que sofre o infeliz a que o fado determinou viver remoto do objeto dos seus cuidados; dor que inquieta a êsse desditoso em seu tristonho viver, imprimindo-lhe, na alma, a maior tristeza".

Em chegando á Capital da França, dedicou-se, João Antônio Coqueiro, incontinenti, aos estudos mais elevados de matemática e ciências físicas, para o que se matriculou nas aulas de cursos particulares de Professores dessas matérias, considerados de notório saber.

Não lhe interessavam, absolutamente, os inúmeros divertimentos e nem tão pouco as grandes seduções de toda espécie existentes, como é sabido, naquela metrópole privilegiada, e que para ali atraem turistas de todas as partes do mundo.

Todas as horas, de cada dia, teriam que ser aproveitadas, da melhor maneira, na aplicação aos estudos das ciências exatas, pois que, em começos do ano de 1856, teria, João Antônio Coqueiro, de concorrer, com algumas centenas de candidatos, ao concurso de admissão á Escola Central de Engenharia, de Paris, concurso êsse, dos mais sérios e difíceis, não só pelo rigor, sempre excessivo, imprimido ao julgamento das provas, como também, pelo vasto programa de que constava o mesmo.

Considerado, pelos seus Professores, habilitado a fazer êsse concurso, para o qual se havia preparado em menos de seis meses, em 1856 submetia-se a essa dura prova, em que alcançou um dos primeiros logares — O DÉCIMO SEXTO, ENTRE

MAIS DE QUATROCENTOS CANDIDATOS INSCRITOS — não obstante manejar, ainda, com dificuldade a lingua franceza, pois que se achava na França havia muito pouco tempo.

Entrou, assim, nesse ano, João Antônio Coqueiro, para a Escola Central de Engenharia, de Paris.

Foi essa, sem dúvida, a primeira vitória do jovem estudante maranhense, que, ao findar o primeiro ano do curso de engenharia, era, já, entre os seus colegas, conhecido como LE PETIT SAGE.

Desde a partida de João Antônio Coqueiro para Paris que D. Raimunda não mais tivera um só dia de descanso.

Viuva, não possuindo bens de fortuna, e tendo, sob seus ombros, a grande responsabilidade da manutenção do filho numa cidade, aonde fôra sem ter, ali, o menor conhecimento e sem levar, sequer, uma recomendação, trabalhava, aquela senhora, verdadeiro tipo de heroína, durante todo o dia e até alta madrugada, em costuras, para poder mandar-lhe, pontualmente, a mesada, afim de que não viesse a sofrer qualquer vexame ou privação.

Esse grande sacrifício de D. Raimunda, que muito e muito inquietava e fazia sofrer a João Antônio Coqueiro, durou, entretanto, pouco tempo. Entrando, em começos do ano de 1856, para a Escola Central de Engenharia, desde essa época, começou a ser procurado para lecionar. E, então, pressuroso, alegre e satisfeito, escreve, imediatamente, à sua idolatrada Mãe, desistindo daquela contribuição. E em 1857, matriculado no 2.º ano, gosando, já, de um grande conceito entre seus Mestres e colegas, e, nessa ocasião, possuindo um crescido número de alunos, passou dessa data em diante, a mandar-lhe, mensalmente, uma mesada, que manteve até o dia de seu regresso ao Maranhão.

Cursando o segundo ano — AOS 19 ANOS, APENAS, DE IDADE — escreveu e publicou, coadjuvado pela Provincia do Maranhão, o seu célebre "TRATADO DE ARITMÉTICA", para uso dos Colégios, Liceus e estabelecimentos de instrução secundária. Compreendendo a teoria e prática das aproximações numéricas, das razões, progressões, logaritmos e um grande número de problemas sobre a teoria dos números, sobre as ciências de observação e sobre as questões ordinárias da vida. Com 394 páginas, 1 vol. in 8.º br; 1860. Editores: Rey e Belhatte. Quai des Augustins n.º 45. Impressores: W. Remquet & Cia. Rue Garancière n.º 5. Paris.

Lê-se, nesse trabalho, esta dedicatória:

"Ao Senhor Doutor Francisco de Melo Coutinho de Vilhena, Ilustre Advogado do Brasil, Fidalgo Cavaleiro da Casa Imperial, Etc, Etc. Testemunho do mais sincero reconhecimento e amizade. J. A. Coqueiro".

São do Prefácio dêsse livro as palavras que se seguem:

"Durante algum tempo empregavamos, muitas vezes, nossas horas vagas em refletir sobre as diferentes teorias da Aritmética e em redigi-las segundo nossa maneira de ver, porém isto não com o fim de publicarmos um livro. Um dos nossos amigos e colegas, o Senhor Doutor C. C. Cantanhede, Membro da Sociedade Química de Paris, vendo algumas dessas redações esparsas, aconselhou-nos sua coordenação; hoje, coadjuvados pela Provincia do Maranhão, a quem somos extremamente gratos, cedemos ao voto daquele amigo, dando ao prelo este nosso primeiro trabalho científico, que, esperamos, será de alguma utilidade á mocidade brasileira.

O nosso fim foi sempre apresentar a ciência de uma maneira rigorosa e, ao mesmo tempo clara, de modo que, aquele que seguisse, cuidadosamente, nossas lições, pudesse, com segurança, empreender o estudo das outras partes mais elevadas das ciências matemáticas.

O indice das matérias mostrará, perfeitamente, a marcha que seguimos, marcha que nos pareceu mais racional. No Livro VI tratamos da teoria das aproximações numéricas, teoria tão importante que, sem ela, seria impossível resolver-se um grande número de problemas que se apresentam, sobretudo, nas ciências de observação; esforçamo-nos por expô-la com a maior clareza possível, aplicando, sempre, a teoria á alguns exemplos tomados na Geometria e na Física.

Cada livro se acha subdividido em capítulos; damos, no fim de cada capítulo, certo número de problemas, alguns dos quais se acham resolvidos, como aplicação das matérias ali tratadas; outros, relativos á teoria dos números, serão difíceis aos estudantes do primeiro ano, mas úteis, como exercicio, aos do segundo.

Aproveitamos esta ocasião para agradecer a Mrs. P. Renoux e L. Tarbouriech, distintos Professores de ciências, em Paris, o trabalho que tomaram com a leitura do manuscrito de nossa obra e os juizos que fizeram dela, juizos que fôram publicados em alguns jornais do Maranhão".

Essa obra, como se sabe, teve grande aceitação tanto no Brasil como em Portugal, e, até hoje, — não obstante contar oitenta anos de existência, pois a primeira edição, a edição de Paris, conforme se vê, traz a data de 1860 — é, ainda, reputada como sendo um dos melhores trabalhos desse genero, tendo merecido, como diz o autor, no citado Prefácio — dos eminentes e acatados Professores de ciências, em Paris, P. Renoux e L. Tarbouriech, os maiores elogios, conceitos êsses, que fôram publicados em vários jornais do Maranhão.

O sucesso desse livro, o eminente matemático deixa transparecer, apesar de sua grande modéstia, no Prefácio da 2.ª edição, quando diz:

"Trinta e sete anos medelam entre a presente edição desta obra e a primitiva, publicada em Paris e há muitos anos esgotada. A aceitação com que foi honrada, verdadeira surpresa para mim, então simples estudante, sem nome que a recomendasse, devera ser, lisongeando-me o amor próprio, incentivo bastante poderoso para que outras edições se succedessem e saíssem a lume outras obras projeta-

das; assim, porém, não aconteceu por força de circunstâncias que me desviaram da carreira para a qual me havia preparado. A edição que hoje se dá á estampa difere, profundamente, da primeira; expurgada dos defeitos desta, próprios da idade (aos 19 anos) em que a escrevi, e aumentada de diversas teorias, como se vê do índice das matérias, se pode considerar obra inteiramente nova.

Finalmente, cumpro um dever de lealdade e gratidão, declarando que segui, na presente edição, o método de Mr. Duhamel, Membro do Instituto de França, o Professor exímio e meu venerando Mestre, de saudosa memória.

Assim melhorado, entrego, hoje, ao pessoal docente do país e ao público, em geral, o meu humilde trabalho, e para ele ousou esperar que não maior, mas ao menos igual, seja o apreço até o presente dispensado á primeira edição.

Rio de Janeiro. Setembro de 1897".

Os últimos exemplares desse "TRATADO DE ARITMÉTICA" vêm sendo disputados, nas Livrarias, por preços elevadíssimos. Ainda há bem pouco tempo, esteve um deles exposto á venda, na Livraria Garnier, á rua do Ouvidor, por DUZENTOS E CINQUENTA MIL REIS.

Da Escola Central de Engenharia, passou, João Antônio Coqueiro, a frequentar a Faculdade de Ciências, de Paris, onde, após um curso dos mais brilhantes, recebe o grau de BACHAREL EM CIÊNCIAS.

Seguiu, ahi, os cursos dos mais eminentes cientistas, como sejam: — LEFEBURE DE FOURCY, em Cálculo; LIOUVILLE, em Mecânica Racional; PUISEUR, em Mecânica Celeste; SERRET, em Astronomia; DUHAMEL, em Física Matemática. Ao mesmo tempo, serviu, nessa Faculdade, por espaço de dois anos e a convite dos respectivos Professores, como PREPARADOR-AUXILIAR da cadeira de Física Experimental, de DESPRETZ e DESSAIN.

O convite feito a João Antônio Coqueiro por Despretz e Dessain para desempenhar as elevadas funções de PREPARADOR-AUXILIAR da cadeira de Física Experimental de uma Faculdade, como a de Ciências, de Paris, constituiu, como é fácil de imaginar-se, uma distinção de tão alta relevância, que não pode passar, ao menos, sem um ligeiro comentário, já que, pela exiguidade, de espaço, não nos é possível fazer, neste livro, uma análise perfeita e minuciosa de todos os fatos aqui narrados.

Se o jovem estudante brasileiro fez á mesma jús, não há nenhuma dúvida que foi pela grande cultura que, então, já possuía, fruto do aproveitamento que vinha revelando desde sua chegada em Paris, em todos os seus cursos, a começar por aquele seu celebre concurso de admissão á Escola Central de Engenharia, em que, como vimos, tirara o décimo sexto lugar entre mais de qua-

trocentos candidatos inscritos. Sendo um estrangeiro e a grande maioria de seus colegas constituída de franceses, claro está, que, somente seu grande preparo e os conhecimentos aprofundados, que daquela ciência tinha, poderiam haver concorrido para que a êle fôsse prestada, por aqueles eminentes Professores, tão grande deferência.

Foi nessa sua fase de estudante, em fins do ano de 1857, que, nos arredores de Paris, conheceu, João Antônio Coqueiro, uma jovem e linda parisiense, que se chamava — Isabel. Tinha ela, nessa época, seus 16 anos, apenas. Dentro de algum tempo de convivência, pela sua beleza rara, meiguice e, sobretudo, bondade, havia Isabel conquistado, inteiramente, seu coração sensível.

Entretanto, êsse idílio, essa afeição tão sincera e tão cheia dos encantos próprios daquelas idades juvenis — idades das quimeras e das ilusões — teve, como muitas outras cousas na vida, uma duração efêmera. Foi, assim, um sonho e nada mais...

Dentro de um ano, se tanto, era Isabel acometida de uma tuberculose pulmonar galopante, e, a conselho médico, mandada para a Serra da Estrêla.

Dessa data em diante, cartas, amiúde, cheias de mágoas e lamentos, passaram a ser trocadas, então, entre aqueles dois jovens.

Eis, porém, que um dia uma dessas cartas não mais era da infeliz Isabel e sim de um seu irmão comunicando a João Antônio Coqueiro, o prematuro falecimento da doente naquela localidade de Portugal.

Penalizado, em extremo, inconsolável, é, ainda, sob essa impressão de profundo abatimento e tristeza, que êle faz a poesia, abaixo, que tem por titulo — LA CROIX MISTERIEUSE — que é, como vemos, uma página de dor, de amor e de saudades...

#### LA CROIX MISTERIEUSE

Croix noire, voix du mausolée  
Grand mystère de l'Eternel  
Dans les cieux, colombe envolée  
Dis-mois, ce que pense: Isabel?

Se souvient elle des delices  
De ce temps tout entier d'amour  
Oú nos yeux si doux, si novices,  
Croiaint, hélas! durer toujours

Croix noire, voix du mausolée  
.....

Parle-t-elle de ces années  
D'illusion et de bonheur,  
Fleurs d'un jour si vite fanées,  
Et que remplace la douleur?!

Croix noire, voix du mausolée  
.....

Entend elle le bruit qui tombe  
Sous mes pas, qui foulent ces champs?!  
Sent-elle l'hurler de sa tombe  
Fleurir aux pleurs que je repands?!

Croix noire, voix du mausolée  
.....

Croix sainte, rompe ce froid silence  
Si long au fond de ce linceul,  
Fais parler l'ange d'innocence  
Que me laisse ici souffrir seul!!...

Croix noire, voix du mausolée  
.....

Je n'ai point l'effroi des tenebres:  
Ma vie est morte a son printemps...  
Couvert par ces cyprès funebres,  
J'ecoute, j'espere et j'attends.

Croix noire, voix du mausolée  
.....

Paris, Dezembro de 1858.

Matriculou-se, depois, João Antônio Coqueiro, na tradicional Universidade de Bruxélas, recebendo, aí, em começos do ano de 1862, o grau de DOUTOR EM CIÊNCIAS FÍSICAS E MATEMÁTICAS, merecendo a sua Tese a nota de — **DISTINÇÃO**. Permittia-lhe a nota da Tese apresentar-se á agregação com direito á regência de uma cadeira na Universidade, e, naquella ocasião, vagava-se, justamente, a de Mecânica Racional, por morte do respectivo Professor. Desse direito, porém, não se quiz, ele, utilizar, por ter de regressar ao Maranhão, pois chamavam-lhe á patria as saudades, ifensas, de sua estremecida Mãe de quem estava ausente havia, já, sete anos.

Além do "TRATADO DE ARITMÉTICA", já citado, publicou, mais, João Antônio Coqueiro, em Paris:

"SOLUÇÕES DAS QUESTÕES PROPOSTAS NO TRATADO DE ARITMÉTICA". Com 48 páginas. 1 vol. in 8.º; 1862. Editores: Rey e Belhatte, Quai des Augustins n.º 45. Impressores: W. Remquet & Cia. Rue Garancière n.º 5. Paris.

Referindo-se á conquista da cadeira na Universidade de Bruxélas, os eminentes e acatados Professores de matemática,



João Antônio Coqueiro,  
logo após à sua formatura,  
em Bruxélas. Fotografia  
tirada na Capital belga,  
no ano de 1862.

Engenheiros J. de Abranches Moura e Amaral de Matos, catedráticos do Liceu Maranhense, assim falam:

"Depois de ter conquistado o diploma em França, passou á Bélgica, onde, sob a direção do astrónomo Quetelet, trabalhou no Observatório de Bruxélas, obtendo, nesta cidade, o grau de Doutor em Ciências Físicas e Matemáticas com aprovação tal, que conquistou o direito de regência de uma cadeira na Universidade de Bruxélas. Preparava-se para assumir a de Mecânica Racional, então vaga, quando teve de volver ao Maranhão, de onde, havia muito, se achava ausente.

Eis outro ponto digno de consideração. Não é dado a qualquer um conseguir título de tal valor e muito menos sendo estrangeiro conquistar direito á regência de cadeira em Universidade de projeção da de Bruxélas".

A nota — **DISTINÇÃO** — dada a João Antônio Coqueiro naquela sua defesa de Tese é, realmente, como bem acentuam aqueles provetos Professores, "UM PONTO DIGNO DE CONSIDERAÇÃO". Além de ser a mais elevada concedida em exame e, por conseguinte, não ser dado a qualquer um conseguiu-la, é preciso atentar, ainda, no fato de ter sido a mesma conferida a um estrangeiro e completamente desconhecido na Capital da Bélgica, onde fôra, pela vez primeira, para defender a citada Tese.

Há, também, a levar em conta a alta projeção e a grande reputação de que sempre gosou a Universidade de Bruxelas, cuja nota por ela outorgada a João Antônio Coqueiro era de tal valor que dava direito ao ingresso naquela Universidade, como Professor, independente de concurso.

Praticou Astronomia no Observatório de Bruxelas, sob a direção de Mr. Quetelet, considerado um dos maiores astrônomos daqueles tempos.

Em fins de 1862, regressava ao Maranhão.

E a 4 de Abril de 1864 casava-se, na cidade de Alcântara, com D. Maria Isabel Corrêa de Viveiros, filha dos Barões de S. Bento, tradicional e fidalga família maranhense. Senhora dotada de excelsas e peregrinas virtudes, mãe exemplar e esposa amantíssima, foi sua dedicada e leal companheira durante quase toda sua longa existência, pois que veio a falecer em 2 de Agosto de 1904, isto é, seis anos, apenas, antes de seu esposo.

Desse seu consórcio, teve 11 filhos, que fôram: — Maria Rosa; Aureliana, que foi casada com o Dr. Luiz Antônio Domingues da Silva, político de grande prestígio no Estado do Maranhão, do qual foi representante na Câmara Federal durante 36 anos seguidos, com interrupção, apenas, de 4 anos em que exerceu as elevadas funções de Governador do mesmo Estado; Alzira, que se casou com o Sr. Antônio de Souza Guedes Mourão, capitalista e negociante estabelecido em Belém do Pará; Vespasiano; Raimunda, que foi casada com o Dr. Goetz de Carvalho, político, jornalista e Professor; Filomena; Mariana, que se casou com o Sr. João Paulo de Oliveira Ramos, funcionário do Ministério da Agricultura; Ana Rosa, que contraiu núpcias com o Sr. Otávio Prates Watson, negociante estabelecido à Avenida Rio Branco esquina da rua do Ouvidor, no prédio onde funciona, presentemente a "A Capital"; Maria do Carmo; João Antônio; Edmundo, casado com D. Idalina Soares Coqueiro. Deles, vivem, apenas, 4: Alzira, Mariana, Ana Rosa e Edmundo.

Teve João Antônio Coqueiro uma única irmã: D. Artémisia Coqueiro Mendes, casada duas vezes, e há pouco falecida, em S. Luiz do Maranhão, com a avançada idade de 94 anos.

Volvendo ao Maranhão, durante muitos anos, ainda, man-



D. Maria Isabel Corrêa de Viveiros.

Fotografia tirada em Paris, em

Novembro de 1883.

teve assídua correspondência com os luminares da ciência com quem privou em Paris e Bruxelas e de quem soube conquistar as maiores simpatias e amizades.

A sua figura simpática, a sua simpleza de costumes, as suas maneiras finas e elegantes, o seu fino espírito de esteta e o seu conhecimento profundo da língua de Laplace, que manejava, corretamente, como qualquer escritor francês, grangearam-lhe, no Velho Mundo, honrosas relações, que soube conservar por toda a vida. O seu modo, sempre correto e irrepreensível de trajar, mantendo a linha impecável de verdadeiro "gentleman" o velho e saudoso educador era bem um diplomata.



A casa em que se casou o Dr. Coqueiro, á rua das Mercês, na cidade de Alcântara.

Publicou João Antônio Coqueiro, mais as seguintes obras: "METROLOGIA MODERNA OU EXPOSIÇÃO CIRCUNSTANCIADA DO SISTEMA MÉTRICO DECIMAL". Precedida de noções indispensáveis sobre os números decimais e seguida de numerosas tabelas comparativas e de muitas aplicações interessantes ao Comércio e à Indústria. Com 119 páginas, 1 vol. in 8.º br; 1863. Editor: B. de Matos — Rua da Paz n.º 4. S. Luiz.

Essa obra foi adotada em Maranhão e Pernambuco para uso das Escolas de Instrução Primária do 2.º grau.

Traz esta expressiva e sentida dedicatória:

"Grata recordação do passado.

A seus amigos Joaquim de Souza Andrade e Caetano Cândido Cantanhede, oferece o autor. J. A. Coqueiro".



D. Artemísia Coqueiro Mendes,  
única irmã do Dr. Coqueiro,  
falecida, há pouco, em São  
Luiz, com a avançada idade  
de 94 anos.

"PRÁTICA DAS NOVAS MEDIDAS E PESOS". Em 12 pequenas lições, seguidas de questionário. Com 52 páginas. 1 vol. in 12.º br; 1866. Editor: B. de Matos. Rua da Paz n.º 4. S. Luiz. Maranhão.

"PRÁTICA DAS NOVAS MEDIDAS E PESOS". (2.ª edição). Mais correta que a primeira. Com 54 páginas. 1 vol. in 12.º br; 1867. Editor: B. de Matos. Rua da Paz n.º 4. S. Luiz. Maranhão.

"CURSO ELEMENTAR DE MATEMÁTICA". Teórico e Prático. Para uso dos estabelecimentos de instrução primária e industrial. Tomo I. ARITMÉTICA — 1.ª Parte. Com 152 páginas. 1 vol. in 8.º br; 1869. Editor: B. de Matos. Rua da Paz ns. 5 e 7. S. Luiz. Maranhão.

Obra adotada em Maranhão para uso das escolas primárias e no Rio de Janeiro no Colégio Pedro II.

O prefácio desse livro é bem interessante, pois é nele feita, pelo insigne matemático, uma exposição clara, precisa, sobre a maneira pela qual se deveria orientar o Professor ao lecionar essa disciplina, tornando-a, assim, menos árida e, o quanto possível, acessível à inteligência do aluno.

Vale, pois, transcrevê-lo:

"Expor os princípios fundamentais da ciência do Cálculo e da extensão e as suas principais e mais úteis aplicações, empregando demonstrações simples ao alcance da inteligência dos meninos, é o fim que tivemos em vista com a publicação desta obra.

Compreende este pequeno curso de Matemática: — elementos de Cálculo e Geometria, numerosos exercícios, problemas úteis, uma exposição dos métodos mais geralmente seguidos na prática do nivelamento, agrimensura, levantamento de plantas, aplicações ao desenho linear, á perspectiva, etc..

Dividimos o nosso trabalho em três tomos. O primeiro, composto de tres pequenos volumes, compreende as matérias que, segundo nos parece, devem formar o programa científico das Escolas de Instrução primária do 2.º grau. O segundo e o terceiro tomos, compostos, também, cada um, de três volumes, dizem respeito á instrução secundária e industrial.

Predomina, neste curso, o método sintético, que é, sem contestação, o mais proveitoso no ensino elementar da matemática preliminar. Expomos, portanto, as razões necessárias, que se depreendem da natureza dos números e da extensão sob a forma de teoremas e regras; e, só depois de termos explicado o sentido de cada proposição, por meio de um exemplo, é que passamos á sua demonstração. Além de nos parecer este método o mais conveniente para a instrução da mocidade, como acima ficou dito, apresenta ele mais uma vantagem, que vem a ser o poder servir este curso para aqueles que, por qualquer motivo, não possam entregar-se ao estudo teórico desta ciência; não terão eles outra cousa mais a fazer do que passarem, por alto, as demonstrações das proposições, que vão sempre em parágrafos distintos.

O curso é teórico e prático; e para não emaranhar a exposição dos princípios com exercícios e aplicações, que sempre prejudicam a clareza e concisão — condições fundamentais de qualquer obra deste gênero — distinguimos a teoria da prática. E', assim, que o terceiro volume de cada tomo é consagrado ás aplicações que dizem respeito ás matérias de que tratam os dois primeiros volumes do mesmo tomo.

Com isto, porém, não queremos dizer que no ensino se deva atender a esta separação: é, pelo contrário, absolutamente indispensável que o estudo dos dois primeiros volumes de cada tomo scia, ao mes-



mo tempo, acompanhado do terceiro; e, deste modo, poderá o Professor contar com um resultado certo e seguro, porque a experiência mostra que só depois de repetidos exercícios é que chegam os meninos a compreender e reter as proposições e observações gerais, cujo pleno conhecimento é não só um poderoso auxílio nas aplicações, como porque contribue, eficazmente, para o desenvolvimento da inteligência.

Convém que o Professor não se limite ás aplicações do compêndio; deverá formular outras, dando, cada dia, aos seus alunos, uma ou duas questões como aplicação da doutrina que foi o objeto da lição do dia antecedente. Aconselharemos, mais, que — depois de ter o Professor examinado a solução do problema e indicado, a cada aluno, os erros que cometeu, defeitos na disposição do Cálculo, etc. — desenvolva na pedra, ou, em seu lugar, o aluno mais adiantado, a solução do mesmo problema, dispondo o cálculo em linhas distintas, com as convenientes explicações, clareza e na melhor ordem possível, citando sempre as proposições em que se funda para passar de uma linha á outra. Chamamos a atenção dos Senhores Professores para esta parte do ensino, que julgamos a mais importante e a que mais deve merecer os seus cuidados e dedicação.

Resta-nos, ainda, observar que, em Geometria, introduzimos algumas modificações que nos pareceram úteis e necessárias e de que faremos menção no lugar competente.

Empreendemos esta publicação, tarefa, sem dúvida, superior ás nossas forças, para obviar as dificuldades com que lutamos devidas á falta de compêndios próprios e adequados nos cursos que fazemos aos meninos da Casa dos Educandos e aos da Fundação da Companhia de Navegação a Vapor desta Província; mas, nem porisso, nos vangloriamos de termos cabal e satisfatoriamente correspondido ao nosso intento. Se somos, portanto, o primeiro a confessar o mal acabado da nossa obra, sirva, ao menos, para aquilatá-la, o desejo que tivemos de ser útil, esperando que outros mais habilitados a pulam e a tornem tão perfeita quanto o exige o fim a que ela se destina".

Houve uma 2.<sup>a</sup> edição dessa obra, revista e aumentada, em 1870.

A adoção desse compêndio no Imperial Colégio Pedro II constituiu, para o autor, verdadeira surpresa. A êsse respeito, assim se expressa no Prefácio da 2.<sup>a</sup> edição do citado livro:

"Lisongeado com a adoção, espontânea, no Imperial Colégio Pedro II, do presente volume, o primeiro do Curso Elementar de Matemática, cuja publicação empreendemos, determinámos, afim de responder á honra que nos procurou o nosso humilde trabalho, abandonar a marcha que nos havíamos traçado para seguirmos, restritamente, no que diz respeito á parte matemática, o programa official daquelle importante estabelecimento. E', assim, que a 2.<sup>a</sup> edição deste volume contem as matérias que se ensinam no primeiro ano, conforme se vê do respectivo programa, que, mais adiante, transcrevemos".

E, na página seguinte, vem publicado o Programa Official de Aritmética Elementar (1.<sup>o</sup> ano) do Imperial Colégio Pedro II, extraído do Diário Official do Império do Brasil, de 22 de Fevereiro de 1870 (Livro I — J. A. Coqueiro — Curso Elementar de Matemática. Tomo I — Aritmética — 1.<sup>a</sup> Parte).

Como curiosidade, passamos a transcrever, do referido livro, êsse programa:

"Programa Official do Curso de Matemática do Imperial Colégio Pedro II. (Extraído do Diário Official do Império do Brasil, de 22 de Fevereiro de 1870)

#### Primeiro Ano.

#### Aritmética Elementar.

1. Noções preliminares.
2. Numeração falada. Exercícios.
3. Numeração escrita. Exercícios.
4. Consequências da numeração.
5. Das operações fundamentais da Aritmética.
6. Adição dos inteiros. Problemas.
7. Subtração. Problemas.
8. Multiplicação. Problemas.
9. Divisão. Problemas.
10. Leitura e escrita das frações decimais. Exercícios.
11. Adição das frações decimais. Exercícios.
12. Subtração das frações decimais. Exercícios.
13. Multiplicação das frações decimais. Exercícios.
14. Divisão das frações decimais. Exercícios.
15. Leitura e escrita das frações ordinárias. Exercícios.
16. Valor das frações ordinárias. Exercícios.
17. Conversão de número inteiro em expressão de fração. Exercícios.
18. Extração dos inteiros contidos na fração. Exercícios.
19. Redução das frações ao mesmo denominador. Exercícios.
20. Simplificação das frações. Exercícios e problemas.
21. Adição de frações. Exercícios e problemas.
22. Subtração de frações. Exercícios e problemas.
23. Multiplicação de frações. Exercícios e problemas.
24. Divisão de frações. Exercícios e problemas.
25. Conversão de frações ordinárias em decimais. Exercícios.
26. Conversão de frações decimais em frações ordinárias. Exercícios.

O exame consistirá na exposição das regras que abranger o ponto e em exercícios a elas concernentes, fazendo o Professor as perguntas que entender convenientes.

(Livro adotado: — J. A. Coqueiro — "Curso Elementar de Matemática". Tomo 1.<sup>o</sup> Aritmética. 1.<sup>a</sup> Parte).



Fotografia tirada em S. Luiz do Maranhão. O Doutor Coqueiro, sentado, tinha, nessa ocasião, 36 anos. Em pé, da esquerda para a direita: — o primeiro, é o Coronel Jerônimo de Viveiros, seu concunhado; e o último, Francisco Faria de Matos, amigo, dos mais dedicados, do Dr. Coqueiro.

Como a primeira, esgotou-se, rapidamente, a segunda edição desta obra.

"PRIMEIRAS NOÇÕES DE CÁLCULO". Para uso da aula especial para adultos e de todas as Escolas de primeiras letras, in 12.º; 1871. Editor: Tipografia do Frias, S. Luiz, Maranhão.

Obra esgotada, rapidamente, em menos de um ano. Ofereceu, ao Presidente da Província, duzentos exemplares (200) desse seu trabalho, para serem distribuídos pelas Escolas da Capital da Província, tendo o Ministro do Império mandado agradecer-lhe essa valiosa oferta, em nome do Governo Imperial, conforme ofício transcrito abaixo:

"Palácio do Governo do Maranhão. Em 13 de Maio de 1874. 1.ª Seção. O Excelentíssimo Senhor Ministro do Império, a quem deu esta Presidência conhecimento do oferecimento que fez Vmce. de duzentos exemplares de sua obra denominada — "Primeiras Noções de Cálculo" — para serem distribuídos pelas Escolas desta Província, manda, por Aviso de 11 de Abril último, agradecer a Vmce essa valiosa oferta, em nome do Governo Imperial. O que comunico a Vmce. Deus guarde a Vmce. Ao Sr. Dr. João Antônio Coqueiro. (a) José Francisco de Viveiros".

"TABUAS ESTEREOMÉTRICAS". Para uso do Tesouro Público Provincial, para medição dos cascos atestados e com falta, in-12; 1871. Editor: Tipografia do Frias, S. Luiz, Maranhão.

Obra muito apreciada pelos entendidos no assunto, tendo o Sr. Visconde do Rio Branco solicitado do Governo da Província, trezentos exemplares.

"CURSO ELEMENTAR DE MATEMÁTICA". Teórico e Prático. Para uso dos estabelecimentos de instrução primária e industrial. Tomo II — Aritmética — 2.ª Parte, 1 vol. in 8.º, br; 1874. Editor: Tipografia do Frias, S. Luiz, Maranhão.

"TRATADO DE ARITMÉTICA". (2.ª edição). Para uso dos Colégios, Liceus e Estabelecimentos de instrução secundária. Inteiramente refundida e aumentada. Com 539 páginas, 1 vol. in 8.º, br; 1897. Preço — 12\$000. Editor: Casa Monte Alverne, Rua Moreira Cesar (antiga Ouvidor) n.º 82, Rio de Janeiro.

Obra adotada no antigo Ginásio Nacional, Escola Normal do Distrito Federal, Escola Preparatória e Tática do Realengo e Colégio Militar. Em Minas Gerais, na Escola de Minas de Ouro Preto.

Em o ano de 1901, o Dr. Coqueiro escreveu e pretendeu publicar, aqui no Rio, mais uma obra, e esta sob a denominação de — "CÁLCULOS PRÁTICOS". Chegou a mandar imprimir prospectos sobre esse trabalho, com os seguintes dizeres:

#### CÁLCULOS PRÁTICOS.

"Aplicados a questões financeiras usuais, á estereometria, aréometria e arqueação de navios, compreendendo numerosas tabelas sobre assuntos importantes e indicações úteis, precedidos de — CHAVE —

para solução de problemas que se apresentam na vida prática e que, particularmente, interessam ao comércio e ao fisco.

Por

J. A. Coqueiro.

Doutor em Ciências Físicas e Matemáticas e Lente de Cálculo e Mecânica Racional do Liceu Maranhense.

1 Vol. in 8.º francês, com 400 páginas. Preço: 15\$000".

Nomeado, porém, nessa ocasião, Diretor do Internato do Ginásio Nacional e assoberbado pelos seus grandes afazeres e preocupações, pois teve que enfrentar, logo no início de sua administração, uma situação das mais sérias, como veremos mais adiante, tudo leva a crer ter sido, talvez, este o único motivo que ocasionou a não divulgação desse seu trabalho, cujos originais se perderam.

"CURSO MÉDIO DE MATEMÁTICA". Tomo I — Aritmética. Com aplicações ao desenho linear, à agrimensura, levantamento de plantas, nivelamentos, arquitetura e perspectiva. Com 253 páginas, 1 vol. br. in 8.º; 1902. Preço 4\$000. Editor: Tipografia Peixoto Viana & Cia. Rua Sete de Setembro n.º 54. Rio de Janeiro.

Obra adotada em vários colégios na Capital Federal, inclusive no Mosteiro de S. Bento.

Sobre o aparecimento desse livro, vale transcrever algumas referências ao mesmo feitas:

#### "DOUS LIVROS ASSÁS INTERESSANTES"

"Consideremos a obra do abalizado cientista e professor maranhense em primeiro lugar.

O Dr. Coqueiro, conhecido em nosso meio cientista pelo seu ótimo "Tratado de Aritmética", pretende publicar, aqui no Rio, o seu "Curso Médio de Matemática Preliminar", em quatro volumes: Aritmética, Álgebra, Geometria e Trigonometria. O primeiro deles, que acaba de sair a lume, é que vai, agora, ocupar a nossa atenção. É uma brochura de 213 páginas, regularmente impressas, divididas em duas partes, uma teórica e outra prática; naquela, instituem-se a numeração, as quatro operações sobre inteiros e sobre frações, tanto ordinárias como decimais, as relações existentes entre os números e também o sistema métrico; nesta, na parte prática, dão-se, a princípio, as aplicações essenciais à aritmética, e depois muitos e interessantíssimos

exercícios, perfeitamente graduados, de modo a esclarecer, por completo, as teorias estudadas.

Analisemos, ligeiramente, essas duas partes, a ver o que de útil e salutar elas contém.

A importância da Aritmética é incontestável e do seu estudo racional muito depende a educação posterior da mocidade.

Quantas vezes não vemos um moço talentoso vacilar e cair miseravelmente do domínio da Álgebra? E isso porque? Simplesmente porque foi péssima a sua educação inicial, por que ele não estudou como devia a Aritmética, decorando-a sem a compreender, sem a entender devidamente. E os compêndios habituais de Aritmética elementar não têm outra qualidade que não essa de ensinar ciência à mocidade como se ensina um papagaio a falar. Pois o Dr. Coqueiro, o conhecido e consagrado matemático, com o seu Curso Médio de Aritmética, foge hábil e competentemente à rotina, apresentando-nos um livro bem feito, resumido, mas substancial, um livro, enfim, digno de ser entregue, sem receio, às mãos dos que começam, a quem há de prestar serviços inestimáveis.

A numeração, cavalo de batalha para quem principia, é instituída com rara proliciência e clareza, ao alcance das inteligências infantis, servindo-se para isso o autor da sua longa prática de ensino. As quatro operações sobre números inteiros e sobre as frações, ordinárias e decimais, seguem rumo análogo, sendo postas com facilidade e segurança ao alcance da mocidade, obrigando-a sempre a raciocinar e não a decorar. Métodos originais encontram-se então ali, e que atestam, claramente, a grande competência do autor em tais assuntos. As propriedades gerais dos números e bem assim as conversões, bastante sintetizadas, são, no entanto, suficientemente claras e precisas, dignas assás das teorias precedentes.

Quanto à parte rigorosamente prática da interessante obra, essa nada, absolutamente, deixa a desejar; tudo aí é conciso, claro e seguro, verdadeira continuação da parte teórica. Tal o belo livro do Dr. Coqueiro, e o qual, praza aos céus, seja, desde já, entregue à mocidade estudiosa, em substituição a muito produto híbrido e prejudicial que por aí anda a perverter, a arruinar". Liberato Bittencourt. (Engenheiro Militar, e atualmente, General de Divisão e Diretor do Ginásio 28 de Setembro).

#### UM LIVRO ÚTIL

"E", lamentavelmente, desanimador o silêncio com que se recebe entre nós o aparecimento de um livro didático. A crítica indígena, que não se poupa análises e encômios, apreciações e censuras, sempre que surge qualquer livresco de literatura barata, abstem-se criminosa e sistematicamente de se pronunciar sobre produções que se refiram ao ensino e à arte de ensinar. Aos que medirem a nossa produção di-

dática pelas notícias e referências dos jornais, parecerá, e parecerá acertadamente, que nada produzimos de bom, de útil e de nosso no vastíssimo campo do estudo; e, mais ainda, que, para o ensino dos alunos no Brasil, não possuímos compêndios brasileiros.

E' nessa injustíssima frieza e na incompreensível indiferença com que tratam os poderes públicos aos nossos mais abalizados educadores, que tem origem o lastimoso desânimo com que se limitam os nossos mestres a adotar compêndios estrangeiros, quando não escolhem traduções, que se fazem às pressas e cuja principal utilidade é enriquecer uns tantos editores privilegiados.

Um Professor qualquer, conciente de sua missão e dos seus deveres, capaz de ver na sua profissão algo de mais que um simples meio de vida, não encontrará um só editor entre nós, si para o seu livro, feito embora com todo o amor, elaborado embora com a mais digna competência, não tiver logrado anteriormente a adoção num estabelecimento de ensino oficial.

E' assim que raramente aparece um livro digno ao menos do papel e da tinta que possa ter custado, enquanto logra duas e mais edições quanta gramaticazinha indigesta copiam por ai uns tantos gramáticos enfatuados e nulos, que, pela bajulação e pela dobrez de caráter, conseguiram captar as boas graças das congregações oficiais.

Fôram essas as primeiras impressões que tivemos ao ler atenta e demoradamente, o "Curso Médio de Matemática Preliminar", de J. A. Coqueiro, um livro útil, proveitoso e claro, concebido á luz de uma longa e inteligente experiência e exposto de acordo com a mais criteriosa e elevada metodização matemática. Inimitavelmente compendiada por Condorcet, deslumbrante gênio que em poucas páginas imprimiu ao Cálculo dos valores a nova orientação que lhe competia no conjunto matemático, a Aritmética é, hoje, uma ciência completamente feita, inteiramente explorada e para cuja instituição teórica cousa alguma falez e falta. E, quando se diz Aritmética, deve-se entender a codificação científica e filosófica de todas as leis que regem os simplicísimos e universais fenômenos do número. De saber-se á saciedade que nada mais pôde haver a se instituir teoricamente no mais geral e menos complexo de todos os domínios matemáticos, não se pode nem se deve concluir que esteja para sempre vedado, á especulação didática o estudo da Aritmética.

A prova é o belo compêndio, belo á força de ser extraordinariamente lúcido e claro, belo á força de ser original num assunto tantas vezes explorado; a prova, repetimos, é o "Curso Médio de Matemática Preliminar", com que acaba o Dr. J. A. Coqueiro de enriquecer a nossa literatura didática.

Neste livro, e é o seu mérito principal, não procurou o ilustre e talentoso matemático fazer praça de uma vasta erudição, que, si não lhe falta, não teria lugar, num compêndio onde se quer, apenas, guiar a inteligência dos estudantes na aplicação graduada e conciente das leis aritméticas. Ai, as leis do "Cálculo dos valores" são obtidas por

uma indução verdadeira e segura, sem grandes e complicadas despesas de raciocínio, o quanto basta, apenas, para levar o aluno a compreender por si mesmo como se vai completando a ciência, obedecendo sempre ao luminoso e extraordinário principio de generalidade decrescente e complexidade crescente.

Sem prejuizo da seriação que se vai estabelecendo página a página, cada lei que vai surgindo, cada processo que se vai formulando e cada método que se vai expondo são inteligentemente applicados á resolução de problemas úteis e sempre vantajosos.

Adote-se o novo compêndio de Aritmética, obriguem-se os alunos a seguir atentamente o seu método seguro e positivo, e o que aprenderão êstes mesmos alunos e o que exporão nos exames não será êsse decorar inútil e indigesto de regrinhas e de teoremas, como si fôsse acaso a Aritmética um conjunto de retalhos e não uma ciência inteiramente instituída e completamente explorada desde o grande Condorcet". — (De "A Tribuna", de 24 de Março de 1902).

#### "CURSO MÉDIO DE MATEMÁTICA PRELIMINAR"

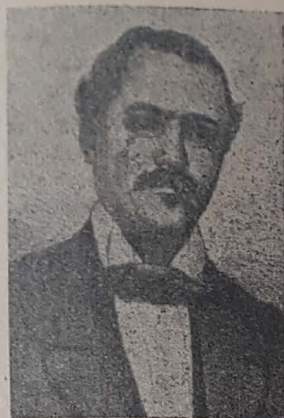
"Subordinado ao título — Curso Médio de Matemática Preliminar — foi dado, recentemente, á publicidade pelo Dr. J. A. Coqueiro, atual diretor do Internato do Ginásio Nacional, o primeiro volume de um Tratado elementar de matemática, destinado a ministrar ao aluno noções teóricas e práticas dessa ciência. Escrito em linguagem simples, ao alcance das inteligências a que se consagra, o livro do conhecido e notável matemático obedece ao propósito de facilitar o estudo de uma disciplina imprescindível a todos os ramos de conhecimentos, o que conseguiu vantajosamente, aliando a um estilo despretençioso um conjunto de regras e exercicios, cuja clareza dá a medida do seu largo tirocinio como Mestre e vulgarizador da matéria desde o inicio de sua vida pública.

Para tornar mais útil o interessante livro, aditou-lhe o seu autor, além de diversos exercicios que entendem com questões concernentes á vida prática, um apêndice referente ao cálculo mental, que presta tão valioso subsidio ao estudo da matemática.

O "Curso Médio de Matemática Preliminar" compreende applicações ao desenho, á agrimensura, levantamento de plantas, nivelamentos, arquitetura, que serão reunidas em volumes, subsequentes, certamente tão proveitosos á causa do ensino como o que acaba de ser publicado". — (Do "Jornal do Comércio", de 7 de Março de 1902).

Além das obras acima citadas, publicou vários artigos em jornais e revistas científicas sobre diversos assuntos, entre outros, o que dizia respeito á criação de uma Escola Profissional, no rigor daquele termo, que não levou a efeito por ter deixado o Maranhão, fixando, definitivamente, sua residência na Capital Federal. Lá ficaram estampados no jornal "A Cruzada" os artigos

Belarmino de Matos, que conquistou a autonomasia de "Didot maranhense", e em cuja casa editora se reuniam os intelectuais do Maranhão daquele tempo.



publicados a respeito daquela empreza, em que estava sendo, eficazmente, auxiliado pelo seu particular amigo e condiscipulo, Mr. Constant Rosé, Professor de Astronomia da Escola Politécnica, de Paris, e de Mecânica Aplicada, em uma das Escolas Municipais da mesma Capital.

Vários dos trabalhos científicos de João Antônio Coqueiro foram, conforme se vê da relação dos mesmos, impressos na Tipografia de Belarmino de Matos, em S. Luiz do Maranhão, á rua da Paz, primeiramente, no n.º 4 e, posteriormente, no prédio n.º 5 e 7, naquela época.

Grande amigo e admirador de João Antônio Coqueiro, não era, Belarmino de Matos, um simples e vulgar editor de obras. Antes pelo contrário, era um espírito lúcido consorciado a um caráter sem mácula.

Era em sua casa editora que se reuniam os intelectuais do Maranhão de outrora, daqueles áureos e saudosos tempos que, recordando o sentimental poeta das "PRIMAVERAS", "os anos não trazem mais"...

A Belarmino de Matos consagrou Antônio Henriques Leal um dos estudos que perfazem o PANTHEON MARANHENSE. Este fato é bastante para assinalar a grande significação desse vulto que, sem haver, nunca, deixado a Província natal, ainda bem moço, e poucos anos depois dos primeiros melhoramentos introduzidos, em S. Luiz, na arte de imprimir — isso em 1823, quando chegou da França a tipografia de Francisco de Sales Nunes Cascaes — ganhou, muito merecidamente, a autonomasia de "Didot maranhense". O esmero e admirável bom gosto dos trabalhos que lhe saíam da oficina cedo lhe conquistaram renome em todo o país, e, daí, os vantajosos convites que recebeu de algu-

mas Províncias e da Córte, convites que jamais o seduziram, porque nenhum dos altos sentimentos que o exornavam se mostrou mais vivo do que o seu entranhado apêgo ao Maranhão.

Catalogando algumas das obras mais notáveis que se executaram na tipografia de Belarmino de Matos, cita, o Dr. Antônio Henriques Leal, ao lado de outras, as seguintes: — "Curso de Literatura" (4 volumes), "Gramática Portuguesa" e as "Postilas Gramaticais", de Sotero dos Reis; "Comentários", de Júlio Dantas, tradução por esse mesmo filólogo; as "Obras", de João Francisco Lisboa (4 volumes); "Obras Póstumas", de Gonçalves Dias (6 volumes); o "Parnaso Maranhense"; "Motins Politicos", do Dr. Raiol (4 volumes); a "História da Independência do Maranhão", de Vieira da Silva; "Impressões e Gemidos", de José Coriolano (2 volumes); e o "Curso Elementar de Matemática", do Dr. João Antônio Coqueiro.

A Belarmino de Matos deve-se a iniciativa da criação da Associação Tipográfica Maranhense, que foi instalada em 11 de Maio de 1857, e cuja finalidade filantrópica consistia, conforme diz o Dr. Antônio Henriques Leal, "em proteger os tipógrafos nas doenças, na falta de trabalho e em outras eventualidades, que podiam lançá-los em extrema penúria, ou quando acaso se vissem perseguidos pelas autoridades e poderosos da terra".

Belarmino de Matos, que era possuidor de um coração cheio de benevolência e generosidade, nasceu no ano de 1830 e faleceu, de beri-beri, depois de ter passado, nos últimos dias de sua existência, por grandes e profundos desgostos, em 1870, morrendo, assim, ainda muito moço, com 40 anos, apenas, de idade, sem nunca ter saído do Maranhão.

As palavras acima constituem simples e brevissima referência á personalidade insigne do artista maranhense, que poderia aparecer entre as mais dignas e nobres figuras memoradas e apontadas, como exemplares, nos livros de Samuel Smiles.

Pela Prefácio da 2.ª edição do "Tratado de Aritmética" vê-se que, além das obras já publicadas pelo Dr. Coqueiro, outras notáveis estavam, realmente, projetadas, e algumas delas até em vésperas de entrar para o prelo, e estas de matemática transcendente, conforme consta da capa do opúsculo "Soluções das Questões Propostas no Tratado de Aritmética" (1.ª parte) edição de Paris — 1862 — onde se lê:

Brevemente no Prelo.

"Soluções das Questões Propostas no Tratado de Aritmética" (2.ª parte) 1 vol. in 8.º.

"Introdução ao Alto Cálculo". 2 vol. in 8.º.

"Miscelânea Matemática". 1 vol. in 8.º.

Em regressando ao Maranhão, pensou, desde aquele momen-

to, em publicar essa sua grande obra — "INTRODUÇÃO AO ALTO CÁLCULO".

Assim, em 1863 já fazia divulgar, pela imprensa de S. Luiz, o próximo aparecimento de mais êsse notável trabalho seu, de alta matemática.

Dizia a notícia:

"Em preparação pelo Dr. Coqueiro. "Introdução ao Alto Cálculo ou Novas Lições de Análise Geométrica e Transcendente", precedida de uma introdução sobre uma classificação metódica das ciências positivas fundamentais; dois volumes em 8.º. A marcha nova seguida pelo autor na exposição desta obra é, sobretudo, adequada aos que se destinam às ciências aplicadas — As teorias analíticas da especulação puramente matemática serão, apenas, esboçadas; terão, pelo contrário, completo desenvolvimento as que são suscetíveis de uma aplicação imediata. Apesar disso, a obra será filosófica; o autor se esforçará por ser mais claro possível nesta parte, estudando, com cuidado, na análise transcendente, cada método em particular: o "Método Antigo", o de "Lagrange", o de "Leibnitz", o de "Newton" e o Método conhecido sob o nome de "Mixto". Enfim, exercícios variados sobre Geometria Superior, Física Matemática e Mecânica Racional, facilitarão a compreensão das teorias abstratas deste importante ramo da matemática, meio de investigação poderoso e fecundo, e que tanto tem contribuído para o progresso das ciências de observação".

Como se vê, tratava-se de uma obra verdadeiramente notável e fadada a prestar á mocidade brasileira os mais relevantes serviços.

É, realmente, para lastimar que não pudesse, o Dr. Coqueiro, levar avante êsse seu grandioso projeto, que já havia concebido, aliás, quando ainda em Paris.

Em Agosto de 1875, tinha pronto o primeiro volume de um "CURSO DE MECÂNICA", que trataria da Estática Geral ou Ciência do Equilíbrio. Os jornais, maranhenses, daquela época, chegaram, mesmo, a anunciar, para muito breve, a divulgação desse trabalho.

O motivo que determinou a não publicação destas e outras obras suas, foi, como acentúa ainda no citado Prefácio, "por força de circunstâncias que o desviaram da carreira para a qual se havia preparado".

Muita é a gente que tem dito que o Dr. Coqueiro, em sua vida, cometeu um grave e grande erro: o de não ter vindo, logo após o seu regresso de Paris — de onde, como vimos, chegara ao Maranhão, cheio de glórias, incluindo-se, entre elas, o de ter feito jús a uma cátedra na Universidade de Bruxélas — imediatamente para o Rio de Janeiro.

Na Capital do País, na verdade, com aquela sua grande cultura, muito outras teriam sido as possibilidades encontradas pelo notável matemático, naquela época, para que o seu voo, como cientista e pedagogo, fosse, realmente, maior. Pelo menos, aquelas obras didáticas de matemática transcendente, projetadas, e, sem dúvida outras mais, teriam sido publicadas. Mas, o Dr. Coqueiro — que era um grande sentimental — tinha um extraordinário amor e apêgo ao Maranhão.

Além disso, tendo ingressado, como já ficou dito, em uma das famílias mais ilustres e abastadas da Província — a família Viveiros, cujos chefes, na sua grande maioria, eram agricultores — e cabendo-lhe, como herança de sua esposa, propriedades agrícolas, que foi forçado a gerir imediatamente, teve, assim, de um momento para o outro, a sua carreira desviada, por completo, daquela para a qual se havia preparado, e, daí, talvez a razão única de, mesmo que o quizesse, não se ter transferido, naquela ocasião, para esta grande metrópole.

Diz Reis Carvalho:

"O matemático — é preciso dizê-lo com a justiça que êle próprio fazia a si mesmo quando lamentava não ter seguido a sua vocação — não foi o que deveria ter sido.

O concurso de admissão á Escola Central de Paris, em que êle um estrangeiro, com pouco mais de três lustros de idade, figurou entre os primeiros classificados no meio de 400 candidatos; o "Tratado de Aritmética" escrito e publicado aos 19 anos; os cursos brilhantes que fez na Europa, donde veio duas vezes diplomado — Doutor em Ciências Físicas e Matemáticas, pela Universidade de Bruxélas e Bacharel em Ciências, pela Faculdade de Ciências de Paris; o prestígio adquirido como discípulo e como Mestre, entre grandes figuras do ensino acadêmico da França e da Bélgica — tudo isso fazia esperar que o Dr. Coqueiro se tornasse, em matemática, maior do que foi. Entretanto, na minha desautorizada, mas sincera opinião, o desvio da carreira do Mestre — ocasionado por motivo fortuito, de ordem sentimental e que muito o honra — talvez não lhe tenha sido tão prejudicial ao renome como á primeira vista pareça. É possível que com aquele desvio se tenham perdido belas obras matemáticas, úteis e oportunas, mas também é de supor que o cientista se entregasse, cada vez mais, á cultura isolada da ciência, escrevendo memórias, que, certo, valeriam, objetivamente, como prova do seu saber em Cálculo, em Geometria, em Mecânica, mas que, como tantas outras, haviam de ser, subjetivamente, socialmente, obstáculos á regeneração da ciência da humanidade, de que todas as outras não passam de preâmbulo. Em lugar disso, em lugar de novas descobertas matemáticas, inúteis ou adiáveis, o Dr. Coqueiro se ocupou em espalhar a ciência conhecida, útil e oportuna, em ensiná-la a várias gerações. Dessa tarefa árdua e profícua, ficou, além de meia dúzia de opúsculos, um livro, verdadeiro marco miliário do ensino matemático, o célebre "Tra-

tado de Aritmética", que permanece novo apesar de contar perto de oitenta anos. A primeira edição, a edição de Paris, traz a data de 1860".

Ouçamos, agora, ainda sôbre o mesmo assunto, as palavras autorizadas dos colendos Professores de matemática, engenheiros J. de Abranches Moura e Amaral de Matos, quando dizem:

"Quem examina, detidamente, as características desse "Tratado de Aritmética" e da obra que deixou publicada, chega a ficar admirado porque não produziu, o Dr. Coqueiro, maior obra de matemática de caráter didático, seguindo aos ramos mais elevados dessa ciência. Em nosso fraco entender, longe de ter sido pelo alheamento ao desenvolvimento das diversas partes da ciência positiva, foi isso antes motivado pela divisão de sua atividade entre o estudo, o ensino e o outro ideal que possuía: — do levantamento da lavoura e da indústria de seu Estado. Cumpre, apenas, lastimar, por êsse lado, o quanto perdeu o meio pedagógico matemático brasileiro com isso, sem procurar, de qualquer forma, diminuir quem tanto trabalhou, por outro lado, pelo desenvolvimento do Maranhão".

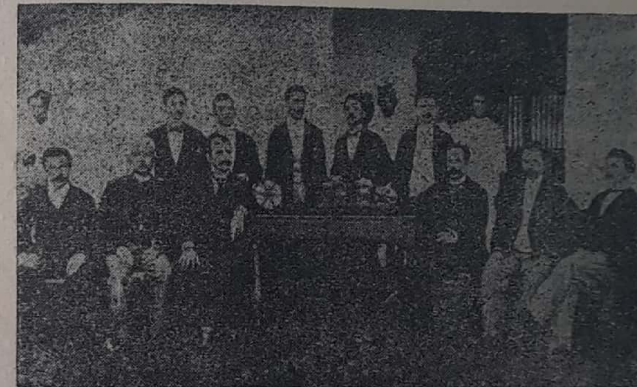
Fica, assim, plenamente, justificado porque deixou, o Dr. Coqueiro, de produzir maior obra de matemática, de natureza didática.

Os seus cursos de Matemática e de Física, dados, em São Luiz, GRATUITAMENTE, quando em férias de sua exaustiva vida de industrial, eram frequentados pela moçidade estudiosa daqueles longínquos tempos em que o Maranhão, muito merecidamente, recebera a denominação de ATENAS BRASILEIRA.

Entre seus discípulos — que não foram poucos — poderemos citar: — REIS CARVALHO, AQUILES DE FARIA LISBÔA, JOSE' DOMINGUES, NASCIMENTO MORAIS, HERÁCLITO MATOS, ARTUR SILVA, JOAQUIM SANTOS e OZIEL BORDEAUX DO REGO, nomes que escrevemos com a mais profunda emoção, pois, discípulos diletos que foram daquele saudoso educador, sabemos perfeitamente da grande estima que êste lhes devotava.

Deles vivem, apenas: — REIS CARVALHO, maranhense ilustre entre os mais ilustres, possuidor de sólida, vasta e invulgar cultura, caráter sem mácula, jornalista e Professor; AQUILES DE FARIA LISBÔA, médico de nomeada, talento de escol, considerado hoje, muito justamente, um dos maiores botânicos do nosso País, e que, não há muito, com extraordinário brilho, exerceu os elevados cargos de Diretor do Jardim Botânico e de Governador do Maranhão; JOSE' DOMINGUES, engenheiro dos mais notáveis e que, como aluno da Escola Politécnica, desta Capital, destacou-se, de maneira sensível, tendo exercido vários cargos de importância, sendo que o último deles, no exercício do

qual se veio aposentar, foi o de Diretor da Estrada de Ferro de S. Luiz á Terezina; e, finalmente, NASCIMENTO MORAIS, formosa inteligência, pena das mais fulgurantes e arrebatadoras, jornalista consagrado e Professor émerito, do velho e tradicional Liceu Maranhense, estabelecimento modelar, que *sobremaneira* honra o Estado, e por onde passaram os seus maiores vultos nas letras, nas ciências e nas artes e cuja direção vem sendo, há muito, confiada ao grande educador Dr. Antônio Cordeiro.



Fotografia tirada em 1908, em Palácio, no Maranhão ao tempo em que o Dr. Coqueiro, que é o segundo, sentado, da esquerda para a direita, exercia o cargo de Engenheiro-Chefe do Distrito Telegráfico.

Exerceu, o Dr. Coqueiro, diversos e importantes cargos.

Em Maranhão:

O de Inspetor do Tesouro Público, lugar que aceitou somente para satisfazer aos desejos e insistentes pedidos do Presidente da Província, e para uso de cujo Tesouro e das Alfândegas publicou um "TRATADO DE ESTEREOMETRIA", para medição dos cascos atestados e com falta; o de Lente de Matemática elementar e, mais tarde, de Cálculo e Mecânica Racional do Liceu Maranhense; o de Professor de Geometria Prática e de Mecânica Aplicada, no Instituto Profissional da Capital; o de Inspetor de 1.ª classe, o de Engenheiro-ajudante e, em seguida, o de Engenheiro-chefe do Distrito Telegráfico do Maranhão e, algum tempo, do Pará, cumulativamente, da antiga Repartição Geral dos Telégrafos.

Quando Lente de Cálculo e Mecânica Racional do Liceu Maranhense, prestou, o Dr. Coqueiro, á essa Casa de Educação serviço dos mais relevantes.

Criadas, pelo Governo, as cadeiras de Física, Química e História Natural, no curso do Liceu, prontificou-se imediatamente a organizar os pedidos para instalar os respectivos gabinetes.

Como é fácil de avaliar, não foi pequeno êsse seu trabalho que, por ter transferido a sua residência para a Capital Federal, veio a ser o último serviço por êle prestado á terra que lhe serviu de berço e por quem tanto trabalhou abnegada e desinteressadamente, sem visar nunca, mas nunca, recompensa pecuniária de espécie alguma.

Elaborou e publicou um projeto, longamente desenvolvido, para a organização de uma Escola de Engenharia, dividindo os cursos em Geral e Especiais, sob a denominação de ESCOLA POLITÉCNICA. Pedia para o Maranhão, a criação, apenas, do Curso Geral, para o qual, na Capital, havia pessoal docente habilitado, e, nesse esforço, foi grandemente coadjuvado pelo Dr. Silvério Helvidio Carneiro da Cunha, Presidente da Província, naquela ocasião, e Deputados Gerais, maranhenses, que, a respeito, se entenderam com o Conselheiro João Alfredo, Chefe do Gabinete.

Estudada a questão, reformou-se a, então, Escola Central do Rio de Janeiro, que passou a se denominar POLITÉCNICA, TENDO A REFORMA SE BASEADO NO SEU PROJETO, MANDANDO O GOVERNO IMPERIAL LOUVA-LO PELO SEU TRABALHO.

São do eminente Professor Inácio M. de Azevedo Amaral, catedrático dos mais ilustres da Escola Nacional de Engenharia, da Universidade do Brasil, as palavras que se seguem:

"Prestou, Coqueiro, múltiplos e relevantes serviços ao nosso país; um deles, pouco conhecido nos dias que passam, bastaria para recomendá-lo á gratidão da posteridade: — foi o autor da organização da nossa primeira Escola Politécnica, plano utilizado pelo Governo Imperial na transformação da antiga Escola Central na atual Escola Politécnica da Universidade do Brasil.

Reverenciemos a memória do benemérito cidadão, fazendo votos — como a melhor homenagem que possa ser prestada na passagem do primeiro centenário do seu natalício — para que os contemporâneos e os vindouros busquem, no seu exemplo, o digno modelo que deverá ser multiplicado para a grandeza do Brasil".

Muitas eram as pessoas, e estas as mais eminentes, que, muito embora não tendo sido discípulos do Dr. Coqueiro, lhe davam, todavia, comumente, o tratamento de — MESTRE.

E' que, se não o foram, valeram-se, pelo menos, de suas valiosas obras didáticas, conforme acentúa o ilustrado Capitão de

Mar e Guerra, Alvaro Alberto, no final do officio em que, na qualidade de Presidente da Academia Brasileira de Ciências, nos comunica a homenagem prestada por aquela instituição científica á memória desse educador, por ocasião da passagem do primeiro centenário de seu nascimento:

"E'-me muito grato assinalar que, entre os acadêmicos presentes, não eram raros os que, através das notáveis obras do ilustre progenitor de V. S. podiam incluir-se dentre os seus discípulos, e, como menor deles, o que subscreve estas linhas".

Publicamos, abaixo, uma carta do, então, Coronel Beniamin de Souza Aguiar, Comandante, naquela época, do Corpo de Bombeiros da Capital Federal, e um cartão do Coronel, nesse tempo, Belarmino de Mendonça, ex-Comandante da Escola Militar do Rio Pardo, no Rio Grande do Sul, ambos Engenheiros Militares e que, mais tarde, chegaram ao alto posto de General de Divisão, os quais, sem terem sido seus discípulos, dispensavam-lhe, no entanto, aquele tratamento:

"Corpo de Bombeiros da Capital Federal. Em 20 de Junho de 1906. Gabinete do Comandante. Ao bom e ilustrado Mestre Dr. Coqueiro. Sinceros e respeitosos cumprimentos. Venho pedir, se for possível, vossa informação favorável ao requerimento em que o meu colega e amigo, Capitão do Estado Maior do Exército, Dr. Monteiro de Barros, pede para que seu filho passe para gratuito. Penso ser justo o pedido que faço, porque o bondoso Mestre sabe dos poucos recursos de que dispõem os oficiais do nosso exército, principalmente, quando estão sobrecarregados de família numerosa, como o meu colega. Antecipando meus agradecimentos, peço dispôr sempre do discípulo e amigo dedicado. (a) Benjamin Souza Aguiar".

Passamos a transcrever, agora, o cartão do Coronel Belarmino de Mendonça:

"Ao distinto Mestre Sr. Dr. Coqueiro saúda afetosamente Belarmino de Mendonça, coronel de Engenheiros, que, por seu filho Djalma, ex-aluno do Internato e atual do Externato, envia o requerimento para matrícula de outro filho — Adriano de Mendonça — como aluno gratuito daquele estabelecimento. Não juntou ao requerimento a certidão do registro do nascimento de seu filho por último mencionado, por não a ter encontrado entre seus papeis, onde a guardava, mas acaba de pedi-la para o Paraná e apresentará no ato da matrícula. Especifica a data do nascimento no requerimento. Pede suas ordens para Lorena, onde vai em comissão. Rio, 4 de Fevereiro de 1902. (a) B. de Mendonça".

Sem ter nunca publicado livro algum de ficção, era, não obstante, o Dr. Coqueiro, dotado de vocação para êsse ramo da



literatura, tendo, quando jovem, cultivado, com sucesso, a poesia, sendo, então, versejador muito apreciado, e colaborado em vários periódicos maranhenses, entre os quais o "BOTÃO DE OURO" e a "MARMOTA MARANHENSE".

Colaboraram, juntamente com êle nesses periódicos: — no primeiro, Augusto Olimpio Gomes de Castro, que ocupava o cargo de Redator-chefe, Túlio Ferreira de Gouvêa Pimentel Beza e outros estudantes do Liceu Maranhense; no outro, José Matias Alves Serrão, que desempenhava o lugar de Redator-chefe.

Em 22 de Dezembro de 1898, no paquete do Lloid Brasileiro, "São Salvador", deixava o Dr. Coqueiro definitivamente sua terra natal, mudando-se para o Rio de Janeiro.

Antes, porém, de partir ofereceu á Biblioteca Pública do Estado, uma grande parte das importantes obras científicas que possuía, edições inteiramente esgotadas, tendo o inolvidável Antônio Lobo, uma das glórias da literatura maranhense e Diretor daquele estabelecimento, em officio, que vai, abaixo transcrito, lhe agradecido essa valiosa oferta "partida", diz, êle, "sem dúvida, do mais culto espirito que o Maranhão tem produzido".

"Biblioteca Pública do Estado do Maranhão. Maranhão, 18 de Março de 1898. — N.º 58. Ao Sr. Dr. João Antônio Coqueiro. Acuso o recebimento dos oitenta e tres (83) volumes das importantes obras científicas que houvestes por bem doar a esta Biblioteca. Agradecendo-vos, da parte do Governo do Estado, essa valiosa oferta, manda, ainda, o Excelentissimo Senhor Governador, louvar êsse vosso gesto e bem assim o grande interêsse que vindes revelando, sempre, por tudo o que se relaciona com a instrução pública do nosso Estado e, em particular, pelo estabelecimento que, obscuramente, ditijo. Como funcionário público e como maranhense, sinto-me, profundamente, pe-nhorado por essa oferta, partida, sem dúvida, do mais culto espirito que o Maranhão tem produzido. Saúdo-vos, respeitosamente. (a) Antônio Lobo".

Em chegando á Capital do País, ficou, o Dr. Coqueiro, por ordem do Ministro da Viação, adido á Seção Técnica da Repartição Geral dos Telégrafos.

A 19 de Junho de 1900, era pelo Prefeito Coelho Rodrigues nomeado Engenheiro da Carta Cadastral da Prefeitura Municipal.

E, finalmente, por Decreto de 28 de Setembro de 1901, nomeava-o Campos Sales, Diretor do Internato do Ginásio Nacional, e em 29 de Maio de 1905, a pedido, era transferido para o Externato, lugares que exerceu com grande brilho e austeridade até 1910, quando veio a falecer, repentinamente, no exercício d'êste último e elevado cargo.

Não obstante á sua excessiva modéstia, pois fugia sempre ás exhibições, toda a imprensa do Rio de Janeiro, por ocasião de seu falecimento, foi unânime em render-lhe as mais expressivas e sen-

tidas homenagens, considerando-o um dos maiores matemáticos e educadores de seu tempo. Era uma alma aberta, franca, extremamente bondosa e afeita sempre á prática do bem, pelo que fazia amigos ao primeiro contacto. Inúmeros atos de sua vida bem demonstram a grandeza de seu coração, que, jamais, foi indiferente ao sofrimento alheio.

O "CORREIO DA NOITE", de 30 de Abril de 1937, êsse grande órgão de publicidade fundado e dirigido pelo espirito esclarecido e culto do grande jornalista Mário de Magalhães, numa expressiva homenagem prestada á sua memória, por ocasião do centenário de seu nascimento, assim se externa a êsse respeito:

"Ao lado de educador e consagrado matemático, tinha o Dr. Coqueiro, um coração bonissimo. Socorria famílias pobres. Quando Diretor do Internato do Ginásio Nacional, mandava entregar-lhes os alimentos que sobravam naquele estabelecimento. Para com os infelizes da Matriz de S. Cristovão, que, ao tempo, tinha como Vigário o saudoso padre Ricardino Séve, não era, também, o Dr. Coqueiro indiferente. Dava, ao bom sacerdote, todos os anos, a roupa que não era mais utilizada pelos alunos, afim de que fôsse repartida entre os necessitados. Interessava-se, igualmente, pela sorte dos alunos que não dispunham de recursos. E, graças a êle, muitos receberam instrução, pois não poupava esforços no sentido de lhes obter gratuidade, cuja limitação sempre estava completa. Ao assumir a direção do Internato, notou, imediatamente, que o porteiro do estabelecimento se achava em adiantado estado de morfêa. Logo providenciou o afastamento do infeliz, cuja continuação naquele posto poria em perigo a vida dos alunos. Mas, para realizar êsse intento, não alheiou seu coração. Apelou para alguns lentes mais seus amigos, que, juntamente com êle, se cotizaram provendo o infeliz de quanto necessitava. O porteiro foi recolhido a um hospital e até a data de seu falecimento recebeu vencimentos integrais. Ainda muitos outros fatos demonstram o coração magnânimo daquele ilustre educador".

A politica nunca o seduziu. Casado com uma das filhas do Barão de S. Bento, um dos maiores e mais prestigiosos chefes políticos que teve o Maranhão, poderia perfeitamente, se o quizesse, ter ocupado posição política de destaque. Porém, um dos traços característicos de sua individualidade era justamente o seu grande desprendimento pelas posições elevadas e proveitosas. E sobre essa particularidade de seu caráter, assim termina Domingos Barbosa, êsse talento fulgurante, essa bela e robusta intelligência, que todos admiram e proclamam, o artigo que, a seu respeito, escreveu no "JORNAL DO BRASIL", de 1.º de Maio de 1937:

"Pois bem: o Dr. Coqueiro com tanto parente a dominar na politica dos dois regimens, nunca buscou posições politicas, que po-

deria, aliás, ocupar com brilho invulgar. Inspetor do Tesouro Provincial do Maranhão, êle o foi para prestar serviços, pois que os escassissimos vencimentos do cargo não poderiam seduzir a ninguém. Chefe do Distrito Telegráfico, êle o foi como engenheiro competentíssimo que era. E Diretor, primeiramente, do Internato e, posteriormente, do Externato do Colégio Pedro II, êle o foi como douto homem de ciência e exímio professor, longamente, versado em questões pedagógicas, do que já havia dado, e continuaria a dar mostras sobejas no posto outrora ilustrado e dignificado por maranhenses do quilate de Antônio Henriques Leal e Monsenhor Brito, a cujas administrações a sua, galhardamente, se emparceirou. Esse traço da personalidade do Dr. João Antônio Coqueiro — o seu grande desprendimento de posições elevadas e proveitosas — deve ser posto em destaque, quando se comemora, com eloquentes e justas homenagens, o centenário de seu nascimento”.

A convite do, então, Diretor Geral de Instrução Pública Municipal da Capital Federal, Dr. Medeiros e Albuquerque, serviu, GRATUITAMENTE, DURANTE TRES ANOS, CONSECUTIVOS, como julgador das provas de concurso de admissão à Escola Normal, tendo aquele Diretor em officio, lhe agradecido nos seguintes termos:

“Diretoria Geral de Instrução Pública. Seção de Expediente. Offício N.º 148. Distrito Federal, 4 de Março de 1903. Ao Sr. Dr. João Antônio Coqueiro. M. D. Diretor do Internato do Ginásio Nacional. Agradeço-vos a gentileza com que acolhestes o meu convite para servirdes como julgador das provas de concurso á admissão á Escola Normal. Pelo vosso desinteresse e grande dedicação á causa da instrução pública e ainda pela maneira criteriosa com que vos houvestes sempre no desempenho de tão árdua e fatigante missão, não só esta Diretoria como eu, em especial, queremos vos exprimir tôda a nossa gratidão. Saudações. (a) Medeiros e Albuquerque, Diretor Geral”.

Na sua longa estada em Paris, fez amizades que conservou até á morte. Íntimos amigos seus fôram: JOAQUIM DE SOUZANDRADE (o gênio) o SOUZANDRA, como era geralmente conhecido o célebre autor da *Gueza Errante*; LUIZ PEREIRA BARRETO (o sábio) que viveu e faleceu, em S. Paulo, cercado sempre da maior consideração e estima de todo o Brasil; BORGES DA COSTA, médico e químico dos mais notáveis que teve êste país, e que, por longos anos e com grande brilho, exerceu o elevado cargo de Diretor do Laboratório Nacional de Análises, prestigiado sempre por todos os governos com quem serviu; AGOSTINHO AUTRAN, engenheiro-arquiteto por uma das Escolas de Paris; e muitos outros ainda, teve, João Antônio Coqueiro, como familiares amigos seus.



O Dr. Coqueiro, aos 45  
anos de idade. Fotografia  
tirada em S. Luiz do  
Maranhão.

(Fotógrafo: H. E. Neves)

Privou com Gonçalves Dias, de quem era um grande admirador, e com Odorico Mendes, cuja casa, em Paris, frequentava com assiduidade.

Afetivo, o quanto se pode ser, sincero e dedicado, foi em tôda a sua vida um excelente amigo.

E' oportuno, pois, transcrever a carta encontrada em seu arquivo, datada de 1861, e cujo signatário é o Dr. Borges da Costa, acima aludido. Foi escrita quando se achava João Antônio Coqueiro em Bruxelas, defendendo, na Universidade da Capital belga a Tese de Doutor em Ciências Físicas e Matemáticas, e que, como vimos, merecera a nota de Distinção.

Vê-se, assim, o grande carinho com que conservava sua correspondência com aqueles amigos.

"Paris, 15 de Maio de 1861.

Caro Coqueiro. Recebi a carta que Você teve a bondade de enviar-me e é com grande prazer que lhe vou responder. Muito, mas muito satisfeito fiquei com o bom êxito de seu concurso e nunca duvidei que pudesse ser de outra maneira, pois que, estando continuamente em contacto com Você e tendo recebido lições suas, podia fazer um juizo seguro a seu respeito, assim, pois, repito-lhe que, sinceramente, tomo parte no seu grande triunfo. Somente é de lamentar que neste mundo não haja um prazer completo e que toda alegria seja acompanhada de incômodos. Sinto muito que Você tenha encontrado esses incômodos e obstáculos, mas enfim, como bem diz Você: — *tout n'est pas rose dans la vie*. . . Infelizmente, conheço mais essa máxima do que desejava. Quanto a Você julgar que eu podia duvidar de sua amizade, creio que não é necessário dizer-lhe o contrário. E, quanto a mim, julgo que Você fará o mesmo juizo a meu respeito, e asseguro-lhe que não se enganará, porque sou sempre o mesmo, e quando digo a um companheiro que sou amigo, fique certo que me é muito difficil dizer o contrário. Adeus, caro Coqueiro, cá o espero para que Você me conte o que tiver passado aí. Adeus. Aceite os votos de amizade sincera do (a) **Borges**".

### SOCIEDADE "ONZE DE AGOSTO"



Séde da antiga Sociedade "Onze de Agosto" depois de remodelada pelo arquiteto Autran, e adquirida pelo Dr. Coqueiro por uma subscrição popular, por êle promovida.

Sempre devotado ao progresso de sua Provincia, o Dr. Coqueiro percebera, para logo, da necessidade imperiosa que havia de dar-se instrução ao operário da Capital e melhor preparo ao trabalhador do campo.

Para isso, concebeu o plano de fundar, em S. Luiz, uma SOCIEDADE.

Entretanto, esse desideratum muito mais tarde, somente, se poudo tornar realidade e isso porque tarefa das mais difíceis passou, desde aquele momento, a lhe pesar sôbre os ombros.



Uma das grandes salas da Sociedade "Onze de Agosto"

Condição essencial, para êle, era instalar, *ab-initium*, a Sociedade em prédio próprio e condigno, pelo que imediatamente duas dificuldades, e das maiores, teve que enfrentar: a primeira, seria conseguir o numerário para a aquisição do imóvel; a outra,

encontrar, na Capital, um edificio que oferecesse as condições suficientes e adequadas para nele, sem demora, instalar a referida Sociedade, cujo projeto grandioso, estava já, por assim dizer, concluido.

Em relação ao numerário, promoveu uma subscrição, e, entre seus amigos, conseguiu a avultada quantia de CINQUENTA CONTOS DE REIS (50:000\$000) que, para aquela época, representava realmente uma grande soma.

Quanto ao prédio, ficou, desde logo, constatado não existir, em S. Luiz, nenhum só que preenchesse ás condições exigidas, ou que, pelo menos, dispuzesse dos requisitos indispensáveis para servir de séde a uma Sociedade dos moldes da que se ia inaugurar. O recurso, único, seria, por consequência, adquirir um deles para remodelá-lo, depois, adaptando áquele fim.

E foi o que se fez, justamente.

Com aquela quantia, — que foi, pelo Dr. Coqueiro, entregue ao Presidente da Provincia, em várias quotas, á medida que as vinha recebendo de seus amigos, conforme se vê pela carta abaixo do referido Presidente, acusando o recebimento de uma dessas parcelas, — foi, então, adquirida uma excelente casa, á antiga rua do Egito, hoje, Tarquinio Lopes, a qual foi, depois remodelada inteiramente, de acôrdo com o plano traçado.

"Palácio do Governo do Maranhão, em 19 de Junho de 1873.  
Illmo. Sr. Dr. João Antônio Coqueiro. Acuso o recebimento da carta que V. S. dirigiu-me, nesta data, acompanhando a quantia de DOIS CONTOS DE REIS (2:000\$000) obtida por V. S. de um de seus amigos para a Sociedade "Onze de Agosto", com destino ás obras que se estão fazendo no prédio da rua do Egito, com a cláusula, porém, de ser a mesma quantia restituída á referida Sociedade se, de futuro, for ela, por ato dos poderes públicos, privada da posse e goso do dito prédio. Louvando a V. S. pelos seus ingentes esforços e grande dedicação á bem da instrução pública desta Provincia, cabe-me dizer-lhe que, nesta data, fica expedida a necessária ordem para que seja a mencionada quantia recolhida aos cofres do Tesouro Provincial. Com elevada estima e consideração, sou, de V. S. amigo, atento e admirador, (a) Silvério Helvidio C. da Cunha".

Coube, em boa hora, ao notável Engenheiro-arquiteto, AGOSTINHO AUTRAN, com cursos especiais de Arquitetura na Escola de Belas Artes, de Paris, a remodelação completa, pode-se assim dizer, desse edificio que passou a ter belas linhas arquitetônicas.

O interior desse prédio ficou, simplesmente, maravilhoso. No seu salão nobre, — que teve bela decoração, — liam-se nas res-

pectivas paredes, em grandes letras, os nomes dos gênios que foram LAPLACE, NEWTON, DESCARTES, LAGRANGE e tantos outros.

Finalmente, em 2 de Dezembro de 1870, o Dr. Coqueiro, com o Dr. Antônio de Almeida Oliveira e auxiliado pelos Drs. Manoel Jansen Ferreira e Martiniano Mendes Pereira, inaugurava, solenemente, em magnífico prédio próprio a célebre e benemérita SOCIEDADE PROMOTORA DE INSTRUÇÃO POPULAR, que recebeu, então, o nome de SOCIEDADE "ONZE DE AGOSTO", instituída, como vimos, com o louvável e elevado fim de manter cursos noturnos gratuitos para as classes operárias da Capital.

Ai lecionou, João Antônio Coqueiro, GRATUITAMENTE, DURANTE DOIS ANOS, Geometria aplicada às artes e à indústria e Mecânica Prática, serviços que lhe valeram o OFICIALATO DA IMPERIAL ORDEM DA ROSA, com que o agraciou o Imperador. Nos seus magníficos Salões foram realizadas as célebres e notáveis "CONFERENCIAS POPULARES" por Almeida e Oliveira, Celso de Magalhães, Enes de Souza e muitos outros grandes vultos maranhenses lá se fizeram ouvir, prendendo todos os conferencistas, a atenção do numeroso e escolhido auditório.

Procurando melhorar o ensino existente no interior do Estado, dando preparo mais eficiente ao Professor Primário, criou ainda o Dr. Coqueiro, na "ONZE DE AGOSTO", o CURSO NORMAL, COM O FIM DE FORMAR PROFESSORES PARA O ENSINO PRIMARIO, cujas aulas são inauguradas em 15 de Agosto de 1874, e, assim, precede o de S. Paulo, que só foi aberto a 6 de Fevereiro de 1875.

A criação desse CURSO NORMAL, que teve selecionado professorado, OUTRA COUSA NÃO ERA SENÃO A OFICIALIZAÇÃO DA ESCOLA NORMAL, cujo Regimento traz a data de 29 de Julho e é assinado por toda a Diretoria da Sociedade, que, naquela ocasião, tinha, o Dr. Coqueiro como Presidente.

COMO SE VE, PELA PRIMEIRA VEZ, NO BRASIL, SE PENSOU EM DAR INSTRUÇÃO AO OPERÁRIO E MELHOR PREPARO AO TRABALHADOR DO CAMPO, E INSTRUÇÃO GRATUITA.

A "ONZE DE AGOSTO" existiu até 1882.

Sobre o que foi essa grandiosa e filantrópica obra do Dr. Coqueiro, única, sem dúvida, no gênero, vale transcrever, aqui, as palavras de Jerônimo de Viveiros, o erudito e provector Pro-

fessor de História da Civilização e ex-catedrático desta matéria no Liceu Maranhense, de cuja Congregação foi o decano.

Ouçamo-lo, pois:

"Foi nesta fase da sua vida, dedicada à terra e ao homem, que sentiu o Dr. Coqueiro a necessidade que havia de se instruir o operariado da cidade e o trabalhador do campo. Espírito eminentemente criador, João Antônio Coqueiro concebeu o plano de fazer-se essa instrução do povo por meio de uma Sociedade. Nasceu, assim, a "Onze de Agosto". Inaugurada a 2 de Dezembro de 1870, esta Sociedade deu início ao curso com a matrícula de cento e cinquenta alunos, distribuídos pelas aulas de primeiras letras, gramática portuguesa, aritmética, álgebra, geometria e desenho. Em 1873, a matrícula subiu a trezentos e noventa e em 1874 a quatrocentos e cinquenta. Em breve, a formosa realização do Dr. Coqueiro estava instalada em prédio próprio, perfeitamente aparelhada ao fim a que se destinava. A partir dessa época, não há obra de benemerência levada a efeito no Maranhão que não tivesse à sua frente a prestimosa Sociedade. Nos seus salões, faz João Antônio Coqueiro o curso gratuito de Geometria aplicada às artes e à indústria, e dá lições ao operariado sobre o Sistema Métrico Decimal e suas vantagens; lá realizam Almeida e Oliveira e Enes de Souza as "Conferências Populares"; sob o seu teto abriga-se, durante anos, em virtude da Lei Provincial n.º 991, a Biblioteca Pública; é no seu seio que se funda a Associação Protetora dos Alunos Pobres; é ela quem instala o primeiro Laboratório Químico que teve a Província.

Escapava-lhe à ação benfazeja o homem do campo. Dar-lhe instrução diretamente era impossível para os recursos financeiros da Sociedade. Por isso, João Antônio Coqueiro pensou em melhorar o ensino existente no interior, proporcionando melhor preparo ao Professor Primário.

E a Sociedade "Onze de Agosto" funda o Curso Normal, cujas aulas são abertas a 15 de Agosto de 1874, e, assim, precede o de S. Paulo, que só foi aberto a 6 de Fevereiro de 1875.

Valendo-se de sua influência junto ao governo da Província, conseguiu o Dr. Coqueiro que a Assembléa Legislativa votasse a Lei n.º 1.089, de 17 de Julho de 74, que estabelecia:

Art. 1.º — Fica o Governo da Província autorizado a auxiliar com a quantia de 4:800\$000, anualmente, a Sociedade "Onze de Agosto", para a sustentação do Curso Normal, criado pela mesma Sociedade com o fim de formar Professores para o ensino primário.

O at. 13 da citada Lei prescrevia:

— Passados dois anos depois do estabelecimento do Curso Normal, o concurso para provimento de qualquer cadeira de instrução primária da Província, se dará, tão somente, entre os Professores habilitados e será presidido pelo Presidente da Província, com assistên-

cia de Inspector da Instrução Pública, sendo nomeado o que mais sobresair no exame, à vista das provas orais e escritas, que versarão sobre as matérias do Curso Normal.

Era a oficialização da Escola Normal, cujo Regimento traz a data de 29 de Julho e é assinado pela Directoria da Sociedade, que tinha como Presidente o Dr. Coqueiro.

Mas, á "Onze de Agosto" não foi possível vencer as insuperáveis dificuldades do seu financiamento.

Devendo em 1882 cerca de 8:000\$000, pediu ao Governo que lhe pagasse o débito, dando, em troca, o edificio de sua sede e mais pertences".

Vê-se, pelas palavras de Jerônimo de Viveiros, que "á Onze de Agosto" não foi possível vencer as insuperáveis dificuldades do seu financiamento".

Assim, em 1882, entregava, ela, ao Governo da Provincia, o majestoso edificio de sua sede e todos os seus pertences, com a obrigação, única, apenas, de lhe pagar, o mesmo Governo, o insignificante débito de 8:000\$000 que havia contraído.

Nesse mesmo edificio, que passou, desse modo, a ser propriedade da Provincia, esteve funcionando, durante longos anos, até o advento do Estado Novo, o Congresso do Estado.

Era de escol o professorado da "ONZE DE AGOSTO".

Assim tinhamos:

Gramática e lingua portugüesa — Joaquim Teixeira de Souza.

Moral, Doutrina Cristã e Pedagogia — Padre Raimundo Alves da Fonseca.

Geografia Física e Cosmografia — Padre Raimundo Alves da Fonseca.

Aritmética teórica e aplicada aos usos da vida — Dr. Manoel Jansen Ferreira.

Geometria aplicada ás artes — Dr. Manoel Jansen Ferreira.

Noções de Física e Química, História Natural e conhecimentos relativos á indústria e ás máquinas, Higiene — Dr. Francisco Corrêa Leal.

História Santa e Profana — Dr. Antônio Jansen Matos Pereira.

Rudimentos de Direito Natural Público e de Economia Política — Dr. Antônio Jansen Matos Pereira.

Desenho Linear aplicado ás artes — Dr. Agostinho Autran.

Não há a menor dúvida que o CURSO NORMAL da "ONZE DE AGOSTO" foi "a semente germinativa", como disse o Professor Viveiros, da ESCOLA NORMAL MARANHENSE.

E, assim sendo, achamos oportuno transcrever, aqui, a Lei que oficializou o citado CURSO NORMAL e as respectivas ins-

truções, em que, pela vez primeira, no Maranhão, figura a cadeira de PEDAGOGIA.

LEI N.º 1.089, DE 17 DE JULHO DE 1874

JOSÉ FRANCISCO DE VIVEIROS, Vice-Presidente da Provincia do Maranhão. Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléa Legislativa Provincial decretou e eu sancionei a Lei seguinte:

Art. 1.º — Fica o Governo da Provincia autorizado a auxiliar com a quantia de 4:300\$000, anualmente, a Sociedade "Onze de Agosto" para a sustentação do Curso Normal, creado pela mesma Sociedade com o fim de formar Professores para o ensino primário.

Art. 2.º — Será o referido auxilio pago em prestações mensaes, tendo direito a Sociedade á primeira prestação logo que principias a funcionar as aulas do Curso Normal.

Art. 3.º — A duração do Curso será de dois annos, e durante elles se ensinarão as seguintes matérias assim distribuidas:

#### 1.º ano

1.ª Cadeira — Curso de Gramática e lingua portugüesa.

2.ª Cadeira — Curso de Aritmética teórica aplicada aos problemas usuais da vida e de Geometria prática com applicação á agrimensura, nivelamento e levantamento de plantas.

3.ª Cadeira — Curso de Moral, Doutrina Cristã e Pedagogia.

4.ª Cadeira — Curso elementar de Geografia Física e Cosmografia.

Aula — Desenho Linear aplicado ás artes.

#### 2.º ano

1.ª Cadeira — Continuação do Curso de Gramática.

2.ª Cadeira — Curso elementar de História Santa, da idade média e moderna.

3.ª Cadeira — Curso de Noções de Física e Química, História Natural, acompanhada de alguns conhecimentos relativos á indústria e ás máquinas.

4.ª Cadeira — Curso de rudimentos de Direito Natural e de Economia Política.

Aula — Desenho linear e lavis applicado ás artes.

Art. 4.º — A directoria da Sociedade "Onze de Agosto" submeterá á apreciação do Governo os Estatutos pelos quais se deverá reger o Curso Normal, e bem assim um programa minucioso das diferentes matérias que compõe o referido curso.

Art. 5.º — A direcção do citado curso, nomeação e demissão dos

Professores e mais empregados é da competência exclusiva da Diretoria da Sociedade.

Art. 6.º — Ao Inspetor da Instrução Pública, porém, incumbe velar sobre a execução da presente Lei, levando ao conhecimento do Governo quaisquer irregularidades que forem por ele observadas.

Art. 7.º — A Diretoria da Sociedade remeterá, mensalmente, ao Inspetor da Instrução Pública um mapa demonstrativo do movimento das aulas do Curso Normal, indicando, principalmente, o aproveitamento e conduta dos alunos em cada uma delas.

Art. 8.º — Os exames anuais serão vagos e presididos pelo Inspetor da Instrução Pública e pelo Presidente da Sociedade, sendo os examinadores nomeados pelo dito Inspetor.

Art. 9.º — Os exames gerais, que serão também vagos, versarão sobre as matérias dos dois anos, e será o ato presidido pelo Presidente da Província.

Art. 10 — Estes exames terão lugar um mez, quando muito, depois dos exames ordinários do segundo ano.

Art. 11 — Só serão admitidos para fazer exames gerais os alunos que tiverem obtido aprovação plena nos exames dos dois anos de estudos.

Art. 12 — O aluno plenamente aprovado em exame geral receberá um diploma assinado pelo Inspetor da Instrução Pública, pelo Presidente da Sociedade e mais examinadores, que lhe conferirão o grau de Professor habilitado.

Art. 13 — Passados dois anos, depois do estabelecimento do Curso Normal, o concurso para provimento de qualquer cadeira de instrução primária da Província, se dará, tão somente, entre os Professores habilitados e será presidido pelo Presidente da Província, com assistência do Inspetor da Instrução Pública, sendo nomeado o que mais sobressair no exame á vista das provas orais e escritas, que versarão sobre as matérias do Curso Normal.

Art. 14 — As despesas com o custeio do Curso Normal correrão por conta da Sociedade "Onze de Agosto".

Art. 15 — Os cursos serão gratuitos e públicos.

Art. 16 — A Sociedade "Onze de Agosto", porém, poderá exigir pela matrícula de cada aluno do Curso Normal, que se destinar ao professorado, até a quantia de dez mil reis (10\$000), revertendo estes emolumentos em seu beneficio.

Art. 17 — Só serão considerados alunos do Curso Normal os que pagarem a respectiva matrícula e para estes dará a Sociedade logares reservados nos cursos.

Art. 18 — Nenhum aluno será admitido a exame sem provar que pagou a importância da matrícula.

Art. 19 — Ficam revogadas as disposições em contrário.

Capítulo I

Fim, meios e plano do Curso Normal

Art. 1.º — O Curso Normal é a instituição creada pela Sociedade "Onze de Agosto", e autorizada pela Lei n.º 1.088, de 17 de Julho de 1874. Tem por fim dar em uma série de cursos pedagógicos o ensino teórico e prático indispensável ás pessoas que se destinam ao magistério da instrução primária.

Art. 2.º — As despesas com o custeio do Curso Normal correm por conta da Sociedade.

Art. 3.º — Para ocorrer a elas dispõe a Sociedade do subsídio que lhe foi concedido pela referida Lei, dos emolumentos de que trata o art. 13 do capítulo 2.º destas instruções e dos dinheiros que constituem a sua renda própria.

Art. 4.º — Consta o Curso Normal das seguintes matérias distribuidas em dois anos:

Primeiro ano

- 1.ª cadeira — Curso de Gramática e lingua portugueza.
  - 2.ª cadeira — Curso de Aritmética teórica e aplicada aos problemas usuais da vida, e de Geometria Prática com applicação á agrimensura, nivelamento e levantamento de plantas.
  - 3.ª cadeira — Curso de Moral, Doutrina Cristã e Pedagógica.
  - 4.ª cadeira — Curso elementar de Geografia fisica e Cosmografia.
- Aula — Desenho Linear aplicado ás artes.

Segundo ano

- 1.ª cadeira — Continuação do curso de Gramatica.
  - 2.ª cadeira — Curso elementar de História Santa, antiga, da idade média e moderna.
  - 3.ª cadeira — Curso de noções de Fisica, Química, História Natural, acompanhada de alguns conhecimentos relativos á indústria, ás máquinhas, hygiene.
  - 4.ª cadeira — Curso de rudimentos de Direito Natural Público e de Economia Política.
- Aula — Desenho linear e lavis aplicado ás artes.
- Art. 5.º — No ensino destas diversas matérias os Professores farão sempre com que a teoria seja seguida de exercicios práticos e uma parte do tempo destinado a cada lição, será, em geral, preenchida pela reconsideração da lição precedente.

Art. 6.º — O Curso Normal funcionará todos os dias das 6½ ás 8 horas da manhã e á tarde das 5 ás 9 horas da noite, segundo o horário anualmente marcado pela Diretoria da Sociedade, devendo

ter lugar, à noite, muito principalmente, os cursos de Aritmética e Geometria, Moral e História, para utilidade dos alunos da Escola Popular que deles se quiserem aproveitar.

Art. 7.º — Cada lição durará uma e meia horas, com exceção das de desenho que durarão duas horas e serão dadas duas vezes por semana, inclusive os domingos.

Art. 8.º — Os alunos serão obrigados a apanhar em cadernos, cujos modelos lhes serão anualmente indicados pelo Secretário da Sociedade, as lições dos cursos que seguirem e sobre elas serão arguidos uma vez todas as semanas ou todos os quinze dias, quando muito, pelos respectivos Professores, que, em livro especial, lhes marcarão as notas, que tiverem merecido.

Art. 9.º — As notas de que trata o artigo antecedente poderão variar de zero a vinte pontos, conforme o aproveitamento do aluno, cabendo, tão somente, a última áqueles que mais se distinguem pela sua inteligência, aplicação, conduta e assiduidade.

Art. 10 — No fim de cada ano letivo cada professor tomará a média das notas dos alunos do seu curso, e só serão admitidos a fazer exames de ano aqueles cujas médias excederem dez pontos. Os outros serão eliminados e obrigados a recomeçar o ano.

Art. 11 — Como aplicação, cada aluno do segundo ano, designado pelo Presidente da Sociedade, será obrigado a reger ás Terças e Sextas-feiras a aula de instrução primária da Escola Popular. Nessa ocasião, procurará ele por em prática os conhecimentos que para esse fim já tiver adquirido, assistindo á lição o Diretor Fiscal e um Professor, que também em livro especial, lançará a nota do modo por que houver o dito aluno desempenhado a referida obrigação.

Art. 12 — O ensino é público e gratuito. Serão admitidos todas as pessoas morigeradas que quiserem frequentar as aulas, sem distinção de classes ou nacionalidades; haverá, porém, lugares reservados em duas seções separadas, para os alunos de um e outro sexo que se destinarem ao magistério primário.

## Capítulo II

### O tempo letivo, exames de admissão, anuais e gerais, matrícula

Art. 13 — O tempo letivo começará no dia 15 de Agosto e terminará em Junho; preferindo-se, para o encerramento o último Sabado do segundo mez.

Art. 14 — Do dia 1.º ao dia 14 de Agosto estará aberta a inscrição para a matrícula do Curso Normal, em cujo primeiro ano só se admittirão aqueles que provarem perante um Professor, indicado pelo Presidente, que sabem lêr e escrever corretamente e as quatro operações fundamentais da Aritmética, que têm moralidade e são maiores de quatorze anos.

O Presidente, porém, da Sociedade poderá dispensar algumas

destas provas, mediante atestações de Professores públicos da capital.

Art. 15 — Só serão obrigados anualmente á matricula e ao pagamento de 10\$000, da respectiva taxa, os alunos que se destinarem ao professorado. Quaisquer outras pessoas que desejarem ouvir os cursos, o poderão fazer independentemente de matricula.

Art. 16 — Calculada a média final, resultado das médias obtidas em todos os cursos em cada um dos anos para cada um dos alunos e marcado o dia dos exames, afixará o Secretário, na aula um Edital, que também se publicará nos jornais, contendo os nomes dos alunos que, havendo alcançado média final superior a dez pontos, estão no caso de fazer exame do ano por eles cursado.

Art. 17 — O aluno plenamente aprovado em qualquer ano receberá um Certificado que ateste o gráu de sua aprovação, assinado pelo Júri do exame.

Art. 18 — Os alunos plenamente aprovados nos dois anos de estudos do curso pedagógico, são os únicos com direito a sofrer o exame geral para obtenção do diploma de Professor habilitado.

Art. 19 — Terminados os exames do 2.º ano, dará a Diretoria conhecimento desse fato ao Presidente da Provincia, juntando a relação dos alunos no caso do artigo antecedente; e marcando o dia e hora para proceder-se os exames gerais, o Secretário publicará, com a relação supra, um Edital nos jornais, que será também afixado na Escola.

Art. 20 — Os exames de ano se farão na segunda semana do mez de Julho, marcado o dia pela Diretoria, e os exames gerais na última do mesmo mez, sendo designado o dia pelo Presidente da Provincia.

Art. 21 — Os exames de ano e os exames gerais serão vagos, versando os primeiros sobre as matérias dos respectivos cursos e os últimos sobre o curso pedagógico completo.

Art. 22 — As provas serão escritas e orais, começando-se pelas primeiras, que constarão de composições, questões e problemas relativos aos cursos, marcando-se meia hora, improrrogável, para cada uma das matérias.

A prova oral durará hora e meia para todas as matérias.

Art. 23 — As notas dos exames de que trata o art. 21 serão as de aprovado ou reprovado, podendo, no entretanto, conceder-se a de aprovado com distinção ao aluno de um ou outro sexo que, por unanimidade de votos, fôr julgado ótimo em ambas as provas, escrita e oral.

Art. 24 — Os exames de ano se farão na Escola ante o Júri composto do Presidente da Sociedade, como Presidente do ato, do Inspetor da Instrução Pública, como Fiscal por parte do Governo, de todos os Professores do ano, que cursou o examinando, e de mais outros examinadores nomeados pelo dito Inspetor.

Art. 25 — Os exames gerais se farão também na Escola, ante o Júri composto do Presidente da Provincia, como Presidente do ato, do



Inspetor da Instrução Pública, do Presidente da Sociedade e dos examinadores, que chamar o Governo para esse fim.

### Capítulo III

#### Do Pessoal, Diretor e mais empregados

Art. 26 — A disciplina e economia do Curso Normal pertencem, exclusivamente, á Diretoria da Sociedade e, em particular, ao seu Presidente, que será o seu principal Diretor.

Art. 27 — Nos impedimentos do Presidente atender-se-ha ao que dispõe o art. 3.º dos Estatutos da Sociedade.

Art. 28 — Cumpre ao Presidente :

1.º — Propor, em sessão da Diretoria, a nomeação e demissão dos Professores, Substitutos e mais empregados; a tabela dos respectivos vencimentos, tendo em vista os meios de que dispõe a Sociedade para esse fim; o horário dos cursos e a designação dos dias para os exames do ano.

2.º — Designar os alunos que, ás Terças e Sextas-feiras, deverão fazer o seu tirocínio na aula de primeiras letras da Escola Popular, bem assim o Professor do curso que tem de julgar da aptidão e desenvolvimento dos mesmos alunos.

3.º — Designar o Diretor que tem de servir de Fiscal cada semana.

4.º — Ordenar ao Tesoureiro da Sociedade o pagamento dos vencimentos dos Professores e mais empregados, á vista da respectiva fôlha, que só poderá ser paga depois da rubrica do mesmo Presidente.

5.º — Ordenar, mais, ao Tesoureiro tôda e qualquer despesa, que se torne necessária para qualquer das aulas.

Art. 29 — Incumbe á Diretoria :

1.º — Apreciar e discutir tôdas as medidas propostas pelo Presidente em sessão, sobre elas resolver como for mais conveniente á disciplina do Curso Normal e propor outras, que lhe pareçam vantajosas.

2.º — Velar sobre a execução das presentes instruções por cada um de seus membros que, como Fiscais, deverão, para esse fim, comparecer, revezadamente, todos os dias, na Escola Popular durante as horas em que funcionarem as aulas, na ordem que fôr determinada pelo Presidente.

3.º — Sobre proposta do Presidente e também de qualquer de seus membros, nomear e demitir os Professores, Substitutos e mais empregados do Curso Normal e marcar-lhes os respectivos ordenados.

4.º — Fixar o horário dos cursos, tendo em vista o disposto no art. 6.º do cap. 1.º, e designar os dias para os exames anuais.

5.º — Representar a Instituição perante o Governo.

6.º — Submeter á aprovação do Governo as presentes instruções e quaisquer alterações a elas feitas, que, no futuro, se tornem necessárias.

7.º — Remeter, mensalmente, ao Inspetor da Instrução Pública um mapa demonstrativo do movimento das aulas, indicando, principalmente, o aproveitamento e conduta dos alunos em cada uma delas.

Art. 30 — Servirá de Secretário do Curso o 1.º Secretário da Sociedade e na falta o 2.º ou outro qualquer Diretor designado pelo Presidente.

Art. 31 — O Secretário do Curso não vencerá ordenado algum: será, porém, auxiliado pelo Amanuense da Sociedade e estes empregados terão a seu cargo :

1.º — Conservar o arquivo do Curso Normal.

2.º — Escrever os livros do mesmo, que serão rubricados pelo Presidente da Sociedade, a saber: o das Atas das Sessões da Congregação; o da Matrícula; o de Termos de Exames; o das Faltas dos Professores; além destes, os que fôrem precisos para o bom andamento da Instituição.

3.º — Receber e transmitir as ordens do Presidente Diretor relativas ao serviço do Curso.

4.º — Anunciar a época ou prazo para inscrições dos exames, abertura e encerramento das aulas e fazer quaisquer outras publicações, que lhe forem determinadas pelo Presidente Diretor.

Art. 32 — O Tesoureiro da Sociedade será o Tesoureiro do Curso Normal e não vencerá ordenado algum. Cumpre-lhe arrecadar e por em boa guarda os dinheiros da Instituição; receber no Tesouro Público Provincial as prestações mensais; fazer as despesas que lhe forem autorizadas pelo Presidente Diretor e prestar contas no fim de cada semestre perante a Diretoria em sessão.

Art. 33 — Servirá, também, de Porteiro o da Escola Popular e compete-lhe: trazer as aulas e tôda a casa da Escola no melhor estado possível; fornecer água potável; comparecer para abrir a Escola meia hora, pelo menos, antes da entrada das aulas; tomar o ponto dos alunos.

Art. 34 — Por este excesso de serviço, o Amanuense e o Porteiro terão direito á maior gratificação, que lhes será concedida pela Diretoria.

### Capítulo IV

#### Dos Professores e Substitutos e respectivos vencimentos

Art. 35 — Os Professores e Substitutos serão nomeados e admitidos pela Diretoria da Sociedade.

Art. 36 — Os Professores e Substitutos, quando em exercício, terão a seu cargo a ordem nas respectivas aulas e consciencioso ensino dentro dos limites do programa, aprovado pelo Governo.

Nas lições em forma de preleções, procurarão expor a matéria do seu curso com a maior clareza possível e pausa necessária, para que possam os alunos apanhar, resumindo, a parte substancial da preleção

nos cadernos de que trata o art. 7.º do cap. 1.º, cabendo-lhes o dever de tomar as suas notas o mais completamente que lhes for possível e trazer sempre em asselo os mesmos cadernos.

Art. 37 — Cada Professor arguirá, como ficou prescrito no art. 7.º cap. 1.º, os alunos do seu curso e por essa ocasião examinará se eles cumprem ou não com as obrigações que são impostas no final do artigo antecedente.

Terminada a sabatina, que versará sobre as matérias até então explicadas, lançará o Professor a sua rubrica e data po: baixo da última linha escrita do caderno, e isso indicará para cada aluno o ponto de partida da sabatina subsequente.

Art. 38 — Os Professores serão obrigados a fornecer, mensalmente, á Diretoria um mapa demonstrativo de suas aulas, com declaração dos pontos obtidos pelos alunos e respectiva conduta.

Art. 39 — A prática do terreno de nivelamento, agrimensura e levantamento de plantas terá lugar ás Quinta-feiras, tôdas as vezes que o julgar necessário o Professor, a quem cumpre marcar, de véspera, aos alunos a hora e o lugar para aquelas applicações da Geometria.

Art. 40 — Os Professores vencerão os ordenados que lhes forem marcados pela Diretoria, e quando impossibilitados de exercerem as suas cadeiras perderão os seus vencimentos, que passarão a ser percebidos pelos Substitutos.

Art. 41 — Serão relevadas aos Professores até 3 faltas em um mez; se porém der lugar o impedimento a maior número delas, o Presidente Diretor chamará o Substituto para tomar conta da cadeira.

Art. 42 — Dada a vaga de qualquer cadeira do Curso a Diretoria mandará, para o seu preenchimento, abrir concurso, que terá lugar na Escola ante um Júri composto do Presidente Diretor, do Secretário, dois Diretores, e tantos examinadores quantos forem necessários, convidados êstes últimos, para êsse fim, pelo mesmo Presidente, sendo preferidos, em igualdade de circunstâncias, os Substitutos ou antigos alunos diplomados no Curso Normal.

Art. 43 — Os Professores e mais empregados serão obrigados a observar as diferentes disposições das presentes Instruções e tomar na consideração devida quaisquer reflexões que lhes forem feitas pelo Diretor Fiscal.

No caso, porém, de irregularidade ou falta mais grave cometida por um Professor em prejuizo da Instituição, o Diretor Fiscal se limitará, tão somente, a levar o fato ao conhecimento da Diretoria, que, sobre êle, resolverá como lhe parecer mais acertado e convenientemente á disciplina do Curso.

## Capítulo V

### Da Congregação

Art. 44 — Os Professores se reunirão em Congregação com a

Diretoria três vezes por ano: no primeiro Domingo de cada um dos mezes de Agosto, Dezembro e Abril.

Art. 45 — São objeto de deliberação da Congregação, as seguintes:

1.º — A admissão de compêndios a consultar pelos alunos, sobre proposta dos respectivos Professores.

2.º — O programa de cada aula.

3.º — A disciplina escolar.

4.º — Assuntos não previstos nestas instruções com relação ao aperfeiçoamento do ensino.

Art. 46 — Destas sessões se lavrará ata, que será lida e discutida na sessão seguinte, e, depois de aprovada, será subscripta pela Diretoria e todos os Professores presentes.

## Capítulo VI

### Do Diploma e do Anel Magistral

Art. 47 — O aluno de um ou outro sexo que for aprovado em exame geral de que trata o art. 19, receberá um diploma em que se declare, com assinatura do Presidente Diretor, Inspetor da Instrução Pública, Secretário da Sociedade, Professores e examinadores presentes ao ato, quais os grãos de aprovação que obteve em cada um dos anos, o do exame geral, e que o Júri o considera habilitado para o exercicio do magistério público.

Art. 48 — O referido diploma será entregue, em sessão solene, pelo Presidente Diretor, perante a Congregação, recebendo o aluno, na mesma ocasião, um Anel simbólico, segundo o modo estabelecido pela Congregação.

No ato de receber o anel prestará êle juramento, segundo a fórmula que a Congregação estabelecer.

## Capítulo VII

### Disposições Gerais

Art. 49 — Se alguns dos atuais Professores Públicos, catedráticos do município da capital, de um e outro sexo, quizer frequentar as aulas do Curso Normal, terá assento em lugar especial ao lado da mesa do Professor.

Art. 50 — O aluno do Curso Normal que mal proceder no recinto das aulas, ou mesmo fóra, nas proximidades do estabelecimento será:

1.º — Advertido.

2.º — Mandado retirar da aula.

3.º — Mandado retirar do estabelecimento por aquele dia.

4.º — Inibido de frequentar a escola por um ano.

5.º — Expulso.

As quatro primeiras penas poderão ser aplicadas pelo Diretor Fiscal, e a quinta pelo Presidente Diretor, ouvida a Congregação.

Estas penas não serão impostas senão pela ordem acima prescrita, segundo as reincidências; mas, se se der o caso de gravidade tal que a moralidade e o crédito da Instituição ou a dignidade de algum Diretor ou de algum Professor exija a aplicação, imediata da última, o Diretor Fiscal a poderá, logo, impôr.

Art. 51 — O Diretor Fiscal, no exercício de suas funções, poderá tomar toda e qualquer medida urgente que entenda nos casos não previstos nestas instruções para a boa regularidade do serviço, ordem e disciplina das aulas, submetida, depois, á aprovação da Diretoria.

Sala das Sessões da Diretoria da Sociedade "Onze de Agosto", no Maranhão, 29 de Julho de 1874.

João Antônio Coqueiro, Presidente  
Roberto H. Hall, Vice-Presidente  
João Cândido de Moraes Rego, 1.º Secretário  
José Nepomuceno Frazão, 2.º Secretário  
João José Fernandes Silva, Tesoureiro  
Eduardo A. de Moraes Rego, Diretor  
Francisco R. Faria de Matos, Diretor  
Agostinho Autran, Diretor.

Por serem bastante extensos, deixamos, com pesar, de transcrever todos os programas das diferentes cadeiras de que constava o citado CURSO NORMAL, limitando-nos, porisso, tão somente, á transcrição de um deles: — o da 3.ª Cadeira — "Moral, Doutrina Cristã e Pedagogia", matéria que, como já salientámos, pela vez primeira, no Maranhão, figurou em programa oficial.

#### PALÁCIO DO GOVERNO DO MARANHÃO

O VICE-PRESIDENTE DA PROVINCIA, RESOLVE: de conformidade com o art. 4.º da Lei Provincial n.º 1.089, de 17 de Julho último, aprovar o programa organizado pela Diretoria da Sociedade "Onze de Agosto", e que abaixo se segue, das matérias que compõem o CURSO NORMAL, criado pela mesma Sociedade.

S. Luiz do Maranhão, 25 de Setembro de 1874.

(a) José Francisco de Viveiros.

#### PROGRAMA DA 3.ª CADEIRA:

##### "MORAL, DOCTRINA CRISTÃ E PEDAGOGIA"

Moral em geral, noções preliminares, utilidade moral. Fundamento da moral. A consciência, distinções, fundamentos entre o bem

e o mal, apreciação dos sistemas que tentam explicar o fundamento da moral; a lei moral, lei eterna, natural e positiva, e lei humana. Diversos motivos de nossas ações. Sanção moral. Destino do homem. Imortalidade da alma. Moral especial, moral religiosa ou deveres do homem para com Deus. Culto interno, externo, público.

Moral individual. Deveres para com a alma, inteligência, vontade e sensibilidade. Deveres para com o corpo. Moral social. Deveres para com o homem em geral, para com a família e o estado.

Doutrina cristã. Preliminares. Símbolo dos apóstolos. Deus — Trindade. Anjos — Homem e sua queda. Mistério da encarnação — Jesus-Cristo — Redenção — Espírito Santo — Igreja. Novíssimos do homem — Virtudes teologais. Decálogo. Religião. Mandamentos da Igreja. Meios que Deus estabeleceu para a santificação do homem — Graça — Orações e Sacramentos.

O que é a Pedagogia, sua divisão em duas partes Didáctica e Metodologia. Primeira parte. O Professor, missão do Professor, seus deveres, suas qualidades naturais, quanto ao físico e quanto á alma; suas qualidades morais: 1.º) bondade; 2.º) firmeza; 3.º) regularidade; 4.º) zelo; 5.º) pureza de costumes; 6.º) boa educação e civildade; 7.º) modéstia; 8.º) piedade; 9.º) prudência; 10) recolhimento; 11) pudor; 12) caridade; 13) justiça; 14) desinteresse; 15) amor pelo estudo. Meios de adquirir as qualidades morais, indispensáveis ao Professor. Deveres dos Professores antes dos trabalhos escolares na aula e depois dela; as preparações — 1.º) remoto, 2.º) próxima. A escola, utilidade da escola, local, edificio e mobília.

Matérias que fazem objetos nas aulas do 1.º e 2.º grãu. Educação física, moral, intellectual e política. Escrituração do Professor: 1.º — Livro de matrícula; 2.º — do ponto; 3.º — Registro de aproveitamento dos alunos; 4.º — Correspondência official; 5.º — Mapas estatísticos. Organização escolar, classificação e distribuição pelo modo seguinte: 1.º — o tempo; 2.º — as matérias; 3.º — os esforços que se devem empregar e 4.º — a idade dos alunos para a sua conveniente distribuição nas classes.

Disciplina no interior da escola; modo como se deve haver o Professor em faltas cometidas fóra da escola.

Prêmios: 1.º) — o elogio oral e público; 2.º) — os cargos escolares tomados como distinção; 3.º) — Inscrição no quadro de honra; 4.º) — as dádivas ou prêmios e 5.º) — exclusão definitiva.

Bons e maus pontos: 1.º — método de avalia-los e encontra-los; 2.º — modo de procura-los e 3.º — sua influência moral.

#### MODO DE APERFEIÇOAR AS CRIANÇAS

Defeitos nas crianças e meios de corrigir

Influência da disciplina na educação das crianças.

Higiene nas escolas: 1.º — o ar; 2.º — a luz; 3.º — o tempo;  
4.º — posição do corpo e 5.º — castigos.

Precaução higiênica.

Educação e conservação dos órgãos dos sentidos. Segunda parte: Metodologia — Sua divisão.

Exposição, comparação e apreciação dos diversos modos de ensino:  
1.º — modo individual; 2.º — simultâneo; 3.º — mútuo e 4.º — mixto.

Programa do Professor, marcando: 1.º — enumeração de todas as matérias escolares; 2.º — justa condenação das mesmas.



■  
O notável Professor e cientista, aos 60 anos. Fotografia tirada em S. Luiz do Maranhão, em 1897. Fotógrafo: — Gaudêncio Cunha

Rua da Cruz, 47.

Forma: — 1.º — Método socrático; 2.º — expositivo.

Processo: — 1.º — Análogo ou exposição por meio de comparação; 2.º — Intuitivo ou a partida dos sentidos para levar os conhecimentos à alma.

Livros para Escola Primária; 1.º — qualidade dos livros; 2.º — método que seguiu seu autor; 3.º — qualidade de impressão; 4.º — preço.

Metodologia especial; Diálogo — Ensino da leitura, silabação antiga, média e moderna. Leitura rítmica. Bases para um bom método de soletração. Exercícios simultâneos de leitura, escrita e ortografia.

Ensino de gramática: — 1.º — das substâncias; 2.º — qualidades concretas e abstractas.

Da História Sagrada e Doutrina Cristã. Leitura expressiva. Da caligrafia. Cálculo mental. Aritmética e Geometria. Emprego do contador mecânico para ensinar as quatro operações aritméticas.

Ensino do Sistema Métrico Decimal; da Geografia Elemental; das Noções de História Geral e Pátria; da Agricultura; do Desenho linear; Canto oral e Ginástica.



## INDUSTRIAL E AGRICULTOR

A indústria e a lavoura do Maranhão devem á sua memória os mais assinalados e incalculáveis serviços.

A sua longa existência foi dividida entre o magistério e a lavoura.

Havendo legado á sua familia um nome dos mais honrados e já, por várias vezes, consagrado, não lhe deixou, todavia, bens de fortuna, apesar de tê-la possuído e grande, vindo, porém, a perdê-la tôda no elevado ideal que sempre lhe absorvera o espírito: — O DO SOERGUIMENTO DA LAVOURA E DA INDÚSTRIA AÇUCAREIRA DE SUA PROVINCIA. Chegou a ser mesmo no seu tempo, considerado o mais culto industrial e agricultor do Maranhão.

Do notável historiôgrafo maranhense que foi o saudoso e emérito Professor José Ribeiro do Amaral, são as palavras que se seguem:

“Dois grandes ideais absorveram, constantemente, a grande atividade do Dr. Coqueiro: — a lavoura e o magistério. Os momentos que deste lhe sobravam, applicava-os, êle, ao estudo das necessidades da lavoura do seu Estado. Mais operoso, mais culto, melhor conhecedor dos mais adiantados processos da lavoura de cana, jamais houve, em seu tempo, lavrador algum em Maranhão”.

Foi o iniciador dos ENGENHOS CENTRAIS em sua Província.

Desde o seu regresso da Europa, em 1862, que o Dr. Coqueiro se apercebera da deplorável situação da indústria açucareira no Brasil, que não levaria muito tempo, viria a sofrer, na certa, a grande concorrência, nos mercados europeus, do açúcar da beterraba, preparado por processos os mais modernos naquella época existentes, nos aparelhos e maquinismos das grandes Usinas instaladas nos diversos Países do Velho Mundo.

Com o seu grande preparo científico, não podia mais, é claro,

o Dr. Coqueiro, se conformar com aquelle sistema antiquado, romanesco, arcaico e prejudicial usado, então, em quase todos os Engenhos de cana da Provincia, que eram movidos pe'lo braço humano, ao invés de o serem por modernos maquinismos, que, entre as inúmeras vantagens, trazia, de pronto, a diminuição, considerável, de braços a empregar no trabalho do fabrico do açúcar, e mais ainda a melhoria sensível desse produto, que passaria a ser, em virtude dos novos métodos empregados, de muito melhor qualidade, e elevação da produção ao dobro.

Elevado por essa idéa, o Dr. Coqueiro fez-se, desde 1870, defensor dos mais dedicados do plano dos ENGENHOS CENTRAIS, fabricas que seriam montadas com aparelhos modernissimos e em redor das quais se incorporariam todos os lavradores da Provincia.

Fran Paesco, o erudito e notável homem de letras, que viveu durante longos anos em S. Luiz, e onde, com invulgar brilho, exerceu o cargo de Cônsul de Portugal, autor de vários e apreciáveis trabalhos sobre diversos e palpitantes assuntos, no seu magnifico livro — "GEOGRAFIA DO MARANHÃO" — no capitulo — INDUSTRIA — página 226, escreveu:

"Até por 1870, desenvolveu-se um vivo entusiasmo, nos centros brasileiros de maior labor, para se incorporarem uzinas centrais de açúcar, fazendas centrais de café, algodão, fumo, etc. Mas a Lei de 6 de Novembro de 1875, pretendendo satisfazer os apóstolos do empreendimento, que visava a fornecer capitais e braços livres, tanto á lavoura como ás manufacturas, não preencheu os objetivos que se propunham. No meio dos paladinos maranhenses de semelhantes empresas, avultaram os engenheiros João Antônio Coqueiro e José Gonçalves de Oliveira".

Em 16 de Abril de 1872, o Dr. Coqueiro, por escritura, adquiriu ao Capitão José Coelho de Souza Sobrinho a fazenda de sua propriedade, situada á margem do lago Jacaré Grande, na vila de Monção (Pindaré).

Era um Engenho de cana, conhecido por — ENGENHO "CASTELO" — que tinha duas léguas de frente e uma de fundo, e possuía, na ocasião em que o comprou o Dr. Coqueiro, o seguinte: — boa casa de morada, de sobrado, coberta de telhas, diversas bemfeitorias e acessórios, como taxas de ferro, taboleiros de resfriar açúcar, fôrmas, tanques de tijolos para mel, taboleiros de secar açúcar, caixotes com tampa, para depósito do mesmo, alavancas, igarité, cascos de pesca, tonéis de cedro para fomentar garapa, dornas de sapucaia, alambiques, serpentinas, carros de boi, cavalos, vacas, rebanho de carneiro, bois de carro e diversas casas de moradia para pretos. Tinha a fazenda um grande pomar de árvores frutíferas. Lugar bastante aprazível e muito farto de caça e pesca. Por espírito de curiosidade é que

transcrevemos o que se continha no "Castelo", quando o Dr. Coqueiro o adquiriu. Mais tarde, como vamos ver, o Dr. Coqueiro transformou esse engenho numa grande Usina açucareira, que se tornou célebre em todo o Maranhão.

Fundou e dirigiu o "Jornal da Lavoura" (1875-1876), folha de doutrina e propaganda agrícola, e que invariavelmente e inestimáveis serviços prestou a numerosa e laboriosa classe de agricultores maranhenses, e que no diaz, ainda, de Ribeiro do Amaral, "se distinguiu pela superioridade de vistas com que discutiu, sempre, todos os problemas atinentes aos altos interesses da lavoura do Maranhão". Nêle colaboraram assiduamente: — José Francisco de Viveiros, Ricardo Ernesto Ferreira, Francisco Dias Carneiro, Alexandre Teófilo, Galvão de Carvalho, Martinus Hoyer, Sergio Vieira e muitos outros maranhenses de renome.

Pela imprensa de S. Luiz, o Dr. Coqueiro, sempre embebedado e cada vez mais entusiasmado pela grandiosa idéa dos Engenhos Centrais, que reputava como única medida de salvação da indústria açucareira de sua Provincia, mantinha, com Martinus Hoyer e Pedro Nunes Leal, intensa propaganda em favor de sua criação.

Dessa forte e tenaz campanha surgiu, então, o ENGENHO CENTRAL S. PEDRO OU COMPANHIA PROGRESSO AGRICOLA, á margem do rio Pindaré, criada pelo Decreto n. 7.811, de 31 de Agosto de 1880, que foi quando se aprovaram os seus Estatutos. Designado para, em companhia do Tenente-Coronel José Castello Branco da Cruz, examinar os terrenos da extinta Colônia S. Pedro, achou, o Dr. Coqueiro, que os ditos terrenos não se prestavam, absolutamente, para a instalação da Progresso Agrícola, pelo que discordou da sua aquisição para aquele fim. O Presidente da Provincia aceitando e concordando inteiramente com o laudo apresentado por aqueles Srs., recusou os ditos terrenos, que foram, afinal, concedidos pela Assembléa Legislativa, nos termos da Lei N.º 1.228, de 19 de Abril de 1881.

Reunida a Diretoria do Engenho Central, aos 5 de Novembro, ainda em 1880, escolheu para Presidente — Martinus Hoyer para Secretário, José João Alves dos Santos, para Tesoureiro, F. J. Guilhon de Oliveira.

Curta foi a permanência do Dr. Coqueiro no Engenho Central. Vencido, na sua opinião, retirou-se, porisso, da mesma empresa, logo em começos. Entretanto, com a extraordinária visão que possuía, e, ainda, com os conhecimentos profundos que sobre o assunto tinha, não lhe foi difficil prever o desastre a que estava ela fadada.

"Que lhe cabia cabal razão" — afirma Jerônimo de Viveiros J "di-lo o fracasso do Engenho". "Instalado para 1.800.000 quilogramas, teve a sua maior safra limitada a 840.000, apesar dos 10 quilômetros de linha férrea com que fôra dotado".

Foi, justamente, nessa ocasião que pensou, o Dr. Coqueiro, em transformar o Engenho "Castelo", de sua propriedade, em uma grande Usina açucareira.

Assim, em meados de 1882 partiu para Paris, e á grande COMPANHIE DE FIVES-LILLE, uma das maiores do mundo, com séde social e administração á rua Montalivet n.º 7, adquiriu os aparelhos mais aperfeiçoados naquela época existentes, e com cujos engenheiros da Companhia teve, então, ocasião de discutir a construção e instalação de sua futura Usina. Para se aperfeiçoar na indústria do açúcar, permaneceu na Capital da França cerca de sete meses, frequentando, aí, o Laboratório químico de Mr. Pellet, químico dos mais notáveis, ficando, desse modo, perfeito conhecedor dos mais modernos processos empregados, nesse tempo, nas análises das matérias açucaradas, tão necessários a uma fabricação inteligente e racional, como aquela.

Anexo á sua Fábrica, instalou um excelente LABORATÓRIO QUÍMICO, do qual se fez Diretor-técnico, e cujos produtos, para o mesmo, adquiriu, também, pessoalmente, em Paris, LABORATÓRIO QUE FOI O PRIMEIRO A FUNCIONAR NA SUA PROVÍNCIA, OU, QUIÇA, NO BRASIL. Ainda hoje, como é sabido, mesmo as consideradas grandes Usinas, rara é aquela que possúe laboratório químico.

Emquanto, em Paris, adquiria os moderníssimos maquinismos e aparelhos para a sua futura e grande Usina, firmava, o Dr. Coqueiro, por procuração, com o Governo Imperial, no Rio de Janeiro, o contrato cuja certidão passamos a transcrever:

"Certifico que a fôlhas trinta e nove do livro número "três" de Contratos da Diretoria da Agricultura da Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas se acha lançado o seguinte — Contrato entre o Governo Imperial e o Doutor João Antônio Coqueiro para o estabelecimento de um Engenho Central na Província do Maranhão: — Aos vinte e um dias do mês de Dezembro de mil oitocentos e oitenta e dois, presentes na Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas Sua Excelência o Senhor Conselheiro Lourenço Cavalcânti de Albuquerque, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e interinamente dos da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, por parte do Governo Imperial, e o Doutor João Antônio Coqueiro, representado por seu procurador o Doutor Fernando Pires Ferreira legalmente constituído com plenos poderes, entre si acordaram, nos termos dos Decretos números oito mil quinhentos, e cinquenta e seis, de vinte e sete de Maio, e oito mil setecentos e oitenta e seis, de trinta de Novembro, ambos do corrente ano, contratar o estabelecimento de um Engenho Central para fabrico de açúcar de cana, no vale do Pindaré, Município de Monção, Província do Maranhão sob as seguintes condições: — Primeira — o Governo Imperial concede ao Doutor João Antônio Coqueiro ou á Companhia que organizar com o fim de esta-

belecer um Engenho Central para o fabrico de açúcar de cana mediante o emprego de processos e aparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, no vale do Pindaré, Município de Monção, Província do Maranhão, a garantia de juros de seis por cento sobre o capital de seiscentos contos de réis efetivamente empregado na construção do referido Engenho Central e suas dependências. Segunda — O Engenho terá capacidade para moer diariamente duzentos e cinquenta mil (250.000) quilogramas de cana e fabricar durante a safra de cem dias um milhão, duzentos e cinquenta mil (1.250.000) quilogramas de açúcar, no mínimo. Terceira — Todas as obras estarão concluídas no prazo de um ano contado do dia em que tiverem começo, na forma do artigo dezanove, parágrafo primeiro do Regulamento aprovado pelo Decreto número oito mil trezentos e cinquenta e sete, de vinte e quatro de Dezembro, de mil oitocentos e oitenta e um. Quarta — Se a Companhia for organizada com o capital levantado fora do Império, o pagamento dos juros que forem devidos se efetuará na Delegacia do Tezouro em Londres, de conformidade com as regras prescritas nos artigos sétimo e décimo sexto do Regulamento supra-citado. Quinta — O concessionário por si e em nome da Companhia que organizar aceita e sujeita-se a todas as cláusulas do Regulamento aprovado pelo Decreto número oito mil trezentos e cinquenta e sete, de vinte e quatro de Dezembro de mil oitocentos e oitenta e um, que se considera parte integrante do presente contrato. E para firmeza de tudo se lavrou o presente termo, que vai assinado pelas duas partes contratantes acima declaradas, pelas testemunhas Francisco Mariano de Oliveira e Trajano Pereira Brasil e por mim José Pinto Serqueira. Primeiro Oficial da mesma Secretaria de Estado, que o escrevi. Está colada uma estampilha de selo adesivo do valor de quatrocentos réis, devidamente inutilizada e seguem-se as assinaturas: — Lourenço Cavalcanti de Albuquerque — Doutor Fernando Pires Ferreira — Trajano Pereira Brasil — José Pinto Serqueira. E nada mais se continha no referido termo, que para constar, onde convier vai transcrito na presente certidão, passada na Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, aos vinte e seis de Dezembro de mil oitocentos e oitenta e dois e vai assinada pelo Chefe da Diretoria Central da mesma Secretaria de Estado. (a) O Diretor, Francisco Leopoldino Gusmão Lobo". Esta assinatura inutiliza duas estampilhas de selo adesivo, sendo uma de \$5000 e outra de \$400 réis.

Em começos do ano de 1883, regressava, o Dr. Coqueiro, ao Maranhão, trazendo todo o moderníssimo material que, á Companhia Fives-Lille, havia adquirido para a montagem da sua Fábrica. Trouxe, ainda, em sua companhia, dois químicos industriais franceses, Mrs. Cazau e Groffis, com os quais, em Paris, firmara contrato para trabalhar no laboratório da Usina "Castelo".

Instalados os novos maquinismos, bem assim o laboratório químico, operou-se, na vida do "Castelo", uma verdadeira trans-

formação radical. Um grande surto de progresso e de atividade, em todos os sentidos se poudé de pronto notar no ambiente daquella importante Usina açucareira. Máquinas possantes e enormes turbinas a funcionar durante todo o dia e, não raro, também á noite; a moagem de cana aumentada de modo considerável, e, assim sendo, também a safra de açúcar, cujo produto foi, desde logo, considerado de ótima qualidade. Vida inteiramente nova passou a ter o estabelecimento acarinhado pelo Dr. Coqueiro. Era, como se vê, a ciência a serviço da indústria.

Espirito dinâmico e altamente progressista, visando e pugnando sempre pelos interesses do Maranhão, o Dr. Coqueiro enandando-se sobre o modo ao presenciar os métodos ainda usados, tristecia-se sobre o modo ao presenciar os métodos ainda usados, então pelos proprietários de engenhos de cana que continuavam obstinados no emprêgo de semelhantes processos atrasados, tão prejudiciais á indústria açucareira da Província.

Assim, logo após á sua chegada, naquele ano de 1883, á cidade de S. Luiz, subordinada ao título — "INDÚSTRIA AÇUCAREIRA, MELHORAMENTOS DAS PEQUENAS FABRICAS" — encetou, pelas colunas do "O PAIZ", de S. Luiz do Maranhão, jornal de propriedade e direção de Temístocles Aranha, uma campanha vigorosa, escrevendo uma série de interessantes artigos em que, com uma clareza meridiana, procurava demonstrar, aos proprietários de Engenhos de cana, as inúmeras vantagens que adviriam do emprego de modernos maquinismos, em substituição ao braço escravo, acabando, de uma vez por todas, com aquelle método antiquado, obsoleto, usado, então, em todos, ou quasi todos, os Engenhos da Província, para o fabrico do açúcar de cana.

Por serem muitos e demasiadamente longos, nos limitamos, porisso, a transcrever, apenas, um desses artigos: — o IV:

"Ocupar-me-ei, hoje, com os melhoramentos a introduzir-se nas nossas pequenas Fábricas, ou antes, na reforma, por assim dizer, completa, dos aparelhos existentes, porquanto, sejamos francos, não há em toda a Província, um só Engenho que mereça o nome de Fábrica. Eis a que se reduz, quasi que geralmente, o maquinismo da nossa fabricação:

- 1 máquina a vapor, cuja força varia de 4 a 8 cavalos
- 1 engenho acomodado á referida força
- 1 bateria de taxas a fogo nú
- E nada mais.

Alguns donos de Engenho, mais ousados, instalaram defecadores a vapor, onde, a despeito do aparelho empregado, continúa péssima a defecação — tachas a vapor abertas para o ponto, com Aspinal, Wetsel — sobresaindo, apenas, dois Engenhos: o Ipiranga, no Pindaré, e o Lincoln, no Mearim, que adotaram o cosimento no vácuo, infelizmente sem defecação racional, quanto mais filtração de qualquer espécie. Como se vê, de um lado tudo quanto há de mais pri-

mitivo, e de outro alguns ensaios, apenas, de jengemmo, acorrentados á mais pedra e pungente rotina. E admittam-se, ainda, de fabricarmos açúcar escuro, melado, e sem grão... A explicação, momentaneamente, salta aos olhos. A fabricação do açúcar é, hoje, uma operação química das mais delicadas, porém, para o açúcar de cana, propriamente. Com os recursos que a ciência facilita, só deixará de produzi-lo de primeira qualidade quem for de todo surdo á voz do progresso, e como tal inimigo ainda mais obstinado dos seus próprios interesses. Não é utopia, como clama a ignorância presumida; é negócio mais que positivo, como me proponho a provar. Em tudo quanto vai seguir-se, tomarei por base um Engenho que moia, diariamente, de 30 a 40 carradas de canas de uma tonelada ou mil quilogramas cada uma, que é o comum das nossas moagens. E para falar com mais segurança, referir-me-ei á minha própria Fábrica. Emprego, em tempo de safra, dentro do estabelecimento, isto é, exclusivamente na fabricação, o seguinte pessoal: —

- 4 avançando canas para moendas
- 4 no Engenho
- 3 na condução do bagaço seco para as fornalhas
- 3 nas fornalhas (foguistas)
- 1 na defecação a vapor
- 3 nas tachas, na concentração a fogo nú
- 1 na taxa de Aspinal (o mestre do ponto)
- 1, finalmente, na máquina (o maquinista).

Soma total: — 20 pessoas. Isto sem levar em conta as nozes de "serão", em que auxiliam os carregadores de bagaço seco nada menos de 6 a 8 pessoas, com o fim, principalmente, de acumularem-no em grande quantidade para o trabalho do dia subsequente, pois somente dèste modo dão aqueles conta da tarefa que lhes incumbe. Além do bagaço que é possível utilizar-se seco como combustível, queimam-se, mais, em minhas fornalhas, cerca de 1.200 carradas de lenha. Estas 1.200 carradas de lenha representam, por seu turno, o serviço de 10 pessoas durante todo o inverno, já para fazê-la, já para conduzi-la para o Engenho, não falando no capital dispendido em canoas, si é feita a condução por água, em bois, carros, etc., si por terra, empregados em semelhantes meios de transportes.

São, como todos sabem, os mais pesados serviços de engenho os que dizem respeito ao bagaço, ao toque de fogo nas fornalhas e á defecação a fogo nú. Mas, si é ingrata a tarefa dos foguistas e tacheiros, não o é menos a dos carregadores de bagaço, como nos vai demonstrar um cálculo simplicíssimo. Por experiências conhecidas, e que cada um de nós pode repetir em sua casa, as nossas moendas não expremem mais de 60 % de garapa; logo, o bagaço resultante peso 40 %. Assim, uma moagem média de 35 carradas por dia produzirá 40 % de 35 toneladas ou 40 % de 35000 quilogramas,



Isto é, 14.000 quilogramas de bagaço, ou perto de 1.000 arrobas. E como se incumbem deste serviço 3 indivíduos, segue-se que tocam a cada um deles trezentas e tantas arrobas a transportar por dia, ordinariamente á cabeça, e a uma distância da casa de engenho que pôde variar de 10 a 20 braças. A isso cumpre acrescentar o trabalho mecânico ou o esforço que é preciso desenvolver para suspender do chão, á altura da cabeça, as meaçabas de bagaço, que pesam, comumente, de 3 a 4 arrobas cada uma. Pois bem, com a reforma que proponho, além de fazer-se açúcar de 1.<sup>a</sup> qualidade e duplicar-se a produção, torna-se o mais suave que é possível o trabalho do fabrico, e reduz-se á metade o pessoal empregado na casa do engenho. Para fazer melhor ressaltar as vantagens que resultam do novo assentamento, começarei por dizer em que consiste êle e o seu custo. A descoberta das fornalhas Godillot e a filtração econômica por meio das bolsas Puvré, prenderam-me, por tal forma, a atenção que não descansei emquanto não consegui realizar uma instalação que satisfizesse ás exigências das nossas pequenas fábricas. Depois de diversas conferências que tive em Paris com o engenheiro-chefe da grande Companhia Fives Lille, pude obter desta casa um orçamento de aparelhos que, reunindo aqueles melhoramentos e o cosimento no vácuo, dessem em resultado uma fábrica que primasse pela facilidade do serviço, perfeição de seus produtos, e, sobretudo, pela barateza do respectivo material. Eis o orçamento:

1 monte-jús de 10 hectolitros de capacidade, torneiras e acessórios.

3 tachas para defecar, a vapor, de 1m,250 de diâmetro e 10 hectolitros de capacidade útil, compreendendo cada uma; fundo inferior de cobre vermelho, torneiras, tubos, etc..

1 tanque de ferro recebendo as garapas defecadas, de capacidade de 3m,000 x 0m,700 x 0m,400, com falso fundo de ferro, crivado, torneiras, tubos etc..

50 metros de tecidos, bolsas Puvré para filtração econômica.

1 bateria chata de 11m,000 de comprimento, compreendendo: — uma caixa de ferro dividida em três compartimentos, com separações móveis; torneiras de bronze, para entrada da garapa e saída dos xaropes; guarnição de fornalha com porta para receber o bagaço; e registro com corrente e contra-peso.

1 tacha de ferro para cosinhar em grão, no vácuo, de 1m,750 de diâmetro e 1m,400 de altura, munida de 3 serpentinas a vapor, de cobre vermelho; torneiras, válvulas duplas, para cosinhar com o vapor direto ou exausto, em cada serpentina, separadamente; torneira para aspiração dos xaropes; válvulas de volta d'água, de bronze; óculos; espelhos; sondas; torneiras; indicador de vácuo e manômetro; válvula de despejo, de bronze; envelope de pinho vermelho, com arcos de latão polido.

1 vaso de segurança montado sobre coluna de ferro, torneira de despejo e indicador de nível.

1 condensador modificado, de injeção cônica, de 0m,060 de diâmetro.

1 sistema mecânico de bomba de ar, horizontal, com pistão de ar, de 0m,300 de diâmetro e de 0m,400 de curso, guarnição de bronze para os cilindros e pistão; e Motor a vapor, de ação direta, com pistão-vapor, de 0m,230 de diâmetro e 0m,400 de curso.

1 soalho de ferro, com colunas de ferro, para suportar o aparelho do vasio; guarda-corpos.

1 escada metálica para o serviço do soalho.

2 aparelhos de força centrífuga para a purgação do açúcar, com os seus pertences.

1 bomba centrífuga n.º 2, para o ponto; válvula, etc..

1 máquina a vapor, com pistão de 0m,210 de diâmetro e 0m,300 de curso, para tocar as bombas e as centrífugas.

1 bomba alimentar, recebendo o movimento da máquina precedente.

1 transmissão de movimento para a bomba centrífuga e turbinas.

1 caldeira multi-tubular, de aquecimento, de 60 metros quadrados de superfície, fornalha Godillot para queimar o bagaço; prêmio de privilégio; válvulas de segurança; torneiras; indicador de nível; manômetro; registro; guarnição completa de fornalha; etc.. etc..

Diversos: encanamentos, tanques, torneiras.

Chamo a atenção dos interessados para a descrição do material que acabo de fazer, na qual se notam duas máquinas a vapor e uma taxa de cosinhar no vasio, de bom tamanho, afim de poderem aquilatar os grandes esforços que empreguei para ser útil á minha Província, alcançando da Companhia Fives Lille que o manufaturasse por um preço tão baixo que só virá ela auferir lucro real si avultado for o número de encomendas por parte dos proprietários de engenhos, se realmente compreenderem que destes cometimentos depende a prosperidade certa, segura, infalível, de cada um, e, por conseguinte, da indústria açucareira do Maranhão. Custa o referido material, com exceção do último artigo, sob o título — Diversos — a quantia de frs. 40,785.

A soma a empregar-se em encanamentos, tanques e torneiras, a que se refere o citado artigo, depende da planta da casa ou fábrica de cada proprietário de engenho, mas, aproximadamente, podemos calculá-la em cerca de frs. 5.000. Frete, seguro e embalagem de todo o material, posto no porto do Maranhão, podemos ainda avaliar, mais ou menos, em frs. 9.000.

Assim temos:

	Francos
Custo do material .....	40,785
Encanamentos, tanques e torneiras .....	5.000
Frete, seguro e embalagem .....	9.000
Perfazendo um total de .....	54.785



troca de serviços: durante as 4 horas em questão entram os carreiros a fazer o de que estavam incumbidos os 4, que passam a ser empregados todo o dia na fábrica.

Consideremos, finalmente, o novo assentamento sob o ponto de vista de rendimento.

Raro é o estabelecimento nosso que, com os aparelhos de que dispõe, tire da cana 7 % de seu peso em açúcar bruto, depois de realizada, para venda, a pesada no Tesouro, pois que o açúcar que produzimos se compõe de açúcar cristalizável e, na sua maior quantidade, de melação, desprendendo-se êste continuamente dos sacos, o que, além de contribuir para a quebra da respectiva pesada, diminúe a quantidade, altera a qualidade do açúcar cristalizável ou glicose, sem preço para o refinador.

Sem os aparelhos óticos que tenho ainda na Alfândega, e pelos quais esperei, até agora, para publicar o presente artigo, afim de poder basear os meus cálculos em dados seguros, não me é possível dizer a quantidade de açúcar cristalizável contida no açúcar bruto que exportamos, o que é para todos cousa completamente desconhecida.

Nem sabemos o que vendemos, nem sabe o que compra o comércio, mas sabe-o o refinador da Inglaterra, pela análise química a que o submete, e é esta análise que o clarifica e determina-lhe o valor.

Suponho, entretanto, não ficar muito longe da verdade, isso pelas análises que fiz, em Paris, no laboratório químico de Mrs. Pellet, de açúcares semelhantes, dando, antes para mais do que para menos, 60 % para o cristalizável do nosso açúcar bruto.

Aceitos êstes dois algarismos: 7 % para o rendimento em açúcar bruto e 60 % para o cristalizável dêste açúcar, segue-se que o rendimento relativo ao peso da cana será, em açúcar cristalizável, de  $7\% \times 60\% = 4,20\%$ .

Posso quase que afirmar que é 4,20 uma porcentagem muito elevada. Com certeza não representa êste algarismo a generalidade dos rendimentos obtidos nos diversos engenhos da Província. Concorde-mos, porém, que o seja.

Levando-se, agora, em conta a superioridade do fabrico, com o novo assentamento, sobre o do antigo, sob qualquer ponto de vista que se encare, não é fora de propósito admitir-se que êle traga, pelo menos, o aumento de um por cento no rendimento em cristalizável, que virá a ser, então, de 5,20 %.

Ora, com o açúcar de 2.º jato cresce a produção mais 25 %, o que eleva aquela porcentagem a 6,50.

E', realmente, o mínimo que se deve esperar dos novos aparelhos. E no meu fraco entender não há razão para contar-se com um rendimento inferior a 7 %.

Adotemos, porém, 6,50 %.

Pode-se, além disso, calcular em 4.000 toneladas a moagem (termo médio) de quase todos os nossos engenhos. Mas, como dispensa o novo assentamento o serviço de 9 pessoas durante todo o ano, se-

gue-se que elas podem ser empregadas em tratar de mais duas e meia a três quadras de canas, ocupação mais agradável que a que tinham na fábrica, as quais podem produzir cerca de 1.000 toneladas.

Assim, com o novo maquinismo, poderá cada lavrador, sem atropelo de qualidade alguma, preparar 5.000 toneladas de canas e moê-las com muito menos dificuldade do que quando nos antigos aparelhos manipulavam 4.000.

Façamos, agora, os nossos cálculos e estabeleçamos as necessárias comparações:

#### Estabelecimento primitivo.

Moagem total . . . . .	4.000.000 Kg.
Porcentagem em açúcar cristal . . . . .	4,20 %
Produto da safra em açúcar cristalizável 4.000.000	
Kg. x 4,20 = . . . . .	168.000 Kg.

#### Estabelecimento reformado

Moagem total . . . . .	5.000.000 Kg.
Porcentagem em açúcar cristal . . . . .	6,50 %
Produto da safra em açúcar cristalizável 5.000.000	
x 6,50 = . . . . .	325.000 Kg.

Comparando-se os dois resultados, vê-se que êste último é quasi o dobro do primeiro, o que eu queria provar.

#### No 1.º caso:

280.000 Kg. (4.000.000 x 7 %) de açúcar bruto a 125 réis o Kg. (preço médio) igual a Rs. . . . .	35:000\$000
A deduzir: despesas com sacos, fretes, seguro, armazenagens, comissões, 30 réis por quilograma, fator conhecido . . . . .	8:400\$000
Produto liquido . . . . .	26:600\$000

#### No 2.º caso:

Começemos por calcular o preço do açúcar fabricado no novo estabelecimento, o qual nos val ser dado por uma simples proporção.

Notando-se que os títulos em cristalizável dos dois açúcares são:

4,2 e 6,5 e que 125 réis é o preço do quilograma do primeiro, diremos: se a 4,2 corresponde 125 réis, a 6,5 quanto corresponderá X?

$$\text{E, daí, teremos: } \frac{X}{125} = \frac{6,5}{4,2}$$

$$\text{Donde se tira: } X = \frac{6,5 \times 125}{4,2} = 193 \text{ réis, isto é, quasi 200 réis.}$$

Tomaremos, no entretanto, 180 réis, que será preço muito regular. Posto isto, produzindo as 5.000 toneladas de canas  $5.000.000 \times 6,5\%$  = 325.000 quilogramas de açúcar; e vendido este á razão de 180 réis o quilograma, teremos:

$$325.000 \text{ quilogramas} \times 180 \text{ réis} = 58.500\$000$$

Subtraia-se, agora, a despesa de exportação: — 30 réis por quilograma.

Mas, para isso, é preciso primeiro determinar a pesada real do açúcar, por isso que a de 325.000 quilogramas refere-se, tão somente, á parte cristalizável.

Marcam, ordinariamente, ao sacarímetro, os açúcares fabricados nas condições do novo assentamento, termo médio, 90 gráus; isto quer dizer: que sobre 100 partes há 90 de açúcar cristalizável e 10 de partes estranhas.

Assim, para termos a pesada real buscada bastará adicionar a 325.000 a sua nona parte, o que dará 361.111 quilogramas.

A despesa, portanto, será:

$361.111 \times 30 = 10.833\$330$ ; e o produto liquido igual .....  $58.500\$000 - 10.833\$330 = \text{Rs. } 47.666\$670$ , quantia, essa, que, a despeito dos dados desfavoráveis em que foram baseados os cálculos precedentes, é quase o dobro da colheita do engenho primitivo, que achamos ser igual a 26:600\$000.

São, em resumo, as vantagens do novo assentamento: — extrema facilidade no trabalho do fabrico; diminuição de nove empregados no pessoal do engenho; superior qualidade no açúcar fabricado; e, finalmente, elevação da produção ao dobro.

Eis as vantagens incontestáveis que oferece o novo assentamento, e que não são para fazer recuar a nenhum lavrador, seja qual for o sacrifício que fizer, diante do capital a empregar, o qual será largamente coberto logo com a primeira safra. Ponho-me, desde já, aos serviços dos que me quizerem honrar com as suas encomendas.

Seria hipocrisia de minha parte se dissesse que não aceito qualquer comissão que entendam dever merecer o trabalho que tenho tido e que ainda possa ter. Mas, com a mesma franqueza o digo, mesmo sem fazer jús a essa comissão, não será isso motivo para que eu deixe

de encarregar-me das referidas encomendas, pois que o fim principal que eu tenho em mira com estas publicações e informações, é concorrer, tão somente, com as minhas débéis forças, para arrancar do abatimento em que há muito se acha o território em que vivo o berço: — o meu querido Maranhão. (a) J. A. Coqueiro".

Conforme se vê, por esse artigo do Dr. Coqueiro, em Paris, em 1882, quando foi adquirir os maquinismos e aparelhos para a Usina "Castelo", obteve do Engenheiro-chefe da Companhia Fives-Lille um orçamento, completo, do material necessário para a montagem de uma Usina açucareira no Maranhão, material, esse, baratissimo e que importava em 3.000 libras somente. Ora, por 3.000 libras, como ocentua o Dr. Coqueiro nesse seu interessante artigo, adquiriu, em Liverpool, o Sr. José Joaquim de Azevedo Almeida, para o seu Engenho de cana "Ipiranga", um único aparelho — a taxa de vácuo. Além de baratissimo o material que se propunha fornecer aos proprietários de Engenho de cana da Provincia, a Companhia Fives-Lille, havia, ainda, a considerar a qualidade e a quantidade do referido material.

As palavras, abaixo, desse artigo do Dr. Coqueiro, merecem ser postas em destaque, pois bem traduzem o seu entranhado amor á sua terra berço. Diz elle:

"Chamo a atção dos interessados para a descrição do material que acabo de fazer, na qual se notam duas máquinas a vapor e uma taxa de cosinhar no vazio, de bom tamanho, afim de poderem aquilatar os grandes esforços que empreguei para ser útil á minha Provincia, alcançando da Companhia Fives-Lille que o manufacturasse por preço tão baixo que só virá ella auferir lucro real si avultado for o número de encomendas por parte dos proprietários de Engenhos, se realmente comprehenderem que destes cometimentos depende a prosperidade certa, segura, infalivel, de cada um, e, por consequente, da industria açucareira do Maranhão".

Vê-se, por estas palavras, que o Dr. Coqueiro, ao ir á França para tratar dos interesses do seu estabelecimento agricola, não se esquecera de cuidar também dos interesses dos proprietários de Engenhos de cana da Provincia, do progresso de cujos estabelecimentos estava convencido dependia a prosperidade e o futuro da industria açucareira do Maranhão.

Entretanto, esse sonho, esse grande ideal do Dr. Coqueiro, pelo qual se vinha debatendo, com o maior ardor e consagração, desde 1870, e que consistia na transformação dos velhos e antiquados Engenhos de cana da Provincia em modernas e bem aparelhadas Usinas açucareiras, todo esse sonho, todo esse seu grande ideal, jamais pode ver transformado em realidade. Os proprietários de Engenhos, presos á mais pertinaz e teimosa e prejudicial rotina, a nada atenderam, e, assim sendo, infértil

foram os esforços e a dedicação e o trabalho, que não foi pequeno, do Dr. Coqueiro naquele sentido.

Ficou-lhe, de tudo isso, não obstante, o grande consolo e a consciência tranquila de tudo, mas tudo ter feito em prol do levantamento da indústria açucareira da terra que lhe serviu de berço, não só pela propaganda e defesa que, pela imprensa, fez de suas adiantadas idéias, como, também, pela magnífica organização e científica instalação que deu ao seu estabelecimento agrícola: — a Usina "Castelo".

Realizaram-se, na Capital do Maranhão, em épocas diferentes, (1883-1885) duas Exposições de açúcar, a cada uma das quais concorreram para mais de trezentos fabricantes, todos da Província.

A convite do benemérito e grande intelectual maranhense, que foi Temístocles da Silva Maciel Aranha, a quem coube a glória daqueles certames, aceitou a incumbência de proceder — GRATUITAMENTE — à análise química das tresentas e tantas amostras de cada uma das Exposições, empregando, nessas análises, feitas com os seus aparelhos, PELA VEZ PRIMEIRA, NO MARANHÃO, PROCESSOS SACARIMÉTRICOS SPECTROSCÓPICOS. Foi, o Dr. Coqueiro, o Presidente da Comissão Julgadora das amostras apresentadas.

A Lei áurea de 13 de Maio de 1888 — extinguindo a escravidão no Brasil — decretada de chofre, veio dismantelar completamente todos os estabelecimentos agrícolas do Brasil. A' minguada de braços, não foi mais possível, ao Dr. Coqueiro, manter a Usina "Castelo", que ia em franca prosperidade.

Sob as maiores dificuldades e inauditos sacrifícios, o Dr. Coqueiro ainda conseguiu manter o seu estabelecimento agrícola durante os anos de 1890 e 91, e isso graças á iniciativa que teve de mandar buscar, em Fortaleza, cearenses para substituir o braço escravo. Dessa data em diante, porém, tão grandes chegaram a ser essas dificuldades e tais os contratempos que teve de enfrentar, que se viu na dura contingência de vender aquela sua Usina, fruto de 20 anos de ininterrupto e intenso labor, e a qual reservara as suas melhores energias e onde havia empregado toda a sua fortuna, que, como é sabido, não era pequena.

Assim, aos 21 dias do mês de Fevereiro de 1892, propunha, o Dr. Coqueiro, á Companhia que tinha como Diretores os Srs. Dr. José Francisco de Viveiros e os Tenentes-Coroneis Francisco Xavier de Carvalho e Feliciano Moreira de Souza, o traspasse de seu estabelecimento agrícola, Usina "Castelo", situado no Município de Monção, no vale do Pindaré, com três léguas de terra, sendo duas de testada e uma de fundo, aparelhos os mais aperfeiçoados, excelente laboratório químico, acessórios, utensílios e grande número de peças de sobrelentes, várias casas de telha e de palha, canaviais, gado vacuum e cavalari, pela quantia de

130:000\$000 (cento e trinta contos de reis), cuja escritura de venda foi assinada em 10 de Maio dêsse ano.

Para se bem avaliar do que foi essa Usina, que durante 20 anos esteve sob a direção técnica e contróle do Dr. Coqueiro, basta atentar para o seguinte fato: — enquanto as propriedades agrícolas, na Província, não atingiam o preço, médio, de venda, de 10:000\$000 (dez contos de reis) a Usina "Castelo" era, na mesma ocasião, vendida por aquela elevada quantia.

O culto e experimentado Coronel Alexandre José de Viveiros, de saudosíssima memória, e que, desde seus verdes anos, em S. Paulo, se vinha ocupando, tecnicamente, da agricultura em geral, e, no Maranhão, desde 1900, da indústria açucareira, no magnífico folheto que publicou em 1918, em S. Luiz, no qual, circunstanciadamente, trata do problema da indústria do açúcar naquele Estado nordestino, fazendo, sobre isso, os mais interessantes e oportunos comentários, diz:

"E é este o motivo por que elle (o estado), com os seus 600.000 habitantes, e que já chegou a exportar, em 1882, 16.114.208 quilos de açúcar, não produz, hoje, um milhão de quilos, importando, porisso, mais de 60% do seu consumo, como demonstra-se pelas estatísticas officiais, que indicam, em 1915, o alto valor de 800:000\$000 de réis. Neste último decênio, dois grandes estabelecimentos açucareiros, — a Usina "Castelo", com capacidade para 6.000 sacos, e o Engenho Central S. Pedro, para 25.000, fecharam as portas, sem que a geração moderna, exceto o digno lavrador Fabrício Caldas de Oliveira, desse um passo para salvar a obra dêsse dois grandes espiritos — Martinus Hoyer e João Antônio Coqueiro".

"BRASIL AÇUCAREIRO", órgão official do Instituto do Açúcar e do Alcool, do mês de Abril de 1937, por ocasião do centenário do Dr. Coqueiro, ao se ocupar de sua individualidade como industrial, assim se expressa:

"Comemora-se este mês, o primeiro centenário de nascimento do Dr. João Antônio Coqueiro, que foi o iniciador da indústria açucareira em bases científicas no Estado do Maranhão.

Nascido na cidade de S. Luiz, Maranhão, em 30 de Abril de 1837, João Antônio Coqueiro seguiu muito joven para Europa, onde fez os seus estudos superiores. Cursou a Escola Central de Engenharia de Paris e doutorou-se pela Universidade de Bruxéias. Escreveu várias obras sobre matemática e exerceu importantes funções públicas, tendo falecido no Rio de Janeiro em 1910. Interessando-se pela indústria açucareira, foi a Paris especialmente para estudar tecnologia açucareira e lá adquiriu a moderna aparelhagem com que montou a sua Usina denominada "Castello", no vale do Pindaré, no Município maranhense de Monção. O laboratório químico dessa im-

portante Usina foi o primeiro a funcionar na Província, tendo sido feitas nele as análises dos produtos apresentados em duas Exposições açucareiras realizadas em S. Luiz. Estudioso de assuntos agrícolas, em geral, J. A. Coqueiro fundou e dirigiu, por muito tempo, o "Jornal da Lavoura", que era uma fonte de ensinamentos práticos e úteis para a classe dos lavradores. Grande parte de seus trabalhos científicos ficou dispersa na imprensa diária. Entre estes, figura uma excelente monografia — "Indústria açucareira, melhoramentos das pequenas fábricas" — em que consubstanciava os últimos ensinamentos da tecnologia açucareira, na sua época, bem como a sua experiência pessoal. Essa monografia foi divulgada em capítulos sucessivos no jornal "O Paiz", do Maranhão, no ano de 1883. Em Abril corrente foi distribuída uma poliantea em memória do primeiro centenário do nascimento do Dr. João Antônio Coqueiro".

Foi, o Dr. Coqueiro incumbido pelo Presidente da Província de apresentar um plano para a criação de uma Escola de Agricultura, projeto publicado em todos os jornais do Maranhão. A situação financeira do momento, ao que parece, não permitiu, todavia, se tornasse esse projeto realidade.

Respondendo ao apelo que lhe foi feito, em 1891, pelas classes conservadoras, quando se viram a braços com a maior crise econômica por que passou o Maranhão, em virtude da Lei de 13 de Maio de 88, a elas respondeu apresentando um minucioso e interessante "PROJETO PARA A FUNDAÇÃO DA AGRICULTURA PRÁTICA E RACIONAL NO ESTADO DO MARANHÃO". Por ele, seriam instaladas quatro Estações Agrônomicas: — no Turi-assú, no Pindaré, Alto Mearim e Itapicuru; uma Escola Industrial, na Capital; e uma Escola de Agricultura, no interior da ilha de S. Luiz.

Nesse projeto, em que ele vai aos mínimos detalhes, e que passamos a transcrever, na íntegra, se vê a grande competência do industrial e agricultor aliada ao extraordinário carinho com que tratava sempre de tudo que de perto interessava à sua terra natal.

O CONGRESSO PEDAGÓGICO, de S. Luiz, em 1922, isto é, 31 anos depois, publicou, na íntegra, esse trabalho do Dr. Coqueiro, por CONSIDERÁ-LO DE GRANDE VALOR.

Acêrca desse magistral Projeto do Dr. Coqueiro, o Dr. Tomaz Coelho Filho, Engenheiro Agrônomo dos mais competentes, laureado pela Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária do Governo Federal, precursora das atuais Escolas Nacionais de Agronomia, Veterinária e Química, e da qual foi Lente Catedrático, assim se manifesta:



Tomaz Coelho Filho, profissional de renome, técnico dos mais abalizados e acatados, e que, sobre esse Projeto do notável cientista, faz a apreciação que se segue.

"No seu "Projeto para a fundação da agricultura prática e racional no Estado do Maranhão", elaborado em 1891, o Dr. João Antônio Coqueiro, numa confirmação inequívoca de gênio de estadista, capaz de criar e organizar a prosperidade de um povo, e revelado na campanha que empreendera, com patriotismo, superioridade de vista e ânimo inquebrantável, em prol da reforma e fomento da economia açucareira de seu Estado natal, impressiona por suas idéias avançadas, acuidade do espírito e exuberância do talento. Admirável tenha, ele, concebido com magistral critério, em época tão recuada (há meio século) a estruturação de um plano de amparo e desenvolvimento da riqueza agrícola, que, ainda hoje, se discute entre nós, não logrando, infelizmente, convencer á mentalidade patricia, não obstante única, racional e científica, na própria sanção das civilizações mais cultas.

De feito, experimentação e ensino agronômico, — vigas mestras do levantamento da agricultura, — e que, somente vinte anos após á divulgação do seu referido "Projeto", ensaiam, timidamente, essa função essencial, no Decreto, federal, n.º 8.319, de 20 de Outubro de 1910, encontram, na vigorosa imaginação e vasta e sólida cultura do notável engenheiro, a pauta de seu preciso conceito filosófico e a exata medida de seu valor na fundamentação da politica da agricultura. E comprovam-no, eloquentemente; — o considerar, ele, uma

Escola agrônômica, convenientemente instalada e aparelhada, como o fator precípua, que seria, da prosperidade do Estado; sugerir que, estabelecimento desse gênero, fosse localizado na Capital, e não, no interior; sua noção perfeita da alta finalidade de uma Estação experimental e, até, nos moldes atuais norte-americanos, isto é, pesquisas, demonstração e extensão, surpreendendo, igualmente, com a posse de conhecimentos estritamente técnicos, e assás incipientes a seu tempo, assim os referentes á cultura intensiva de plantas. Outros títulos, não menos expressivos, intelectual, moral e historicamente, merecem, também, para ele, reivindicados, tais: a prioridade, ao menos, na idéia da formação de um corpo de técnicos, brasileiros, especializados, mandando, o poder público, a suas expensas, jovens, de escol, estudar em países adiantados; a valorização do profissional, recomendando a privatividade da direção das Estações experimentais a "engenheiros agrônomos"; a nucleação do ensino industrial num sistema educacional.

O "Projeto", do insigne cidadão, que se antecipou ao seu verdadeiro clima espiritual, é uma síntese genial da moderna doutrina agrônômica científica".

O Professor Tomaz Coelho Filho, cujas palavras acima bem traduzem a sua cultura invejável e os conhecimentos aprofundados que possui sobre tudo que diz respeito a assuntos agrônômicos, cursou as Universidades de Cornell e Missouri, nos Estados Unidos. Foi Consultor Técnico da Sociedade Nacional de Agricultura e Redator de seu boletim oficial "A Lavoura". E' um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Agronomia e um dos paladinos da, hoje, vitoriosa regulamentação da profissão agrônômica, no Brasil. Colaborou em numerosos congressos, conferências e exposições, técnicos e científicos, nacionais e internacionais. Escritor e jornalista, tendo versado os mais variados assuntos da sua profissão e redigido a seção agrícola de importantes órgãos da imprensa carioca, como o "Jornal do Brasil", "O Paiz" e "A Pátria", escrevendo, igualmente, para periódicos estrangeiros. Foi Diretor efetivo da Escola Técnica Secundária da Prefeitura do Distrito Federal, onde deixou o mais alto conceito como educador e administrador. Como Professor na Escola Su-

perior de Agricultura, foi distinguido com a homenagem e parainfado de várias turmas de Engenheiros Agrônomos. Interessante coincidência: — ainda recentemente mereceu convite, que não poudo aceitar, do atual Interventor Paulo Ramos, ao assumir este seu elevado cargo, para organizar e dirigir os serviços de agricultura do Estado do Maranhão. E', atualmente Professor Catedrático da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

PROJETO PARA A ORGANIZAÇÃO DO ENSINO  
AGRICOLA E INDUSTRIAL E A FUNDAÇÃO DA  
AGRICULTURA PRÁTICA E RACIONAL  
NO ESTADO DO MARANHÃO

Este meu trabalho não é, verdadeiramente, um Projeto e sim um esboço do mesmo, pois o que ousou apresentar é, apenas, um plano geral para a organização do ensino agrícola e industrial e a fundação da agricultura prática e racional no nosso Estado, sendo que os detalhes virão, naturalmente, depois, em Regulamentos, nos quais tudo será previsto e atendido.

Assim, passamos a expor, em linhas gerais, de que consta este esboço de Projeto.

Por êle teremos :

- 1.º — Quatro Estações Agronômicas, cada uma das quais dirigida por um Engenheiro agrônomo dos mais hábeis que se possa mandar vir da Europa. Estas Estações serão localizadas: — uma no Pindaré; outra no Alto Mearim; outra no Itapicuru (Codó); e outra, finalmente, no Turi-assú.
- 2.º — Uma Escola Industrial, que será instalada na antiga Casa dos Educandos.
- 3.º — Uma Escola de Agricultura, que será estabelecida na Capital, em terras e local como os da Maioba e que ofereçãa as necessárias condições.

Essa Escola, porém, não será criada desde logo e sim depois de conseguirmos os meios que este Projeto sugere mais adiante, os mais eficazes, aliás, para se poder fundar um estabelecimento como o que se pretende, e do qual, a meu vêr, depende, unicamente, o próspero futuro do nosso Estado.



## ESTAÇÕES AGRONÔMICAS

Estas Estações têm por fim oferecer aos nossos lavradores campos de experiência científica e racionalmente dirigidos por agrônomos profissionais, onde qualquer individuo poderá aprender, praticamente, todos os processos e ouvir sábios conselhos sobre a cultura ou indústria de sua especialidade afim de tirar dela o maior proveito possível. Para mostrar o valôr e o alcance destas Estações bastará atentar para o seguinte: Suponhamos, por exemplo, um lavrador possuidor de várias terras, mas ignorando, por completo, qual a cultura que nelas se desenvolverá melhor. Nessa ignorância, comum em todos os nossos agricultores, tudo ahi será plantado á esmo e sem nenhum método, fazendo, com certeza, o lavrador, culturas impróprias para aquelas terras, e, por conseguinte, sem grandes resultados compensadores. Mas, si, porventura, êle se dirigir á Estação Agronômica e levar algumas amostras das mesmas terras para serem analisadas, tudo ficará perfeitamente esclarecido. Á vista desta análise, será imediatamente informado de quais as suas partes componentes e qual o estrume que deverá usar nas suas lavras. Em seguida, verá, ainda, a prática da cultura intensiva; ficará conhecendo, também, as variedades das plantas que constituem o seu cultivo e a qual delas deverá dar preferência, e, depois de ter examinado e colhido tudo quanto lhe possa interessar, voltará á casa e procurará, sem andar mais ás apalpadelas, sem receio, absolutamente, de errar, antes pelo contrário, convicto e cheio de fé, reproduzir e por em execução tudo o que viu e observou, nada o impedindo, ainda, de repetir essas visitas tantas e quantas vezes lhe aprouver. E quando chegarmos a êste resultado poderemos, então, dizer, e com segurança, que raiou para a lavoura do Maranhão uma nova era.

A cada Engenheiro Agrônomo, na sua Estação, competirá:

- 1.º Estudar as plantas indígenas e exóticas, e, entre estas, as melhores espécies ou variedades cuja cultura mais convenha explorar na zona a que pertence a sua Estação.
- 2.º Analisar as terras e determinar a natureza dos amanhos que mais se adaptem ás referidas culturas.
- 3.º Percorrer, duas vezes por ano, tôdas as fazendas compreendidas no perimetro de sua zona, demorando-se dois dias, pelo menos, em cada uma delas nas duas épocas em que essas visitas forem mais proveitosas aos lavradores, encaminhando-os de perto e fazendo-lhes ver os erros que, porventura, tenham cometido e os meios de remediá-los.
- 4.º Remeter, ao Governo do Estado, os produtos da cultura da sua Estação.
- 5.º Apresentar, ao mesmo Governo, todos os anos, um minucioso Relatório sobre os trabalhos realizados na referida Estação e os resul-

tados obtidos pelos lavradores nas suas fazendas, salientando, ainda, os que mais se tiverem distinguido, que, neste caso, como recompensa, sejam premiados pelo dito governo.

## ESCOLA INDUSTRIAL

Esta Escola tem por fim formar homens práticos, mestres de obras, químicos, e, dêste modo, abrir largos horizontes a muitas indústrias, cuja criação e progresso dependem de especiais conhecimentos, que só poderão ser adquiridos em uma escola industrial, onde o ensino teórico e prático sejam uma realidade.

## ESCOLA DE AGRICULTURA

Das três instituições de que trata êste projeto é esta, sem dúvida, a mais difficil de realizar-se no nosso Estado, e isso por falta absoluta de pessoal docente habilitado.

Para mandar buscá-lo no estrangeiro seria preciso dispender-se grandes somas, sem levar em conta, ainda, a perda de tempo para que os professores se identificassem com a língua do país e os alunos com as deles.

Esta difficuldade, porém, poderia ser sanada da seguinte forma: escolheria o Governo, por concurso severo, aberto para moços de 16 a 18 anos, dez dos mais habilitados nas seguintes materias: português, francês, inglês, aritmética, álgebra, geometria e desenho linear.

Êsses dez moços seriam enviados para o estrangeiro, dirigidos aos Cônsules do Brasil nos respectivos países. Iriam dois para a Alemanha, dois para a França, dois para os Estados Unidos (Oeste) dois para a Bélgica, e dois, finalmente, para a Inglaterra, afim de se matricularem e cursarem as respectivas Escolas. Um ano depois, entregar-se-iam á prática e á explorações agricolas mais de acôrdo com a especialidade de cada um.

No fim de cinco anos, de regresso ao país, poderíamos, pelo menos, dêsses dez moços, aproveitar a metade, a qual seria, desde logo, incumbida, pelo Governo, da organização da Escola de Agricultura e de seu ensino.

Dahi por diante seria, então, conveniente que o Governo mandasse, sempre, dois ou quatro rapazes á Europa e aos Estados Unidos, e, assim, ir-se-ia completando e melhorando o ensino agrícola da Escola, e, ao mesmo tempo, teríamos pessoal habilitado para preencher os claros que se abrissem entre os Professores em exercício.

EDMUNDO COQUEIRO  
PROGRAMAS E ORÇAMENTOS

Escola Industrial.

Programas do curso.

1.º ano. 1.ª cadeira.

Aritmética, Algebra, Geometria, aplicada ás artes, Desenho linear e de lavis.

2.º ano. 2.ª cadeira.

Trigonometria e as suas applicações ao nivelamento; levantamento de plantas; Agrimensura; Geometria Descritiva e as suas applicações ao corte das pedras; teoria das sombras e madeiramentos; Desenho linear e de lavis. Prática no campo.

Tercero ano. 3.ª cadeira.

Mecânica prática; construção prática; desenho de máquinas e de arquitetura.

Quarto ano. 4.ª cadeira.

Fisica Industrial; Quimica Industrial; manipulação de quimica.

Parte prática.

Com os cursos funcionarão as quatro oficinas seguintes: carpina modelador; máquinas e ajustador; ferrelto; fundidor.

HORARIO DOS CURSOS

Os cursos, inclusive trabalhos gráficos, desenho e manipulações de quimica, funcionarão das 6 horas da manhã ás 10. Das 10 ao meio dia, almoço e descanso, dentro da Escola. Cada aluno levará o que entender preciso para essa refeição do dia, segundo as suas posses. Ao meio dia, entrada dos alunos para as diferentes oficinas, conforme a especialidade que escolherem, onde permanecerão até as 5 horas da tarde. As 5 horas, saída geral dos alunos.

DESPESAS QUE SE TERAO DE FAZER E DE UMA SÓ VEZ  
ESTAÇÕES AGRONÓMICAS

Passagens dos quatro Engenheiros agrônomo, gastos no desembarque, á razão de 250\$000 cada um ....	1:000\$000
Importância de um laboratório de quimica e produtos quimicos, para cada uma das Estações, a 1:250 ..	5:000\$000
Mobilia para as quatro Estações e assentamento do laboratório ..	1:000\$000
<b>Soma</b> ..	<b>7:000\$000</b>

VIDA E OBRA DO PROF. COQUEIRO  
ESCOLA INDUSTRIAL

Importancia de um gabinete de fisica e de um laboratório de Quimica .....	7:000\$000
Importancia da mobilia para a Secretaria e aulas da Escola .....	1:000\$000
Montagem das oficinas .....	14:000\$000
<b>Soma</b> .....	<b>22:000\$000</b>

ESCOLA DE AGRICULTURA

Preparação do pessoal docente na Europa e Estados Unidos e passagens dos 10 moços, em primeira classe, e dinheiro para as despesas do primeiro estabelecimento, á razão de 100\$000 cada um .....	1:000\$000
---	------------

CUSTEIO ANUAL DAS ESTAÇÕES  
ESTAÇÕES AGRONÓMICAS

Ordenado aos Professores estrangeiros, a 2.000 francos por mês a cada um (800.000) .....	9:600\$000
Idem, a cada um dos ajudantes .....	1:800\$000
Salários a 5 homens, para o serviço do campo, á razão de 400\$000 por ano a cada um .....	2:000\$000
Para produtos quimicos e extraordinários .....	600\$000
<b>Soma</b> .....	<b>14:000\$000</b>
Multiplicado por 4 (número das Estações) .....	56:000\$000

ESCOLA INDUSTRIAL

Ordenado a cada um dos Lentes das 1.ª 2.ª 3.ª e 4.ª cadeiras, contratados, neste Estado, á razão de 3:000\$ ..	12:000\$000
Idem aos 4 Mestres das oficinas, também contratados, aqui, e á razão de 200\$000 mensais cada um ....	9:600\$000

Idem ao Professor de Física e Química Industrial, que o Governo mandará vir da Europa, por ano . . . .	9:600\$000
Idem ao Mestre das oficinas, idem, idem, por ano . . . .	4:800\$000
Secretário. Ordenado ao mesmo . . . . .	1:800\$000
Amanuense. Idem, idem, . . . . .	1:000\$000
Porteiro. Idem, idem, . . . . .	600\$000
Bedéis. Ordenado a dois bedéis para o serviço de aulas, a 600\$000 cada . . . . .	1:200\$000
Continuo. Ordenado de um continuo para o serviço das aulas e oficinas . . . . .	600\$000
Material para as oficinas, produtos químicos, utensílios para as aulas de desenho, expediente da Secretaria . . . . .	3:800\$000
	<hr/>
	45:000\$000

### ESCOLA DE AGRICULTURA

É muito provável que as despesas, anuais, com o custeio

dessa Escola não excedam de . . . . . 49:000\$000  
Recapitulação.

### DESPESAS QUE SE TERÃO DE FAZER E DE UMA SÓ VEZ

Estações Agronômicas . . . . .	7:000\$000
Escola Industrial . . . . .	28:000\$000
Escola de Agricultura . . . . .	5:000\$000
	<hr/>
	40:000\$000

Custeio anual das três instituições:

Estações Agronômicas . . . . .	56:000\$000
Escola Industrial . . . . .	45:000\$000
Escola de Agricultura . . . . .	49:000\$000
	<hr/>
	150:000\$000

## VIDA E OBRA DO PROF. COQUEIRO 101

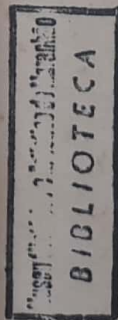
### MODO DE PROVER AS DESPESAS COM AS TRÊS INSTITUIÇÕES

O Governo decretará a taxa de 2\$000, a qual se denominará de **INSTRUÇÃO INDUSTRIAL**.

Pagarão essa taxa todos os cidadãos maiores de vinte e um anos, com exceção dos miseráveis. A taxa, que será cobrada pelas Intendências Municipais, dividir-se-á em duas partes iguais: uma, que ficará pertencendo á Intendência para a manutenção das suas Escolas primárias; e outra, que se recolherá aos cofres do Tesouro Público do Estado, para ter exclusivamente a aplicação que lhe dá o presente Projeto.

Admitindo-se, porém, que dos 500.000 habitantes que possui o Maranhão somente 150.000 estejam no caso de pagar a referida taxa, tudo levará a crer que se poderá contar com uma renda de 300:000\$000 anuais, dos quais 150:000\$000 pertencerão ás Intendências e os outros 150:000\$000 ao Estado. Essa taxa, que deverá ser paga da melhor boa vontade por todos os maranhenses, á razão de 1\$000 por pessoa e por semestre, é capital, sem dúvida nenhuma, posto a juros tão elevados que só não será devidamente aquilutado por quem, como os selvagens, desconhece o valor da instrução. Convençamos, de uma vez por tôdas, de que não é com remédios illusórios que conseguiremos debelar os males que nos afligem. Não pôde ser mais desoladôra a situação do nosso Estado. Ninguém ignora, hoje, que, depois da Lei de 13 de Maio, as fazendas algodoeiras se converteram em verdadeiras tapéras. Dos engenhos de cana, talvez não passe de uma dezena, os que se acham, ainda em atividade, animados, talvez, pelo alto preço do açúcar na penúltima safra, o qual, a meu ver, não se sustentará. Não há mais homem de campo, e muito menos mulher, que se queira sujeitar, no momento que atravessamos, aos rudes labores da nossa ingrata e rotineira lavoura. Acontece que uns procuram e preferem, mesmo, a vagabundagem da Capital, das cidades e das vilas; e outros e êstes em diminuto número, emigram para outros Estados.

Por outro lado, familias e capitalistas, dos mais abastados abandonam a pátria maranhense para ir; uns, residir no Rio de Janeiro, onde há exuberância de vida; e outros, para a Europa, levando, assim, os seus capitais — o que é muito pior — por não os julgarem, aqui, suficientemente garantidos.



Fogem, pois, os braços. Fogem os capitais. Que nos resta, afinal? A terra, somente a terra, porque naturalmente não pode fugir também.

Pobre Maranhão!...

Porém, continuemos a tratar do nosso Projeto.

Adotado o plano que vimos de explanar, começará o Estado a economizar, de pronto, a soma que depende, anualmente, com a instrução primária da Capital e do interior, e que representa ..... 140:000\$000

Durante os 5 primeiros anos, tempo do tirocinio dos 10 estudantes nas Escolas estrangeiras, a despesa anual sera :

Com as Estações Agronômicas .....	56:000\$000
Com a Escola Industrial .....	45:000\$000
Com mesadas aos alunos (1:500\$000) cada um .....	15:000\$000
<hr/>	
Soma total . . . . .	116:000\$000
Como vimos, poderemos contar com .....	150:000\$000
<hr/>	
Teremos um saldo, portanto, de .....	34:000\$000

Mas, logo que a Escola de Agricultura do Estado começar a diplomar discípulos aproveitáveis, passarão imediatamente a ser dispensados químicos estrangeiros, que serão substituídos pelos nossos, que terão de vencimentos anuais, 3:000\$000. A saída dos agrônomos estrangeiros importará numa economia de 24:000\$000, quantia que poderá ser aplicada no aumento do número das Estações Agronômicas, número que convirá multiplicar tanto quanto permitirem os recursos da taxa "Instrução Industrial", pois que, dêste modo, não só tomarão grande incremento todos os gêneros da nossa produção, como se aclimarem, ainda, outros de origem exótica, podendo tanto estes como aqueles dar motivos a muitas indústrias pequenas de subido valôr, até aqui desconhecidas. Durante o período da aprendizagem dos estudantes no estrangeiro, o Governo do Estado occupar-se-á da construção das casas que julgar necessárias para a instalação da futura Escola de Agricultura, em local que já deverá estar escolhido. Só a economia a fazer-se com a supressão da verba de despesas com a instrução primária, no orçamento do Estado, em um só ano, dará para se realizar tôdas essas obras.

Para dirigir êsse serviço, o Governo convidará, então, um Agrônomo estrangeiro.

A Escola Industrial poderá começar logo depois de instaladas as oficinas, trabalho, êste, que convem confiar ao Mestre-diretor, de que acima falámos. A renda dessas oficinas será exclusivamente aplicada a completar-se o gabinete de física e o laboratório de química, e, si possível, cobrir ainda as despesas com os fornecimentos feitos á mesma Escola Industrial, cuja verba anual para êsse fim está orçada, como vimos, em 3:800\$000.

Nesta hipótese, desapareceria essa verba do orçamento da Escola, o que importaria numa economia não pequena. Admitindo-se, entretanto, que não 30% mas, apenas, a metade, isto é, 15% da população pague o imposto de "Instrução Industrial", a receita desse imposto — 150:000\$000 — será o suficiente para manter os estabelecimentos de que trata o presente Projeto.

Assim sendo, continuariam, como até aqui, a pesar sobre os cofres do Tesouro os encargos com a instrução pública do Estado, sem que traga, no entanto, aos respectivos orçamentos estaduais, nenhum aumento de despesa, a criação e o custeio desses importantes institutos industriais.

Ês o esboço do Projeto que ousou oferecer á consideração dos poderes públicos do meu Estado, atendendo, assim, ao apelo que me foi feito.

Sou o primeiro a reconhecer a minha insuficiência nesse assunto, contando, porisso, com a benevolência de todos os maranhenses, visto como não almejo outra recompensa que despertar as atenções de outros mais competentes, sobretudo dos que, pelo seu prestígio, influem nos destinos desta pobre terra, digna, sem duvida, de melhor sorte.

Que melhores alvitres saiam á luz, são os meus sinceros votos, pois somente do embate de idéas aproveitáveis poderá surgir, então, um plano definitivo e acertado para se amparar o Maranhão neste declínio vertiginoso que o arrastará, indubitavelmente, á sua total ruína.

S. Luiz do Maranhão, 1891. (a) J. A. Coqueiro.

Em se referindo a êste Projeto, assim se pronuncia o Professor Viveiros:

"Afastado da lavoura, por motivo da venda de seu estabelecimento agrícola, fixou o Dr. Coqueiro em 1890 residência na Capital do Estado, onde exerceu os cargos de Professor de Cálculo e Mecânica do Liceu e Chefe do Distrito Telegráfico do Maranhão.

Embora absorvido pelas funções dêstes cargos, não deixou o notável maranhense de atender ao apelo feito pelas classes conser-

## EDMUNDO COQUEIRO

vadoras, quando se viram, de todo em todo, asfixiadas pelo cataclismo, que para o Maranhão representou a lei áurea.

Firme nas suas convicções, de que o soerguimento da terra maranhense só se poderia fazer pelo ensino agrícola e industrial, o Dr. Coqueiro respondeu ás classes que lhe pediam conselhos, com o "Projeto para a fundação da agricultura prática e racional no Estado do Maranhão".

Por este plano seriam estabelecidas quatro Estações agronômicas, no Turi-assú, Pindaré, Alto Mearim e Itapicurú; uma Escola Industrial na capital e uma Escola de Agricultura no interior da ilha de S. Luiz.

Depois de explicar os objetivos dessas instituições, trata o Dr. Coqueiro dos seus programas, dos orçamentos, do imposto que seria lançado para manutenção dos serviços, da maneira de cobrá-lo, etc.

Desce aos menores detalhes o trabalho do infatigável Professor.

Estávamos no segundo ano do novo regimen e a orientação dos governos era destruir e não construir.

O Projeto, por isso, ficou apenas com os aplausos da lavoura e do comércio".

Encerrando este capítulo — INDUSTRIAL-AGRICULTOR — o fazemos com as seguintes e oportunas palavras, ainda, dos dois maranhenses ilustres, que são os Professores Abranches Moura e Amaral de Mattos, ao se referirem a João Antônio Coqueiro:

**"FOI UM VERDADEIRO DEVOTADO AO DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA E DA INDÚSTRIA AÇÚCAREIRA NO MARANHÃO".**

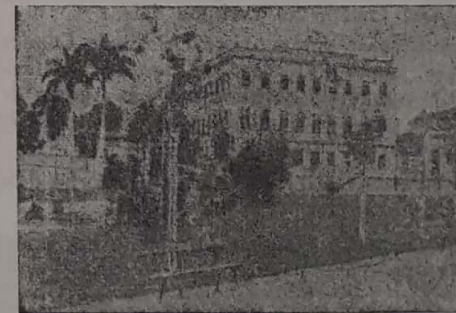
DOIS LUSTROS SEGUIDOS DE ADMINISTRAÇÃO NO  
GINÁSIO NACIONAL

## No Internato

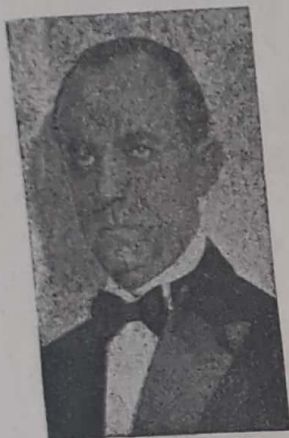
(De 28 de Setembro de 1901 a 28 de Junho de 1905)

Há muito que a disciplina no Internato do Ginásio Nacional vinha sendo seriamente comprometida.

Porém, sem querermos e nem devermos, num livro como este, esclarecer quais os motivos que há alguns anos já áquela parte vinham contribuindo para aquela situação de desordem e



O Internato do Ginásio Nacional, hoje, Colégio Pedro II, ao tempo em que foi dirigido pelo Dr. Coqueiro. Como se vê pela fotografia, o edifício tinha somente dois andares.



Dr. Clóvis Monteiro, atual Diretor  
do Internato.

para que se mantivesse a mesma ainda por muito tempo, cumprenos, apenas, por um dever de justiça, declarar que, a nenhum dos Diretores que precederam ao Dr. Coqueiro — homens todos austeros e exatos cumpridores de seus deveres — coube a mínima parcela de responsabilidade.

Antes, ao contrário.

Os três últimos deles — Drs. Alfredo Piragibe, D. José de Souza da Silveira e Alexandre Camilo — nas suas administrações, não foram senão vítimas daquele estado de confusão, sendo que o ilustre Dr. Camilo foi a última delas.

Nomeado Diretor do Internato em 15 de Outubro de 1900, em substituição ao Dr. D. José de Souza da Silveira, falecido repentinamente em 26 de Setembro, já em Agosto de 1901, isto é, com menos de um ano de administração nesse Colégio, pagava seu tributo o novo Diretor.

A morte súbita de D. José, contristou não há dúvida a todos os que com ele privavam.

Perdeu na verdade o Internato, com o seu passamento, um excelente Diretor.

O Dr. Francisco Cabrita, que — seja dito de passagem, foi uma das grandes figuras do magistério brasileiro — a esse tempo na direção do Externato, sempre cômico do cumprimento de seus deveres, prestando justa homenagem á memória daquele seu ilustre e digno colega, mandou inserir, no dia de seu falecimento, no "Diário do movimento das aulas", a seguinte nota:

"Este Externato, ainda sob a árdua impressão do profundo golpe com o brusco passamento de seu antigo Vice-Diretor, o Dr. Urbano Castelo Branco, de novo cobre-se de luto, compartilhando da profunda dor que, neste momento, compunge o pessoal docente e administrativo do Internato pelo súbito falecimento de seu prestimoso Diretor, o Dr. José de Souza da Silveira".

Acusado o Dr. Camilo injustamente de haver cometido faltas no exercício daquele elevado cargo, teve, porisso, que responder a inquérito administrativo mandado proceder pelo ilustre Dr. Eptácio Pessoa, então, Ministro da Justiça e Negócios Interiores.

E mais: tendo-lhe sido desfavorável êsse inquérito, a COMISSÃO, nas suas Conclusões, opinava, finalmente, para que fosse o mesmo exonerado daquelas funções.

Como Ministro, o Dr. Eptácio Pessoa acompanhava e estava perfeitamente ao par de tudo o que se vinha passando no referido inquérito, pelo que, "a priori", já sabia qual seria o seu desfecho.

E, assim sendo, veio-lhe logo a idéia de convidar o Dr. Coqueiro, como douto, que era, em assuntos pedagógicos, para substituir, naquele cargo, o Dr. Camilo.

Porém, havia um sério obstáculo a entravar a nomeação daquele conhecido educador: era êle sogro do Deputado maranhense, Dr. Luiz Domingues, cujas bancadas na Câmara e no Senado, sob a chefia, então, do ilustre Senador Dr. Benedito Pereira Leite, de saudosíssima memória, faziam oposição cerrada ao governo de Campos Sales, acompanhando assim o Vice-Presidente da República, Conselheiro Rosa e Silva, de quem era amigo pessoal aquele inolvidável Senador nortista.

Entretanto, no Ministério da Justiça era tida como certa a escolha do Dr. Coqueiro para dirigir aquele importante estabelecimento de ensino, não obstante não ter sido ainda exonerado o Dr. Camilo.

E a prova é que o velho e conceituado órgão de imprensa — que sempre o foi e ainda o é o "Jornal do Comércio" — sempre discreto nas suas informações, no seu número de 24 de Junho de 1901, já dizia:

"Parece que ao Sr. Dr. João Antônio Coqueiro será dada importante comissão no Ministério da Justiça".

Também o "O Paiz", fôlha governista e sempre muito bem informada, na sua edição de 28 dêsse mesmo mês, já noticiava:

"Já há muitos dias foi entregue ao Sr. Ministro do Interior o relatório sôbre a questão do Diretor do Internato do Ginásio Nacional.

Naturalmente, as preocupações que ao governo trouxeram os últimos acontecimentos terão sido a causa única de ainda se haver demorado a solução dêsse negócio.

Dizem que será naquela casa de ensino que o Sr. Dr. João Antônio Coqueiro terá a importante comissão de que há dias falou um nosso colega da manhã".

Deixando o Ministério em 6 de Agosto daquele ano, o Dr. Epitácio Pessoa o fez sem que pudesse nomear ainda o Dr. Coqueiro.

Porém, no seu último despacho com o Presidente da República, submetia, todavia, á sua assinatura, o Decreto de exoneração do Dr. Camilo.

Foi assim por Decreto de 3 de Agosto de 1901, exonerado do cargo de Diretor do Internato do Ginásio Nacional, o Dr. Alexandre Camilo, não obstante vir sendo fortemente amparado pelo Deputado paraense governista, Dr. Serzedelo Correia, frequentador assíduo do Palácio do Catete, íntimo amigo de Campos Sales, a quem acompanhara na sua viagem á República Argentina, em 19 de Outubro de 1900.

Que o Dr. Camilo fôra, realmente, vítima de uma verdadeira calúnia, não há sôbre isso a menor dúvida.

E' oportuno, pois, transcrever aquí, a carta do ilustre parlamentar que foi Serzedelo Correia, dirigida á redação do "O Paiz", em 17 de Julho de 1901.

"Sr. Redator.

Peço-vos a publicação da seguinte carta:

Em artigo publicado na "Gazeta da Tarde" vem uma carta referente ao Internato do Ginásio, sôbre fatos já, hoje, do domínio público, e onde se me atribuem palavras que nunca disse em relação ao Vice-Diretor dêsse estabelecimento. O que disse e afirmo, por conhecer muito de perto o Dr. Alexandre Camilo, é que julgo uma miserável infâmia o que lhe atribuem dois serventes um dos quais de péssima reputação.

O Dr. Camilo é um homem de alta moralidade e de uma vida puríssima no seu lar, como modelo de espôso e de Pai.

Sôbre o Vice-Diretor, o que disse foi que o honrado Ministro do Interior, Dr. Epitácio Pessoa, me havia contado que ele lhe dera como homem ímoral um Inspetor dêsse estabelecimento, e que, no entanto, esse homem era bom, honrado e um velho digno.

Quanto ao meu amigo Sr. Simas, nunca este me falava do Vice-Diretor, e sim me havia escrito uma carta pedindo que evitasse a iniquidade da demissão do Diretor. O que disse do Vice-Diretor foi que nada conhecia de sua vida que o desabonasse, mesmo porque o conheci pouco tempo no Paraná, e não me envolvo na vida de ninguém.

Em conclusão: reputando uma infâmia os fatos arguidos contra o Diretor, estando mesmo convencido, profundamente, que são uma miserável infâmia, nada, porém, informei contra o Vice-Diretor, a quem, em pessoa, disse, desde logo, quando procurou-me para contar que ia dar queixa ao Ministro contra o Diretor, que isso era uma miserável calúnia, porque conhecia o Dr. Camilo, homem de uma pureza de lar irrepreensível, e de uma vida modesta, pobre e simples, vivendo para o encanto de seus filhos e de sua espôsa.

Conheço tôdas as arguições feitas ao Diretor e conheço também as provas de defesa, que são esmagadoras, havendo ainda em seu favor o testemunho de todos os lentes, e alguns dos quais dizem que nunca o estabelecimento tivera tanta ordem e disciplina".

Estendemos-nos acerca dêsse "caso" do Dr. Camilo, muito propositadamente, para mostrar a atitude correta e enérgica que, sôbre o mesmo, teve o Dr. Coqueiro, ao assumir a direção do Internato, procurando punir severamente todos os que se prestaram áquela ignominia, como veremos mais adiante.

Como vimos, o Diretor do Internato foi exonerado em Agosto e já em Junho, isto é dois meses antes alguns jornais, desta capital apontavam o nome do Dr. Coqueiro como seu provável sucessor.

E nem mais um outro nome surgia na imprensa com probabilidades de substituir, naquele cargo, o Dr. Camilo.

No entanto, candidatos os havia e muitos, e com a circunstância ainda de virem sendo apadrinhados por políticos governistas e com grandes e relevantes serviços prestados á Campos Sales.

Mas, é que o nome do proecto pedagogo maranhense estava naturalmente indicado para dirigir aquela Casa de instrução, e disso mesmo fazia questão o governo.

Sucedeu ao Dr. Epitácio Pessoa no Ministério da Justiça o Dr. Sabino Barroso Junior, então Deputado pelo Estado de Minas Gerais, político de grande prestígio e "leader" de sua bancada.

Como era natural, assumindo a pasta aquele Ministro, viu-se logo assediado por pedidos de Deputados e Senadores, que disputavam, cada um de per si, para amigos e correligionários seus, a vaga deixada por aquele Diretor.

Entrementes, era o Dr. Coqueiro procurado em sua residência pelo seu amigo e conterrâneo Capitão de Mar e Guerra José Pedro Alves de Barros, Sub-Chefe da Casa Militar do Presidente

da República, figura de relêvo da nossa marinha de guerra, e tragicamente desaparecido na célebre catástrofe do Aquidaban, na baía de Jacuecanga, que o informava estar definitivamente assentada a sua nomeação para aquele elevado cargo, dependendo, tão somente, de serem removidas as últimas dificuldades políticas, pois não queria Campos Sales desgostar áqueles seus amigos congressistas.

De feito, poucos dias depois era o Dr. Coqueiro, por Decreto de 28 de Setembro de 1901, nomeado Diretor do Internato do Ginásio Nacional.

A sua posse, que se realizou no dia 3 de Outubro perante a Congregação do Ginásio Nacional, revestiu-se da máxima solemnidade, tendo a ela comparecido todo o corpo docente do Internato e Externato, conforme consta da respectiva ata.

O Dr. Francisco Cabrita, Diretor do Externato e naquela ocasião Presidente da Congregação, proferiu belo improvisado em evidência o grande valor do novo Diretor do Internato quer como cientista quer como pedagogo experimentado, congratulando-se com o Governo por aquela acertada escolha. O eminente Professor Paulo de Frontin usou também da palavra e o fez em nome da Congregação, dizendo que o recém nomeado era um nome conhecido não somente no seu País como fora dele, pois que nos maiores centros científicos da velha Europa havia o Dr. Coqueiro se distinguido sempre e de maneira notável, desde estudante, elevando, assim, bem alto o nome do Brasil.

O primeiro ato do novo Diretor ao assumir as funções de seu cargo, foi mandar dispensar, incontinenti, os dois serventes a que alude Serzedelo Correia na sua carta dirigida ao "O Paiz".

Fez mais: informado de que haviam sido dispensados por Nestor Vitor, quando na direção interina do Colégio — de 3 de Agosto a 2 de Outubro — vários serventes, pelo fato de se terem negado a depor contra o Dr. Camilo, mandou ainda o Dr. Coqueiro readmiti-los todos e, ao mesmo tempo, despedir aqueles que os substituíram.

Este seu ato imprevisto e enérgico, logo no começo de sua administração, irritou sobremodo o Vice-Diretor.

Certa vez, foi o Dr. Coqueiro procurado, á tarde, em sua residência, á rua de S. Cristovam, por Nestor Vitor, que lhe comunicara, atemorizado e debaixo de grande tensão nervosa, não mais poder se responsabilizar pela disciplina do Colégio, visto como os alunos se mostravam revoltados, sem a nada atender, reclamando contra a alimentação que lhes estava sendo dada, que alegavam ser de má qualidade.

Disse ainda Nestor Vitor. Que a presença do Dr. Coqueiro naquele momento, no Internato, se impunha, porisso que êle, Vice-Diretor, sentia-se sem a força moral precisa para conter os ânimos daqueles alunos.

Calmo, imperturbável, ouviu-o atentamente o velho educador, que, em resposta, sem mais refletir, lhe disse:

— Pode ir tranquilo; logo á noite lá estarei para tomar chá com os alunos.

E assim o fez.

Após o jantar, dirigiu-se áquele estabelecimento e, no seu gabinete, aguardou o soar da campainha anunciando a hora do chá.

Ora, conforme hábito seu, naquele dia havia o Diretor se retirado do Colégio ás 3 horas, e nada, absolutamente nada, de anormal percebera que fizesse suspeitar, de leve que fosse, qualquer gesto de indisciplina da parte dos alunos. Ao contrário. Assistira neste mesmo dia, como de costume, a várias aulas e a mais perfeita ordem reinava em toda aquela Casa. E nem tão pouco ao seu conhecimento chegara, por intermédio dos Inspetores, nenhuma ocorrência ou mesmo qualquer falta cometida por algum aluno. Nove horas. Sôa a campainha. E' a hora do chá. Dirigem-se, em forma, os alunos para o refeitório. E Nestor Vitor — que residia num prédio contíguo ao Internato e ao mesmo pertencente — não apparecera nessa ocasião, deixando-se ficar comodamente em casa, apesar de lhe ter dito o Diretor que compareceria áquele estabelecimento naquela noite.

Dirige-se, então, sosinho, o Dr. Coqueiro ao refeitório. Ao penetrar naquele recinto, houve, da parte dos alunos, um certo movimento de arrasta pés, que foi imediatamente abafado pela atitude ENÉRGICA E DECISIVA por êle assumida nesse mesmo instante.

Só o fato, em si, de ter entrado sosinho, dispensando os Inspetores que, espontaneamente, haviam ido antes ao seu gabinete se oferecerem para acompanhá-lo até o refeitório, só isso bastou para fazer frustrar, por completo, qualquer plano de rebeldia porventura concebido por áqueles alunos.

Encarando-os, COM GRANDE ALTIVEZ, disse-lhes o Dr. Coqueiro não lhes assistir absolutamente razão na reclamação que — conforme chegara ao seu conhecimento — queriam fazer-lhe. O passadio no Internato era ótimo e os gêneros alimentícios de primeira qualidade. Estava ali para atender a causas justas e cabíveis, mas não absurdas. E que a reclamações daquela natureza, resolvia de uma única maneira: expulsando do Internato os alunos reclamantes.

Entretanto, só quem não conhecesse o Dr. Coqueiro, aquele coração magnânimo, aquela alma generosa, poderia supô-lo capaz de aplicar, a quem quer que fosse, penalidade tão severa. E' que a situação grave daquele momento, da qual tivera a mais



nitida compreensão, exigia, é claro, atitude das mais enérgicas, como a que assumira.

Reunindo no dia seguinte, em seu gabinete, todos os Inspectores, recomendou-lhes o novo Diretor usassem da máxima energia para com aqueles alunos, trazendo ao seu conhecimento toda e qualquer ocorrência, por mais insignificante que fosse.

Privando aos sábados de saída os alunos que tivessem tido mau comportamento durante a semana; suspendendo áqueles que cometessem falta considerada grave; e tomando, ainda, medidas outras julgadas necessárias e imprescindíveis á boa disciplina, conseguiu o Dr. Coqueiro, dentro de muito pouco tempo, implantar no Internato a mais perfeita ordem e restabelecer o prestígio da autoridade.

No dia 30 de Novembro daquele mesmo ano de 1901, isto é, dois meses apenas após á posse do Dr. Coqueiro, Nestor Vitor, que vinha há muitos anos exercendo o cargo de Vice-Diretor do Internato, pedia a sua exoneração.

Para substituí-lo, foi nomeado em 10 de Dezembro desse mesmo ano, o Bacharel Elpidio Maria da Trindade.

A administração do Dr. Coqueiro tanto no Internato como no Externato, foi, sobretudo, assinalada pela disciplina impecável e indefectível espírito de justiça que áquelas Casas de ensino soube imprimir durante todo o longo período de dois lustros seguidos em que exerceu as espinhosas funções de Diretor.

AMOROSO LIMA, como Bacharel em Letras pelo Externato, no CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, no dia do centenário de nascimento daquele grande vulto maranhense, referindo-se á sua passagem por esse tradicional educandário, recordou, justamente, a "AUSTERIDADE DO MESTRE, O SEU INDEFECTIVEL ESPÍRITO DE JUSTIÇA E O SEU ZELO PELA DISCIPLINA, QUE, DISSE, NUNCA DEIXOU DE SER IMPECÁVEL".

Os últimos dez anos de sua existência foram vividos exclusivamente para aqueles dois estabelecimentos. Ás 9 horas, precisamente, chegava ao Internato, onde almoçava, daí só se retirando quando terminavam as últimas aulas. Não raro, comparecia, inesperadamente, á noite, ao Colégio, tomando chá com os alunos.

Durante todo o tempo em que dirigiu o Internato (de 28 de Setembro de 1901 a 28 de Junho de 1905) nunca deixou de morar em S. Cristovam, bairro, aliás, de que não gostava muito e onde, mesmo, não se dava bem de saúde.

Dizia que o Diretor, com a responsabilidade que lhe pesava sobre os ombros, pelas funções do cargo, não deveria nunca residir em outro bairro que não o de S. Cristovam, e bem próximo ao Colégio.

Apesar de sua filha, casada com o Deputado Dr. Luiz Do-

mingues e moradora na Tijuca, chamá-lo insistentemente para perto de si, nunca abandonou aquele bairro, a não ser quando, a pedido, foi transferido para o Externato.

Achava o Dr. Coqueiro que o cargo de Vice-Diretor deveria desaparecer. E por vários motivos. Entre outros, dizia, é que sendo o Vice-Diretor um candidato natural ao cargo de Diretor, tornava-se, porisso mesmo, um individuo suspeito, e, por conseguinte, deixava de ser um funcionário de sua confiança para substituí-lo em todas as faltas e impedimentos.

Assim, pensou em fazer várias modificações no Regulamento e Regimento Interno, afim de sanar diversas falhas nos mesmos existentes. De início, seriam criados os cargos de DENTISTA, FARMACÊUTICO e INSPETOR-CHEFE, lugares cuja criação reputava de absoluta necessidade para o estabelecimento. O Gabinete dentário do Colégio, que estava a cargo de um profissional competente e dedicado — o Dr. Ivo de Melo e Souza — deixava, entretanto, muito a desejar, não preenchendo absolutamente as suas finalidades. Não percebendo o Dentista outra paga pelos bons serviços que, de há muito, vinha prestando aos alunos, a não ser a contribuição dos que entendessem dever remunerá-lo, claro está que não poderia atender a todos aqueles que viessem a necessitar dos seus serviços profissionais.

Criado o cargo de DENTISTA, com os vencimentos mensais de trezentos mil réis (300\$000) ficaria esse profissional com a obrigação de atender, sem a menor recompensa, a todos os alunos gratuitos, cobrando, tão somente, aos contribuintes, aos quais, todavia, faria um preço módico. Seria aproveitado no novo cargo o Dentista que já vinha desempenhando no Colégio aquelas funções.

Quanto á Farmácia, estava esse serviço a cargo de um simples "PRÁTICO", o que, como é fácil de ver, constituia grave perigo para a vida dos alunos, pois não residindo em S. Cristovam o Dr. Luiz Alves, médico do estabelecimento, que morava á rua Conde de Bomfim (Muda), não raro se via o dito "PRÁTICO" em situação crítica para socorrer, de pronto, a algum aluno que subitamente enfermasse.

Não existindo, porém, nenhum dispositivo regulamentar que obrigasse o médico a residir próximo ao estabelecimento, procurou, o Dr. Coqueiro, por meios suasórios, convencer a esse facultativo da grande conveniência que haveria de morar em S. Cristovam, ou em suas imediações.

Não obstante todos os seus esforços nesse sentido, nada conseguiu o Dr. Coqueiro, que, desiludido, começou então a trabalhar, com afinco, para que fosse criado no Internato o cargo de FARMACÊUTICO, que só poderia, entretanto, ser ocupado por um profissional diplomado pela Faculdade de Medicina. O novo serventuário, que seria obrigado a residir no estabeleci-

mento, com direito à alimentação, venceria duzentos e cinquenta mil réis (250\$000) mensais.

Entregue a Farmácia do Internato a um Farmacêutico diplomado, poderiam os alunos, até a chegada do médico, ter socorro imediato, quando necessário, de que se achavam naquele momento privados pelo fato de estar aquela dependência do Colégio entregues a um simples "PRÁTICO".

Relativamente ao Vice-Diretor, era, o Dr. Coqueiro, por princípio, contrário a vitaliciedade do funcionário que o tivesse de substituir. Seria criado o cargo de Inspetor-chefe, com trezentos mil réis (300\$000) mensais de vencimentos, com direito a casa, luz, etc.. O novo serventuário passaria a residir no prédio que vinha sendo ocupado pelo Vice-Diretor.

O Inspetor-chefe não teria nomeação; seria escolhido pelo Diretor dentre os Inspetores de alunos do Colégio. Passaria a ser, assim, o funcionário de sua confiança para desempenhar aquele cargo. Caber-lhe-ia, tão somente, fiscalizar o serviço de seus colegas, zelar pela boa disciplina e asseio do estabelecimento.

Só e unicamente.

Enquanto bem servisse, seria conservado no cargo. Se, todavia, não desempenhasse a contento do Diretor aquelas funções, este o dispensaria, designando outro Inspetor para substituí-lo. O Diretor seria, então, substituído em todas as faltas e impedimentos, pelo Lente mais antigo.

Infelizmente, porém, não pôde, o Dr. Coqueiro, ver realizados estes e outros projetos seus.

Na Presidência da República um dos maiores estadistas que já teve este país — CAMPOS SALES — todo e qualquer projeto apresentado ao Congresso que trouxesse aumento de despesa, seria indubitavelmente sacrificado.

No governo do Conselheiro Rodrigues Alves, com o Dr. J. J. Seabra, de quem era amigo pessoal, na pasta da Justiça, ia fazer uma nova tentativa naquele sentido, e desta vez com grandes probabilidades de êxito, quando, a pedido, foi transferido para o Externato.

Aliás, o Dr. Francisco Cabrita, quando Diretor do Externato, tendo falecido em 16 de Setembro de 1900 o Vice-Diretor, Dr. Urbano Burlamaqui Castelo Branco, que exercera esse cargo com grande dedicação durante 16 anos ininterruptos, já havia alvitado ao então Ministro da Justiça, Dr. Epiácio Pessoa, fosse o mesmo extinto, por desnecessário, o que foi imediatamente aceito pelo dito Ministro.

Assim, por Decreto de 29 daquele mês, foi suprimido.

Em relação à disciplina, era o Dr. Coqueiro intransigente, jamais abrindo exceção para quem quer que fosse. O aluno que

mal se conduziu durante a semana, ficava invariavelmente sábado privado de saída.

De uma feita, um seu sobrinho — hoje médico da Armada, com o posto de Capitão de Mar e Guerra, havia sofrido aquela penalidade.

Casava-se, justamente nesse dia, uma sua filha.

Afkto, escreve o menino à prima pedindo encarecidamente intercedesse junto ao Pai para que lhe fosse relevada a falta cometida afim de que pudesse assistir ao seu casamento.

Dirigindo-se, ato contínuo, ao velho Professor, faz-lhe a filha o pedido, dizendo ser o presente daquele dia.

A resposta não se fez esperar. Com aquela serenidade, muito sua, disse à filha:

— Infelizmente, não te posso dar o presente que me pedes; a justiça, minha filha, começa por casa.

E ainda muitos outros fatos como o que acabamos de narrar, poderíamos aqui citar para comprovar o verdadeiro espírito de justiça que presidia sempre todos os seus atos.

Tinha por hábito, e disso sentia prazer, assistir diariamente as aulas, e, daí, conhecer os bons e maus estudantes. Quando, porventura, faltava algum Professor de Matemática, Astronomia ou Física e Química, ciências em que era douto, preenchia a hora da aula.

A esse respeito, assim fala Jerônimo de Viveiros:

"Aprazia-lhe o espirito o ensino dos moços, de quem se constituía um amigo dedicado, se não um protetor e conselheiro.

Suas lições eram conduzidas por um raciocínio de uma clareza admirável, traduzido numa linguagem simples, porém elegante, revelando o grande saber do mestre, máu grado o véu de modéstia com que ele as envolvia. Nelas não se utilizava do compasso e do esquadro, tal a firmeza do seu traço ao fazer as figuras. Não raro desviava-se do assunto da lição — matemática — e entrava, como mestre abalizado e erudito que era, pelos domínios da Física, da Astronomia, da Química.

Dirigindo, no fim da vida, já com a cabeça coberta de cabelos brancos, o Colégio Pedro II, na Capital da República, sentia o Dr. Coqueiro prazer em substituir nas cátedras dessas disciplinas, o professor que faltava. Vimo-lo numa dessas ocasiões: elegantemente trajado, fisionomia cheia de bondade, dição clara, explicando à uma classe do 2.º ano ginasial a dedução da fórmula da geratriz de uma dízima periódica composta. E' que lhe não envelhecia a alma de Professor, aos 70 anos de idade, nesse ocaso da vida, que Reis Carvalho denominou "verde velhice" do Dr. Coqueiro. E' por isso mesmo que

Professores e alunos do Pedro II, a-mais conceituada casa de ensino secundário do país, cobriram-se de crepe no dia 25 de Fevereiro de 1910, quando falecia em sua chácara, em Jacarépaguá, o notável Professor brasileiro".

Distinguia os bons alunos, abraçando-os, em plena aula, procurando, dêste modo, estimulá-los. Dirigia-lhes palavras animadoras, encorajando-os e exortando-os a que prosseguissem, sem desfalecimentos, para orgulho de suas famílias e do próprio Colégio, ao qual, dizia, deveriam ser sempre agradecidos.

O Dr. Quintino do Vale, um dos grandes Professores, hoje, do Colégio Pedro II, naquela ocasião, aluno do Internato, mereceu, por várias vezes, essa distinção do Dr. Coqueiro.

Quando Diretor do Internato, introduziu o Dr. Coqueiro para os alunos o sistema de cadernos para o apanhamento das lições, sendo um caderno para cada disciplina, sistema que, na verdade, era de grande utilidade, pois as lições dadas pelos respectivos Lentes eram pelos alunos passadas para êsses cadernos, o que, além de obrigar o aluno a assimilar as mesmas lições, havia ainda a grande vantagem de não precisar de outro auxilio a não ser o do próprio caderno.

Ora, o conjunto deles no fim do curso ginasial, constituia, para os alunos uma coleção utilissima, de subido valor.

Eram os mesmos rubricados no rótulo da capa pelo Diretor, e não podiam ser substituídos por outros e deveriam ser mantidos com o necessário asseio e escritos com boa caligrafia.

O aluno chamado á sabatina era interrogado sôbre a matéria de cada caderno no respectivo bienio, pois eram as sabatinas realizadas de dois em dois meses, lançando o Lente da cadeira a sua rubrica por baixo da última lição anterior áquela sabatina, bem como a nota que merecesse o caderno, já pelo grau de intelligência com que tivessem sido apanhadas as lições, e já pela caligrafia e asseio no mesmo constatados.

Foi o Dr. Coqueiro durante todo o longo período em que dirigiu o Colégio Pedro II, sempre partidário da abolição dos exames de promoção. Era de opinião que os alunos que, no fim de cada ano letivo, houvessem obtido média superior a 4 em qualquer disciplina, poderiam, independentemente de exame, ser promovidos ao ano subsequente. Só seria exigido o exame para o final de cada disciplina, exame que seria, então, prestado perante uma comissão composta do Lente da cadeira e de mais dois Lentes do mesmo ano, designados pelo Diretor.

No ano letivo de 1908, o Dr. Tavares de Lira, como Ministro da Justiça, no seu vasto plano de reforma do Ginasio Nacional, estabelecia que **SOMENTE PARA OS EXAMES FINAIS** seriam exigidas provas escritas e orais.

Ao assumir a direção do Colégio, percebeu que o Porteiro estava morfético, expondo, assim, a sérios perigos a vida dos alu-



O Dr. Coqueiro quando Diretor do Internato do Ginasio Nacional. Fotografia tirada para o quadro dos Bachareis em Ciências e Letras por essa Casa de educação.

nos, pelo contacto que tinham com ele. Os cartões de saída distribuídos pela Secretaria, aos sabados, a êsses alunos, tinham que ser pelos mesmos entregues áquele funcionário, que, por sua vez, restituia-os á dita Secretaria, transitando, dêste modo, os referidos cartões pelas mãos do malogrado serventuário, pelas dos alunos e pelas do pessoal daquela dependência do Colégio. Nessas condições, como se vê, era de todo impossível a permanência daquêle disditoso servidor na Portaria do estabelecimento, pois, além do risco que corriam os meninos e o próprio pessoal do Internato, havia ainda a considerar a péssima impressão que deveria causar ás pessoas que, indo ao estabelecimento, logo á entrada, deparavam com um individuo morfético, com as mãos horripelentes e a fisionomia alterada completamente pela moléstia que, infelizmente, ia já bem adiantada.

Sempre votado ás boas ações, o Dr. Coqueiro, espirito verdadeiramente filantrópico, não podia deixar de condoer-se, ser indiferente á sorte daquêle pobre homem, que, precisando ganhar o "pão de cada dia", trabalhava, sem dúvida, por força das circunstâncias, com grandes sacrificios, precisando naturalmente de tratamento e repouso, que o pleno exercicio do cargo não lhe permitia ter, agravando-se assim, dia a dia, os seus sofrimentos físicos e morais.

Afastá-lo imediatamente daquellas funções, era uma necessi-

dade imperiosa. Mas, como fazê-lo se ele não tinha o tempo preciso para se aposentar com os vencimentos integrais, que eram escassíssimos? As leis vigentes não amparavam o funcionário naquelas condições. Entretanto, deixá-lo no cargo seria quase um crime. O que fez o Dr. Coqueiro? Expoz a alguns Lentemas seus amigos a situação angustiosa daquele humilde funcionário, digno, sem dúvida, de toda compaixão, e para quem procurava, achar uma solução que, pelo menos, lhe garantisse dias mais tranquilos para o resto de sua existência, uma vez que o seu mal era de todo incurável. Disse-lhes que, depois de muito refletir, chegara à conclusão de que só haveria um único meio de resolver aquele triste caso: — o Porteiro seria afastado do cargo; os seus vencimentos, todavia, continuariam a ser-lhe pagos integralmente conforme os recebia no Tesouro Nacional. Porém, para isso, seria necessário que todos os presentes se cotizassem, mensalmente, para apurar a quantia correspondente àqueles vencimentos. Concordando aqueles Professores com a idéia alvitada pelo Dr. Coqueiro, foi o Porteiro recolhido ao Hospital, onde recebia todo mês, enquanto viveu, os seus vencimentos integrais. De quando em vez, era visitado pelo seu ex-Diretor, que lhe levava sempre algumas frutas e doces.

Fazia o Dr. Coqueiro distribuir, todos os anos, por ocasião do Natal, toda a roupa dos alunos gratuitos aos pobres da Matriz de S. Cristovam, que, a esse tempo, tinha como Vigário o saudoso Padre Ricardino Séve, maranhense de berço, grande orador sacro e inteligência brilhante. A referida roupa — que era o enxoval dos alunos — consistia de ternos, toalhas de banho e de rosto, lençóis, colchas, fronhas, etc. Era remetida, àquele virtuoso sacerdote, ainda em perfeito estado de conservação, pois, além de renovada, anualmente, os alunos, mesmo que o quizessem, não poderiam estragá-la, porisso que, sendo internos, estavam permanentemente sob a vigilância dos Inspetores. Embora, naquela época, fosse apenas de sessenta (60) o número de alunos gratuitos, essa oferta, do Dr. Coqueiro, todavia, não deixava de representar um auxílio, não pequeno, à pobreza daquele populoso bairro.

Teve o velho Mestre sempre sob sua proteção os meninos que sabia serem verdadeiramente pobres. Escrupuloso o quanto se podia ser, pautando todos os seus atos sob a mais rigorosa justiça, via-se, não obstante, o saudoso educador, não raro, em dificuldades toda vez que, no começo de cada ano letivo, tinha de se pronunciar sobre a escolha dos candidatos à gratuidade. No Internato, com especialidade, onde o aluno contribuinte pagava, naquele tempo, anualmente, a quantia de 1:500\$000, excluindo a despesa com o enxoval, que não era pequena, as vagas de gratuitos eram, por isso mesmo, disputadíssimas, tornando assim ainda mais precária a situação do Diretor, que, assediado pelos constantes e insistentes pedidos do Ministro, Oficiais de Gabinete,

políticos e amigos particulares, ficava verdadeiramente embaraçado para se desobrigar daquela difícil e delicada missão.

Os concorrentes eram sempre em grande número, ao passo que as vagas que se davam no fim de cada ano letivo não iam talvez além de dez, embora fosse de sessenta o número de gratuitos fixado pelo Regulamento, e isso pelo simples fato de só se verificarem elas num único ano: (o sexto) último do curso.

Mas, não querendo deixar sem instrução os filhos de viúvas pobres e que, por falta de vaga, não logravam entrar como gratuitos, ia o saudoso educador em pessoa ao Ministro e solicitava-lhe para que fossem admitidos como extranumerários todos os candidatos aprovados até plenamente no exame de admissão. Achava que só deveriam gozar desse benefício excepcional os que tivessem obtido aquela aprovação, pois sendo muitos os pretendentes seria materialmente impossível atender a todos. A esses extranumerários mandava dar ainda roupa e livros, por conta do Colégio, até que ficasse legalizada a sua situação, passando para gratuitos efetivos.

E, assim, favorecia o Dr. Coqueiro a muitos meninos necessitados, que, graças exclusivamente à magnanimidade de seu coração, receberam instrução, e, hoje, excelentes alunos que foram no Internato, desfrutaram elevada e invejável posição no nosso meio social.

Ainda como Diretor do Internato, mandava dar a algumas famílias pobres do bairro a comida que sobrava dos alanos, bem assim pão, etc., procurando, deste modo, com esse seu gesto humanitário, minorar o sofrimento e a miséria reinantes, sem dúvida, naqueles lares desditosos e desprotegidos da sorte.

De todos os Ministros com quem serviu, recebia, a todo instante, o Dr. Coqueiro as maiores provas de consideração e carinho.

De uma feita, adoecendo gravemente e sabedor do seu estado de saúde o Dr. J. J. Seabra, naquela ocasião Ministro da Justiça, apressou-se imediatamente em saber notícias suas, mandando-lhe pelo seu Oficial de Gabinete, Dr. Carlos Coelho, a carta inclusa:

"Gabinete do Ministro da Justiça e Negócios Interiores. Rio de Janeiro, 25 de Maio de 1904. Ilustre Amigo Sr. Dr. J. A. Coqueiro. Soube pelo seu genro, Dr. Luiz Domingues, que o Sr. tem estado enfermo, e como me interesse muito pela sua saúde venho fazer-lhe uma visita e pedir notícias suas. Desejo sinceramente que a enfermidade tenha passado, permitindo-lhe voltar ao exercício de seu cargo, onde é tão necessário. Com elevado apreço, subscrevo-me seu amigo, admirador. (a) J. J. Seabra."

Ao tempo em que o Dr. Coqueiro dirigiu o Ginásio Nacional, a vida do Colégio era, pode-se assim dizer, toda ela, divulgada pela imprensa diaria desta Capital. As menores cousas, os me-

nores atos, referentes tanto ao Internato como ao Externato, ocupavam o noticiário dos jornais, conforme se vê pela local abaixo, publicada no "Jornal do Comércio", de 19 de Fevereiro de 1902:

"A Congregação do Ginásio Nacional é constituída de lentes do Internato e do Externato, competindo a Presidência aos respectivos Diretores, que se alternam anualmente. O Dr. Cabrita, Diretor do Externato, que presidiu a Congregação durante o ano letivo que findou com a solenidade da colação de grau realizada no Domingo passado, transferiu, ante-ontem, ao seu colega do Internato, Dr. João Antônio Coqueiro, as atribuições de Presidente."

Pelos termos claros e elucidativos desta notícia, vê-se o interesse que havia da parte dos jornais em bem esclarecer o público sobre tudo que dizia respeito áqueles estabelecimentos.

As sessões solenes da Congregação do antigo Ginásio Nacional para a colação de grau dos Bachareis em Letras, pela sua majestade e esplendor constituíram, sempre, um dos atos mais impressionantes, uma das cerimônias mais empolgantes de tôdas das que ali se realizavam naqueles tempos, que já vão longe, e que tantas e tantas indelévels e gratas recordações trazem áqueles todos que, naquela época, transitaram por essa Casa de educação.

A vida do Ginásio é, ainda hoje, recordada, a cada instante, com evocações de profunda saudade. Saudades dos Diretores, que tanto trabalharam e se esforçaram para manter o estabelecimento á altura sempre do aureolado nome e ótimo conceito que adquiriu e vinha conservando, desde a sua fundação, perante os poderes públicos e a sociedade brasileira; saudades dos cultos e dedicados Mestres, verdadeiros amigos; saudades, finalmente, dos colegas e da convivência daqueles bons e longínguos tempos ginasiais.

A primeira colação de grau realizada após á investidura do Dr. Coqueiro no cargo de Diretor do Internato do Ginásio Nacional teve lugar em 16 de Fevereiro de 1902. Compareceram á mesma, o Dr. Campos Sales, Presidente da República, acompanhado de seu Secretário, Dr. Tomaz Cocrane; Dr. Sabino Barroso, Ministro da Justiça, e seu Secretário, Coronel Adolfo Mota; D. Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcante, Arcebispo Metropolitano, e seu Secretário; altas autoridades civis e militares e grande número de pessoas as mais notáveis.

Foi soleníssima. O salão nobre do Externato, que é suntuoso, apresentava um aspecto verdadeiramente deslumbrante. Flores e perfume era o ambiente que ali se respirava.

O Dr. Cabrita, Diretor do Externato e Presidente da Congregação naquela ocasião, abriu a sessão. Foram, então, distribuídos os prêmios que couberam aos alunos que mais se distinguiram

durante aquele ano letivo: Albano e Raul de Castro, do Internato; Manuel de Moraes e Luiz Dodsworth Martins, do Externato.

Os Drs. Nerval de Gouvêa e Oliveira Belo, paraninfos, desceram as cortinas dos quadros em que estavam os retratos dos bacharelados acima, laureados com o prêmio "Benjamin Constant".

Procedeu-se, em seguida, á colação de grau aos Bachareis em Ciências e Letras. O Dr. Cabrita conferia o grau e o Dr. Sabino Barroso colocava no dedo dos novos bachareis o anel com a pedra opala, simbolo do curso de bacharelado.

Deu o Internato nesse ano, nove bachareis: Joaquim Vieira da Silva, Oscar Custódio dos Santos, Raul de Castro, Albano de Castro, Aleixo Nóbrega de Vasconcelos, Eduardo Joaquim da Fonseca, Aristides Ferreira de Figueiredo, Orlando Emilio Oberlander e José Maria Coelho.

E o Externato deseseis, a saber: Manoel Antônio Moniz de Aragão, Alvaro Sá de Castro Menezes, Cassiano Tavares Bastos, Jaime Luiz Schmith de Vasconcelos, Anibal Faler, Manílio Barbosa de Rezende, Silvío Gomes Pereira, Manoel José de Moraes, Carlos Robillard de Marigny, Joaquim de Azevedo Castro, Luiz Dodsworth Martins, Silvío Vieira Souto, Emidio A. Guimarães Cotia, Gaston Saraiba de Ataíde, Alvaro C. de Oliveira e Júlio A. da Fontoura Quedes.

Assim o Ginásio Nacional naquele ano deu, ao todo, 25 novos bachareis.

Foi orador da turma o bacharelado Alvaro Sá de Castro Menezes, já bastante conhecido nas rodas literárias daquela época como poeta de escol, autor de um livro que a crítica louvou quase sem reservas e cuja palavra fácil e fluente, cheia de encanto e sedução, prendera sempre durante todo o tempo do seu longo e magistral discurso, a atenção daquela culta e numerosa assistência, que se comprimia no vasto e suntuoso Salão nobre do Externato, e que o ouviu sob um silêncio verdadeiramente religioso.

Como homenagem a Castro Menezes — que, inegavelmente, foi um grande espirito — legitima esperança da pátria e tão cedo roubado ao convívio da família e dos amigos, passamos a transcrever, aqui, na íntegra, êsse seu discurso, pouco conhecido, talvez, pelos que nos leem.

Ouçamô-lo.

"Não vos venho evocar em tôdas as suas frases, o glorioso histórico desta casa. Melhor que em palavras, encontra-la-eis sempre na vida daqueles cujos espíritos lhe desabrocharam no seio ao fecundante calor dos grandes ensinamentos.

Como a lendária espartana trazendo no mármore do peito o nome

dos filhos que mandara á guerra, ela pode, também, constelada de orgulho, impôr-se á admiração da pátria.

Recordando os augustos perfis de Gonçalves de Magalhães e Joaquim de Macedo, lentes catedráticos, e de Raul Pompéa e Alvares de Azevedo, bachareis em letras, graduados pelo Ginásio Nacional, poderes julgar da influência por êle exercida sobre os luminosos destinos do Brasil intelectual.

Chamar-vos-há bem alto a pléiade de artistas abrigada sob a gigantesca envergadura desses predestinados arcanjos...

E, voltendo ao passado o olhar evocativo, vereis surgirem, na bruma, encantadas clareiras...

Encontrareis, entre outros, na filosofia, o vulto severo e grave de Tito Lívio de Castro; na medicina, Domingos Freire e Cretano de Almeida; no clero, Sá e Benevides; na advocacia, Marques Perdigão Malheiros; no exército e nas letras a egrégia personalidade do Visconde de Taunay.

E muito embora lhe não tenha concluído o curso, olvidar não vemos que o Ginásio Nacional teve também sob seus tetos aquele que, é hoje símbolo de proficiência, abnegação e heroísmo — Almirante Luiz Felipe de Saldanha da Gama.

A soberana majestade de nossos poentes do mar, a suave harmonia do azul de nossos céus, e a estesia do luar nos vales refloridos refletem e refletirão sempre, a régia sombra dessas águias altaneiras, tenham, embora, há muito, aberto largo vôo, em demanda do seio maravilhoso e casto dos infinitos distantes...

Demais, os traços assinaladores de suas vitoriosas jornadas, á semelhança dos que, nas antigas romagens, guiavam os peregrinos á Cidade Santa, levar-nos-ão, também, seguramente, pela estrada da honra e do dever.

Bem sabemos que não só açucenas e lírios, mas também abrolhos e cardos encontraremos margiando o caminho...

A herança que nos legaram servirá de arrimo e conforto aos mais desalentados e desiludidos.

Como protetora divisa, gravamos em nossos escudos dois alexandrinos de Paul Verlaine, o triste, o concentrado poeta da "Sagesse".

"L'amour de la patrie est le premier amour  
Et le dernier amour après l'amour de Dieu".

Mas, para que nos acostumassemos a convergir todos os esforços e aspirações para o engrandecimento desta terra bendita, bastar-nos-ia contemplar a opulenta magnificência de suas florestas, em todo o transcendente mistério da beleza virgem, patenteando á velha e cúpida Europa a eterna inviolabilidade do Continente Americano.

Transponhamos, porém, o átrio do magno objetivo tido em vista quando, honrados com plena confiança da turma, fomos, imerecidamente, eleito para representá-la.

É, infelizmente, vulgar o engano em que alguns laboram conde-

nando, por desnecessário e longo, o meticoloso estudo, aqui feito, do grego, do latim, da lógica e da literatura.

Saltam aos olhos as graves consequências a que tão deplorável erro nos levaria. Oxalá todos aqueles que lançaram aos ombros a tremenda responsabilidade de educar um joven abandonando tal pensamento, compreendessem a vantagem advinda da sistematização neste curso de todos os conhecimentos básicos. Ergueriam, assim, uma barreira aos males nascidos da pressa com que, hoje, sem a demorada meditação por tal fato exigida, almejam os pais encarregar os filhos.

Estes, familiarizando-se pela sequência natural de um método perfeito, com o espirito das linguas européas, acompanhando-lhes a evolução e conhecendo-lhes as fontes eruditas através da profunda leitura dos clássicos greco-latinos, com a posse de tais elementos garantirão, no futuro, inludível auxilio.

Os que fossem viver e vibrar, transfigurados e fortes, sob o pallium augusto da arte, á luz germinadora dos astros, poderiam mais cedo, galgando vitoriosamente enlurados outeiros, chegar á Torre Azul do sonho e da quimera... Esses poderiam venerar no original as epopéas homéricas, as fidalgas sátiras de Horácio, a excelsa majestade poética de Virgílio...

No amoroso encanto das odes anacreônicas, na ironia finíssima de Aristófanes, nos extraordinários versos de Safo e Píndaro, encontrariam sempre inexaurível tesouro de concepções, as mais sublimes, num severo rigor de relevos e traços inpecáveis.

Certo, tódas as genialidades da Grécia e de Roma acham-se, hoje primorosamente vertidos por eminentes filólogos... Mas, se quisermos sentir e vêr, vêr com os olhos da alma, de que nos fala Maurício Maeterlinck no seu admirável "Trésor des Humbles", todos os misteriosos requintes estéticos de um artista, nunca da tradução do poema ou da reprodução da tela nos deveremos socorrer, mas sim do próprio original, vibrado e sentido perfectibilizado em todos os profundos e concentrativos silêncios que precedem e fecundam sempre a vasta elaboração mental creadora de uma obra.

Esta é justamente das cousas que mais concorrem para o inestimável valor do bacharelado em letras.

Conhecendo de assombro em assombro, as obras primas helênicas, identificando-nos culturalmente com seus autores, sentindo-lhes todas as vaporosas diafaneidades de côr, de aroma e de harmonia, vamos gradualmente assistindo á ressurreição maravilhosa da época por elas iluminadas.

Em todos os veementes cantos da Iliada e da Odisséa, refletindo a soberba indomabilidade dos condores em vôo, e atravessada de clamores bélicos, num fulgor de cnémides ao sol, não somente a concepção de um homem, na sua força a mais intensa, aparece imortalizada no Verbo, mas a própria alma da Grécia.

Nosso espirito, transportando-se aos tempos legendários, desfoiha uma ghirlanda de mirto sobre o túmulo do Cisne da Thrácia...

E com Homéro, num arrojado impeto indomável, galga os elevados píncaros olímpicos... Escuta e pondera o concílio dos deuses... Atravessa o porto em bojudas triremes... Perde-se dez anos nos mares...

E, novamente embriagado de sonhos e epopéas, volta á grande pátria dos mármore.

Ai, Sophócles mostra-lhe a pureza arcangélica do amor fraterno na triste aparição da Antígona, repelindo as leis bárbaras do tirano para seguir as leis do coração...

Eurípides leva-o nas asas da legenda argonáutica... Depois, em trágicas ânsias alucinativas, tumultuário, cantando, passa-lhe fantásticamente aos olhos o côro das bacantes semi-nuas...

Por fim, arrebatando-lhe numa apoteóse imprevista, Eschylo fá-lo curvar-se ante a suprema revolta de Prometheu encadeado...

E, suavemente, num singular eflúvio de emotividades estranhas, sentimos a alma vibrar, como uma harpa encantada, na augusta solidão de um céu desconhecido...

Cabe-nos, aqui, assinalar as lições do Dr. Henrique de Noronha e Hans Heiborn, os quais, com o desvelo dos que vêm no magistério verdadeira missão apostólica, nos guiaram pelo difícil estudo da língua grega, sabiamente anulando as dificuldades e obstáculos.

Só remontando á sua fonte mais pura poderemos chegar ao perfeito conhecimento de uma língua. Imperdoável seria pelo nosso erro se deixássemos de salientar o extraordinário auxilio que nos prestaram as aulas incomparáveis do Dr. Fortunato Duarte.

Quem desta tribuna vos fala teve-o por mestre três anos no Internato. E durante êsses três anos, dia a dia, sentiu crescer no peito a quase religiosa admiração com que lhe contempla, hoje, o perfil venerando. Porque, senhores, além da austera perfectibilidade da forma em Cicero e Tácito, da requintada elegância de Ovidio e dos altos vãos épicos de Virgílio, através dessas aulas se acostumava venerar no mestre amado a sublime grandeza de uma alma, a serena integridade de um caráter, os profundos e vastos conhecimentos de um homem, por suas virtudes, raro entre os mais raros.

Ao intenso clarão de sua fecunda inteligência a frase espontânea e sugestiva, perfeita como os bronzes modelares, desce-lhe dos lábios e flue transparente e lustral, timbrando claro na cristalinidade das fontes.

E, compreendendo sua natural influência sobre quantos o ouvem, conseguu inculcir, até aos mais rebeldes, imenso amor pela nobre língua dos Césares.

Os períodos latinos, em toda a escultural beleza de suas palavras de mármore, ostentando caprichosos relevos de um estilo impecável, vão acordando em nossas almas justos sentimentos de beleza e de arte.

Dai, irresistível desejo de possuir a lingua que falamos em toda a régia suntuosidade de sua magnificência e esplendor.

E, assim, seguindo desde o mais remoto inicio o gradual desenvolvimento de cada termo, observando os fatos que para ele concorrem, deduzindo as leis regentes, analisando, enfim, demoradamente, a lingua de Camões no seu manancial purissimo, chegamos a sua posse mais integral.

Quanto á utilidade da lógica, dizendo-vos pertencer a cadeira ao eminente sergipano Silvio Romero, nós vos teremos lido, sem dúvida, um de seus maiores elogios. A mentalidade superior que, na ausência do illustre conterrâneo de Tobias Barreto interinamente a rege, sabe conservá-la á mesma altura. Com a competência que lhe sóe caracterizar todas as preleções o Dr. Vicente de Souza, preclaro lente de latim neste Externato, sabe também imprimir á arte de bem pensar o cunho elevado e digno que lhe compete.

Não mais sob a proteção de tal nome, escutamos os absurdos transcendentalismos dos metafísicos, as prolixas nebulosidades dos velhos compêndios de outrora, mas a exposição vibrante e sábia de uma filosofia livre de ridículos preconceitos, a crítica inatacável e justa de doutrinas, hoje, inaceitáveis.

Traçando-nos a evolução da lógica desde a época assinalada pelas escolas Jônicas e Itálica, passando pelo inatismo-platônico, chegando ao sentimentalismo de Aristóteles, cuja elevação de princípios sobre quantos o precederam nos faz facilmente apreender, atravessando os oito escudos da Escolástica e estudando demoradamente Bacon e Descartes, alcançando, por fim, Comte, Mill e Spencer, e mais uma vez nos deslumbra antes de seus peregrinos dotes de orador e cientista.

Guiando assim por seguro e reto caminho todas as nossas pesquisas, o ensino desta cadeira, sem dúvida dos mais difíceis, pela natural complexidade, largas clareiras abre na noite que a todos cerca, encetando o estudo de um ramo na alta árvore das ciências.

Sobre o amplo estudo da literatura, Senhores, ouçamos apenas, Taine.

"Hoje, diz-nos textualmente o autor da "Philosophie de l'Art", sabe-se que uma obra literária não é um simples brinquedo da imaginação, o capricho isolado de uma fronte ardente, mas uma cópia de costumes predominantes, o sinal de um estado de espirito. Pode-se, graças aos monumentos literários, achar o modo por que os homens pensaram e meditaram há milhares de séculos. E só pelo estudo das literaturas poder-se-á fazer a história moral e caminhar para a dedução das leis psicológicas de onde dependem todos os acontecimentos".

Bastam essas palavras colhidas na obra imortal do grande critico, para que seja nulificada e banida toda e qualquer opinião em contrario.

Eis, pois, em rápidos delineamentos, o benéfico influxo que sobre todos os nossos passos na vasta arena da ciência e das letras exercerá o acurado ensino, do grego e do latim, da lógica e da literatura, disciplinas complementares do curso que hoje terminamos.

Por ignorância ainda há quem o julgue desnecessário na prática, ainda há quem suponha que, terminando este curso e encetando o das academias, deixado temos o fácil e penetrado o difícil... Rebater tal julgo e mostrar a facilidade que nas escolas encontra quem daqui leva todos os conhecimentos básicos, foi o final a que nos propuzemos, aceitando tão onerosíssimo encargo.

Cremô-lo demonstrado á evidência.

"No magno assunto da instrução secundária, já vos disse o digno Presidente da Congregação, é talvez cedo para que se batam á liberdade as palmas do triunfo".

Tendo em vista o interêsse social e os deveres paternos, tão intimamente unidos, o Estado tem por missão velar sôbre os que encetam a educação literária e científica, afim de que a carência de método no início lhes não traga, mais tarde, inevitáveis danos.

E justamente essa nóbrega tutela espiritual, que tantos e tão fecundos germens encerra, é aqui efetuada, afirmamô-lo, com segurança, absolutamente melhor que em qualquer outra parte.

Quando ainda alguém duvidasse de nosso anterior julgo, a simples citação dos nomes de João Ribeiro, Matoso Maia, Faus'o Barreto, Carlos França e de tantas outras altas mentalidades no corpo docente reunidas, provaria a superioridade dêste estabelecimento sôbre todos os outros congêneres.

Despedindo-nos agora do Ginásio, brilhantemente representado no Presidente de sua Congregação, o ilustrado Dr. Francisco Cabrita, espirito esclarecido e reto, em quem sempre admirámos o Diretor inflexível e justo e o amigo desinteressado, e na veneranda pessoa do Dr. João Antônio Coqueiro, digno Diretor do Internato, cabe-nos, ainda, cumprir sagrados deveres.

O primeiro é agradecer respeitosamente a S. S. E. Exs. o Chefe da Nação e o Sr. Ministro da Justiça, o honroso comparecimento a esta solenidade.

O segundo é garantir ao Dr. Nerval de Gouvêa, nosso paraninfo, o acatamento e o afeto que lhe consagramos. E isto nós o fazemos duplamente emocionados, porque reunimos assim á espontânea admiração dos discípulos pelo Mestre irrepreensível, a franca e desassombrada manifestação dos solidários laços que nos prendem.

A enorme cópia de seus conhecimentos, tóda uma existência votada aureoladamente á religião e ás ciências e os elevados princípios de sabedoria por êle dados, dizem, mais alto do que o poderíamos, a admirável fortaleza de sua luminosa inteligência.

Idêntica homenagem é justo que também rendamos á figura altamente simpática, excepcionalmente distinta, do Dr. Wenceslau de Oliveira Belo.

Neste último dever vem enevoar de lágrimas o júbilo a que nos achamos possuídos. Para cumpri-lo mister se nos faz evocar o semblante de um morto ilustre, cujo impoluto e bendito nome vive e viverá

sempre na memória, lembrando a flôr melindrosa e rara na atmosfera de uma estufa.

A modéstia em que se lhe velaram todos os atos não pode, contudo, encobrir a divina sublimidade de uma vida sem mácula.

Durante o insano labutar em que se consumiu inquebrantável firmeza de alma, dando-lhe aos nobres traços a bíblica serenidade dos mártires, nos fez apreciar, claramente, inimitável modelo de probidade e constância.

Referimo-nos a um ente que, coroado de bênçãos e louvores, deixou, há pouco, o seio dos que o amavam pela paz suave e mística do eterno recolhimento — o nosso saudoso mestre Timoteo Pereira.

Poucos, em verdade, após uma vida de abnegados sacrifícios e de incessantes provas de integridade de caráter poderão, como êle, merecer, do Todo Poderoso, a branca recompensa dos justos.

E nós o recordamos, comovidos, para que seu nome nos sirva, sempre, de incentivo e de exemplo.

Que a perseverança e a tenacidade, únicos tesouros que êle teve na terra, sirvam, também, de escudo e lança, em tôdas as nossas nobres e porfiadas lutas.

E saberemos vencer."

Campos Sales, ao retirar-se, procurou o orador da turma para abraçá-lo e cumprimentá-lo.

Todos os presentes aplaudiram vivamente a bellissima oração do jovem Bacharel em Ciências e Letras.

Dada, depois, a palavra ao Dr. Nerval de Gouvêa, catedrático de Física e Química e um dos mais cultos Professores do Colégio, falou na qualidade de paraninfo e cujo discurso muito bem impressionou a assistência. Usou, por fim, da palavra o Diretor do Externato, Dr. Francisco Cabrita.

A concorrência, além de numerosa, foi seletíssima, notando-se inúmeras senhoras e senhoritas da melhor sociedade, bem assim representantes de quase tôdas as classes sociais.

E assim terminou essa solenidade máxima do antigo Ginásio Nacional, e que foi das mais imponentes e a todos deixou a melhor das impressões e gratas recordações, que ainda perduram e perdurarão por todo o sempre no espirito de todos aqueles que, como nós, tiveram ocasião e a satisfação de assisti-la.

Muitos dos alunos que passaram pelo Ginásio na época em que o Dr. Coqueiro dirigiu o Internato e o Externato, desfrutaram, nos dias que correm, posição de alto relêvo na vida pública.

Dentre êles, poderemos citar.

Alunos do Internato: Quintino do Vale, João Batista de Melo e Souza, Euclides Guimarães Roxo, Lentes catedráticos do Colégio Pedro II; Aloísio Neiva, Diretor da Casa de Detenção; Beli-



zário de Souza, jornalista e redator do "Jornal do Brasil"; Alfredo Baltazar da Silveira, escritor e jornalista; Waldemar Barbosa, alto funcionário do Ministério da Fazenda; Mário Newton de Figueiredo, Diretor do Tribunal de Contas; Alvaro de Figueiredo, Diretor de Seção do Ministério da Agricultura; Américo Oberlander, médico de nomeada; Brigadeiro do Ar, Armando Trompowski; José Maria Coelho, médico de renome; Capitão de Mar e Guerra, Fernando Cocrane; Edmundo de Miranda Jordão, advogado de prol.

E do Externato: Frederico Barros Barreto, Ministro do Supremo Tribunal Federal; Mário Paulo de Brito, Lente catedrático da Escola Nacional de Engenharia; Jonatas Serrano, Lente catedrático do Colégio Pedro II; Alceu do Amoroso Lima, literato e jornalista; Jorge Dodsworth, Secretário Geral de Administração da Prefeitura; Carlos Leôni Werneck, Lente do Instituto de Educação; Marcos Carneiro de Mendonça, advogado nos auditórios da Capital Federal, Aleixo de Vasconcelos, médico e bacteriologista e muitos outros ainda que deixamos de citar pela carência absoluta de espaço.

O Código de Ensino e o Regulamento do Ginásio Nacional, davam aos Diretores grande autonomia. Basta dizer que pelos seus atos só respondim perante o Governo, e entendiam-se diretamente com o Ministro e o Presidente da República. Todas as nomeações do pessoal da Casa, inclusive as de Professores interinos, eram feitas sempre por propostas suas.

Ocorre narrar, aqui, o fato seguinte:

Era Ministro da Justiça, o Dr. Esmeraldino Bandeira. Tendo falecido um Lente do Externato, o Dr. Coqueiro propoz, por ofício, àquele Ministro, para prover, interinamente, a cadeira, o nome do Engenheiro Fábio Hostilho de Moraes Rego. Acontece, porém, que indo, certa vez, conferenciar com aquele titular, informou-lhe este ter um candidato para aquela vaga. Em resposta, disse-lhe o Diretor do Externato que, sobre o caso, só lhe cabia acatar toda e qualquer decisão superior, fôsse ela qual fôsse, mas que, entretanto, a sua proposta estava feita. E, depois de ter resolvido o assunto que o havia levado ao Ministério, retirou-se. Poucos dias depois, recebia, no Externato, o Dr. Coqueiro, um telegrama do Dr. Esmeraldino Bandeira comunicando-lhe haver assinado, de acôrdo com a sua proposta, a nomeação interina daquele Engenheiro para reger a cadeira em apreço.

Em 23 de Março de 1903, era, a pedido, o Dr. Francisco Cabrita exonerado das funções de Diretor do Externato do Ginásio Nacional, e isso em virtude da resolução inabalável em que se achava o governo do Conselheiro Rodrigues Alves de fazer cumprir o dispositivo da Constituição Federal que vedava, taxativamente, as acumulações remuneradas.

O que é de estranhar, entretanto, é que fôssem dois somente os únicos auxiliares da administração pública atingidos por aquela medida governamental: o Conselheiro Nuno Ferreira de Andrade, que, ocupando os elevados cargos de Lente da Faculdade de Medicina e de Diretor Geral de Saúde Pública, foi forçado a optar por um deles, e, nesse caso, o fez pelo primeiro, por ser vitalício; e o Dr. Francisco Cabrita, que, exercendo, então, além daquele alto cargo, mais ainda os de Professor das Escolas Politécnica e Normal, preferiu deixar o de Diretor do Externato, único dos três, que não era vitalício.

Com o afastamento do Dr. Cabrita, ficou, não há dúvida, o Externato privado de um administrador impar.

Não tendo conseguido, até aquela data, levar a efeito os projetos que havia concebido para por em prática no Internato, por trazerem os mesmos aumento de despesa, pensou, pela primeira vez, nessa ocasião, o Dr. Coqueiro em deixar a Diretoria deste estabelecimento, passando-se, então, para o Externato.

Alguns Lentes mais seus amigos e, entre estes, Agostinho Luiz da Gama, Alfredo Coelho Barreto, Fortunato Duarte e Carlos França, dissuadiram-lhe, porém, dessa idéia.

Sensível o quanto se podia ser, não resistiu ao apelo desses Professores, deixando-se ficar, assim, na direção daquele instituto de ensino. Substituiu o Dr. Francisco Cabrita o Bacharel José Gil Castelo Branco.

Março de 1905. Achava-se o Dr. Coqueiro em gozo de férias na Fazenda "Pinhal da Aparecida", em Lorena, S. Paulo, de propriedade de seu genro Dr. Luiz Domingues, quando, do Dr. Elpidio Maria da Trindade, Vice-Diretor do Internato, recebeu um telegrama urgente comunicando-lhe o falecimento prematuro do Diretor do Externato.

Se bem que esperada, a morte do Dr. Castelo Branco, todavia, foi bastante sentida. Era um moço distinto e possuidor de excelente caráter.

De Lorena mesmo passou um telegrama ao Dr. J. J. Seabra, Ministro então da Justiça e Negócios Interiores, solicitando-lhe a sua transferência para o Externato, pois somente assim, poderia mudar-se de S. Cristovam, onde, como já ficou dito, não passava bem de saúde.

Muitos eram os candidatos àquela vaga, figurando entre os mais cotados: o Dr. José Custódio Alves de Lima, que vinha, ao que diziam, sendo amparado pelo eminente Sr. Barão do Rio Branco, então Ministro do Exterior; o Professor José Veríssimo de Matos, ex-Diretor do Externato, de cujo cargo foi, a pedido, exonerado em Setembro de 1898; e o Sr. Leôncio Correia.

Regressando ao Rio, o Dr. Coqueiro apresentou-se ao Ministro Seabra, não lhe tocando, porém, no pedido que de Lorena lhe havia feito, por telegrama.

O Dr. J. J. Seabra, entretanto, grande político, que sempre o foi, abordou inicialmente o assunto, fazendo sentir ao Diretor do Internato as sérias dificuldades em que se achava o governo para resolver aquele "caso", que, dizia, ser bastante delicado, ao que respondeu o Dr. Coqueiro, com aquela sua calma costumeira:

— O que me traz á sua presença, Dr. Seabra, é tão somente comunicar-lhe o meu regresso de Lorena, e, ao mesmo tempo, conversar sobre o melhor critério a adotar na admissão dos novos alunos gratuitos, pois, que, sendo as vagas em número muito pequeno e, naturalmente, muitos os candidatos, teremos, ainda, a atender aos extranumerários que vêm do ano que findou. Só e unicamente isso, é o que me traz aqui.

Dessa data em diante, passou o Dr. Coqueiro a frequentar, de raro em raro, o Ministério da Justiça. Amigo pessoal do Dr. Seabra, não lhe queria porisso criar o mínimo obstáculo. Entendia-se com o Ministro, por meio de officios sómente.

Estava o Diretor do Internato, ás 8 horas, do dia 30 de Maio, preparando-se, como de costume, para se dirigir áquele Colégio, quando, de Mário de Alencar, Official de Gabinete do Ministro da Justiça, recebeu um telegrama de felicitações por haver sido assinado pelo Presidente da República o Decreto de sua transferência para o Externato.

De feito, o "Jornal do Comércio", dêsse dia, em sua primeira VARIA noticiava:

"Por Decreto de ontem, o Dr. João Antônio Coqueiro, Diretor do Internato do Ginásio Nacional, foi nomeado para o cargo de Diretor do Externato, vago pela morte do Dr. José Gil Castelo Branco".

A sua posse no novo cargo, não obstante, só se verificou muito mais tarde — em 29 de Junho — e isso em virtude de lhe haver pedido o Dr. Seabra para que aguardasse no Internato a nomeação de seu substituto.

Porém, com a sua transferência para o Externato todos os pretendentes á vaga do Dr. José Gil — que não eram poucos — passaram a ser candidatos á Diretoria do Internato, persistindo, dêsse modo, para o governo as mesmas "sérias dificuldades" alegadas pelo Dr. Seabra.

E a prova é que, tendo sido o Dr. Coqueiro transferido em 29 de Maio, somente em 14 de Outubro foi nomeado o seu substituto, cuja escolha recaiu na pessoa do Sr. Leôncio Correia, um dos candidatos, que permaneceu nesse cargo até 1907, apenas.

Como se vê ainda, não foi fácil, como poderia parecer, ao governo a resolução dêsse "caso", pois tendo falecido em 14 de Fevereiro o Dr. José Gil, só a 14 de Outubro, isto é precisamente

oito meses depois, foi o mesmo em definitivo solucionado, com a nomeação do Sr. Leôncio Correia.

O "Diario Oficial", de 17 de Outubro, publicava:

"Por Decreto de 14 do corrente mês, foi nomeado Leôncio Correia para o lugar de Diretor do Internato do Ginásio Nacional".

Quando o Dr. Coqueiro assumiu a Diretoria do Internato havia ideado grandes planos para dotar aquele Instituto de ensino de notáveis melhoramentos. Até fins de 1902, devido ao regimem de compressão a tôda e qualquer despesa, nada pôde fazer nesse sentido. No governo do Conselheiro Rodrigues Alves, porém, com o Dr. Seabra na pasta da Justiça, ia êle dar início a alguns deles, quando, como vimos, transferiu-se para o Externato. Entretanto, apesar das escassas verbas de que dispunha, a sua passagem por aquela Casa não deixou de ficar assinalada por melhoramentos dignos de nota.

Na sua administração, pela vez primeira, foi externamente pintado a oleo todo o edificio, que, até então, vinha sendo caiado a ocre somente. A côr preferida pelo Dr. Coqueiro foi o lilá claro, á semelhança do Ministério das Relações Exteriores, cujo prédio havia sido igualmente pintado a oleo externamente daquella côr e na mesma ocasião.

E' interessante recordar, aqui, o seguinte episódio que esclarece o motivo por que foi a côr lilá preferida pelo Dr. Coqueiro.

O Dr. Pecegueiro do Amaral, do Ministério do Exterior, havia ido ao Internato visitar um seu filho, aluno dêsse estabelecimento. Acontece, porém, que, na ocasião em que entrava no gabinete do Diretor, discutia-se justamente e já há algum tempo sobre qual a melhor côr para pintar aquele edificio. Nessa altura, o Dr. Coqueiro, avistando o Dr. Pecegueiro, diz, apontando para êle:

— Seja bem vindo. Quem vai decidir a parada é o Sr.

E explica-lhe, então, a situação.

Rindo-se gostosamente êsse illustre cavalheiro, que era bastante gordo e simplório, não teve dúvidas e manifestou-se imediatamente por aquella côr pelo fato, com certeza, de ter sido a preferida na pintura do edificio do Ministério das Relações Exteriores.

Mandou o Dr. Coqueiro concertar vários e importantes aparelhos pertencentes ao gabinete de Fisica, que, há muito, não eram mais utilizados, por não poderem funcionar; mudou o gabinete de História Natural para uma sala mais ampla, dando-lhe assim melhor instalação e conforto; transferiu para outra sala, muito mais clara e maior, a Bibliotêca, adquirindo ainda para a mesma diversas obras notáveis; mandou proceder a uma limpeza interna geral, de caiação e pintura, em todo o edificio; aos lentes, deu sala con-

tipos para discussões nos intervalos das aulas, para antes e depois de uma e outra uma disposição de mobiliário não muito adequada, com o de uma parte e do outro de edifício e galvões com o de Thores e o Secretário que se achavam predominantemente ligados e separados por paredes e antiquados bancos que encobriam e não acompanhavam das impressões. Aproveitando-se ainda de que a maioria de seus secretários, além de antigos e disertos, em alguns casos tinham modernidade, não elegante e disposta, em relação com o que se viu então no Brasil, na sua transferência do Internato de antigo Colégio de Maré, na rua de S. Francisco Xavier, onde funcionava desde 1856, para o atual de S. Francisco Xavier, onde funcionava desde 1856, para o atual de 1880 que tinham funcionando em comum, na ala direita do edifício separados apenas por paredes baixas, os galvões do Diretor, Vice-Diretor e o Secretário.

Com a mudança mudaram logo pelo Dr. Coqueiro, o gabinete do Diretor e o Secretário somente continuaram os seus, divididos, porém, por um limbo alto, moderno e elegante.

Uma das grandes preocupações do Dr. Coqueiro durante toda a sua administração no Ginásio Nacional, foi sempre a frequência dos Professores, que localizava com grande interesse. Achava que os Professores faltosos habitualmente aqueles que rigorosamente compareciam com os seus deveres, seria quase um crime.

Antes de tomar posse de seu novo cargo, convidou o Dr. Coqueiro o Ministro da Justiça para visitar o Internato. Não queria deixar aquele Casa sem que primeiro fosse a mesma rigorosamente inspecionada por aquele titular.

Acordando imediatamente se convence que lhe havia sido feito pelo Diretor do Internato, compareceu, na manhã do dia 5 de Junho, aquele estabelecimento, e Dr. J. J. Seabra.

Da visita minuciosa que fez, de tudo que viu e lhe foi dado conhecer, colheu o Ministro a melhor das impressões, tendo ele mesmo observado as diversas mudanças mandadas executar pelo Dr. Coqueiro, bem assim o grande estado existente em todas as dependências do edifício.

Quanto a disciplina, teve o Ministro Seabra esta frase: "no se nota na Casa, tem-se a impressão de se ter penetrado numa Condição, tal o silêncio aqui existente".

A "Gazeta de Notícias", do dia seguinte, assim se expressa sobre esta visita:

"O Sr. Dr. J. J. Seabra, Ministro da Justiça, esteve, ontem, de manhã, na manhã, no Internato do Ginásio Nacional.

Ele fez um passeio à parte daquele estabelecimento pelo Sr. Dr. Coqueiro, Diretor, e percorreu todas as dependências do Ginásio, notando todo o cuidado com o qual se trata o ensino. Atualmente o número de alunos do Internato é de 187. O ensino superior do Colégio é excelente, por se desenvolver nos 14 cursos."

A Secretaria do Internato tinha sempre sido exercida pelos seguintes: Fozes, Almeida, Antônio Alves, Cordeiro, Cordeiro, Soares, Simões, Francisco Gonçalves, Barreto e Eugênio Cordeiro, Barreto.

Tendo sido eleito o Secretário, Sr. Antônio Alves Cordeiro Cordeiro, de nobres memórias, licenciado em Direito e de excelente caráter, foi o mesmo, por proposta do Dr. Coqueiro, substituído pelo Bacharel da Casa, Silva, Bevilacqua, nomeado em 7 de Junho de 1905, que licenciou-se também, mediante aprovação gratuita à administração daquele Diretor e aquele Instituto de ensino.

Quando o Dr. Coqueiro assumiu a Direção do Internato, o seu corpo docente era, então, o seguinte:

Dr. Francisco Padua Guimarães, Português; Geografia; Euclides Francisco, Dr. Guilherme Alberto de Carvalho, Inglês; Guilherme Machado, Alameda; Dr. Fortunato Duarte, Latim; Hugo Mattoso, Grego; Dr. Francisco Xavier Oliveira de Moraes, Física e Química; Dr. Wenceslau de Oliveira Belo, História Natural; Dr. Agostinho Luiz da Gama e Dr. Tiago da Costa, Matemática; Dr. Alfredo Coelho Barreto, Anatomia e Mecânica; Dr. Silvio Romano, Lógica; Dr. Carlos Furtado França, Literatura; Dr. João Ribeiro, História Universal; Dr. Manoel Maia, História do Brasil; Dr. Augusto Daniel de Azevedo Lima, Geografia; e Dr. Benedito Ramalho da Silva, Desenho.

No decurso da sua administração houve, como era natural, várias modificações no referido corpo docente, já pela licitação de alguns Professores e já pela transferência de outros para o Externato.

A 30 de Junho de 1905, pela parte da manhã, compareceu o Dr. Coqueiro ao Dr. Elpídio Maria da Trindade, Vice-Diretor, o exercício do cargo de Diretor do Internato do Ginásio Nacional, por não ter sido até aquela data nomeado o seu substituto.

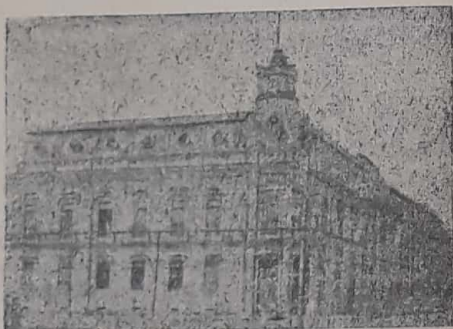
Transferido para o Externato em fins de Junho, mudou-se, então, no mês seguinte o Dr. Coqueiro para a Typica — rua Conde de Bonfim — para ser substituído pelo Sr. Silva, que, como dissemos, lá muito o chamava para parte de si.

NO EXTERNATO

(De 29 de Junho de 1905 a 25 de Fevereiro de 1910)

Transferido, como vimos, a pedido, por Decreto de 29 de Maio de 1905, para o Externato, somente em 29 de Junho, isto é, um mês depois, pelos motivos já expostos, tomou o Dr. Coqueiro posse de seu novo cargo.

Aí, não se modificaram em nada os seus hábitos. Como no Internato, chegava ao Colégio às 9 horas, só se retirando também



Colégio Pedro II (Externato)

quando findavam as últimas aulas (2 horas). Dessa hora em diante, era, como é sabido, o edifício entregue ao funcionamento das aulas da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais.

Almoçava no estabelecimento, mandando buscar a refeição num Restaurante situado à rua Marechal Floriano e que ficava fronteiro ao Externato. Tinha êsse Restaurante o nome, *sui generis*, de "Planeta do Destino".



Dr. Fernando Antônio Raja Gabaglia, atual Diretor do Externato.

Ele próprio, e disso fazia questão absoluta, superintendia toda a disciplina do Colégio. Familiarizado com os alunos, conhecia-os quase todos e sabia-lhes os nomes. A propósito, vale a pena recordar aqui o seguinte fato: Estavam os alunos dos diferentes anos formados no pátio para se dirigirem às várias salas de aulas. Eis que um deles — sem perceber que o Diretor, de cima, da janela que dava para o referido pátio, observava-os, — atira uma bolinha para um outro seu colega. Ora, a disciplina para ele era tudo. Tendo percebido a cena, que fôra rápida, aquele modo de proceder do aluno, que se achava em forma, mereceu logo a sua franca reprovação.

Assim, do mesmo local onde se encontrava chamou imediatamente pelo Inspetor de alunos, que, aliás, tudo ignorava, dizendo-lhe:

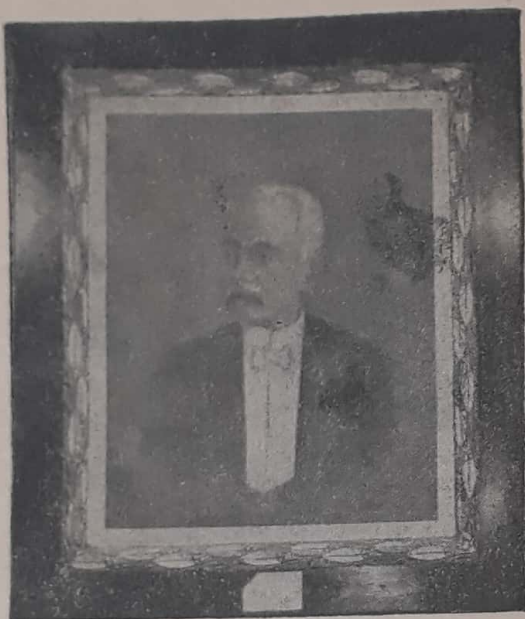
— Sr. Pedro Leal, faça retirar da forma o aluno Mendonça e traga-o ao meu Gabinete.

Após a terminação das aulas, os alunos comentando a cena, mostravam-se admirados do Diretor conhecê-los pelos nomes.

O aluno Mendonça, outro não é senão o ilustre e conhecido advogado nos auditórios da Capital Federal, Dr. Marcos Carneiro de Mendonça.

Conforme hábito seu no Internato, o Dr. Coqueiro também no Externato assistia, diariamente, as aulas. Para ele, isso já era quase que uma obrigação.

As gerações de moços que passaram, a êsse tempo, sob aquelas arcadas do saber, são vivos atestados, sinceros testemunhos, da influente e correta direção que sempre soube manter no antigo Ginásio Nacional êsse ilustre pedagogo.



Fotografia do quadro oferecido pelos Inspetores de alunos do Externato do Ginásio Nacional ao seu Diretor e amigo.

Ai, não era só o Diretor severo, era também o bondoso pai e o conselheiro experiente que tinham os alunos.

O velho educador era no Ginásio a figura respeitável que todo ginásiano admirava e venerava.

Do numeroso corpo docente, durante todo o longo período de sua administração, só recebeu provas de grande consideração; e dos alunos e de seus subordinados, de respeito e muito sincero afeto.

Pelos Inspetores de Alunos foi-lhe, no dia 15 de Dezembro de 1907, por ocasião do encerramento do ano letivo, oferecido o seu retrato a óleo, em requíssima moldura dourada, trabalho do pintor patricio E. Almeida, com a seguinte e expressiva inscrição em um bem trabalhado cartão de prata: "Ao Diretor e bom amigo, Dr. J. A. Coqueiro, oferecem os Inspetores de Alunos do Externato do Ginásio Nacional. Em 15-12-907".

Ao entrar, naquele dia, em seu Gabinete, encontrou a sua mesa de trabalho coberta de finíssimas flores naturais, sendo, nessa

ocasião, recebido sob uma prolongada salva de palmas e abraçado pelas pessoas presentes àquela manifestação de apreço.

Saudado pelo Inspetor Maciel, o mais velho deles, em nome de seus colegas, disse o referido serventuário, ao oferecer o retrato, em sentidas palavras, merecer o Dr. Coqueiro uma homenagem muito maior do que aquela de que estava sendo alvo, pelas suas raras qualidades de espírito, de coração e de chefe. Entretanto, embora modesta, era todavia profundamente sincera e representava a imorredoura gratidão dos Inspetores de Alunos do Externato do Ginásio Nacional ao seu Diretor e amigo pelo muito que lhe deviam e pelo prestígio que sempre lhes dispensara no exercício das funções de seus cargos, fator êsse, sem dúvida, a que se devia atribuir a boa disciplina de há muito implantada naquele Externato.

Bastante comovido e sensibilizado, como era natural, agradeceu o Dr. Coqueiro dizendo que os Inspetores de Alunos do Externato do Ginásio Nacional, por serem exatos cumpridores de seus deveres, eram, por isso mesmo, mais do que merecedores do prestígio incondicional, que, realmente, sempre lhes dera e da confiança ilimitada que nos mesmos depositava. A êles, seus auxiliares diretos na administração, se devia, em grande parte, a excelente disciplina existente naquele estabelecimento, que disso se devia orgulhar.

E, assim, terminou aquela manifestação simples, mas expressiva e tocante e, sobretudo, como bem acentuou o Inspetor Maciel, — profundamente sincera. Ao ato, estiveram presentes os seguintes Lentes: Drs. Fausto Barreto, José Acióli, Gastão Ruch, Horácio Maisonnette, Henrique de Noronha, Escragnole Dória e os Professores Artur Ferreira, Madureira Pará e Alcides Fonsêca; o Secretário Paulo Tavares e o Escrivão Joaquim de Oliveira Alves.

A "A Tribuna" do dia 16, ao registrar essa homenagem, assim se expressa:

#### UMA FESTA.

"Os Inspetores do Externato do Ginásio Nacional deliberaram manifestar, ontem, dia do encerramento das aulas do Ginásio, a estima e o respeito em que têm o Diretor do Externato, Dr. João Antônio Coqueiro.

Às 11 horas da manhã, acompanhado por vários Lentes, o Dr. Coqueiro deu entrada no seu gabinete, que se achava singela, mas elegantemente adornado.

Ai, o Inspetor Maciel, em breves e corretas frases, saudou o Dr. Coqueiro em nome dos Inspetores do estabelecimento, terminando por oferecer-lhe, em nome dos colegas, o seu retrato a óleo trabalho do pintor Ernesto de Almeida.

Agradecendo, bastante comovido, o Dr. Coqueiro, foi saudado com palmas por parte de todos os presentes.

Foi uma manifestação simples, mas tocante, a dos Inspectores do Externato, que puseram, assim, digno termo aos labores do ano letivo.

Estiveram presentes á manifestação os Lentes Drs. Acióli, Gastão Ruch, Fausto Barreto, Escragnole Dória, Maissonnette, Henrique de Noronha e os Professores Drs. Madureira Pará, Alcides FONSECA, o Secretário e Escrivão, além de grande número de alunos".

Desde a época em que assumiu a Diretoria do Internato que vinha o Dr. Coqueiro se insurgindo sempre contra os programas então em vigor no Ginásio Nacional.

Certa vez, quando Diretor do Externato, informando ao Ministro sobre uma acusação formulada por um órgão de imprensa diária desta Capital contra um Lente de matemática e dos mais ilustrados desse Colégio, teve ocasião de se referir áqueles programas, que classificou de absurdos, monstruosos e, até, **deshumano**.

Procurou demonstrar ao referido Ministro que não somente ao Lente sobre quem pesava tal acusação cabia a culpa das questões dadas, — pelo citado órgão de imprensa consideradas por demais difíceis — mas, sim aos monstruosos programas em vigor, nesse tempo, naquele Ginásio.

Nessa sua informação dizia em officio o Dr. Coqueiro ao Ministro:

"Externato do Ginásio Nacional.  
Rio de Janeiro, 5 de Janeiro de 1908.  
Officio Reservado.  
Exmo. Sr. Ministro.

Em obediência ao que me determinou V. Ex. em seus Avisos de ns. 2.631 e 2.652, de 21 e 23 de Dezembro últimos datados, respectivamente, mandei ouvir o Lente de Matemática deste Colégio, Dr. Joaquim Inácio de Almeida Lisboa, sobre quem pesam as acusações formuladas na local de um órgão de imprensa diária desta Capital, que acompanhou um dos citados Avisos de V. Ex. e que devolvo.

O Dr. Almeida Lisboa em sua informação, que tenho a honra de passar ás mãos de V. Ex., limitou-se a afirmar que extremamente fáceis são as questões por ele propostas aos seus alunos do 1.º e 3.º ano, deixando de tomar em consideração os demais tópicos das locais do jornal em questão para não descer de sua dignidade como Lente catedrático do Ginásio Nacional.

Não são realmente difíceis as questões propostas pelo Lente, mas não são, também, tão fáceis como avança, maximé as que dizem respeito ao 1.º ano.

Se não as resolveram os alunos, não cabe toda a culpa ao Dr. Lisboa, mas aos monstruosos programas atualmente em vigor no Ginásio Nacional.

E a Aritmética — cujos raciocínios são apertados e rigorosos — sem dúvida nenhuma a parte mais difícil da Matemática, e, assim sendo, o principal afã do Professor deverá ser em dirigir o ensino no sentido de, despertando e aproveitando as disposições naturais do aluno, ir-lhe prendendo a atenção, habituando-o a raciocinar, sempre, e nunca a decorar, sendo extremamente perigoso querer ir para adiante sem se preocupar com o que precede.

Porém, para isso, cumpre que, por seu lado, reúna o Professor duas das principais qualidades pedagógicas: — paciência e discernimento psicológico.

Nessas condições, Sr. Ministro, o ensino de Aritmética não poderá ser dado absolutamente em dois anos, como o tem sido e ainda o é atualmente, mas em três e a alunos que não deverão entrar nunca, mas nunca, para o Ginásio Nacional com menos de 11 anos.

O exame de admissão, deverá versar sobre noções fundamentais dos números e suas mais simples combinações, ensinadas praticamente; o primeiro ano, constar desses mesmos conhecimentos, regionalmente expostos; o segundo, compreender as matérias até hoje ensinadas no primeiro; e o terceiro, finalmente, a parte complementar desta disciplina.

Compare-se, agora, este processo com o que está atualmente em prática.

Pergunto: — um aluno que cursa presentemente os dois anos do Ginásio sem o preparo anterior suficiente, poderá ficar conhecendo alguma coisa de Aritmética? Nada, mesmo porque como bem sabe V. Ex., os dois anos letivos do curso — descontados os Domingos, dias feriados e santificados de guarda e, ainda, algumas faltas dadas pelos Professores — ficam reduzidos a um limitadíssimo número de lições.

Assim sendo, quaisquer questões, por mais simples que elas sejam, parecerão aos alunos sempre difíceis, sempre intrincadas, e isso porque faltou-lhes o preparo necessário e o tempo indispensável para assimilar as lições do Professor. Esta é a verdade.

E é por isso que em anos anteriores, Professores mais antigos, e, por conseguinte, mais experientes e melhor conhecedores dos grandes males que resultam para o ensino de um programa tão absurdo quanto deshumano, têm se limitado, nos exames de promoção, a formular questões mais simples, de acôrdo, sempre, com os conhecimentos que poderiam até então ter adquirido os alunos, e nunca em relação ao programa completo do curso.

E daí, sem dúvida, Sr. Ministro, a grande celéuma provocada pelas questões propostas, na atual época, pelo Dr. Joaquim Inácio de Almeida Lisboa, Lente catedrático de Matemática, deste Externato. Saúde e Fraternidade. (a) João Antônio Coqueiro".

Esse Ofício, que levava a nota de — RESERVADO —, não passou pela Secretaria do Externato. Aliás, o Dr. Coqueiro várias vezes, no Externato, teve ocasião de se dirigir ao Ministro sem fazer transitar pela Secretaria esse expediente. Tinha em sua residência papel oficial do estabelecimento, e ele próprio redigia os Ofícios, guardando em seu arquivo as minutas dos mesmos, devidamente autenticadas.

Muito embora nisso tivesse pensado e mesmo muito desejasse, não foi possível ao Dr. Coqueiro durante a sua administração beneficiar o Externato com qualquer melhoramento. Prédio bastante velho, muito mal localizado, com a circunstância agravante ainda de, naquela ocasião, servir de sede à antiga Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, qualquer melhoramento ali feito compreenderia ele seria em pura perda. Os estudantes de Direito, pelo fato justamente de não funcionar em prédio próprio aquela Faculdade, não tinham por isso o menor escrúpulo em danificar o material escolar do Colégio e até o próprio edifício, que sofria também as consequências desastrosas da hospedagem daqueles alunos, cuja distração, não raro, consistia em riscar as paredes e escrever nas mesmas frases picantes, que pelos serventes do Ginásio eram apagadas logo após a terminação das aulas do curso de Direito, afim de que no dia seguinte não fossem lidas pelos alunos daquele estabelecimento de ensino.

Foi sempre grande desejo do Dr. Coqueiro retirar do Externato a Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais. Como ele próprio dizia, desvantagens somente havia e muito grandes, no funcionamento da mesma no edifício daquele Colégio. Todas as vezes que se verificava mudança de Ministro, ao procurar o novo titular, abordava invariavelmente o assunto da retirada daquela Faculdade do edifício do Externato, fazendo ver ao detentor da pasta da Justiça que os alunos da mesma muito estragavam o material escolar do Ginásio e danificavam o prédio, e até a própria disciplina perturbavam, pois que em chegando muito propositalmente antes do começo das aulas do curso de Direito, ficavam na Portaria em algazarra, fazendo troças e provocando os transeuntes com chacotas.

Porém, os Diretores da Faculdade — pois durante o tempo em que o Dr. Coqueiro dirigiu o Externato vários foram eles, por isso que eram eleitos pela Congregação por um ano somente — informados do trabalho do Diretor do Externato naquele sentido, punham-se incontinenti em campo e logo de início alegavam justamente a grande dificuldade que encontravam para, de pronto, conseguir uma nova sede.

Houve certa ocasião em que o Dr. Coqueiro, já sem paciência, ao se encontrar na saída do Externato com o Dr. Gusmão,

Diretor da Faculdade a esse tempo e que entrava naquele momento, a ele se dirigindo disse-lhe:

— Positivamente não posso mais aturar os seus rapazes. Se o Sr. não tomar uma providência enérgica, eu irei ao Ministro e colocarei a questão neste dilema: ou ele retira a Faculdade ou eu peço a minha demissão.

Parece que esse encontro foi providencial, porquanto dessa data em diante, não há dúvida, a atitude daqueles rapazes melhorou sensivelmente. Para o Dr. Coqueiro, entretanto, a solução daquele caso continuava a ser uma única: a retirada da Faculdade do edifício do Externato.

Essa tarefa, todavia, continuava a ser das mais difíceis, pelo que permaneceu, por muito tempo ainda naquele próprio nacional, a referida Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais.

Certa vez, no Gabinete do Ministro, palestrando com o ilustre Dr. Ortiz Monteiro, Diretor e Professor dos mais eminentes que teve a Escola Politécnica, o Dr. Coqueiro lhe falou:

— Eu e o Sr. estamos precisando de nos mudar de casa. Não concorda?

— Como de nos mudar de casa, redarguiu, um tanto intrigado, o Dr. Ortiz?

Rindo-se, explicou-lhe então o Dr. Coqueiro a que mudança se referira ele.

— A sua Politécnica e o meu Ginásio, prédios já bastante velhos e imprestáveis e situados ainda em lugares por demais barulhentos, é forçoso confessar que não se adaptam mais, absolutamente, aos fins a que se destinam.

Concordando plenamente com o Dr. Coqueiro, o Diretor da Politécnica teve ocasião de dizer-lhe que essas mudanças se impunham e que fatalmente teriam de ser feitas dentro de algum tempo.

Já lá se vão para mais de 30 anos e tanto a Politécnica como o Colégio Pedro II (Externato) continua no mesmo lugar...

Quando Diretor do Externato o Dr. José Gil Castelo Branco, não obstante ter direito a residir no estabelecimento, não o quis, no entanto, fazer por achar demasiadamente velho esse edifício. Preferiu pagar aluguel a morar naquele próprio nacional.

Em 1900, por ocasião da peste bubônica, já pedira ao governo o Dr. Nuno de Andrade, como Diretor Geral da Saúde Pública, a interdição do edifício do Externato por considerá-lo inabitável, e, assim sendo, sujeito a uma invasão de ratos, animais, como é sabido, transmissores, pelas pulgas, do micróbio daquela peste horrível.

Pelos motivos acima expostos, ficou o Dr. Coqueiro impossibilitado inteiramente na sua administração de dotar o Externato do Ginásio Nacional de qualquer melhoramento.

Além daqueles obstáculos, que, como vimos, não foram pou-

cos, havia a considerar ainda a circunstância de se realizarem também naquele edificio, naquela época, os Exames Gerais de Preparatórios, cujos candidatos, sempre turbulentos e indisciplinados, vindos de vários colégios e cursos particulares, igualmente deixavam bem assinalada a sua passagem devastadora por aquela Casa de educação.

Assim sendo, a biblioteca do Externato somente pode o Dr. Coqueiro beneficiar. Adquiriu para a mesma obras valiosas e grande número de livros de consulta.

Em 1908, teve ocasião de apresentar ao Ministro da Justiça, naquele tempo o Dr. Augusto Tavares de Lira, um minucioso PROJETO DE REFORMA DO ENSINO SECUNDARIO, trabalho que mereceu os maiores encômios.

Substituído esse Ministro do governo Afonso Pena, pelo Dr. Esmeraldino Bandeira, pela ascensão á Presidencia da República do Dr. Nilo Peçanha, foi mandado pelo novo titular da pasta da Justiça publicar, na integra, no DIÁRIO OFICIAL, aquele Projeto do Dr. Coqueiro.

Não há menor dúvida, que esse Projeto de reforma do ensino secundário, elaborado depois de demorado estudo por aquele eminente educador revolucionou, pode-se assim dizer, sem exagêro, naquela ocasião, os meios pedagógicos da capital do País.

Os pontos principais do dito Projeto consistiam: abolição dos privilégios de diplomas; redução dos programas; distribuição do ensino; seleção dos alunos; investidura do professorado. O curso ginasial seria dividido em dois Ciclos: o primeiro, seria constituído por um curso fundamental, que constaria de quatro anos para alunos de 11 a 15 anos e onde seriam ministradas noções sintéticas sobre os conhecimentos científicos e literários; o segundo, por um curso complementar que seria de 3 anos, para alunos de 15 a 18 anos, dividido em duas secções: Bacharelado em Ciências e Bacharelado em Letras. O curso ginasial seria feito, pois, em 7 anos, quer para o Bacharelado em Ciências, quer para o Bacharelado em Letras. Os diplomas, entretanto, não teriam privilégio algum perante o Estado. Seriam meros atestados de frequência dos cursos.

No curso fundamental, como vimos, o aluno adquiria não só conhecimentos científicos como também literários, que o tornavam apto a cursar um dos dois Bacharelados, escolha que faria, então, de acôrdo com a sua inclinação científica ou literária.

O Dr. Coqueiro foi sempre contrário a sobrecarregar-se o aluno de matérias supérfluas, de conhecimentos desnecessários. Achava que os programas deveriam ser organizados de modo a resumir as disciplinas a estudar, restringindo-as ao indispensável, afim de que o aluno pudesse estudar a fundo os conhecimentos adquiridos.

Neste seu plano de reforma, diz elle :

"Organizar os programas de modo a condensar as matérias a estudar, reduzindo-se ao essencial, para que o discípulo, por si só, possa aprofundar os conhecimentos adquiridos.

Os programas devem ser, portanto, reduzidos. De cada disciplina deve ensinar-se o essencial para que o discípulo adquira, por si, o que é accidental e secundário. O mestre fornece a noção de conjunto, o aluno, pela meditação, pelos esforços da própria intelligência, desenvolve as minúcias, assimila o detalhe.

Um dos maiores vícios do ensino moderno é a fragmentação, a especialização exagerada das disciplinas. Matérias que se poderiam aprender em algumas lições, dividem-se e subdividem-se em inumeráveis partes, abrangendo um grande lapso de tempo. Os professores entendem que devem transmitir aos alunos tôdas as minuciosidades, reduzindo-lhes a intelligência a um estado totalmente passivo.

Além disso, ensina-se muita cousa inútil e até nociva ao estudo do aluno. Muitos docentes procuram, mesmo, salientar-se ensinando novidades perfeitamente dispensáveis ou, pelo menos, adiáveis, pretendendo, assim, inculcar aos discípulos que possuem erudição científica não comum.

Um exemplo tornará mais clara a minha asserção.

No ensino do Cálculo Algébrico, tratando-se da resolução das equações do 2.º grau, os dois métodos clássicos, os que são verdadeiramente úteis na prática e têm real importância histórica e filosófica, o método ARABICO e o de VIÈTE, bastam para esclarecer suficientemente o aluno e prepará-lo para resolver todos os problemas correspondentes que tenham valor lógico ou utilidade prática. Entretanto, como se inventaram outros processos, sem nenhuma importância notável, histórica ou dogmática, professores há que perdem precioso tempo em fazê-los conhecidos dos discípulos".

O Professor Reis Carvalho, esposando as mesmas idéias emitidas por aquele emérito educador, nesse seu plano de reforma da instrução pública, e, ainda em homenagem á sua memória, anexou ao seu opúsculo — A QUESTÃO DO ENSINO — esse Projeto, publicando-o também na integra.

Assim conclúe, elle, o prefácio desse folheto, em que expõe as bases de uma reforma da instrução pública no Brasil :

"Resta-nos, ainda, a satisfação de que as idéias defendidas por nossos correligionários acharam eco no coração e na intelligência do nosso pranteado Mestre, DR. JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO, o qual, apesar de sua avançada idade, da sua posição no ensino official, dos preconceitos de sua classe — pois era duas vezes diplomado: — Doutor em Ciências Físicas e Matemáticas pela Universidade de Bruxélas e Bacharel em Ciências pela Faculdade de Paris — não hesitou em aceitar, com entusiasmo, a orientação republicana que preconizamos, formando ao lado dos defensores da abolição dos privilégios de diplomas e extinção do ensino official.



É o que se vê do relatório por ele apresentado em 1908 ao Ministro do Interior, na qualidade de Diretor do Externato do Ginásio. Em homenagem á memória do ilustre extinto, e como documento em favor dos princípios aqui vulgarizados, juntamos também ao nosso trabalho o do Dr. Coqueiro, já publicado no *Diário Oficial*, de 9 do corrente.

Este opúsculo representa, portanto, não só as nossas opiniões individuais, mas também as de pessoas cuja autoridade é insuspeita á causa defendida, já porque algumas exercem funções no magistério oficial, já porque tódas possuem o privilégio de diplomas acadêmicos. Rio de Janeiro, 3 de Gutemberg de 122 — 15 de Agosto de 1930. (a) Reis Carvalho”.

Na alocação que pronunciou na Sessão solene do Colégio Pedro II, na data centenária do saudoso Professor brasileiro, teve, Reis Carvalho, ocasião de, ainda uma vez, se externar a respeito desse Projeto.

Assim falou ele :

“Quanto ao educador, deixou nome como Professor de Matemática elementar e superior do Liceu maranhense; de Geometria prática e Mecânica, no Instituto Profissional de S. Luiz do Maranhão; como examinador de admissão na Escola Normal desta Capital; como organizador de um plano para criar-se no Maranhão uma Escola Politécnica, o qual serviu de base á reforma da antiga Escola Central, hoje, Escola Politécnica da Metrópole do Brasil; como Diretor do antigo Ginásio Nacional, hoje, Colégio Pedro II; finalmente, COMO AUTOR DE UMA REFORMA GERAL DA INSTRUÇÃO PÚBLICA E ESPECIAL DO ENSINO SECUNDÁRIO.

É por essa atuação final, que a obra educativa do Dr. Coqueiro assume caráter de uma verdadeira revolução, infelizmente abortada pela marcha retrógada que tem seguido, quase sempre, o movimento político brasileiro, através de seus dirigentes.

Apesar de terem sido as idéias do Mestre sôbre a reforma do ensino acolhidas, em parte, três anos depois de externadas, em 1911, pelo Ministro Rivadávia Corrêa — que, aliás, já era partidário delas através da propaganda dos republicanos sociocratas, feita por órgãos isolados ou por associações, entre as quais o Apostolado Positivista e o Centro Republicano Conservador — não chegaram nunca a ser praticamente realizadas. A liberdade profissional e a abolição dos privilégios acadêmicos e escolásticos, incorporados á reforma Rivadávia, tornaram-se letra morta diante da opinião respeitável, mas reacionária, da maioria dos Ministros do Supremo Tribunal Federal e de chefes de vários departamentos da administração pública.

Morreu o Dr. Coqueiro sem ver, nem sequer, a tentativa balçada de Rivadávia Corrêa. Mas isso não diminue o valor das idéias apostoladas, oficialmente, pelo grande cidadão. E como para mim

é ESSE APOSTOLADO QUE MAIS O RECOMENDA Á POSTERIDADE, apesar de tódas as oposições e extravios do nosso reacionário presente; como esse apostolado se fez no próprio seio do mundo oficial, quando o apóstolo era Diretor d'este Instituto de Ensino, que, hoje, o glorifica com esta solenidade; como quase não se conhece a peça notável onde foi pregada a reforma do ensino oficial, pois foi publicada, apenas, no *Diário Oficial* e há 27 anos, permiti que, em homenagem á memória do grande morto, eu termine esta alocação com a leitura de extratos dessa peça, onde a velhice cronológica do homem desaparece diante da mocidade psicológica do Mestre. Ouçamá-lo”.

E o Professor Reis Carvalho leu, então, integralmente, este vasto Projeto de reforma do ensino secundário, último trabalho daquele inolvidável educador e que passamos a transcrever, na íntegra.

**"EXTRATO DO RELATORIO CORRESPONDENTE  
AO ANO DE 1908, APRESENTADO AO MINISTRO  
DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES. DR.  
AUGUSTO TAVARES DE LIRA, PELO DR.  
JÃO ANTÔNIO COQUEIRO, DIRETOR  
DO EXTERNATO DO GINÁSIO  
NACIONAL**

**Do Ensino**

Infelizmente, continua ainda na mesma precária situação o ensino público, cuja reforma se torna, cada vez mais, urgente e inadiável.

Apesar dos esforços de V. Ex., condensados na exposição a que se refere a Mensagem do Sr. Presidente da República, dirigida ao Congresso Nacional em 22 de Junho de 1907, o projeto de reorganização do ensino público, elaborado na Câmara dos Deputados de acôrdo com as idéias essenciais de V. Ex., não logrou ser transformado em Lei.

No Senado, em que a Comissão de Instrução Pública apresentou modificações radicais ao projeto primitivo, em parecer de 27 de Novembro de 1908, nem sequer foi iniciada a discussão.

Jaz, assim, a magna questão em deplorável apatia há quase dois anos.

Neste período, tenho acompanhado a controvérsia sobre o assunto, estudado e apreciado o problema sob todos os seus aspectos, e as minhas opiniões primitivas se têm modificado no sentido de melhor corresponder ás aspirações da nossa época e da nossa pátria.

Permita-me V. Ex., que as exponha sumariamente, desenvolvendo, de modo especial, o que diz respeito á Instrução secundária, de que me ocupo, todos os dias, no exercício do cargo para que me nomeou o Governo.

A Instrução pública no Império e durante a República tem sido sempre o objeto das sollicitudes dos Governos, que têm proposto e rea-

lizado uma série de reformas. Entretanto, a Instrução pública continua uma série de reformas. Entretanto, a Instrução pública continua e decair.

Como explicar esta anomalia?

Resulta de dois motivos incontestáveis:

- 1.º Que tôdas as reformas propostas e praticadas trazem o vício fundamental do privilégio escolástico ou acadêmico;
- 2.º Ser o ensino transmitido com tôdas as minúcias, na hipótese da ignorância completa do discípulo.

Estes dois males devem ser sanados, estabelecendo-se como medidas preliminares da reforma:

- 1.º Abolição dos privilégios dos diplomas fornecidos por quaisquer Institutos, oficiais ou não;

- 2.º organizar os programas de modo a condensar as matérias a estudar, reduzindo-as ao essencial, para que o discípulo, por si só, possa aprofundar os conhecimentos adquiridos.

A estas medidas preliminares convem acrescentar três outras, concernentes á distribuição do ensino, á seleção dos alunos e á investitura do professorado.

Quanto á distribuição, deve ser tal que as matérias a ensinar sejam ministradas aos alunos sucessivamente, ensinando-se-lhes primeiro as mais simples e depois as mais complexas, de acôrdo não só com as dificuldades crescentes dos estudos, mas também com o desenvolvimento gradual da inteligência do discípulo.

A seleção dos alunos deve obedecer á condição primordial de capacidade intrínseca, tanto intelectual como moral, e secundariamente ao grau de conhecimentos já adquiridos.

A investitura do professorado, mantida por concurso, exige que cada professor dê provas de saber em todo o conjunto das matérias do respectivo curso, afim de ensiná-las aos mesmos alunos em cada período escolar ou acadêmico.

Sem querer abusar da atenção de V. Ex., peço vênha para examinar cada uma destas cinco condições:

- I. Abolição dos privilégios de diplomas
- II. Redução dos programas
- III. Distribuição do ensino
- IV. Seleção dos alunos
- V. Investitura do professorado.

1. A abolição dos privilégios escolásticos ou acadêmicos, além de ser um preceito constitucional (§ 24 do art. 72), reconhecido em sentenças do Poder Judiciário, e explicitamente formulado na Constituição do Rio Grande do Sul (§ 5.º do art. 71), é a primeira condição de toda reforma do ensino oficial.

De fato, ninguém ignora que na sociedade contemporânea, especialmente em nossa pátria, o ideal da maioria das famílias abastadas, e mesmo das que não dispõem de fortunas, é formar os filhos, é vê-los cursar uma escola ou academia, afim de angariarem um título, serem

Bachareis ou doutores. Não se indaga quais as aptidões reais daquele que se propõe ao tirocinio profissional privilegiado; o que se aspira é o diploma. Muitas vezes a vocação do jovem aspirante é mais industrial do que teórica; a sua inclinação é para ser um operário mecânico, um negociante ativo, um agricultor dedicado, mas a sua família, e por último o orgulho e a vaidade própria, querem que ele se forme, que seja Bacharel em direito, Doutor em medicina, embora depois de formado, depois de agraciado com a comenda científica, vá dirigir uma fazenda, ser chefe de um armazem, gerir uma fábrica. Se mais tarde aniquilou-se a fazenda, faliu o armazem, desapareceu a fábrica, o Bacharel em direito, o Doutor em medicina, munido do título, armado com o diploma, vem exercer a advocacia, a magistratura, a medicina, apesar de nada entender delas. O diploma lhe dá a eterna presunção de saber. Passa 10, 20, 30 anos sem praticar o ofício, e é sempre o mesmo Bacharel, o mesmo Doutor, legalmente autorizado a inculcar-se de jurista ou médico.

Todos estes deploráveis inconvenientes, todos estes males, que afetam diretamente a sociedade, tornando-a vítima do pior dos charlatanismos, qual é o charlatanismo diplomado, desaparecem eliminando-se, de fato, o odioso monopólio dos diplomas.

Então, só os que tem verdadeira vocação entregar-se-ão a carreiras profissionais hoje privilegiadas, donde não lhes advirá outra distinção a não ser a do prestígio perante a opinião pública, nascido do próprio valor.

A vaidosa e fútil aspiração por um título, que realmente nada significa, deixará de existir; o diploma só consistirá no mérito.

Assim, faz-se imediatamente uma seleção entre os aspirantes ás diversas carreiras atualmente diplomadas.

Dada esta situação de plena liberdade profissional, mediante a eliminação efetiva do diploma privilegiado, os Institutos de ensino mantidos pelo Governo limitam-se a ministrar a instrução nos três graus clássicos sem outorgar privilégio algum aos certificados, atestados, diplomas, ou outros títulos de habilitação que fornecerem aos alunos. Os estabelecimentos oficiais tornam-se assim equiparados aos particulares, não como no imoralíssimo regimen actual, que consiste em multiplicar os privilégios, estendendo aos particulares os de que gozam os oficiais, mas colocando a todos na mesma situação legal: sem privilégio de especie alguma. O Estado concorrerá com a iniciativa privada para manter e desenvolver o ensino, mas sem que ambos disponham de privilégio a conceder aos que se utilizam dos seus serviços á instrução.

Para preencher os cargos oficiais serão mantidos os concursos, tratando-se das funções inferiores; observar-se-á a antiguidade ou mérito para os acessos, e a livre escolha, relativamente ás funções superiores.

É nesta situação verdadeiramente republicana e constitucional, que se poderá tentar uma reforma eficaz.

II. Um dos maiores vícios do ensino moderno é a fragmentação, a especialização exagerada das disciplinas. Matérias que se poderiam ensinar em algumas lições, dividem-se, subdividem-se em inúmerissimas partes, abrangendo um grande lapso de tempo. Os professores entendem que devem transmitir aos alunos todas as minuciosidades, reduzindo-lhes a inteligência a um estado totalmente passivo.

Além disso, ensina-se muita coisa inútil e até nociva ao espirito do aluno. Muitos docentes procuram mesmo salientar-se ensinando novidades dispensáveis ou adiáveis, pretendendo assim inculcar aos discipulos que possuem erudição científica não comum.

Um exemplo tornará mais clara a minha asserção.

No ensino do Cálculo algébrico, tratando-se da resolução das equações do 2.º grau, os dois métodos clássicos, os que são verdadeiramente úteis na prática e tem real importância histórica e filosófica, o método arábico e o de VIÈTE, bastam para esclarecer suficientemente o aluno e prepará-lo para resolver todos os problemas correspondentes que tenham valor lógico ou utilidade prática. Entretanto, como se inventaram outros processos, sem nenhuma importância notável, histórica ou dogmática, professores há que perdem precioso tempo em fazê-los conhecidos dos discipulos.

Este ensino é inútil e nocivo. Inútil, já porque o estudo dos métodos clássicos é o suficiente para as necessidades teóricas ou práticas, já porque conhecendo-o o aluno por si mesmo está no caso de aprender os outros métodos; nocivo, porque faz perder tempo precioso que podia ser empregado em professar novas noções essenciais.

Os programas devem ser, portanto, reduzidos. De cada disciplina deve ensinar-se o essencial para que o discipulo adquira por si o que é accidental e secundário. O mestre fornece a noção de conjunto, o aluno, pela meditação, pelos esforços da própria inteligência, desenvolve as minúcias, assimila o detalhe.

III. É muito vulgar nos programas estatuir-se o ensino de matérias mais complicadas, mais difíceis, antes das mais simples e mais fáceis.

É assim que na Escola Politécnica se estuda Física antes de Mecânica e que nos exames de preparatórios se exige, para certos cursos, exames de Geometria sem o aluno provar que sabe Algebra.

Em ambos os casos, dá-se o absurdo de um examinando de Geometria não poder, por exemplo, calcular o lado de um poligono qualquer, porque desconhece os meios de resolver uma equação, e um estudante de Física deixar sem resposta questões sobre os líquidos pesados, porque dependem de conhecimentos abstratos de hidrodinâmica.

É verdade que num e noutro caso se procura iludir a dificuldade, dando noções resumidas de Algebra a uns e preliminares de Mecânica a outros; mas tal sistema ainda torna mais confusa a instrução adquirida, porque, não só essas noções da matéria mais fácil não satisfazem as necessidades lógicas e científicas do estudo completo da mais difícil, como também disso resulta uma enorme desproporção entre a exigui-

dade do que se devia estudar primeiro integralmente e o que assim se estuda depois de modo completo.

Dai a necessidade de classificar as disciplinas, colocando-as numa ordem tal que corresponda á complexidade crescente dos fenômenos correspondentes.

IV. Para evitar o desvio das verdadeiras vocações e apreclar-lhes o mérito real, é preciso estabelecer a seleção dos alunos mediante exame de admissão.

Na passagem de um curso, a outro, cada candidato á matricula tem de exhibir não diploma, mas prova real e actual de que está apto, não só pelos estudos feitos, mas ainda por sua própria capacidade, a seguir os estudos que pretende. É um exame de madureza, segundo o qual se aprecia quer a instrução assimilada, quer o grau de capacidade intelectual para obter-lhe o aperfeiçoamento.

Este exame exclúe não só os insufficientemente instruidos, mas também o que é mais importante, as naturezas incapazes.

Entre nós, já existe, muito imperfeitamente, tal processo para a matricula no Ginásio e na Escola Politécnica, mas, tanto num como noutro Instituto, a apreciação é mais concernente ao grau de instrução do que á capacidade de aprender. Daí, resulta a anomalia de obter melhores notas o aluno menos inteligente, que teve mais fáceis meios de estudar, e tê-las piores o mais inteligente, que não dispoz de recursos para conseguir a mesma instrução.

V. No provimento das cadeiras, deve ser mantido o sistema actual dos concursos, mas, convenientemente modificado, no sentido de melhorar o magistério e aperfeiçoar o ensino.

Em vez de haver um professor para cada cadeira ou secção, haverá muitos professores para todas as cadeiras, e, em lugar de uma turma de alunos receber a instrução de diversos lentes, é um mesmo lente que ensina á mesma turma de alunos todo o curso.

Sendo assim, aperfeiçoa-se o ensino, dando-lhe a necessária unidade de método e doutrina.

Ninguém ignora quanto prejudica ao espírito do estudante ouvir e assimilar confusamente noções contraditórias sobre assuntos visivelmente idênticos. Que significa, por exemplo, ensinar um professor de Física que desconhecemos o peso, o calor, a luz, o som, a electricidade, em suas essências intimas, que os flúidos imaginados para explicá-los são quimeras e fantasias, que só sabemos e podemos saber as leis de sucessão e coexistência desses attributos gerais da matéria, quando o lente de Quimica vai afirmar, em linguagem ás vezes brilhante e sedutora, a existência real dos átomos, da força catalítica e da afinidade?

A intelligência anarquiza-se e o sentimento flutua na indecisão e na dúvida.

Dê-se, porém, a um só professor a iniciação dos mesmos alunos, ao menos dentro do mesmo curso, e esse inconveniente cessará. As lições serão sempre caracterizadas pela homogeneidade das doutrinas e unidade de método. O ensino se terá aperfeiçoado. Outra vantagem

decorre ainda dessa medida necessária. É a preparação enciclopédica dos mestres; o que afasta desde logo os mediocres e incapazes.

É certo que, deante da fragmentação exagerada dos conhecimentos, dado o especialismo dispersivo da cultura contemporânea, um saber enciclopédico é difficilimo, senão impossivel; mas, abstraindo-se das noções inúteis e até nocivas, limitando-se ao que há de essencial nos vários departamentos do saber literário, científico ou técnico, um cérebro regularmente organizado está no caso de abranger o conjunto, não digo de todos os conhecimentos, mas dos que constituem cada curso especial, destinado a formar o Bacharel em letras, o Bacharel em ciências, o médico, o jurista, o engenheiro, etc.

Completando e auxiliando o ensino propriamente official, instituido e mantido segundo as normas que vimos de indicar, deve ser ampliada a docência livre; que já existe entre nós, de modo a conseguir-se a máxima liberdade de ensino.

É assim que o Estado, apesar de ter os seus cursos seriados, devidamente regulamentados, deve facilitar o ensino livre nos estabelecimentos officiaes, ou em edificios criados para tal fim, ministrado por quem quer que seja, diplomado ou não por Institutos particulares ou officiaes, contanto que esteja no gozo dos seus direitos civis e politicos, e pague uma taxa previamente fixada, responsabilizando-se ainda pelos prejuizos materiais causados nos gabinetes, laboratórios, anfiteatros e no mais que dispuzer para o ensino correspondente.

Esta instituição, assim ampliada, é das mais importantes, no sentido de fornecer o ensino popular em qualquer idade. Assim é que pessoas de certa cultura intelectual, possuindo orientação filosófica e social definida, desejando entregar-se a estudos práticos, como os estudos médicos, e não dispondo de laboratórios, anfiteatros, hospitais e outros meios de cultura médica, nem encontrando nos professores officiaes mestres que possuam as mesmas convicções scientificas e filosóficas, vêm-se obrigadas a desistir da sua aspiração, privadas da instrução que almejam, apesar de serem contribuintes do imposto que sustenta o ensino official.

Ampliando a docência livre, todos os que, tendo a mesma orientação filosófica, desejam seguir cursos práticos, escolhem livremente um profissional habilitado, com idêntica orientação, que os prepare a exercer a profissão almejada.

Só assim há verdadeira liberdade de estudar e aprender; só assim o Estado pôde tornar-se um promotor eficaz do desenvolvimento da instrução pública.

Admittindo a divisão clássica do ensino em três graus e a sua superintendência pelo poder público, pôde estabelecer-se o regimem universitário, ou o da independência dos Institutos. Aplicando um ou outro, o que importa observar em ambos os casos é o conjunto de medidas aqui formuladas.

Abolido o privilegio dos diplomas, reduzido o ensino de cada cadeira ás noções essenciaes, ministrada a cultura conforme a complica-

ção crescente dos assuntos, feita a seleção dos alunos pelo exame de admissão, adotada a investidura do professorado pelo concurso de todas as disciplinas de cada curso, estabelecida a unidade de ensino, amplada a docência livre, fica o Estado na situação mais conveniente a facilitar a instrução geral, indispensável a todos, e a favorecer o advento das verdadeiras vocações intelectuais, eliminando a mediocridade pretenciosa, que anda à busca de diplomas, sem querer estudar e aprender.

Formuladas as bases fundamentais que me parecem indispensáveis para a reforma geral da instrução pública em nossa época e em nossa pátria, passo a tratar especialmente da regeneração do ensino secundário.

Destinado a completar a instrução primária, tornando o aluno apto à aprendizagem imediata de uma profissão qualquer, ou preparando-o para os estudos superiores das carreiras liberais, o ensino secundário deve abranger dois ciclos, segundo expuz em um projeto de reforma, por mim apresentado ao antecessor de V. Ex., e em resumo a V. Ex., em meu relatório de Fevereiro do penúltimo ano. O que se vai ler não é mais que uma reprodução daquele meu projeto, modificado apenas pelas idéias que aqui vão explanadas.

O primeiro dos dois ciclos é constituído por um curso fundamental de noções sintéticas sobre os conhecimentos literários e científicos; o segundo, por um curso complementar, dividido em duas seções: — uma, destinada ao desenvolvimento dos estudos literários, e outra consagrada ao aperfeiçoamento dos conhecimentos científicos, ambas preparadas preliminarmente pelos elementos adquiridos no curso inicial do 1.º ciclo.

Esta divisão em ciclos tem a dupla vantagem de limitar a instrução essencial, indispensável, o ensino dado aos que, por falta de vocação ou impossibilidade involuntária, não podem entregar-se a estudos mais elevados do que os constituídos pelo 1.º ciclo, e diferenciar as tendências diversas dos alunos que podem seguir o 2.º ciclo, os quais ora manifestam gostos literários, ora inclinações científicas.

O 2.º ciclo constará, pois, de duas seções: a do Bacharelado em letras, e a do Bacharelado em ciências, sem que os diplomados tenham por seus títulos privilégio algum perante o Estado. São meros atestados de frequência dos cursos, cujo valor é apenas aferido pela opinião pública.

Reduzindo a quatro anos o 1.º ciclo e a três qualquer das duas seções do 2.º, marcando para a admissão no 1.º a idade mínima de

11 anos e para o 2.º a de 18, o ensino secundário pode ser assim distribuído:

### 1.º CICLO

#### CURSO FUNDAMENTAL

(11 a 15 anos)

1.º ano:

Teoria e prática da língua portuguesa  
Teoria e prática da língua francesa  
Princípios de desenho e música  
Cálculo aritmético

2.º ano:

Teoria e prática da língua inglesa  
Noções de literatura  
Elementos de Geografia geral e do Brasil  
Continuação do Cálculo aritmético e Geometria preliminar

3.º ano:

Cálculo algébrico  
Continuação da Geometria preliminar  
Elementos de Mecânica  
Princípios de Cosmografia  
Elementos de História geral e do Brasil

4.º ano:

Elementos de ciências físicas e naturais  
Noções de ciências morais e políticas

### 2.º CICLO

#### CURSO COMPLEMENTAR

1.ª SEÇÃO

#### BACHARELADO EM LETRAS

(15 a 18 anos)

## 1.º ano:

Latim, Italiano e Espanhol  
Literatura portuguesa e brasileira  
Literatura francesa  
Literatura inglesa

## 2.º ano:

Latim  
Grego  
Alemão  
Literatura italiana  
Literatura hespanhola  
Literatura latina

## 3.º ano:

Grego  
Literatura alemã  
Literatura grega  
Literaturas orientais  
História das línguas e literaturas

## 2.ª SEÇÃO

## BACHARELADO EM CIÊNCIAS

(15 a 18 anos)

- 1.º ano: Ciências matemáticas  
2.º ano: Ciências físicas e naturais  
3.º ano: Ciências morais e políticas

A simples inspeção deste programa sumário deixa ver que o curso fundamental do ensino secundário constitui um resumo das noções literárias e científicas, essenciais á vida prática e ao preparo dos estudos superiores.

É por isso que as matérias que dele fazem parte devem ser ministradas dando-lhes um caráter não só teórico como principalmente prático, limitando as teorias ao necessário á aplicação imediata.

Assim, o ensino das línguas deve reduzir-se ao necessário á comunicação escrita e falada, abolidas as dissertações inúteis ou adiáveis, sobre gramática e filologia. O das ciências, ao conhecimento dos princípios capitais, aplicáveis á vida comum, ou fundamentos das noções mais difíceis dadas pelo ensino superior. E só assim se com-

preende poder em 4 anos preparar-se o aluno na totalidade das disciplinas que constituem o 1.º ciclo.

O ensino das seções complementares, ampliando os conhecimentos fundamentais das letras ou ciências, deve ainda ter o mesmo duplo caráter, ser sintético e prático.

O conhecimento das línguas e literaturas não se reduzirá a divagações verbais, mas ao u-o prático de umas e outras. O aluno que terminar o seu curso de letras deve falar e escrever corretamente as línguas romanas; conhecer, no original, as obras primas da poesia ocidental e, em traduções escolhidas, as principais da literatura universal.

Sob o título de ciências matemáticas, compreende-se o estudo sintético da Matemática elementar e superior, e da Astronomia planetária, limitando-se a noções sumaríssimas o da que se denomina Astronomia sideral.

As ciências físicas e naturais abrangerão o estudo teórico e prático da Física, Geologia, Botânica e Zoologia, etc.

Mas todas essas disciplinas devem ser refundidas de maneira que a sua aprendizagem, sendo o desenvolvimento das noções adquiridas no curso fundamental, não se transforme por isso em aquisição de conhecimentos minuciosos, mas abranja apenas, com mais profundidade, as leis capitais do mundo físico e orgânico.

As ciências morais e políticas são constituídas pelos conhecimentos dos vários ramos do Direito público e privado, da Higiene, Ciência da administração e tudo o que diz respeito ao estudo do homem e da sociedade. Podem ser reduzidas a três disciplinas fundamentais: Sociologia, Moral teórica e Moral prática.

Para pôr em prática este programa, são precisos professores que ministrem o ensino total de cada curso, ou de cada seção em que se dividem os cursos, á mesma turma de alunos. Daí a necessidade de haver mais de um professor para a mesma matéria.

Assim poder-se-á fazer a seguinte divisão, já que é difícil, se não impossível, achar hoje quem esteja no caso de encarregar-se simultaneamente do ensino total das letras e ciências:

- 1.ª seção — Português e Francês, literaturas correspondentes
- 2.ª " — Espanhol e Italiano, literaturas correspondentes
- 3.ª " — Inglês e Alemão, literaturas correspondentes
- 4.ª " — Latim e Grego, literaturas correspondentes
- 5.ª " — Matemática e Astronomia
- 6.ª " — Ciências físicas e naturais
- 7.ª " — Ciências morais e políticas.

A estas seções se poderá ajuntar a de música e desenho. Estas oito seções compreenderão as seguintes cadeiras:

- 1 — Português
- 2 — Literatura brasileira e portuguesa
- 3 — Francês e literatura francesa

- 4 — Italiano e literatura italiana
- 5 — Espanhol e literatura espanhola
- 6 — Latim e literatura latina
- 7 — Grego e literatura grega
- 8 — Desenho e música
- 9 — Matemática elementar
- 10 — Matemática superior
- 11 — Astronomia
- 12 — Física
- 13 — Química
- 14 — História Natural
- 15 — Geografia geral e do Brasil
- 16 — História geral e do Brasil
- 17 — Sociologia
- 18 — Moral teórica e prática.

O ensino assim distribuído será ministrado no Ginásio Nacional, reduzido então ao Externato, transformando-se o Internato num Instituto de ensino livre.

O Ginásio Nacional terá como chefe imediato um Conselho de três membros, nomeados pelo Governo, dos quais o Presidente é o Diretor do estabelecimento.

Além do Conselho Diretor, há a Congregação dos Lentes, que será um corpo consultivo em matéria de administração, mas terá voto deliberativo nas questões de ensino propriamente dito.

Das decisões do Conselho Diretor e da Congregação haverá recurso para o Ministro.

A matrícula em qualquer dos cursos exige um exame de admissão das matérias constitutivas do curso anterior, se o aluno não provar que se habilitou nas disciplinas desse curso, frequentando as aulas do Ginásio.

No julgamento dessa prova, devem entrar, como coeficiente preponderante, a conduta moral do aluno e a sua capacidade intelectual, além do grau de conhecimento já adquirido.

Uma vez terminado cada curso, será expedido um certificado de habilitação, que só servirá para a matrícula nos cursos seguintes do mesmo Instituto, e não gozará de nenhum outro privilégio perante o Estado. Este certificado pôde ser chamado Diploma de Bacharel, quando corresponder á habilitação num dos cursos complementares de letras ou ciências. Mas os bachareis em letras e em ciências não ficam livres de fazer os respectivos concursos de admissão para qualquer cargo oficial, ou para a matrícula nas escolas superiores.

Para coadjuvar o ensino propriamente oficial, cujos males só poderão ser definitivamente sanados com a eliminação de tal ensino, crear-se-á uma escola livre de instrução secundária; o Ateneu Republicano, — aproveitando-se o edificio do extinto Internato.

Esta criação, para ser o que o seu nome indica, para constituir um verdadeiro Instituto de ensino livre, não devia ser instituída pelo

Governo, nem ter nenhuma dependência oficial; mas, na impossibilidade de assim proceder-se, o que se deve fazer é tornar a ação oficial limitada á guarda e conservação do edificio e materiais do ensino.

O Ateneu Republicano será mantido pelo concurso livre dos que quiserem estudar e aprender, mediante pagamento de uma taxa prefixada e responsabilidade pelos prejuizos materiais causados.

Assim, qualquer cidadão, no gozo dos seus direitos civis e politicos, que pretender ensinar ou aprender esta ou aquella disciplina, entregar-se a este ou áquele estudo de laboratório, pôde fazê-lo, mediante licença do Administrador respectivo e condições estabelecidas de tempo e lugar, e as mais que cada caso especial exigir.

O Governo não tem que indagar qual o programa do Professor, as doutrinas que vai pregar, o método de ensino, as convicções que professa; limita-se apenas á responsabilizá-lo pelos prejuizos materiais, que advierem da sua função no Instituto livre.

Entre nós, por exemplo, dão tal nome ao ministrado por verdadeiros Institutos officiais, que destes diferem, porque o Governo não os sustenta, mas que são outros tantos viveiros de titulares privilegiados, distribuidores do monopólio de diplomas, mediante a sua equiparação áqueles Institutos.

Os equiparados agravam ainda mais a situação deplorável do ensino, multiplicando o monopólio dos diplomas e baixando o nível da instrução, pela maior facilidade com que dispõem das prerrogativas officiais.

Contra esta praga que nos afflige, o remédio fundamental consiste em eliminar os privilégios dos Institutos officiais, tornando-os equiparados aos Institutos particulares, que não os possuem, e que não podem mais aspirar a tê-los, em virtude, mesmo, dessa eliminação.

O ensino livre, auxiliado pelo Governo, transformar-se-á, então, num simples concurso material, em proveito dos que têm realmente sede de saber e precisam estudar, sem outro objetivo que o de servir á Família e á Pátria, conforme a sua capacidade real, sem nenhuma pretensão a títulos honoríficos de presumido saber.

Parece-me que uma reforma do ensino official, especialmente do ensino secundário, obedecendo ás idéias gerais aqui expostas — e, sobretudo, á de absoluta eliminação dos privilégios escolásticos ou académicos — deve melhorar o estado actual da instrução pública, tornando-a instrumento melhor no preparo intellectual das gerações futuras."

O Ministro Tavares de Lira, no mesmo ano de 1908, pretendeu reformar o Ginásio Nacional. Eram, entre outras, as seguintes as bases fundamentais de sua reforma do ensino secundário:

- a) divisão do ensino em dois Ciclos: o primeiro, propedêutico e simplificado; o segundo, o de Bacharelado em Letras, de conhecimentos mais aprofundados;



O saudoso educador em palestra com um ex-aluno do Externato, na Avenida, junto ao "O Paiz". Instantâneo do "Fon-Fon", de 28 de Agosto de 1903.

- b) exigências de provas escritas e orais para os exames finais, somente; os de promoção ficariam dependendo, unicamente, de notas e provas parciais no curso do ano letivo;
- c) organização de programas de noções essenciais apenas;
- d) desdobramento de cadeiras para evitar turmas numerosas, confiadas a um Professor único.

Esse plano de reforma do Ministro Tavares de Lira não chegou, entretanto, a ser convertido em Lei, pois, falecendo em 1909 o Presidente Afonso Pena, pediu aquele Ministro exoneração desse elevado cargo, que vinha exercendo desde o começo do governo daquele saudoso Presidente.

Escragnole Dória, referindo-se a esse trabalho, assim se expressa :

"O plano Tavares de Lira ficou para as calendas mais famosas, as gregas, embora encerra-se medidas postas depois em prática e outras inexecutadas, mas dignas de atenção."

Coube ao Dr. Coqueiro, no ano de 1909, como Diretor do Externato e na qualidade ainda de Presidente da Congregação naquele ano letivo, presidir a um dos concursos mais célebres de todos porventura já realizados no antigo Ginásio Nacional: o de Lógica.

Ao mesmo concorreram figuras do maior relevo no nosso meio intelectual, nomes todos verdadeiramente consagrados, pelo que se tornou esse concurso um dos mais memoráveis de que há notícia na vida desse tradicional e secular Colégio.

Foram os seguintes os candidatos :

Monsenhor Alfredo Rangel, Roberto Gomes, Anilberto Xavier, Farias de Brito, Adrien Delpech, Geonísio Curvelo de Mendonça, Ovídio Alves Manaia, Julio Oscar de Novais Carvalho, Manoel Ribeiro de Almeida, Vital de Almeida, Graciano dos Santos Neves, Euclides da Cunha, Manoel de Bitencourt, Armando Dias e Afonso Duarte de Barros.

Classificados respectivamente em primeiro e segundo lugar os candidatos Farias de Brito e Euclides da Cunha, muito embora este em segundo lugar, foi, todavia, o nomeado para reger a cadeira e isso em virtude do Regulamento vigente então naquele Ginásio, naquela época, que facultava ao governo nomear o primeiro ou o segundo dos candidatos classificados em concurso.

A 21 de Julho de 1909, dava Euclides da Cunha a sua primeira aula no Externato. Mas, a 15 de Agosto desse mesmo ano, quis a fatalidade fôsse ele arrebatado tragicamente à vida.

Vaga de novo a cadeira, entrou Farias de Brito com uma petição. Nomeado interinamente para reger a cátedra, em cujo concurso obtivera o primeiro lugar, foi afinal efetivado na mesma por Decreto de 2 de Dezembro daquele mesmo ano.

Em sinal de protesto a esse célebre concurso, o candidato Dr. Júlio Oscar de Novais Carvalho escreveu um livro sob o sugestivo título — "ACUSO".

Por Decreto de 14 de Julho de 1909, isto é, durante ainda a administração do Dr. Coqueiro, o antigo Externato do Ginásio



Nacional recebeu a denominação de — EXTERNATO NACIONAL PEDRO II.

A idéia de se dar o nome do nosso segundo Imperador ao antigo Ginásio Nacional, já vinha, há muito, encontrando êco no seio da própria Congregação do Colégio, conforme se vê pela local abaixo, publicada na "Gazeta de Notícias", de 26 de Julho de 1905:

"Ouvimos dizer que dois Lentes do Ginásio Nacional, conhecidos pelo seu republicanismo extremado, proporão na próxima Congregação dessa casa de ensino a idéia de chamar-se o atual Ginásio Nacional de Colégio Pedro II.

A primeira vista parece que essa idéia surgiu depois de ser encontrada abandonada a estátua do nosso falecido Imperador numa atitude gaúcha e belicosa. Mas, não. Os dois Lentes, fundamentando a sua proposta, especificam a razão porque o Ginásio deve-se chamar Pedro II, e as razões são as seguintes: — porque aquela casa recebeu do Imperador um carinho sem igual — porque Pedro II foi o único governo a ocupar-se com a instrução e educação nacionais."

A Secretaria do Externato tinha, naquela ocasião, três funcionários somente, que eram:

Paulo Tavares, Secretário; Joaquim José de Oliveira Alves, Escrivão e João Francisco de Góes, Auxiliar.

O corpo docente do Colégio, quando o Dr. Coqueiro assumiu a sua Diretoria, compunha-se dos seguintes Professores:

Dr. Fausto Barreto, Português; Bacharel Gastão Ruch, Francês; Alfredo Alexander, Inglês; Manoel Said Ali Ida, Alemão; Dr. José Cavalcante de Barros Acióli, Latim; Dr. Antônio Henrique de Noronha, Grego; Dr. Nerval de Gouvêa, Física e Química; Dr. Rodolfo Paula Lopes, História Natural; Dr. Eugênio de Barros Raja Gabaglia e Dr. Joaquim Inácio de Almeida Lisbôa, Matemática; Dr. André Gustavo Paulo de Frontin, Astronomia e Mecânica; Dr. Vicente de Souza, Lógica; Dr. Carlos Ferreira França, Literatura; Bacharel Joaquim Osório Duque Estrada, História Geral; Dr. João Gonçalves Coelho Lisbôa, Geografia e Artur Ferreira, Desenho.

Como no Internato, verificaram-se também durante a sua gestão no Externato, diversas alterações no corpo docente acima referido.

Desde o ano de 1908 que a saúde do velho e grande educador, vinha infelizmente sendo abalada seriamente.

Minava-lhe o organismo uma artério esclerose, com várias complicações, e que ia já bem adiantada.

A conselho de seu médico assistente, Professor Chagas Leite, a cuja memória somos gratíssimos, mudou-se para Jacarépaguá, aonde fôra em busca de melhoras.

Infrutíferos, porém, foram todos os inauditos esforços empregados por êsse incansável e dedicado médico e amigo para prolongar tão preciosa existência, tão útil ainda à pátria estremecida, à mocidade estudiosa e à desvelada família.

A 25 de Fevereiro de 1910, quando, conforme hábito seu deixava, às 2 horas, o edificio do Externato, sentiu-se aquele incomparável Mestre bastante incomodado.

Eram os primeiros prenúncios do fim de uma vida, que, como vimos, fôra, tôda ela, dedicada à prática do bem, e que, dentro em pouco, se extinguiria.

Porém, espirito bastante forte, dotado de uma fibra rija, apesar de doente, o Dr. Coqueiro ainda assim compareceu naquela tarde fatídica, conforme o fazia diariamente, à Chapelaria Watson, situada, então, à Avenida Central, hoje, Rio Branco, esquina da rua do Ouvidor, onde presentemente se encontra a "A Capital" e de propriedade de um de seus genros, e aí permaneceu em conversa com vários amigos até a hora habitual de regressar à sua aprazível vivenda, em Jacarépaguá.

Era a sua despedida, era o último dia que com aqueles bons amigos palestrava.

De feito, às seis horas e meia da manhã do dia seguinte, num sabado chuvoso e tristonho, expirava subitamente, vítima de uma angina pectoris, cercado de todos os seus filhos — com exceção apenas da casada com o Dr. Luiz Domingues, que se achava em viagem para o Maranhão, em companhia de seu espôso, que ia assumir o governo daquele Estado nordestino — o grande Professor brasileiro, Doutor João Antônio Coqueiro, Diretor do Externato Nacional Pedro II, que foi, na realidade, um grande espirito e teve tôda sua longa e laboriosa existência devotada ao ensino do nosso País, educando grande parte de nossa mocidade, que continua a educar ainda através de seus magnificos trabalhos científicos, tendo conquistado um nome tão respeitado quanto estimado.

Que êle procurou no exercício das funções dos elevados cargos de Diretor, tanto do Internato como do Externato, sempre cumprir rigorosamente com todos os seus deveres, mantendo irrepreensível disciplina e fazendo prevalecer o prestígio da autoridade, não poderá, sobre isso, haver a menor dúvida.

Se porventura na sua longa trajetória pelo antigo Ginásio Nacional, deixou desafetos, não seria isso para admirar, pois todo aquele que administra, que dirige coletividades, dentro do verdadeiro espirito da Justiça, não raro, se vê na dura contingência de contrariar interesses de terceiros, e, às vezes, até dos próprios amigos.

Já disse alguém algures que "Quem dirige pode aborrecer muitos, mas se aborrece muito. Estejam certos disso, os mais incrédulos ou os mais desejosos de proventos e se persistirem na dúvida tentem a experiência".

Não obstante ter estudado em França numa época em que o positivismo tinha atingido, pode-se assim dizer, ao seu maior apogeu e prestígio, pois aquele gênio que em vida se chamou Augusto Comte há pouco havia falecido, o Dr. Coqueiro, pezar da influência do meio e do calor e entusiasmo dos seus vinte anos de idade, nunca abandonou os verdadeiros princípios da religião católica romana em que, graças á atuação de sua velha Mãe, fôra educado. Viveu e morreu sem que jamais se tivesse desses princípios afastado. Naturalmente como cientista e matemático, tinha por aquele sábio filósofo uma profunda admiração. Possuía, em sua grande e escolhida biblioteca, tôdas as suas obras.

O Colégio Pedro II teve cinco Diretores maranhenses, notáveis todos e de grande saber. Foram êles:

**DR. CESAR AUGUSTO MARQUES.**

Diretor do Internato, de 1875 a 24 de Julho de 1880. (5 anos).

**DR. ANTÔNIO HENRIQUES LEAL.**

Diretor do Internato, de 25 de Julho de 1880 a 29 de Setembro de 1885. (5 anos e 2 meses).

**MONSENHOR LUIZ RAIMUNDO DA SILVA BRITO.**

Diretor do Externato, de Março de 1888 a Janeiro de 1892. (3 anos e 10 meses).

**DR. D. JOSÉ DE SOUZA DA SILVEIRA.**

Diretor do Internato, de 1897 a 26 de Setembro de 1900. (3 anos).

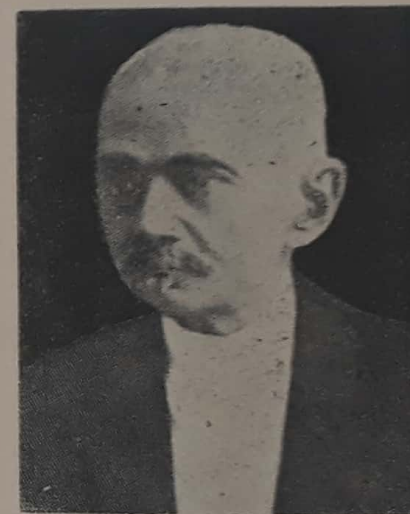
**DR. JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO.**

Diretor do Internato, de 3 de Outubro de 1901 a 28 de Junho de 1905; e do Externato, de 29 de Junho de 1905 a 25 de Fevereiro de 1910, no exercício de cujo cargo veio a falecer. (8 anos e 4 meses).

Como se vê, o Colégio Pedro II foi dirigido por eminentes vultos maranhenses num longo período de 25 anos e 4 meses, ou seja um quarto de século.

**JOSÉ BONIFÁCIO**, ex-deputado federal pelo Estado de Minas Gerais, figura das mais eminentes e brilhantes do Parlamento Nacional e que, por último, como diplomata e na qualidade de Embaixador, representou o Brasil em vários países da Europa e da América do Sul, em discurso memorável pronunciado na Câmara dos Deputados, em 28 de Julho de 1923, data memorativa do centenário da adesão do Maranhão á Independência, ao citar alguns nomes dos vultos mais notáveis daquele Estado do Norte, nas ciências, nas letras, nas artes e na política, assim se externou a respeito daquele inesquecível educador brasileiro:

"**JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO**, Doutor em Ciências Físicas e Matemáticas pela Universidade de Bruxelas, Bacharel em Ciências pela Faculdade de Ciências, de Paris, matemático dos mais ilustres, foi Professor que elevou sobremoda o magistério brasileiro."



Última fotografia do Dr. Coqueiro, tirada para figurar no quadro dos Bachareis em Ciências e Letras do Externato do Ginásio Nacional.

Ao encerrarmos este capítulo, referente aos dois lustros de administração do Dr. João Antônio Coqueiro no antigo GINÁSIO NACIONAL, não o poderíamos fazer — sem que com isso cometêssemos irreparável falta — sem deixarmos aqui expressa e de modo o mais significativo, a nossa profunda e imorredoura gratidão ao integro PROFESSOR DR. FERNANDO ANTÔNIO RAJA GABÁGLIA, figura destacada do magistério brasileiro e a quem em tão boa hora e muito acertadamente pelo Governo da república foi confiada a direção do Colégio Pedro II (Externato), pela sua espontânea e franca adesão a tôdas as homenagens que fôram prestadas á memória daquele saudoso educador, desde a efeméride do primeiro centenário de seu nascimento, que, por iniciativa daquele Diretor, foi condigna, solene e oficialmente comemorada por êsse estabelecimento padrão do nosso ensino secundário.

NA SUPERINTENDÊNCIA DOS EXAMES GERAIS  
DE PREPARATÓRIOS

(De 1902 a 1907)

Competia, de acôrdo com a Lei, ao Diretor do Externato do Ginásio Nacional a Superintendência dos Exames Gerais de Preparatórios na Capital Federal.

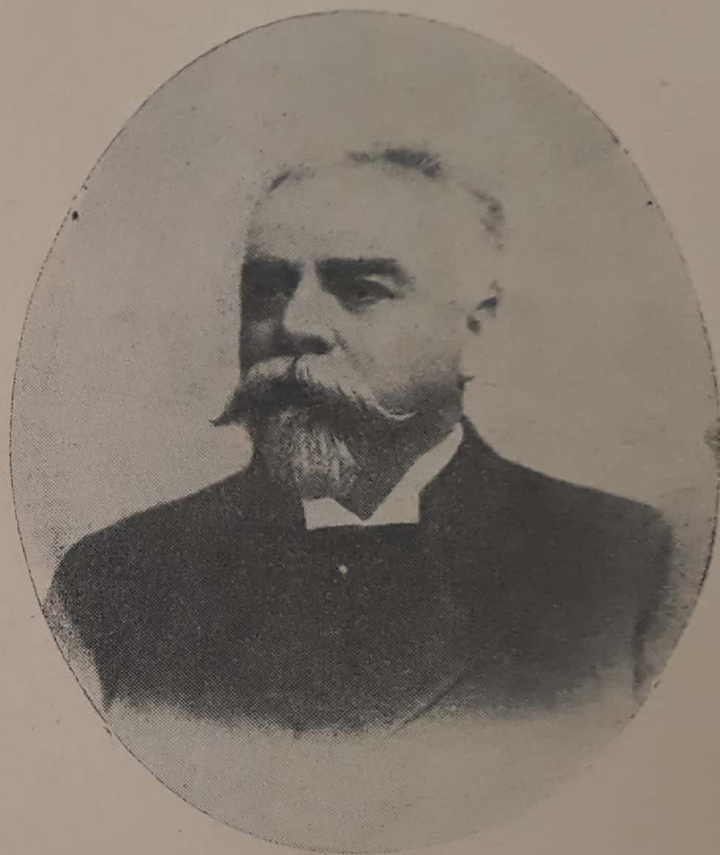
O Dr. Francisco Cabrita, na direção dêsse estabelecimento, a êsse tempo — desgostoso com os sucessos lamentáveis que se vinham repetindo todos os anos, provocados pela atitude incorreta dos alunos preparatorianos, que, não se conformando com as reprovações, justas, aliás, que lhes eram impostas pelos examinadores, vaiavam os mesmos, á saída, atirando-lhes ovos e batatas podres — havia deliberado e de modo irrevogável, não mais superintender os referidos exames.

Pela carta abaixo, dirigida por aquele Diretor á Redação do "Jornal do Comércio", em 4 de Setembro de 1900, vê-se claramente que o Dr. Cabrita desejava até retirar esse serviço de sua jurisdição, tais os aborrecimentos que o mesmo lhe vinha causando.

"Sr. Redator.

Rogo-vos a fineza de pedir á "pessoa competente" que vos escreveu sobre exames de preparatórios, que ouça o Exmo. Sr. Dr. Epitácio Pessoa sobre a minha opinião acerca dêsse serviço e principalmente sobre o meu aplauso á idéia de retirá-lo da minha jurisdição.

Quanto ao que recebo dos cofres públicos (ou por concurso ou a convite espontâneo do governo) eu juxtaponho uns tantos serviços, pequeninos é verdade, mas que são prestados, diz-me a consciência, com o máximo zelo e sem dar ouvidos á sentença: quem mais faz menos merece".



CAMPOS SALES, o notável e benemérito estadista, a quem o Brasil deve os mais inestimáveis e assinados serviços, e que, como Presidente da República, nomeou o Dr. Coqueiro Diretor do Internato do Ginásio Nacional.

Nessas condições, foi, na qualidade de Diretor do Internato, o Dr. Coqueiro convidado em 1902, pela vez primeira, para superintender êsses exames.

Das mais espinhosas eram, sem dúvida, as novas funções atribuídas pelo Dr. Sabino Barroso, Ministro da Justiça, ao Diretor do Internato. Os estudantes das Escolas superiores, muito embora a pedido, consideravam a saída do ilustre Dr. Epiácio Pessoa do Ministério da Praça Tiradentes, como uma verdadeira vitória da classe. Na pasta da instrução o Dr. Sabino e na Chefatura de Polícia o Dr. Muniz Barreto, supunham-se aqueles estudantes muito bem apadrinhados.

Vivia naquela época a cidade em verdadeiros sobressaltos. Passeatas constantes percorriam as ruas principais do centro, levando estandartes com frases jocosas e picantes, dando em resultado o fechamento, a cada momento e às carreiras, dos cafés e lojas elegantes das ruas do Ouvidor, Gonçalves Dias e Uruguaiana. Não raro, era feito o "enterro" de um professor. Bastava caísse no desagrado dos estudantes, para que lhe fizessem êstes, sem demora, um enterro pomposo... O "Café do Rio", situado, então, á rua do Ouvidor esquina da de Gonçalves Dias, era o ponto preferido, quase sempre, pelos estudantes para as suas "expansões", quando entregues áquelas "manifestações de pesar"...

Rixas frequentes dos soldados do Exército e da Polícia com os estudantes das Escolas superiores e do Externato do Ginásio Nacional, é o que se presenciava amiúde, sendo que uma delas, pela sua grande hediondez, vive ainda bem nítida na nossa memória. É justamente aquela que teve como epilogo o trágico assassinio no Largo de S. Francisco de Paula, em pleno coração da Capital do país e á plena luz do dia, de dois jovens e indefezos rapazes que, com muitos outros seus colegas estudantes, percorriam as ruas centrais da cidade, festejando, com indizível alegria, a entrada da mais bela estação do ano: a PRIMAVERA. E daí, naquele ano fatídico para a classe acadêmica, o ser a mesma chamada de — PRIMAVERA DE SANGUE.

Os Diretores dos Institutos de ensino lutavam a êsse tempo sobremaneira para manter a disciplina nos estabelecimentos cuja direção lhes havia sido confiada pelo Governo.

E era cousa mesmo das mais difíceis o conter-se, naquela ocasião, a agitação dos ânimos dos estudantes, cuja classe numerosa vinha inspirando aos novos detentores da pasta da Justiça e Chefatura de Polícia certa simpatia.

Dominava em absoluto nessa época o "Correio da Manhã".

Desde a sua fundação na rua do Ouvidor, próximo á Leitaria Palmira, que os estudantes tinham ali acesso como em suas próprias casas. As portas de sua redação estavam abertas sempre de par em par para a mocidade estudiosa, de cuja classe se constituiu, desde o início, advogado e dos mais intransigentes.

Dado o grande conceito que já havia adquirido o órgão de imprensa fundado e dirigido, então, por Edmundo Bitencourt, e

que era considerado o verdadeiro amigo do povo, o defensor das classes oprimidas, poder-se-á, por tudo isso, bem avaliar das enormes dificuldades que vinham encontrando aqueles Diretores para fazer prevalecer nesses estabelecimentos o prestígio da autoridade.

Ao assumir a pasta da Justiça o Dr. Sabino Barroso teve, para logo, as suas vistas voltadas para uma pretensão e das mais sérias dos estudantes de preparatórios.

Em fins do ano de 1901, saiu publicado o Decreto que regulava as novas instruções pelas quais se deveriam realizar os exames gerais de preparatórios. Por elas, as provas escritas dos exames de linguas passariam a ser feitas sem o auxilio do dicionário, o que, até então, de acôrdo com as antigas instruções, vinha sendo permitido.

Essa exigência do novo Decreto — que veio divulgado em Dezembro, já nas proximidades da época dêsses exames, pois seriam êstes realizados em princípios de Janeiro — colheu assim de surpresa os preparatorianos, que, na certa, iriam encontrar dificuldades, e das maiores, para fazerem os referidos exames de linguas sem o devido auxilio do dicionário.

Não se conformando com isso os estudantes, resolveram apelar para o titular da pasta da Justiça, de quem tudo esperavam. E assim o fizeram.

Recebidos immediata e amavelmente no Salão Nobre do Ministério da Justiça pelo Ministro, tiveram, poucos dias depois, deferida aquela sua pretensão, o que deu motivo, logo em seguida, á organização de uma *marche aux flambeaux*, que, precedida das bandas de música do Corpo de Bombeiros e 2.º Batalhão da Brigada Policial, levantando calorosos vivas áquele Ministro, dirigiu-se, na noite de 26 de Dezembro, em demanda do Hotel dos Estrangeiros, onde, a êsse tempo se achava hospedado o titular da Justiça.

Sobre o que foi essa grande manifestação de agradecimento dos preparatorianos ao Dr. Sabino Barroso Junior, assim fala o "Jornal do Comércio", do dia seguinte:

"Realizou-se, ontem, ás 7 horas da noite, a grande manifestação feita ao Sr. Dr. Sabino Barroso Junior, Ministro da Justiça e Negócios Interiores, pelos estudantes de preparatórios, pela justiça com que se houve na decisão que deu a uma representação que lhe dirigiram. Mais de duzentos estudantes, áquela hora, precedidos das bandas de música do Corpo de Bombeiros e 2.º Batalhão da Brigada Policial, levantando entusiásticos vivas e queimando fachos luminosos de côres diversas, dirigiram-se para o Hotel dos Estrangeiros, e, ali, no Salão de Honra, foram recebidos por S. Excia., que estava acompa-

nhado do seu Secretário, Sr. Adolfo Mota, Dr. Carlos Coelho, Oficial de Gabinete, Coronel Benevenuto de Magalhães, Assistente Militar e representantes da imprensa. Por parte dos manifestantes, usou da palavra o estudante Horácio de Carvalho, enaltecendo as elevadas

qualidades de S. Excia., e, concluindo, fez-lhe entrega de um custoso mimo encerrado em uma caixa de setim verde e amarelo, tendo na tampa o nome de S. Excia. Esse mimo era uma rica pasta de marroquim, forrada de setim verde, tendo presa na parte superior uma chapa de prata, bem trabalhada, com dedicatória e data. O Sr. Ministro, em palavras e frases alevantadas, agradeceu a manifestação de que era alvo, terminando com um grande viva á mocidade brasileira, futuro sem dúvida de sua estremecida pátria. As últimas palavras de S. Excia., foram abafadas com ensurdecedoras palmas daquela numerosa classe de preparatorianos".

O estudante Horácio de Carvalho, a que se refere a noticia acima, depois Bacharel em Direito, foi chefe político de incontável prestígio no municipio de Vassouras, deputado á Assemblêa Fluminense e é elemento dos mais destacados da sociedade carioca.

Nessa mesma noite, a classe acadêmica, em número ainda maior de estudantes, fazia ao Chefe de Policia desta Capital, Dr. Muniz Barreto, uma manifestação monstro, conforme se vê pela noticia que se segue, ainda do "Jornal do Comércio" daquelle mesmo dia.

Diz êsse Jornal:

"Um grupo de cerca de trezentos estudantes das diferentes academias desta Capital realizou, ontem, uma grande manifestação de apreço ao Dr. Muniz Barreto, Chefe de Policia. Incorporados dirigiram-se os manifestantes em bondes especiais á casa de S. Excia., á rua da Matriz, em Botafogo, onde chegaram ás oito horas da noite, mais ou menos. Aos manifestantes, bem como a alguns Juizes e amigos presentes ao ato, ofereceu o Dr. Chefe de Policia uma lauta mesa de dôces e bebidas finas, sendo S. Excia., ao Champagne, brindado por diferentes estudantes, entre os quais o 6.º anista de medicina Rabelo, nomeado pelos seus colegas orador official. Falou, em nome dos seus colegas da Baía, o Sr. Mário Alvares, sendo o seu improviso muito aplaudido".

Como se vê, o Dr. Muniz Barreto recebeu os acadêmicos á Champagne. O estudante Mário Alvares, um dos muitos acadêmicos presentes áquela verdadeira consagração feita ao Chefe de Policia, assim termina o seu inflamado discurso:

"É que V. Excia., Sr. Dr. Muniz Barreto, cultor do Direito, conhece bem as elevadas palavras de um grande historiador, quando diz: — Orgão da Lei, sede impassível como ela; ao redor de vossa cadeira tôdas as paixões estremecerão; que não possam, em caso algum, perturbar vossa alma. Sois a imagem serena da Justiça, a Lei que fala, o Direito que escreve".

Os estudantes tinham entrada franca no gabinete do Chefe de Polícia, e muitos deles foram nomeados até Suplentes de Delegados e davam serviço nos Teatros.

O Professor Francisco de Castro — aquele Mestre extraordinário e incomparável da medicina, primoroso cultor das letras, espírito dos mais cultos e verdadeiramente privilegiado e que de cada individuo que dele se aproximava, pela sua simpleza de costumes, finura de maneiras e de trato, sempre lhano, fazia um amigo e dos mais sinceros e dedicados — áquele tempo na direção da nossa Faculdade de Medicina, logo depois de ter assumido o Dr. Sabino Barroso a pasta da Justiça, pedia exoneração.

Foi justamente nessa situação de desordem, nesse ambiente, como vimos, de grande confusão e de indisciplina de toda uma classe, e das mais numerosas, que o Dr. Coqueiro, para satisfazer aos desejos do Dr. Sabino Barroso, aceitou e assumiu as árduas funções de Superintendente dos Exames Gerais de Preparatórios, em Janeiro de 1902.

A primeira preocupação do novo Superintendente foi organizar as mesas examinadoras somente com Professores de notável saber.

Para isso, teve que contrariar interesses de toda ordem, resistindo a pedidos do Ministro e de amigos seus.

Os Professores que convidou na sua grande maioria pertenciam aos corpos docentes do Ginásio Nacional, Colégio Militar, Escolas superiores e Escola Normal. E aqueles que não faziam parte desses acreditados estabelecimentos de ensino eram, todavia, Professores de nomeada no magistério público e particular, onde exerciam a sua profissão com grande competência e escrúpulo acima de qualquer suspeita.

Para bem avaliar-se da constituição dessas bancas examinadoras, basta citar que delas fizeram parte nomes como os de João Paulo de Carvalho, Marcos Cavalcante, Martins Teixeira, Paulino Soares de Souza, Nascimento Bitencourt e Chagas Leite, da Faculdade de Medicina; Oto de Alencar, Sampaio Corrêa, Ferreira Braga, Carvalho e Melo, Graça Couto, Lima Mindelo e João Cândio Póvoas, da Escola Politécnica; Pereira de Melo, Artur Pereira, Alcântara Gomes, Mário Barreto, Salatiel de Queiroz, Felisberto de Menezes, Alvaro Maia, Alexandre Barreto, Maximino Maciel, do Colégio Militar; Feliciano Bitencourt, J. J. de Queiroz, Hemetério dos Santos, Carlos Oscar Lessa, da Escola Normal; Cândido Jucá, do Instituto de Surdos e Mudos; Sérgio de Carvalho, Bourguy de Mendonça, do Museu Nacional; Escragnole Dória, Floriano de Brito, Guilherme Afonso, J. J. da Silva Ramos, Paranhos de Macedo, Guilherme Meschick, Vicente de Souza, Oliveira Costa, Coelho Barreto, Oliveira Menezes, Pinheiro Guimarães, Rodolfo Paula Lopes, Benedito Raimundo, Gastão Ruch, Eugênio Raja Gabáglia, Fausto Barreto, Fortunato Duarte, Carlos França, Henrique de Noronha, Almeida Lisbôa, Agostinho Luiz da Gama, M. Said Ali Ida, do Ginásio Nacional; Bernardino Vieira

Lima e Saturnino Cardoso, da Escola Militar; Guimarães Rebelo e Gregório de Melo Cunha, da Escola Naval; Liberato Bitencourt, Samuel de Oliveira, José Faustino da Silva, Monsenhor Alfredo Rangel, Lucano Reis, Silvio Beviláqua, Antônio Eulálio Monteiro, Raul Guedes, Franklin Guedes, Reis Carvalho, Paula Duarte, Goetz de Carvalho, João Veiga, Baima Belchior, Carlos Frederico Nabuco, Max Kitzinger, Adrien Delpech, Roberto Gomes, Edmundo Silva, Horácio Maisonete e muitos outros Professores que, como os acima citados, podiam ser apontados como grandes oponentes do magistério brasileiro.

Organizadas e publicadas no "Diário Oficial" e jornais diários todas as bancas examinadoras, tiveram início os exames.

E aquelas lamentáveis ocorrências de todos os anos infelizmente não se fizeram esperar por muito tempo. Com as primeiras reprovações, os ânimos dos alunos preparatorianos começaram a se exaltar e tiveram, sem mais demora, começo as arruaças.

Vaias, ovos e batatas podres eram então arremessados sobre os examinadores, considerados pelos estudantes como reprovadores contumazes.

A banca de francês, da qual fazia parte o Dr. Maximino Maciel, era, quase sempre, a maior vítima da cólera revoltante dos estudantes de preparatórios.

O Dr. Coqueiro enérgico, mas ao mesmo tempo calmo, conhecendo já alguns dos responsáveis por todas aquelas cenas de verdadeira selvageria, mandou chamá-los ao seu gabinete e cientificou-os da medida extrema que seria forçado a tomar no caso de se repetirem as mesmas cenas: — a suspensão dos exames.

Ora, muitos dos candidatos inscritos eram já alunos ovinos de Escolas superiores, matriculados no primeiro ano, na dependência somente de um único preparatório.

Assim, a suspensão desses exames traria, como é fácil de prever, a esses candidatos prejuízo considerável, pois os impossibilitaria de fazer o primeiro ano das Escolas, que já cursavam na qualidade de ovinos.

Entretanto, persuadidos, talvez, de que o Diretor não fosse capaz de agir de uma maneira tão violenta, não deram ao caso a importância que era de esperar.

E daí, novas cenas; novas arruaças; o quiosque fronteiro ao edifício do Colégio, incendiado; vaiado o Dr. Maximino Maciel.

Iniciado o motim na porta do Ginásio terminou dentro do edifício, sendo a polícia obrigada a agir a sabre, dispersando os preparatorianos à pata de cavalos, fechando-se, por fim, aterrorizado todo o comércio próximo ao Externato.

Era o Rio, a esse tempo, — como diz Mário Alvares, esse escritor escurto e orador fluente estudante naquela época, e, hoje, alto funcionário da Inspeção de Obras Contra as Secas — "o Rio dos Tilburis, condução tão democrática que, movimentada por um só animal, o cocheiro assentava-se ao lado do freguês

único, podendo clandestinamente serem dois; dos quiosques; da "Banda Alemã"; da "Guarda Velha" e da "Maison Moderne" e do "Pascoal Segreto"; era o Rio das tradicionais Escolas Militar da Praia Vermelha e Preparatória e Tática do Realengo; da Faculdade de Medicina, junto à Santa Casa de Misericórdia, em cuja porta principal do edificio da Faculdade vendia a popularissima Sabina laranjas aos estudantes; era o Rio, enfim, de Olavo Bilac, Guimarães Passos, B. Lopes, Emilio de Menezes e tantos outros, tantos, que correm nas águas da celebridade".

A atitude do Dr. Coqueiro, em face dos acontecimentos, não se fez demorar por mais um instante.

Convocou imediatamente, por telegrama, todos os examinadores para uma reunião urgente no edificio do Externato, a qual se realizou no dia 18 de Fevereiro no salão da Congregação sob a sua presidência.

O "Jornal do Comércio" desse dia, em uma de suas "Várias", noticiava:

"Reunem-se, hoje, ás 10 horas, no Externato do Ginásio Nacional, os membros das mesas examinadoras de preparatórios".

Abrindo a sessão, disse aos examinadores, que já era do domínio de todos os presentes as lamentáveis ocorrências verificadas naqueles últimos dias, provocadas pelos alunos preparatorianos; que as reprovações havidas tinham sido tôdas merecidas, e, assim sendo, nada justificava aquela atitude dos estudantes, que á força, queriam "pescar" exames; que mandando chamar ao seu gabinete alguns dos responsáveis por todos aqueles tristes e vergonhosos acontecimentos, tinha-lhes feito sentir que seria forçado a propor ao Ministro a suspensão dos exames, caso continuassem as arruaças e as vaias nos Professores, que estavam sendo absolutamente justos no cumprimento de seus deveres; que, de fato, havia rigôr da parte dos mesmos ao julgar as provas de exames, mas nunca injustiça; e que dêsse rigôr fazia, êle, Diretor, absoluta questão, para verdadeira moralidade do ensino; que, entretanto, não fôra pelos estudantes atendido, como bem demonstravam os últimos fatos. Nessas condições, comunicava-lhes a sua resolução: ia propor ao Ministro da Justiça fossem imediatamente suspensos os exames.

A "una voce", todos os presentes concordaram com o Diretor.

E assim fez o Dr. Coqueiro. Convidou os examinadores a acompanhá-lo ao Ministério da Justiça, e, no dia seguinte dirigiu-se, com os mesmos, áquele Ministério, afim de conferenciar com o Dr. Sabino Barroso.

Nessa conferência ficou, por sugestão do Dr. Coqueiro ao Ministro, definitivamente assentada a suspensão dêsses exames.

O "Jornal do Comércio" do dia seguinte, assim narra êsses acontecimentos:

"Os exames de preparatórios a que se procede no edificio do Externato do Ginásio Nacional não têm corrido, infelizmente, com a ordem imprescindível á seriedade de tais atos. Alguns lentes têm sido desrespeitados por um grupo de examinandos e outros estão ameaçados em suas pessoas.

Ontem por ocasião de serem pregados os boletins dando o resultado dos exames, os estudantes proromperam em vaias.

O Sr. Dr. Coqueiro, que preside aos exames, resolveu, de acôrdo com os examinadores, suspender os mesmos exames e, em companhia dêsses professores, ir conferenciar com o Sr. Ministro da Justiça, o que fez imediatamente.

Cerca das 2 horas da tarde, presente na Secretaria de Estado dos Negócios da Justiça a grande Comissão de lentes, tendo á frente o Dr. Coqueiro, foi recebida pelo Sr. Adolfo Mota, Secretário do Sr. Ministro, por não se achar presente S. Excia.

Entrando, momentos depois, o Sr. Dr. Sabino Barroso, que havia sido chamado pelo telefone, recebeu logo a Comissão, que, em demorada conferência, expoz o acontecido, declarando o Dr. Coqueiro haver resolvido suspender os exames.

O Ministro aprovou essa resolução e declarou que iria conferenciar com o Sr. Presidente da República sôbre a medida urgente a tomar no sentido de evitar a continuação dos atos de turbulência e indisciplina de que se queixavam os examinadores.

Parece que a medida será a suspensão dos exames, alvitrada pelo Dr. Coqueiro, até o completo restabelecimento da ordem nesses atos, que devem ser tranquilos e não tumultuários. Se o Governo não puder manter a ordem sem a aplicação de meios coercitivos, sempre lamentáveis, ainda tem o recurso de mandar que não haja exames de preparatórios êste ano".

Êste ato do Dr. Coqueiro desnor-teou por completo os preparatorianos, que se viram assim, repentinamente, impossibilitados de continuar a prestar seus exames.

Reunidos ora num, ora noutro lugar, ás tontas completamente tomaram, entretanto, logo de início, a deliberação de, em comissão de 10, procurar o Diretor.

Recebendo-os, á noite, em sua residência, á rua S. Cristovam, ouviu-os atentamente o Dr. Coqueiro, ao qual tudo prometeram, garantindo-lhe, de modo categórico, que aquelas tristes ocorrências jamais se reproduziriam.

Diante daquele compromisso formal e solene dos preparatorianos, prontificou-se o Dr. Coqueiro a entender-se com o Ministro e interessar-se para que prosseguissem os exames.

Inteirado o Dr. Sabino Barroso do ocorrido, e diante das ponderações do Diretor, concordou com êle em que recommencessem os exames, autorizando-o para isso em officio.

Com a extraordinária agudeza de espirito que possuía, compreendeu sem demora o Dr. Coqueiro, que aqueles lamentáveis fatos nada mais eram do que o resultado do agrupamento diário

no edifício do Externato daquele número considerável de preparatorianos (perto de 4.000 rapazes) aos quais não era fácil a aplicação de penalidades severas, pelo que, antes de se reiniciarem os exames, tomou a providência de fazer distribuir por alguns dos estabelecimentos subordinados ao Ministério da Justiça, muitas das diferentes bancas examinadoras.

Para isso, teve que se entender pessoalmente com os respectivos Diretores, que, sem nenhuma relutância, acederam prontamente.

Dêste modo, foram as referidas bancas espalhadas pelos seguintes estabelecimentos: — Instituto "Benjamin Constant", que tinha como Diretor o Dr. João Brasil Silvado; Instituto dos Surdos e Mudos, cujo Diretor era o saudoso Dr. João Paulo de Carvalho; Faculdade de Medicina, a esse tempo sob a direção do Dr. Feijó Junior; Escola Politécnica, da qual era Diretor o Dr. Saldanha da Gama; Liceu de Artes e Ofícios, casa há muito dirigida pelo Comendador Bitencourt da Silva e o Internato do Ginásio Nacional.

Diminuído, de modo considerável, com essa salutar providência o número de alunos que teria de comparecer diariamente ao Externato, como consequência diminuiu também de muito a grande aglomeração que ali havia, cessando assim, por completo, tôdas aquelas ocorrências desagradáveis.

Conhecendo ainda os principais responsáveis por êsses distúrbios, fez com que fossem êles afastados do Externato — local onde, a despeito de tudo, continuava, todavia, sempre maior que em qualquer outro lugar a aglomeração de preparatorianos — fazendo chamá-los a exames nas demais mesas espalhadas pelos estabelecimentos acima citados.

Normalizada completamente a situação, prosseguiram os exames até o fim, sem a menor perturbação de ordem, continuando os examinadores com o mesmo rigor adotado desde o início.

E nos anos subsequentes, foram os mesmos realizados sempre sob a maior tranquilidade até a extinção definitiva, em 1907, do sistema de EXAMES PARCELADOS DE PREPARATÓRIOS, em cujas mesas examinadoras constituídas tôdas de Professores de renome, nunca deixou de haver a máxima moralidade.

## O ENTERRO DO GRANDE PROFESSOR BRASILEIRO

Com enorme acompanhamento efetou-se às 11 horas do dia 27 de Fevereiro, no Cemitério de S. Francisco Xavier, o sepultamento daquele saudoso Mestre. Desde pela manhã do dia 26 era a casa do ilustre Professor visitada por grande número de amigos, admiradores, discípulos e funcionários do Colégio Pedro II, que lhe iam render as últimas e sentidas homenagens.

Entre as inúmeras pessoas que velaram o corpo, lá estiveram: Senador Urbano Santos; Senador Lauro Muler; Dr. Fernando Mendes de Almeida, Diretor do "Jornal do Brasil"; Dr. Chagas Leite; Professor Reis Carvalho; Dr. Silva Cunha; Dr. Pais Barreto e família; Dr. Manoel de Moraes; Jerônimo de Viveiros; Guilherme José Jorge; Jaime José Jorge; Carlos e Pedro Galdino Leal. Inspetores de alunos do Colégio Pedro II; D. Maria Velêda da Costa Lima; Zêzê Costa Lima; Francisca das Chagas Leite; Mariana Pais; Aurélia Pais; Maria Henriqueta Watson; Maria Prates Watson; Eugênia Carvalho; Rosa da Silva Cunha; Herminia Carvalho; Rosa Teixeira Mendes da Silva Cunha; Carmelita Martins; Maria da Glória Pereira Pinto Almeida; Coronel Felipe Senés; Coronel Fábio Rodrigo de Araujo; Manoel de Bitencourt; Custódio de Viveiros; Alvaro Fonseca; Antônio Pereira Prestes; Artur Watson Sobrinho e família; Capitão Jorge Pinheiro e senhora; Araken de Azeredo Coutinho; Alfredo Guilhon; J. Furtado de Castro e senhora; Leonardo Torrentes e família; Henrique Watson; Mário Rocha e família; Plínio de Araujo e família; Viriato Linhares; Leonel José Jorge; Bernardino da Fonseca Filho; Mário Oliva da Fonseca; Eduardo Henrique Riedel; Alberto Máximo de Almeida e família; Olinda e Laura da Fonseca; Deputado Garcia Pires; Eduardo Watson; Dr. Joaquim de Pinho Magalhães; Dr. Costa Lima.



Cerca das 8 horas da manhã o Rev. Padre Climério Cotrêa de Macedo, Vigário da Freguesia de Jacarépaguá, encomendou o corpo, efetuando-se, em seguida, o saimento do enterro em vários bondes especiais até a Estação de Cascadura, onde, tomando um trem especial, se dirigiu à Central, em cujas proximidades se achava o rico carro fúnebre que devia conduzir o féretro até o Cemitério. Inúmeras coroas foram conduzidas em carros, na maior parte de flores naturais.

Entre elas, viam-se as seguintes:

"Ao adorado Pai, Dondon e Domingues"; "Saudades de sua filha Alzira"; "Saudades de seu filho Edmundo"; "Saudades de seus filhos Sinhá e João"; "Saudades do Otávio, Ana Rosa e seus netos"; "Saudades da amiga grata Maria Castelo Branco"; "Ao querido amigo Dr. Coqueiro, Urbano Santos e família"; "Ao Dr. Coqueiro, o Estado do Maranhão"; "Saudades de Beatriz e Atila"; "Saudades de Arturzinho e Maricota"; "Ao Dr. Coqueiro, Jansen Muler e família"; "Ao bom Diretor, tributo de saudades dos Inspectores de alunos do Externato Pedro II"; "Ao Dr. Coqueiro, os Professores do Externato Pedro II"; "Ao venerando Dr. Coqueiro, saudades do Dr. Silva Cunha e família"; "Ao nosso Diretor e amigo, os serventes do Externato Pedro II"; "Ao Dr. Coqueiro, saudades de Paulo Tavares"; "Ao bom Dr. Coqueiro, saudades sentidas de Joaquim de Oliveira Alves"; "Ao Dr. Coqueiro, saudades de gratidão de Henrique e Carmelita"; "Ao conterrâneo e amigo Dr. Coqueiro, saudades do Hemetério dos Santos".

Acompanhou o corpo até o Cemitério o Padre Ricardino Sêve, Vigário da Freguesia de S. Cristovam.

A beira do túmulo falaram os Professores Drs. Guimarães Rebelo e Raul Guedes, exaltando os méritos intelectuais e morais do saudoso Mestre desaparecido. Dentre as inúmeras pessoas que acompanharam o enterro notavam-se as seguintes:

General Pinheiro Machado; Senador Urbano Santos, por si e pelo Governador do Maranhão; Coronel Benjamin de Souza Aguiar, Comandante do Corpo de Bombeiros; Professor Hemetério dos Santos; Dr. Guimarães Rebelo; Professor Raul Guedes; Cônego Osório Ataíde da Cruz; Dr. Agripino Azevedo; Deputado Cristino Cruz; Deputado Cunha Machado; Jansen Muler; Manoel Reis, representando o Dr. J. J. Seabra; Dr. Fernando Mendes de Almeida, Diretor do "Jornal do Brasil"; Dr. Carlos Faler, representando o Dr. Esmeraldino Bandeira, Ministro da Justiça; Pandiá Hermann de Tautpheus, representando os bachareis de 1909; Antônio Coelho Bitencourt, pelo 3.º ano do Externato; Francisco Ferreira Maciel, Carlos Galdino Leal, Pedro Galdino Leal, Emiliano Silveira e Jacinto Nascimento, representando os Inspectores do Externato Pedro II; Carlos Machado, representando a Companhia Ferro Carril de Jacarépaguá; Dr. Trajano

Professor; Paranhos de Macedo, Professor; Pedro Galdino Leal e Carlos Galdino Leal, Inspectores de alunos do Externato Pedro II; Guilherme Fraga, servente do Internato Bernardo de Vasconcelos; Manoel dos Reis Ferreira, servente do Externato Pedro II; João de Góes, Inspetor de alunos do Externato Pedro II; Armando França, Inspetor de alunos do Externato Pedro II; P. F. Perrayon, do Colégio Pedro II; Aprigio João do Rosário, do Externato Pedro II; Antônio Pereira dos Santos, Inspetor de Alunos do Externato Pedro II; Otávio Cardoso Rosa, servente do Externato Pedro II; Eduardo Araujo, servente do Colégio Pedro II; Manoel José da Silva, do Colégio Pedro II; Romualdo Paulo, do Colégio Pedro II; Francisco Maciel, Inspetor de alunos do Colégio Pedro II; Dr. Augusto Diogo Tavares; Capitão Eliseu Vieira Fernandes; Capitão Jorge Pinheiro e Senhora; Engenheiro Joaquim Pinho de Magalhães; Basílio Viana; Padre Artur Cesar da Rocha; Henrique Maissonette; Homero Maissonette; Bacharel J. Maissonette; Dr. Roberto Lutz; Olimpio Niemeyer e família; Fábio Araujo; José Pedro de Carvalho; José Ferreira Lopes Gonçalves; Rafael da Cruz Machado; Dr. Valentim Coelho Portas, Juiz de Direito; Julieta Portas; Viuva Caminha; Madame Ana Robe V. Watter; Alberto Máximo de Almeida e família; Jaime de Almeida; Dr. Raimundo de Castro Maia; Olívia Pilar, por si e por seu Pai Dr. Pilar; 2.º Tenente Oscar Pilar e Senhora; Ana Pilar; Engenheiro Alberto Couto Fernandes; José Gonçalves Pinto e família; Jorge Costeirão; Jorge Ferrer; João Ferrer; A. Tavares, pelo Dr. Vitor da Costa; Eduardo Silvino de Castro; Paulo Pinto Gomes; Dr. J. J. de Queiroz, Professor da Escola Normal; Dr. Alexandre Max Kluniger, Professor; Caetano Brandão de Souza Junior, por si e por seu Pai Caetano Brandão de Souza; Mário Lopes Gonçalves; Sabina Monteiro; Apolônia Monteiro; Leonel José Jorge; Aprigio Costa; Fidélis Trancoso; Ubirajara Coutinho; Olegario J. Monteiro e família; Viriato Linhares; Velho da Silva; Dr. João Marques; Dr. Augusto José Marques; Augusto José Marques Junior; Cesar Augusto Marques; Daniel Santos; Carlos de Viveiros Costa Lima; Américo de Viveiros Costa Lima; Maria Velêda Costa Lima; Dr. Américo de Viveiros; Dr. Costa Lima; Zenóbia de Viveiros Costa Lima; Cesar de Souza Castro Melo; Tenente Vicente Francelino de Albuquerque; Antônio R. do Rego Meireles; José Henrique Aderne, Sub-Diretor dos Correios; Gimínio Vieira de Melo; Otávio de Castro; José Caetano de Oliveira; Juvêncio Watson e família; Manoel Jansen Muler e família; Oziel Bordeau do Rego; Hemetério Jansen Muler; Dr. Artur Costa, por si e pela Diretoria do Banco Hipotecário do Brasil; Bernardino Oliva da Fonseca; Albano Pinto da Fonseca Teles; Manoel Venâncio da Silva; João D. Soares Magalhães; Antônio Fração Cantanhede; Dr. Manoel de Moraes; T. Trancoso; Felipe Senês; Manoel Maria de Castro Neves; Dr. J. B. Capeli; Dr. Alvaro Caminha; Olimpio Caminha; Anibal Marques; Dr. Nestor Meira; Otaviano Meira; Leopoldo Meira e família; Edmundo de Miranda Jordão; Ernesto Jordão; Ernesto Gonçalves e família;

Clovis Hemetério dos Santos; Madame Chagas Leite; Pedro do Couto; Carlos Figueiredo e família; Elisa G. da Costa Neves; Amélia Zoher; Matilde de Acioli Lins; Henrique Watson; Erico Guimarães; Cecília Simas de Souza; Capitão A. Corinto Costa; José Borges Delgado; Magalhães Almeida; Dr. Leopoldo Capanema e Senhora; Dr. João da Costa Ferreira, Engenheiro da Prefeitura; José de Carvalho Silva; Antônio F. dos Santos Rosa; Edgard dos Santos Rosa; Joaquim Batista de Carvalho; Leonardo Torrentes e família; Julia Prates; Alfredo Cunha; Alcides Medrado; Marcellio Chaves Barcelos; Carlos Meira; Capitão José da Silva Teixeira; Alvaro Costa; Maria Lira da Silva Braga; Engenheiro Mario Nazareth; Carlos Chaves Braga; Madame Blanche Margot; João Passos; Dr. João A. de Carvalho Leite; John Leite; Manoel José de Abreu; João de Abreu Sobrinho; Jorge Guimarães; Tenente-Coronel João Muratori; Dr. Raul Barradas; Tenente Costa Braga; Zulmira Portugal; Paulo Leitão; Luiz Meireles Costa; Comendador Adriano José de Melo e família; Viuva Gama Castro; Dr. Ildegardo de Noronha; Dr. Amarílio de Noronha; Atila Galvão; Viuva Pereira Santos e sobrinha; Luiz Valério da Silva e senhora; Dr. Aderbal de Carvalho e senhora; Dr. Antônio Teixeira Belfort Roxo; Carlos H. R. de Souza; Antônio Pais; Pedro Carlos de Andrade; A. Watson Sobrinho; Augusto Martins Vieira; Dr. Pires Farinha; Diretor da Casa de Correção; Maestro Alberto Nepomuceno, Professor do Instituto Nacional de Música; Eduardo Henrique Riédel; Francisco Teixeira; Dr. Felicíssimo Rodrigues Fernandes; Antônio Alvaro de Lima Rodrigues; Dr. Luiz Gastão da Silva Cunha; Olímpio Cunha; João Cotia Sobrinho; Francioni de Padua e filhos; Joaquim Couto e filhos; Marina Monteiro; Guilhermina Monteiro Clemente; Eduardo Watson e senhora; Manoel de Bitencourt; Inácio Raposo; Clementino José Pereira de Castro; Mariana Pais Leme da Silva; Azeredo Coutinho; Araken Coutinho; Antônio França; Bento Gomes Duarte; José B. Ferreira; João Séve; Dr. Henrique José de Sá; Francisco Simões; Anibal da Costa Matos; Dr. Nestor Serra; Alberto Couto e Souza.

Nota. — Tendo desaparecido duas listas de assinaturas, deixaram de figurar na relação acima os nomes de várias outras pessoas que compareceram as solenidades da Candelária.

O pesar da Imprensa Brasileira pelo passamento do grande professor, cuja vida fôra tôda dedicada ao aprimoramento da consciência juvenil de sua raça.

Pelas noticias, podemos hoje avaliar a perda que o Brasil sofreu com o desaparecimento do sábio, que soube ser grande na sua Pátria e ainda maior fora dela.

de Viveiros Raposo; Olímpio Caminha; Aspirante Castro Neves; Antônio Frazão Cantanhede; General Ribeiro Guimarães; Coronel Lindolfo Serra; Domingos Curvelo Avila; Henrique Watson; J. Salgado da Cunha; Atila Watson; Magalhães Almeida; José Furtado de Castro; Braúlio Lago; Doutores Rodolfo Paula Lopes, Henrique de Noronha, Almeida Lisboa representando o corpo docente do Externato Pedro II; Comandante Belfort Vieira; Aquiles Lisboa; Fonseca Marques; João Emiliano do Lago; José Pinto; Dr. Alvaro Caminha; Américo Costa Lima; Dr. Américo de Viveiros; Dr. Andrade Figueira; Dr. Agliberto Xavier; Paulo Tavares e Oliveira Alves, pela Secretaria do Externato Pedro II; José da Silva Teixeira; Dr. João Barreto da Costa Rodrigues; Dr. Benedito Raimundo; Mário Pires; Ari de Noronha; Francisco da Fonseca Marques; Antônio Pereira dos Santos; Dr. Chagas Leite; Dr. Manoel de Moraes; Dr. Ivo de Melo e Souza; Ubirajara de Azeredo Coutinho; João Louzada; Miguel Caldas; Inácio Raposo; Antônio R. Lopes; José Carvalho e Silva; Alvaro Guimarães; Gama Ribeiro e Alberto Figueiredo.

AS MISSAS DE SÉTIMO DIA MANDADAS CELEBRAR  
PELA FAMÍLIA E EXTERNATO NACIONAL PEDRO II

Na manhã de 4 de Março a Matriz da Candelária regorgitava de pessoas de todas as classes sociais, professorado oficial e particular, militares, políticos, representantes de várias associações de classe e inúmeros amigos e pessoas agradecidas, a quem o saudoso educador, com aquela sua tão conhecida e proverbial bondade, havia dispensado a sua proteção.

Esses atos de piedade cristã se revestiram de máxima imponência, evidenciando, sem dúvida, a larga estima em que era tido o notável Professor brasileiro, o profundo respeito que inspirava o seu nome e ao mesmo tempo o reconhecimento coletivo de toda aquela numerosa e escolhida assistência á grande obra por êle deixada.

Precisamente ás 10 horas tiveram inicio, solenemente, as Missas mandadas celebrar pela familia e pelo Externato Nacional Pedro II, tendo a elas comparecido as seguintes pessoas: Dr. Carlos Faler, representando o Dr. Esmeraldino Bandeira, Ministro da Justiça; General Pinheiro Machado; Senador Urbano Santos, por si e pelo Governador do Maranhão; Deputado Cunha Machado; Dr. João Pedro Belfort Vieira, Ministro do Supremo Tribunal Federal; Capitão de Mar e Guerra Belfort Vieira; Deputado Agripino Azevedo; Dr. Eliézar Tavares, Juiz Federal; Família Senador José Euzébio; Dr. Fernando Mendes, Diretor do "Jornal do Brasil"; Major João Albuquerque Serejo; C. Costa Rodrigues, pelo Deputado Costa Rodrigues; Dr. Antônio de Sales Belfort Vieira; Dr. Aarão Reis, por si e pela Diretoria do Loid Brasileiro; Almirante Teotônio Cerqueira; General Pires Ferreira, Senador Federal; Coronel Benjamin de Souza Aguiar, Comendante do Corpo de Bombeiros; General Serzedelo Correia, Pre-

feito do Distrito Federal; General Bento Ribeiro, Chefe da Casa Militar da Presidência da República; Senador Antônio Azeredo; Dr. José de Oliveira Coelho; Dr. Heráclito Graça; Dr. José Eduard; Dr. José de Oliveira Coelho; Dr. Heráclito Graça; Dr. Oscar do Teixeira de Souza; General Ribeiro Guimarães; Dr. Oscar Rodrigues Alves, por si e por seu Pai Conselheiro Rodrigues Alves; Senador Lauro Muler; Dr. Carlos Augusto de Oliveira Figueiredo, Ministro do Supremo Tribunal Federal; Dr. Medeiros e Albuquerque; Dr. Ataúlfo de Paiva; General Francisco Marcelino de Souza Aguiar; Dr. Alfredo Pinto; Professor Roberto Golin de Souza; Dr. Alfredo da Graça Couto; Cândido Rosa, Colégio Pedro II; Dr. Alfredo da Graça Couto; Dr. Hemetério dos Santos, Diretor Geral do Ministério da Justiça; Dr. Eugênio Guimarães Reto, Professor do Colégio Militar; Dr. Humberto Gotuzo; Dr. Dias de Barros, Professor da Faculdade de Medicina; Dr. Chagas Leite, Professor da Faculdade de Medicina; Dr. João Paulo de Carvalho, Professor da Faculdade de Medicina e Diretor do Instituto Nacional dos Surdos e Mudos; Dr. João Brasil Silvado, Diretor do Instituto Benjamin Constant; Capitão Lima Mindelo, Professor da Escola Politécnica; Coronel Bernardino Vieira Lima, Professor da Escola Militar; General Roberto Trompowsky Leitão de Almeida, Lente da Escola Militar; Dr. Pelino Guedes, Diretor Geral do Ministério da Justiça; Dr. Oscar Lopes, Oficial de Gabinete do Ministro da Justiça; Engenheiro João Barreto da Costa Rodrigues; Dr. Mariano Cerveira; Professor Reis Carvalho; Dr. Luiz Baía; Dr. João Maximiniano de Figueiredo, Deputado federal; Madame Maximiniano de Figueiredo; Rubens Maximiniano de Figueiredo; Dr. Tamborim Guimarães; Salatiel Firmino Gonçalves, por si e pela Diretoria do Internato Bernardo de Vasconcelos; Ari de Noronha, aluno do Externato Pedro II; Benedito Raimundo da Silva, Professor do Internato Bernardo de Vasconcelos; Dr. Silva Ramos, Professor do Colégio Pedro II; Antônio Rodrigues Fraga, servente do Colégio Pedro II; Paulo Tavares, Secretário do Externato Pedro II; Joaquim José de Oliveira Alves, Escrivão do Externato Pedro II; Dr. Agostinho Luiz da Gama, Professor do Internato Bernardo de Vasconcelos; Silvio Beviláqua, Secretário do Internato Bernardo de Vasconcelos; Dr. Antônio Henrique de Noronha, Professor do Externato Pedro II; Dr. Guilherme Afonso, Professor do Internato Bernardo de Vasconcelos; Dr. Gastão Ruch, Professor do Externato Pedro II; Artur Ferreira, Professor do Externato Pedro II; Coelho Neto, Professor do Externato Pedro II; Ari dos Santos Filho, aluno do Externato Pedro II; Vitor Mondaini, representando o 5.º ano do Externato Pedro II; Pandiá Hermann Tautpheus, pelos Bachareis de 1909; Guilherme José Jorge, representando o 6.º ano do Externato Pedro II; Adrien Delpach.

## DR. J. ANTÔNIO COQUEIRO

"Faleceu, ontem ás 6¼ horas da manhã, em sua residência, á Rua Emilia n.º 6 em Jacarépaguá, o Sr. Dr. João Antônio Coqueiro, Diretor do Externato Nacional Pedro II.

A notícia ecoou pungentemente no vasto círculo de discipulos, amigos e admiradores do eminente extinto, que foram surpreendidos pelo inesperado do golpe, pois ainda ontem fóra visto o Dr. Coqueiro, parecendo gozar excelente saúde, não obstante seus 72 anos de idade.

Nascera o finado em S. Luiz do Maranhão, a 30 de Abril de 1837, do consórcio de Vespasiano Coqueiro e D. Raimunda Garcia Coqueiro.

Para bem se avaliar do que foi o saudoso finado basta lembrar que aos dezoltô anos, feitos os seus preparatórios em sua cidade natal, cursava, em Paris, a Escola Central de Engenharia, depois de brilhantemente haver disputado a admissão, entre 400 candidatos, publicando por esse tempo, o seu "Tratado de Arithmetica", considerado, ainda hoje, um dos melhores escritos em portuguez.

Da Escola Central passou-se para a Faculdade de Ciências de Paris, onde se bacharelou e seguiu os cursos: de Cálculo, de Lefebure de Fourcy; de Mecânica Racional, de Liouville; de Astronomia, de Serret; de Física Matemática, de Duhamel, servindo também, durante dois anos, como ajudante do Professor do curso de Física de Despretz e de Dessains, na Sorbonne.

Sob a direção de Mr. Quetelet, praticou Astronomia no Observatorio de Bruxelas, tomando, posteriormente, nessa cidade o gráu de doutor em Ciências físicas e matemáticas, obtendo aprovação distinta.

Tendo feito jús á cadeira de Mecânica Racional da Universidade de Bruxelas, honrando, assim, o nome brasileiro, foi chamado á Pátria no momento em que se preparava para regê-la.

Longo seria enumerar os cargos a que deu brilho, pelo seu talento e virtudes o eminente brasileiro.

De momento, occorre enumerar: Inspetor do Tesouro do Maranhão, publicando, no exercicio desse cargo, um "Tratado de Stereometria para uso das Alfândegas"; lente de Matemática no Liceu e de Cálculo e Mecânica Racional no Instituto Profissional do Maranhão; Presidente da então Provincia do Maranhão, tendo aceitado esse cargo para satisfazer os desejos do Governo Imperial, que o incumbiu de organizar um plano para a criação de uma escola de agricultura, projeto que teve larga publicidade na época.

Foi o fundador da Sociedade Promotora da Instrução Pública em S. Luiz, atingindo a subscrição aberta por sua iniciativa a soma de 50 contos de réis.

Tendo sido o iniciador dos Engenhos Centrais na sua Provincia, fundou uma Usina com aparelhos os mais aperfeiçoados, adquiridos pessoalmente em Paris, onde fez os necessários estudos; poz em prática e promoveu duas exposições de açucar na capital do Maranhão, a que acorreram cerca de trezentos fabricantes desse produto.

Chefe de Distrito telegráfico, Engenheiro da Planta Cadastral e Diretor do Externato Nacional Pedro II, revelou sempre o Dr. Coqueiro alta capacidade científica e um caráter honradíssimo como administrador.

O ilustre finado era sogro do Sr. Dr. Luiz Antônio Domingues da Silva, Governador do Estado do Maranhão, e do Sr. Otávio Watson, negociante nesta praça, com conhecida chapelaria na Avenida Central.

O enterro realizar-se-á hoje, ás 10 horas, seguindo o féretro da estação Central da Estrada de Ferro para o cemitério de S. Francisco Xavier.

— O Senador Urbano Santos recebeu, ontem, o seguinte telegrama:

"Maranhão, 26. — Profunda consternação veio trazer aos amigos a notícia do falecimento do Dr. Coqueiro. Por isso, os imponentes festejos preparados para a recepção do Governador Dr. Luiz Domingues, foram suspensos. Rogo representar este Governo no enterro do falecido. Cordiais saudações. — Frederico Figueira, Governador". (Do "Jornal do Brasil", de 27 de Fevereiro de 1910).

#### DR. JOÃO COQUEIRO.

"A sociedade fluminense perdeu, ontem, um dos seus mais dignos e distintos membros e a nossa cara pátria um dos seus filhos mais dedicados e com a maior messe de serviços públicos.

O Dr. João Antônio Coqueiro, o velho educador e respeitado matemático, finou-se, ontem, inesperadamente.

O ilustre Professor, pelo seu estado de saúde não apresentava cuidado a acreditar-se no seu passamento ontem pela manhã. Ainda na véspera S. S. estivera na cidade e, como de costume, palestrara longo tempo no estabelecimento de seu genro, na Avenida Central.

Ontem pela manhã, porém, o venerando preceptor sentiu-se indisposto e ás 8 horas exalava o último suspiro, cercado de toda sua Exma., família, na vivenda em que residia, á rua Emilia n.º 6, em Jacarépaguá.

O Dr. Coqueiro teve a sua vida toda dedicada ao magistério.

Desde cedo estudara com admirável persistência os vários ramos da matemática fazendo pesquisas que o tornaram um dos mais abalizados nesta parte de ciência.

Tendo felto os princípios de seus estudos na sua terra natal, partiu depois para Paris, afim de os completar. Nesta grande capital o Dr. Coqueiro inscreveu-se num concurso de admissão á Escola Central de Engenharia, conseguindo tirar, com provas brilhantísimas, um dos melhores lugares, entre 400 candidatos.

Em plena mocidade, pois contava apenas 18 anos, e com sólido cabedal de conhecimentos matemáticos, publicou o seu célebre "Tratado de Aritmética", obra bastante conhecida e reputado magnífico compêndio didático.

Bacharelou-se em ciências Físicas e Matemáticas na Faculdade de ciências de Paris, onde também fez cursos especiais.

Partindo para Bruxelas, recebeu na Universidade daí o grau de Doutor, merecendo a sua tese a nota de distinção, o que lhe dava direito á regência de uma cadeira na Universidade, não tendo aceitado essa grande honra por ter de regressar ao Brasil.

Voltando á Pátria, o Dr. Coqueiro por longo tempo residiu no Estado do Maranhão, sua terra natal, onde foi Inspetor do Tesouro Público Provincial, publicando, por essa ocasião, um "Tratado Prático de Stereometria", com tábuas em decimais, que foi considerado de grande valor.

Fundou no seu Estado a Sociedade Promotora de Instrução Popular, a que prestou serviços de tal monta, que foi agraciado com o Oficialato da Ordem da Rosa.

Foi depois, na então Província, Lente de Matemática em vários Institutos; organizou um plano para a criação de uma Escola de Agricultura; fomentou a instalação de engenhos de cana, fundando uma usina açucareira, com moderníssimos maquinismos que adquiriu pessoalmente em Paris.

Com essas magníficas idéias, fundou o "Jornal da Lavoura", que excelentes serviços prestou sob a sua competente direção.

Tentou fundar uma Escola Politécnica, tendo para isso organizado um tão bem feito projeto de ensino que foi aproveitado para a reforma da Escola Central do Rio, que é hoje a nossa Escola Politécnica.

Aquí no Rio, foi Diretor do Internato do Ginásio Nacional, sendo depois transferido para o mesmo cargo no Externato.

De seus trabalhos científicos, infelizmente não nos recordamos todos, mas eram em grande número e todos de incontestável valor.

A morte do distinto e notável brasileiro, conhecido e estimadíssimo como era, traz para a nossa sociedade profunda máguá.

O ilustre patricio era sogro do Dr. Luiz Domingues, governador do Maranhão e do Sr. Otávio Prates Watson, da Casa Watson.

O enterro do saudoso Professor realizar-se hoje, no cemitério de S. Francisco Xavier.

O corpo sairá da estação Central, ás 10 horas da manhã.

Á distinta família do finado a "Gazeta" apresenta sentidas condolências".

(Da "Gazeta de Notícias", de 27 de Fevereiro de 1910).

#### DR. J. COQUEIRO.

"Em sua residência, á rua D. Emilia n.º 6, em Jacarépaguá, finou-se, ontem pela madrugada, o conhecido e velho educador Dr. João Antônio Coqueiro, Diretor do Externato D. Pedro II.

O extinto, que era formado em engenharia pela Escola de Engenharia de Paris, nasceu no Estado do Maranhão e contava 72 anos de idade.

De uma dedicação extraordinária em tudo que se relacionava

com a instrução e Dr. Coqueiro conseguiu uma justa remuneração e tornou-se digno da confiança do governo, que de antigo engenheiro, quer de atual.

Assim, o competente educador exerceu vários cargos no magistério, sendo que em 1903 foi transferido do lugar de Diretor da antiga Instrução do Colégio Nacional para idêntico lugar no atual Esternato D. Pedro II.

Além de outros serviços prestados, foi, a solicitação do Dr. Coqueiro, fundada no Maranhão, por meio de subscrição popular, uma Escola de Mecânica aplicada.

Sendo ministro o Visconde de Rio Branco, coube ao Dr. Coqueiro elaborar um plano de estudos para a reorganização da atual Escola Politécnica, tendo ocasião de defendê-lo, tratando largamente dessa questão importante em uma série de artigos que publicou num jornal do Maranhão.

O fuzido deixou duas filhas uma das quais casada com o Dr. Luiz Domingues, governador do Estado do Maranhão, e a outra casada com o Sr. Otávio Watson, negociante desta praça, e mais um filho, aos quais apresentamos sentidos peçames.

O seu enterro realiza-se hoje, às 10 horas da manhã, seguindo o féretro da estação Central da Estrada de Ferro para o cemitério de S. Francisco Xavier".

(Do "Diário de Notícias", de 27 de Fevereiro de 1910).

#### PROFESSOR COQUEIRO.

Foi recebida, ontem, com grande pesar a notícia do falecimento do Dr. João Antônio Coqueiro.

Perde o Brasil um dos mais provecios educadores da sua mocidade, um trabalhador incansável.

O Dr. Coqueiro, que atualmente dirigia o Esternato Pedro II, foi obrigado a se licenciar procurando em Jacarépaguá melhoras ao seu estado de saúde, seriamente abalada nestes últimos tempos.

Faleceu êle na idade avançada de 72 anos, tendo nascido em S. Luiz do Maranhão, de onde, depois de feitos estudos primários e secundários, partiu para Paris, onde se formou em engenharia. Ali fez êle o seu conhecido e magnífico compêndio de matemática elementar.

Voltando ao Maranhão, si fundou um engenho central de açúcar, que foi o primeiro que se instalou no Brasil, com aparelhos para a dosagem desse produto.

Esteve depois muito tempo em Bruxelas, onde por tal modo se destacaram o seu valde e a sua competência como matemático que o Governo belga o nomeou lente de Mecânica da Escola Politécnica da capital do reino.

O Dr. Coqueiro, porém, não aceitou esse cargo.

De regresso ao Brasil, desempenhou vários cargos de confiança, entre os quais o de Engenheiro-chefe dos Distritos telegráficos em que se reuniam, outrora, os Estados do Pará e do Maranhão.

#### DR. J. A. COQUEIRO.

Faleceu hoje, o ilustre homem de ciência Dr. J. A. Coqueiro, diretor do Esternato Nacional D. Pedro II.

Causou surpresa a nova do falecimento do eminente Professor, que, apesar de já bastante adiantado, ainda estava passivo pelas ruas da cidade.

Contava o Dr. Coqueiro cerca de 72 anos, tendo nascido no Maranhão, onde seu nome era bastante conhecido, quer pelo magnífico compêndio de Aritmética que publicou ainda muito jovem, e que lhe deu grande renome, quer por ter lá mantido uma turma aquicreta com instalação para análise do açúcar.

Era o ilustre catinto formado em engenharia pela Escola de Engenharia de Paris.

Há muitos anos exercia êle, com raro brilho, o cargo de Diretor do Esternato Pedro II, tendo antes ocupado igual cargo no Esternato.

O Dr. Coqueiro era sogro do Dr. Luiz Domingues, governador do Maranhão.

O enterro efectuar-se-á amanhã, sendo o fimso da rua Emilia n.º 6, Jacarépaguá.

Os alunos do Esternato Pedro II reunir-se-ão, hoje, às 3 horas, naquele estabelecimento, afim de votar aos homenagens que devem ser prestadas ao digno morto.

(Do "Correio da Noite", de 16 de Fevereiro de 1910).

#### FALECIMENTO.

Faleceu, hoje, pela manhã, em sua residência de Jacarépaguá, o ilustre homem de ciência Dr. João Coqueiro, que ocupava há muito tempo com raro brilho e reconhecida competência o elevado

cargo de Diretor do nosso primeiro estabelecimento de instrução secundária: o Externato Pedro II.

O eminente e conhecido matemático morre aos 72 anos de idade depois de ter servido á causa da instrução pública no Brasil com o maior devotamento.

O Dr. Coqueiro era maranhense, tendo elevado bem alto o nome da Atenas Brasileira no velho mundo, onde, na Capital da França, se destacou desde seus 18 anos de idade, escrevendo seu magnífico "Tratado de Aritmética", considerado ainda hoje como um dos melhores dêsse género.

Era sogro do Dr. Luiz Domingues, atual governador do Maranhão. Há perto de 20 anos residia nesta capital, onde era estimado-simo num vasto círculo de amigos, pelas suas raras qualidades de espirito e coração.

Deixa várias filhas e um filho, Edmundo de Viveiros Coqueiro. O seu enterro terá lugar amanhã, pela manhã, saindo o féretro da Rua Emilia n.º 6.

A "Tribuna" apresenta sinceros pezames á familia desolada". (Da "A Tribuna", de 26 de Fevereiro de 1910).

#### DR. JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO.

"Faleceu esta madrugada em Jacarépaguá, onde tentava melhoras para a sua saude, profundamente abalada nestes últimos tempos, ao ponto de o forçar a licenciar-se, o Dr. João Coqueiro.

O velho educador deixa uma brilhante biografia de esforço e de trabalho que lhe garante um nome brilhante entre os que se dedicaram entre nós á pedagogia.

O Sr. Dr. Coqueiro nasceu no Estado do Maranhão, de onde pouco depois de feitos os estudos necessários partiu para Paris, afim de receber a instrução superior.

Aí se formou em engenharia e matemática, aos 18 anos, saindo então a lume um trabalho seu que se tornou vantajosamente conhecido com o nome de Aritmética de Coqueiro.

Voltando ao Maranhão, o moço Engenheiro, atraído pelo vivo interesse da questão do açúcar, aí fundou um engenho central, que foi o primeiro que se instalou no Brasil, com aparelhos para a dosagem dêsse produto.

Esteve depois muito tempo em Bruxelas, onde por tal, modo se destacaram o seu valor e a sua competência como matemático, que o Governo belga o nomeou lente de Mecânica da Escola Politécnica da Capital da Bélgica.

O Dr. Coqueiro, porém, não aceitou êsse cargo.

De regresso ao Brasil desempenhou vários cargos de confiança, entre os quaes o de Inspetor dos Distritos Telegráficos em que se reuniam outrora os Estados do Pará e do Maranhão.

Depois disto, foi nomeado Diretor do atual Internato Bernardo de Vasconcelos, sendo transferido em Maio de 1905 para o mesmo cargo no atual Externato Pedro II.

O Sr. J. Coqueiro faleceu na idade de 72 anos e deixa duas filhas, uma das quais casada com o Sr. Dr. Luiz Domingues, Governador do Estado do Maranhão e a outra casada com o Sr. Otávio Watson, negociante desta praça, e mais um filho.

Além de outros serviços prestados, foi, a esforços do Sr. Dr. Coqueiro, fundada no Maranhão, por meio de subscrição popular, uma Escola de mecânica aplicada.

Quando Ministro o Sr. Visconde do Rio Branco, coube ao Sr. Dr. Coqueiro elaborar um plano de estudos para a organização da atual Escola Politécnica, tendo ocasião de defendê-lo, tratando largamente dessa questão importante em uma série de artigos que publicou num jornal do Maranhão.

Quando a Escola de Engenharia se reformou em Escola Central, o plano do Dr. Coqueiro serviu de norma á remodelação.

O enterro do Dr. Coqueiro efetuar-se-á amanhã, pela manhã, não estando ainda fixada a hora e indo para o cemitério de S. Francisco Xavier.

Está convocada para ás 2 horas da tarde uma reunião dos alunos do Externato na qual se deliberará sôbre as demonstrações de pezar que o corpo escolar fará por motivo da morte de seu estimado Diretor".

(Do "Jornal do Comércio", edição da tarde, de 26 de Fevereiro de 1910).

#### DR. JOÃO A. COQUEIRO

"O velho e venerando Professor que ontem faleceu ás 6½ horas da manhã na rua Emilia n.º 6, em Jacarépaguá, era uma das mais simpáticas e brilhantes figuras da nossa sociedade.

Espirito culto, coração generoso, amante do estudo e Professor por decidida vocação desde moço manifestada, o Dr. João Antônio Coqueiro aliou sempre a essas grandes qualidades uma austeridade modelar. Nascido em S. Luiz do Maranhão em 30 de Abril de 1837, era filho legitimo de Vespasiano Coqueiro e D. Raimunda Garcia Coqueiro. A sua vida desde moço foi tôda de estudo e trabalho e foi por seu único e incansável esforço que grangeou a grande reputação de que veiu a gozar. O Dr. Coqueiro, que aos 18 anos de idade já cursava a Escola Central de Engenharia de Paris após haver disputado a sua admissão entre 400 candidatos, obtendo o 16.º lugar na classificação, reunia já nessa idade uma tão considerável soma de saber que o seu "Tratado de Aritmética" publicado naquela idade é ainda hoje um dos melhores em português. Passando para a Faculdade de Ciências de Paris, onde se bacharelou depois de um curso brilhantissimo, seguiu aí os seguintes cursos: de Cálculo, de Lefebvre de Fourcy; de Mecânica Racional, de Liouville; de Astronomia, de Serret; e, finalmente, de Física Matemática, do notável Professor Duhamel.

Serviu como ajudante de preparador durante dois anos consecutivos do curso de Física de Despretz e Dessains, na Sorbone,



Praticou Astronomia no Observatório de Bruxelas, sob a direção de Mr. Querret, um dos maiores astrónomos daquela época, tomando depois na Universidade dessa cidade o gráu de Doutor em Ciências Físicas e Matemáticas, merecendo a nota de Distinção. Após tão brilhantes provas de estudo com que o Dr. João Antônio Coqueiro honrou sobremodo o nome brasileiro na Europa e no momento em que se preparava para reger a cadeira de Mecânica Racional da Universidade de Bruxelas, a que fizera jús, foi chamado ao Maranhão que do nôvel e ilustre homem de ciência reclamava os altos serviços que constituem hoje o acervo riquíssimo com que se impôs á gratidão e á admiração dos contemporâneos e, certamente, com maioria de razão, de seus pósteros. Muitos foram os cargos ocupados pelo ilustre brasileiro que ontem se extinguiu: Inspetor do Tesouro Público do Estado do Maranhão, onde publicou um compêndio de Stereometria, para uso das Alfândegas; fundador da Sociedade Promotora de Instrução Popular, instituída em S. Luiz sob sua iniciativa com os recursos de uma subscrição pública por êle promovida e que atingiu a soma de 50 contos de reis; Lente de Matemática do Liceu de S. Luiz; de Cálculo e Mecânica Racional, no Instituto Profissional do Maranhão.

Pelo Presidente da Província foi, para satisfazer a instâncias do governo geral, incumbido de organizar um plano para criação de uma Escola de Engenharia, projeto, êsse, que teve larga publicidade na época. Iniciador dos Engenheiros centrais na sua Província, onde fundou uma Usina açucareira com aparelhos os mais aperfeiçoados que adquiriu pessoalmente em Paris, estudando-lhes os processos no Laboratório químico de Mr. Pellet, promoveu mais tarde duas exposições de açúcar na capital do Maranhão, as quais concorreram cerca de 300 fabricantes.

Serviu ainda o Dr. Coqueiro como Engenheiro-chefe do Distrito do Maranhão e cumulativamente, por algum tempo, do Pará, da Repartição Geral dos Telegráfos. Nesta Capital, logo após a sua chegada do Maranhão, serviu como Engenheiro da Carta Cadastral, de onde passou para o importante cargo de Diretor do Internato do Ginásio Nacional, no governo Campos Sales, de onde foi transferido após 5 anos de exercício para o de Diretor do Externato, que atualmente exercia como mestre sábio e amigo e respeitado como uma das mais venerandas personalidades que honram e ilustram a pátria brasileira.

Tais são em rápidas linhas os grandes traços de tão ilustre vida, que demanda um largo estudo biográfico não comportável num simples artigo de jornal.

O Dr. Coqueiro deixa várias filhas casadas, sendo uma delas com o Dr. Luiz Domingues, atual governador do Maranhão e mais um filho, Sr. Edmundo de Viveiros Coqueiros.

A ilustre família enlutada as nossas sentidas condolências".

(Do "O Paiz", de 27 de Fevereiro de 1910).

Depois disto foi nomeado Diretor do atual Internato Bernardo de Vasconcelos, sendo transferido para o atual Externato Pedro II.

O Dr. Coqueiro deixa duas filhas, uma das quais casada com o Dr. Luiz Domingues, governador do Estado do Maranhão e a outra casada com o Sr. Otávio Prates Watson, negociante desta praça e mais um filho, o Sr. Edmundo Coqueiro.

Além de outros serviços prestados, foi, a estorpe do Dr. Coqueiro, fundada no Maranhão, por meio de subscrição popular, uma Escola de Mecânica aplicada.

Quando Ministro o Visconde do Rio Branco, coube ao Dr. Coqueiro elaborar um plano de estudos para a organização da atual Escola Politécnica, tendo ocasião de defendê-lo, tratando largamente dessa questão importante em uma série de artigos que publicou em um jornal do Maranhão.

Quando a Escola de Engenharia se reformou em Escola Central, o plano do Dr. Coqueiro serviu de norma á remodelação.

O enterro do Dr. Coqueiro efetuar-se-á, hoje, ás 10 horas de manhã, saindo o féretro da Estação Central do Brasil para o cemitério de S. Francisco Xavier.

Os alunos do Externato reuniram-se, ontem, deliberando a manifestação de pesar que o corpo escolar fará por motivo da morte do seu estimado Diretor".

(Do "Correio da Manhã", de 27 de Fevereiro de 1910).

Museu Histórico e Artístico do Maranhão  
BIBLIOTECA

ALGUMAS MANIFESTAÇÕES  
DA IMPRENSA CASACA E  
DE PESSOAS EMINENTES  
SOBRE A PERSONALIDADE  
DO NOTÁVEL GENTILHOMEN E  
EDUCADOR.

#### DR. JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO.

"No feliz recesso de seu lar, conta, hoje, mais um aniversário natalício o venerando educador Dr. João Antônio Coqueiro.

Desde cedo, votado, com denodo, ao estudo, consagrou-se às pesquisas científicas, no empenho de acumular inexauríveis riquezas para, mais tarde, distribuí-las a mancheias por essa mocidade que é sempre a mais viva representação das esperanças pátrias.

Ainda estudante, em Paris, onde alcançara no concurso de admissão à Escola Central de Engenharia, um dos primeiros lugares entre 400 candidatos, publicava, aos 18 anos, o seu belo Tratado de Aritmética, que foi e é ainda reputado, no Brasil como em Portugal, uma das melhores obras didáticas sobre essa matéria.

Bacharelou-se em Ciências Físicas e matemáticas na Faculdade de Ciências de Paris, e fez cursos especiais, vindo a receber o grau de Doutor na Universidade de Bruxelas.

No Maranhão, seu Estado natal, além de outros serviços prestados, publicou, quando Inspetor do Tesouro Público Provincial, um valioso Tratado Prático de Stereometria, com táboas calculadas em decimais; fundou a Sociedade Promotora de Instrução Popular, à qual prestou tão assinalados serviços, que lhe valeram o Oficialato da Ordem da Rosa, com que o agraciou o Governo Imperial; foi Lente de Matemática elementar e transcendente em vários Institutos; autor de um plano para a criação de uma Escola de Agricultura e iniciador dos Engenhos Centrais de cana na então Província, onde instalou uma Usina açucareira; fundou o "Jornal da Lavoura", que excelentes serviços prestou à classe, e deu à lume várias obras didáticas.

O seu importante Projeto de organização de uma Escola de Engenharia sob a denominação de Escola Politécnica serviu de base para a reforma da então Escola Central do Rio, que passou a ter aquela denominação.

Diretor do Internato do Ginásio Nacional, foi, anos depois, transferido, a pedido, para o Externato, em cuja direção se acha, presentemente, e hoje é o melhor exemplo e o estímulo personificado para os que buscam, pelo estudo bem conduzido, o conhecimento das grandes verdades que a ciência descortina.

Esta resenha, omissa sem dúvida, dos seus grandes e relevantes serviços prestados ao País, dá a medida do apreço em que justamente é tido o provector educador, hoje, aniversariante, a quem sinceramente apresentamos as nossas felicitações".

(Da "Gazeta de Notícias", de 30 de Abril de 1908).

#### DR. J. A. COQUEIRO.

"É digna de nota no mês findo a passagem do aniversário natalício do Dr. João Antônio Coqueiro, o sábio educador que por tantos anos serviu como Diretor do Colégio Pedro II, prestando à mocidade brasileira os mais relevantes serviços.

Nasceu Dr. João Antônio Coqueiro na cidade de São Luiz do Maranhão, á 30 de Abril de 1837, do consórcio do Sr. Vespasiano Coqueiro e D. Raimunda Garcia Coqueiro.

Tendo feito o curso de humanidades no Liceu de sua cidade natal, partiu para a Europa aos 14 anos, matriculando-se em Paris, na Escola Central de Engenharia, tendo disputado com 400 candidatos a sua admissão, em cujo concurso foi classificado no 16.º lugar.

Ainda estudante desse estabelecimento, aos 18 anos, escreveu o seu brilhante "Tratado de Aritmética" até hoje considerado, com justiça inconcussa, o mais perfeito de quantos em português se encontram.

Da citada Escola de Engenharia, passou-se para a Faculdade de Ciências daquela mesma cidade que sempre amou com desvelo e por várias vezes visitou depois, bacharelando-se em Ciências Físicas e Matemáticas.

Em seguida exerceu o cargo de ajudante de Professor do curso de Física da Sorbona, de Mr. Despretz.

Partindo depois para a Bélgica, tirou por concurso a cadeira de Mecânica Racional da Universidade de Bruxelas, o que se póde considerar um título de glória para o nosso País.

Serviu também como astrónomo do Observatório de Bruxelas, obtendo aprovação distinta na sua formatura de Doutor em Ciências Físicas e Matemáticas pela Universidade daquela cidade.

Os serviços prestados ao Brasil por esse grande espírito que tanto o recomendou na Europa, são desses que profundamente marcam a competência extraordinária de um homem superior.

Assim foi que exerceu os cargos de Inspetor do Tesouro Público da sua terra, publicando então um "Tratado de Stereometria" para uso das Alfândegas"; de Lente de Matemática do Liceu Maranhense e de Cálculo e Mecânica Racional, no Instituto Profissional.

Por instância do Governo Imperial, aceitou o alto cargo de Presidente da então Província do Maranhão, traçando desde logo o

primeiro plano de uma Escola de Agricultura, plano esse que foi profusamente divulgado por todos os cantos agrícolas do País.

Contraiu matrimônio com a Exma. Sra. D. Maria Isabel de Viveiros, filha dos Barões de São Bento, fidalgo da casa imperial do Brasil, havendo desse consórcio vários filhos.

Fundou, também no Maranhão, a célebre Sociedade Protetora da Instrução Popular, subindo tal a confiança que inspirava o seu nome, a 50 contos o produto da subscrição aberta para tal efeito.

Iniciador dos Engenheiros Centrais em seu torrão natal, fundou uma usina com aparelhos, os mais aperfeiçoados adquiridos pessoalmente em Paris, onde fez os necessários estudos.

Promoveu duas exposições de açúcar em São Luiz, ocorrendo pressurosamente ao certamen para mais de trezentos produtores.

Ao lado do conselheiro Gomes de Castro e outros, quando jovem, cultivou com sucesso a poesia, tendo publicado em jornais da época várias poesias de apurado gosto e imensamente aplaudidas pelo exigente público da então chamada Atenas Brasileira.

O "Parnaso Maranhense" dá-nos um desses belos trabalhos, sob o título de "Em viagem".

Já em madura idade foi nomeado chefe do Distrito Telegráfico do Maranhão, Engenheiro da Planta Cadastral e, finalmente, Diretor do Externato Pedro II.

Eis em rápidos traços e biografia de um varão notável do Brasil, a quem tanto deve a posteridade, e que tão profunda saudade deixou aos seus amigos que ainda hoje lhe relembram o nome, com as mais justas e lisonjeiras referências".

(Da "Revista da Época", da Capital Federal, do mês de Maio de 1909).

**MANOEL DE BITENCOURT**, o eminente e brilhante homem de letras, de saudosíssima memória, e um dos maiores talentos que já aportaram ao Maranhão, onde viveu e exerceu com grande e invulgar fulgor o jornalismo e o magistério durante anos, no dia do passamento de **JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO**, no "JORNAL DO BRASIL", de 27 de Fevereiro de 1910, escreveu as linhas abaixo:

"O homem que acaba de se sumir dentre os vivos não era uma dessas individualidades que a cada momento se nos deparam na cena do mundo; era um espírito privilegiado e culto que subsistia, COMO RELÍQUIA SANTA, dos áureos tempos em que o Maranhão recebeu a denominação nobre, mas quiçá exagerada, de ATENAS BRASILEIRA.

Teve no desabrochar de sua mocidade a satisfação imensa, de conviver com aqueles que alto haviam levantado a terra maranhense: escutara os acordes de Gonçalves Dias e meditara as páginas de João Lisboa.

Céso, bem moço, fôra à Europa, onde conquistara a força de trabalho e portentosa inteligência, um título científico: — o de Bacharel em Ciências, pela Faculdade de Ciências de Paris. Não contentes, porém, com estes surpreendentes resultados, frequentou em três cursos de notabilidades científicas e praticou no Observatório de Bruxelas.

Durante os anos que permaneceu no Velho Mundo só procurou illustrar-se, captando pelas suas maneiras finas e grande saber as simpatias dos luminares da ciência, com quem tratou e que há anos ainda com elle se correspondiam. De volta à sua terra natal, meteo ombros à tarefa de lhe soerguer o nível intelectual; mas... o declínio começava.

Do seu nobre intento ficou, apenas, um nome: — A ESCOLA POPULAR "ONZE DE AGOSTO", estabelecimento modelar único no género.

Não cabe no curto espaço de uma noticia escrita sob o império da grande emoção do momento, pintar o que foi a vida de JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO, mostrar em que o varão moral não desmereceu do inteligente cultor das ciências. Com a mesma severa imparcialidade científica com que aceitava ou prescrevia uma doutrina, cumpria um dever ou protestava contra quem dêsse dever se emancipava. ERA UM CARATER INTEIRO, UM TALENTO CONSORCIADO A UM HOMEM DE BEM A TÔDA PROVA.

Casado com distinta Senhora, de fidalga familia maranhense, deixou elle várias filhas, algumas das quais casadas com cavalheiros de nota, entre os quais o Dr. Luiz Antônio Domingues da Silva, actual Governador do Maranhão, a que, de certo, agora longe, alcançará a perda irreparável que acaba de sofrer. Filho varão só teve um: — Edmundo de Viveiros Coqueiro, moço que nunca se consolará com o golpe que o feriu.

JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO merece sem dúbida muito, mas muito mais que estas linhas rápidas, traçadas de momento".

Manoel de Bitencourt já no fim da vida, transferindo a sua residência para o Rio de Janeiro, concorreu e de modo brilhante, em 1909, áquele memorável Concurso para provimento da cadeira de Lógica do Externato Pedro II, e que foi presidido pelo Dr. Coqueiro e ao qual, como é do domínio público, se candidataram vultos os mais eminentes, tendo logrado ótima classificação no citado Concurso.

Pela sua vasta cultura e grande talento, impressionou fortemente tanto aos ilustrados Membros da Mesa Examinadora como ao numeroso auditório.

"XXX — JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO — Nasceu em Maranhão aos trinta de Abril de 1837 e faleceu repentinamente na Capital Federal a 26 de Fevereiro de 1910. Teve como progenitores Vespasiano Coqueiro e D. Raimunda Coqueiro.

Doutor em Ciências Físicas e Matemáticas pela Universidade de Bruxelas e Bacharel em Ciências pela Faculdade de Ciências de Paris,

E O DR. COQUEIRO UM DOS HOMENS MAIS NOTÁVEIS DE QUE SE ORGULHA O MARANHÃO DE HAVER SIDO O BERÇO.

Ainda em Paris, escreveu o seu primeiro livro, "Tratado de Aritmética", para uso dos Colégios, Liceus e estabelecimentos de instrução secundária (Paris, 1860, 406 pag., in-8.<sup>o</sup>, 1.<sup>o</sup> edição, S. Luiz, 1868). Valeu-lhe o mesmo trabalho os mais luctuosos e calorosos elogios de Mrs. P. Renoux e L. Tarbouriech, distintos Profissionais de ciências em Paris, elogios que foram transcritos no Maranhão daquelle tempo.

Escreveu mais:

"Soluções das questões propostas no "Tratado de Aritmética" (Paris, 1862, 48 pag., in-4.<sup>o</sup>). Como o precedente, teve 1.<sup>o</sup> edição no Maranhão em 1868. O autor prometia publicar uma segunda parte dezas "Soluções", mas parece-nos que nunca realizou esta promessa.

"Metrologia Moderna ou Exposição Circunstanciada do Sistema Métrico decimal", precedida de noções indispensáveis sobre sistemas decimais e seguida de numerosas tabelas comparativas e de muitas applicações interessantes ao comércio e à industria (S. Luiz, 1865, 127 pag., in-4.<sup>o</sup>). Foi adotada no Maranhão e em Pernambuco, para uso das escolas do 2.<sup>o</sup> grau de instrução primária.

"Prática das novas medidas de pesos", em 12 pequenas lições, seguidas do questionário; — obra adotada para uso das escolas do 1.<sup>o</sup> grau da instrução primária (Maranhão, 1866, 52 pag., in-12.<sup>o</sup>) segunda edição (S. Luiz, 1867, 52 pag., in-12.<sup>o</sup>).

"Curso Elementar de Matemática", redigido segundo o programa official do Imperial Colégio Pedro II, tomo I — Aritmética — 1.<sup>o</sup> parte; adotado no Imperial Colégio Pedro II, para uso dos alunos do 1.<sup>o</sup> ano. Esgotando-se, rapidamente, a primeira edição desta obra, teve 2.<sup>o</sup> tiragem em 1870, in-8.<sup>o</sup>.

"Primeiras Noções de Cálculo", para uso da aula especial de instrução primária para adultos e de tôdas as Escolas de primeiras letras em geral (Maranhão, 1871, in-12.<sup>o</sup>).

"Curso Elementar de Matemática", redigido etc. Tomo 1.<sup>o</sup> — Aritmética — 2.<sup>o</sup> parte, 2.<sup>o</sup> ano (S. Luiz, 1874, in-8.<sup>o</sup>).

"Táboas Stereométricas", para uso do Tesouro Público Provincial (S. Luiz, 1871, in-8.<sup>o</sup>).

Dois grandes ideais absorveram constantemente a grande actividade do Dr. Coqueiro: a lavoura e o magistério. Os momentos que dêste lhe sobravam, applicava-os elle ao estudo das necessidades da lavoura do seu Estado.

Mais operoso, mais culto, melhor conhecedor dos mais adiantados processos da lavoura de cana, jamais houve, em seu tempo, lavrador algum no Maranhão.

Com os Drs. Ricardo Ernesto Ferreira de Carvalho e Francisco Dias Carneiro, fundou o "Jornal da Lavoura (1875-1876); fôlha de doutrina e propaganda agricola, em que também colaboraram assi-

duamente Alexandre Teófilo, José Francisco de Viveiros, Galvão de Carvalho, Martinus Hoyer, Sérgio Vieira e outros, e que se distinguu pela superioridade de vistas com que discutiu sempre todos os problemas atinentes aos altos interesses da lavoura do Maranhão.

Foi ele ainda um dos incorporadores da Companhia Progresso Agrícola, que fundou o Engenho Central São Pedro, o primeiro que houve na Província, sendo também proprietário da Usina "Castelo", que manteve por muitos anos.

Não menos notável se tornou a passagem do Dr. Coqueiro pelo magistério. Foi de iniciativa sua a idéia da criação da "Onze de Agosto", sociedade instituída na Capital e com o louvável fim de estabelecer cursos noturnos para as classes operárias.

Ai lecionava Matemática, Física, Química e Mecânica.

Professou, ainda, na extinta Casa dos Educandos Artífices e no Liceu Maranhense, **DEIXANDO EM TODOS ESSES ESTABELECIMENTOS DE ENSINO UMA TRADIÇÃO DE BONDADE E ALTO SABER, QUE AINDA PERDURA.**

Mudando-se para o Rio, foi nomeado Diretor do Internato do Ginásio Nacional e posteriormente do Externato. Foi nesse último e alto posto que o viu colher a morte, cercado da estima e admiração de quantos tiveram a ventura de o conhecer em vida".

(Transcrito do Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil, memorativo do 1.º Centenário da Independência, II volume, página 313).

#### UMA SUGESTÃO.

"Há 16 anos, no dia de hoje, faleceu nesta Capital uma das mais formosas mentalidades do País: — o Dr. João Antônio Coqueiro, matemático consagrado, educacionista ilustre e brasileiro de eminentes virtudes cívicas e particulares.

Maranhense de nascimento, o Dr. Coqueiro seguiu muito jovem para a França, e, após um curso brilhantíssimo na Escola de Engenharia de Paris, obteve o diploma de Engenheiro Civil, com a nota de Distinção.

Alguns tempos depois de formado seguiu para o Maranhão, onde se dedicou á indústria açucareira e lecionou em vários estabelecimentos, demonstrando sempre grande saber.

Nomeado Diretor do Internato do Ginásio Nacional, veio definitivamente residir no Rio de Janeiro, tendo exercido esse elevado cargo durante muitos anos com a maior competência, apresentando um plano de reforma do ensino que mereceu grandes elogios do Governo.

Ao ilustre Engenheiro deve a nossa Escola Politécnica um dos seus mais aperfeiçoados Regulamentos.

**TRATA-SE, ENFIM, DE UM PATRÍCIO ILUSTRE PELO TALENTO E PELO SABER E CHEIO DOS MAIS RELEVANTES SERVIÇOS EM PROL DO ENSINO SUPERIOR E SECUNDÁRIO DO NOSSO PAÍS.**

Poder-se-ia, pois, concretizar uma justa homenagem á memória do notável Professor brasileiro, dando-lhe o nome de uma das ruas de nossa Capital.

A idéia, além de expressiva, é de fácil realização, e, por isso, aqui deixamos o nosso apêlo ao Sr. Prefeito nesse sentido".

(Da "Gazeta de Notícias", de 8 de Janeiro de 1925).

#### JUSTA HOMENAGEM.

"Foi alvitrada, ontem, a idéia de ser dada a uma das nossas ruas do Rio de Janeiro o nome do Professor Coqueiro.

O Dr. João Antônio Coqueiro, filho da gloriosa terra do Maranhão, fez os seus estudos superiores de engenharia em Paris. Regressando á Pátria, com a excelente cultura adquirida no estrangeiro, apresentou ao então regente da Província do Maranhão projeto de criação de uma Escola Politécnica nessa Província. Mas, tão fundamente impressionou ao espirito da época esse projeto, que o dito regente o recomendou com muito empenho á consideração dos poderes imperiais. Era Ministro do Império João Alfredo, que o fez adotar na antiga Escola Central, transformando-a na atual Escola Politécnica do Rio de Janeiro.

O Dr. João Antônio Coqueiro veio, depois, a convite de Campos Sales, dirigir o Internato do Ginásio Nacional, hoje, Colégio Pedro II, e, mais tarde, a pedido foi transferido para o Externato, a cujos cargos emprestou o melhor de seus esforços e talento, dotando esses estabelecimentos do aparelhamento e da eficiência que lhe grangearam o universal conceito de que goza em todo o País.

A idéia de relembrar o nome do notável Professor e matemático na placa de uma rua desta metrópole, merece franco apoio de todos os patriotas, entre os quais o nosso".

(Do "O Paiz", de 10 de Janeiro de 1925).

#### JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO.

"Filho do Coronel Vespasiano Coqueiro e de D. Raimunda Garcia Coqueiro, nasceu em S. Luiz do Maranhão a 30 de Abril de 1837.

Fez o curso da Escola Central de Engenharia de Paris, onde alcançou o 16.º lugar entre 400 candidatos ao concurso de admissão. Bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas pela Faculdade de Ciências, de Paris, onde serviu por dois anos como Ajudante de Preparador do curso de Física de Despretz e Dessain, ao mesmo tempo que acompanhava os cursos de Cálculo, Mecânica Celeste, ministrados pelos Professores Duhamel, Liouville, Serret e Puisseur, os melhores da época. Praticou Astronomia no Observatório de Bruxelas, em cuja Universidade recebeu o grão de Doutor em Ciências Físicas e Matemáticas com a nota de Distinção, o que lhe dava direito á regência de uma cadeira da mesma Universidade. Ainda estudante, aos 18 anos, publicou o "Tratado de Aritmética", aceito com geral agrado no Brasil e em Portugal. No Maranhão, exer-

ceu os cargos de Inspetor do Tesouro Público, para uso do qual e das Alfândegas, publicou um "Tratado de Stereometria", obra que mereceu o melhor acatamento do Visconde do Rio Branco; Lente de Matemática elementar, Cálculo e Mecânica Racional, do Liceu; Professor de Geometria Prática e Mecânica Aplicada, no Instituto Profissional.

Fundou a Sociedade Promotora de Instrução Popular, que deixou com sede própria e frequência de 300 alunos. Nessa Escola professou, gratuitamente, o que lhe valeu o Oficialato da Ordem da Rosa. Organizou, por incumbência do governo da Província, um plano para a criação de uma Escola de Agricultura, que teve divulgação em diversos jornais.

Elaborou e publicou um Projeto para a instalação de uma Escola de Engenharia, sob a denominação de Escola Politécnica, o qual serviu de base à reforma da mesma Escola no Rio de Janeiro.

Fundou o "Jornal da Lavoura" e publicou várias obras didáticas e artigos de imprensa sobre assuntos profissionais. Foi, ainda, Inspetor dos Telégrafos e Engenheiro-chefe de Distrito telegráfico do Maranhão e do Pará, cumulativamente; Engenheiro da Carta Cadastral do Rio de Janeiro, Diretor do Internato do Ginásio Nacional e depois do Externato, em cujo cargo faleceu a 26 de Fevereiro de 1910".

(Da Galeria Nacional do "Jornal do Brasil", de 23 de Outubro de 1930).

ESCRAGNOLLE DÓRIA, Professor emérito do Colégio Pedro II, uma das mais brilhantes cerebrações do magistério brasileiro, historiador dos mais eruditos e literato de renome, em seu recente trabalho — "MEMÓRIA HISTÓRICA DO COLÉGIO PEDRO II", assim fala sobre a personalidade do sempre lembrado educador:



"Desprovido de cabedais, rico, porém, de força de vontade, o Dr. Coqueiro estudara em Paris, dedicando-se aí a altos estudos de ciências físicas e matemáticas, graduando-se nelas, praticando Astronomia no Observatório de Bruxelas, doutorando-se na Universidade da Capital belga. Aos 18 anos, ainda estudante, em Paris, publicou "Tratado de Aritmética" alvo de elogios de cientistas eminentes. Numerosas e sempre bem aceitas foram as obras

do Dr. Coqueiro no domínio da Matemática, professadas por ele em diversos cargos do magistério no Maranhão, contribuindo com estudos e planos para a transformação no Rio de Janeiro da Escola Central em Politécnica. Na Província natal o Dr. Coqueiro prestou

serviços relevantes à indústria do açúcar. Transferindo-se para o Rio de Janeiro, aí exerceu o Dr. Coqueiro vários cargos, na Reparação dos Telégrafos e na Prefeitura Municipal, até ser Diretor do Internato do Ginásio Nacional. A 30 de Abril de 1937 entendeu o Colégio associar-se à celebração do centenário do nascimento do antigo Diretor do Internato e depois do Externato, o Dr. João Antônio Coqueiro, centenário que mereceu expressivas comemorações em vários setores de cultura nacional em reverência àquele educador. Na direção do Colégio, em suas duas seções, continuou o Dr. Coqueiro a lembrança de comprovicianos maranhenses que regeram a instituição, assim os Drs. Antônio Henriques Leal, Monsenhor Raimundo da Silva Brito e D. José de Souza da Silveira.

Memorou o centenário natalício do Dr. Coqueiro no Colégio sessão solene no salão nobre do Externato, sessão presidida pelo Diretor deste, Dr. Raja Gabáglia.

Pelo mesmo Diretor especialmente convidados oraram o Almirante Graça Aranha nos louvores à vida científica e pedagógica de Coqueiro, pelo Diretor Raja Gabáglia declarado que, sem grave injustiça, seria impossível ao Colégio de Pedro II deixar em olvido a memória de seu antigo Diretor. Participou também das homenagens um representante do corpo discente.

Na sessão do dia 30 de Abril do Conselho Nacional de Educação rendeu preito ao Dr. Coqueiro, membro do referido Conselho, o Dr. Alceu de Amoroso Lima, bacharel em letras da turma de 1908, graduado no Externato, então dirigido pelo Dr. Coqueiro.

Recordou o aluno de outrora a figura do seu Diretor, assinalando-lhe austeridade impecável, zelo pela disciplina, indefectível espírito de justiça, qualidades de tanta auréola a quem dirige seja o que for, a obediência devendo vir tanto mais exata de baixo quanto o exemplo mais exato de cima. Aliás o centenário Coqueiro mereceu grandes homenagens, não só na capital da república, como em outros pontos do país, notadamente no Maranhão, onde o preito de muitos poz em relêvo a memória do conterrâneo ilustre.

Logo após a celebração do centenário natalício de quem com proficiência e austeridade dirigira o Internato e o Externato do Colégio, o Conselho Nacional de Educação entregou ao Ministro de Educação e Saúde Pública, plano de educação elaborado dentro de prazo fixado, achando-se no dito Conselho representado o Colégio pelo Professor Jonatas Serrano, participe de tudo quanto especialmente respeitava o ensino secundário".

INCLUIMOS NESTE LIVRO  
OS TRABALHOS QUE SE SE-  
GUEM, COM O INTUITO,  
TÃO SÓMENTE, DE MOS-  
TRAR AOS AMIGOS E ADMI-  
RADORES DO PROFESSOR  
JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO  
UMA DAS FACETAS DE SUA  
BRILHANTE INTELIGÊNCIA  
QUANDO AINDA NOS VER-  
DORES DE SUA ÉPOCA ES-  
TUDANTIL, NA ILUSÃO DOS  
SEUS 18 ANOS.



## A VIRTUDE E O CRIME

"Le chemin du crime est court et aisé. — Celui de la vertu est long et difficile: mais près du but il est délicieux".

(Voltaire — *Diction. Philosophique.*)

Fazer aquilo que não queríamos que nos fizessem — eis o crime.

Fazer aquilo que queríamos que nos fizessem — eis a virtude. A moral — ciência que dirige os atos humanos para o bem e os desvia do mal — nos indica a vereda que devemos seguir para chegar à virtude e evitar o crime; as agradáveis e lisonjeiras consequências da primeira; e os funestos precipícios em que o outro nos lança.

Ela nos diz: — a tua lei é fazer o bem e evitar o mal. Se a obedeceres, chegarás à virtude. Se, pelo contrário, a desprezares, te arrojarás no crime. O caminho para o crime é curto e fácil. O caminho para a virtude é longo e espinhoso.

Quantas vezes não vemos o homem justo e virtuoso calcado sobre o pó do desprezo no alcançar da proscricção?... Macerado, atormentado, perseguido com os mais atrozes supplicios, acabando, finalmente, inocente diante da populaça, que dele escarnece num horroroso patíbulo?...

E quantas vezes não vemos o homem criminoso sorrir, alegremente, elevado ao pináculo da glória e da grandeza....

Quantas vezes a virtude castigada... quantas vezes o crime premiado?

Porém, esse homem, que é injustamente castigado, esse homem que, aparentemente, passa por tão crueis martirios e sofrimentos, será mesmo infeliz?

Não, por certo.

Sua consciência está tranquila e sossegada; sofre com résig-

nação e paciência as injustiças que se exercem neste mundo de enganos, porque essa dor é um bem e esses tormentos o encaminham à virtude, que lhe dá, em consequência de sua constância e firmeza, o prêmio o mais grato e suave do mundo — a satisfação interior. Ele é o bálsamo consolador e vivificante, que ele não trocará pelos maiores bens, títulos e grandezas as mais elevadas, pois ela é de todos os bens o mais precioso — tal é a sua primeira recompensa.

Pelo contrário, esse homem criminoso, que parece viver contente, cercado de faustos e tesouros, será mesmo feliz?

Não, certamente.

Porque de que lhe servem essas pompas, se ele de nada goza!

Se a sua glória não é senão um fingimento; se a sua consciência jaz agitada e sobressaltada; se o remorso — essa agonia e exasperação infernal — lhe perturbam e atormentam os dias da sua aflita existência, que ele, de bom humor, trocará pela do mendigo o mais miserando?

O remorso causa as mais horrorosas e terríveis comoções. Quanto uma existência difere da outra!

O homem que sofre tão tremendo castigo está, a cada momento, vendo horríveis e medonhos fantasmas; parece que lê, continuamente, os nomes das vítimas de seu furor; desconfia de tudo, até mesmo do alimento preparado por suas próprias mãos, com medo não esteja envenenado; teme o seu maior amigo quando lhe abraça, supondo lhe crave o punhal vingativo; tais são as horribísimas consequências do crime, ou as suas agitações e tormentos dolorosos que causa o remorso na alma do criminoso — é o seu primeiro castigo.

Não se julgue também feliz aquele que pratica o bem com esperança de chegar à virtude, porque então já há aí um interesse, e uma ação que tenha por motor o interesse perde todo o seu mérito e deixa de ser moral.

Assim, é preciso que o homem que deseja chegar à virtude pratique o bem pelo amor do bem, tendo sempre na mente uma longínqua e remota esperança de recompensa, porque, do contrário, tudo seria dobrez e confusão.

O principio de boa virtude, já dizia o grande Demóstenes, é o exame e a deliberação, e o seu fim, a perfeição e a constância.

O homem virtuoso, costumado sempre a cumprir sua lei, por fim quase que deixa de sentir essa satisfação interior.

O mesmo se dá com o criminoso, que, habituado a derramar, todos os dias, o sangue de seus semelhantes, deixa também de conhecer o efeito do remorso.

Ambos deixam de participar das recompensas do tribunal da consciência: prazer interno e remorso.

Porém, é mister que eles se lembrem que, independente desse tribunal, há ainda um outro supremo a que o homem não pode retroceder, onde a justiça se exerce com infinita retidão e onde ele

será um dia julgado, indubitavelmente, recebendo prêmios ou castigos, segundo os seus atos nesta vida. — É O TRIBUNAL DE DEUS.

Inc.

(Do hebdomadário "Botão de Ouro", de S. Luiz do Maranhão, de 25 de Maio de 1853).

### SEUS OLHOS

Seus olhos tão pretos, ingênuos, tão belos  
De vivo fulgor.

São olhos que mostram no mudo falar  
Que dizem amor.

Seus olhos tão pretos, ingênuos, tão belos  
No terno volver.

São olhos que matam olhar tentador  
Que faz padecer.

Seus olhos tão lindos e tão sedutores,  
De tanta magia

São olhos que atraem no mudo expressas  
Gera! simpatia.

Seus olhos tão pretos, ingênuos, tão belos  
De vivo fulgor.

São olhos que mostram no mudo falar  
Que dizem amor.

Inc.

(Do periódico "Botão de Ouro", de S. Luiz do Maranhão, de 8 de Junho de 1853).

## SAUDADE

SAUDADE: — dôr íntima, suave ou acerba que sofre o infeliz a quem o fado determinou viver remoto do objeto de seus cuidados; dôr que inquieta a êsse desditoso em seu tristonho viver, imprimindo-lhe na alma a maior tristeza.

— Se a parca negra e enexorável corta, sem dô, o delgado fio da existência de um ente que extremamente adoramos; se nos rouba, para sempre, a companhia dêsse ente que sobremodo apreciamos; se arranca de um pai encanecido e curvo ao peso dos anos seu filho que lhe serve de arrimo, que lhe ministra o alimento; se priva, desapiiedade, uma família numerosa e desvalida de seu mais forte sustentáculo; sim, se ela estampa seu palor medonho no semblante de um dêesses entes que estimamos e que nos servem de arrimo, experimentamos um sofrimento indefinível, uma dôr acerba que nos dilacera a alma: — esta dôr, é uma saudade.

Esta saudade agra e dolorosa entrega o homem a um grave cogitar, a uma profunda melancolia, que lhe vai, pouco a pouco, abreviando os dias de sua triste existência.

Sua alma merencória despresa o mundo pomposo e magnífico, foge do barulho e da confusão, onde ela não encontra senão maior tormento, maior aflição.

O pobre desventurado só procura lugares onde possa soltar, livremente, gemidos, desprendidos de um coração oprimido pela dôr; lugares onde ninguém possa ouvir os seus lamentos, seus ais magoados, que o eco repetindo nessa solidão parecem consolar o desditoso, que julga foram sentidos; despertar o finado do sono eterno, de que goza descanso no tûmulo.

Êle, assim apaixonado, entregue todo à sua dôr, caminha silencioso para o sepulcro se sua razão, mais tarde, como que o despertando de um profundo letargo, não o submete ao poder de seu Creador — que é justo e bom — trazendo, assim, o lenitivo ao seu sofrimento: — a resignação.

Esta saudade é a dôr mais forte e mais penosa que sofre o homem na terra.

Se o homem se vê separado da mulher que ama, que idolatra; se fica privado da vista do objeto que tanto adora, que faz sua felicidade, que lhe doura sua existência, que o consola em sua dôr e participa de sua alegria, êle sente uma dôr: — esta dôr, é uma saudade.

Ê, porém, diversa da precedente: aquela, é acerba e penosa; esta, suave e grata, não obstante ser um sofrimento.

Aquela, é o símbolo de uma paixão profunda e de uma separação eterna; esta, é o símbolo do amor e de uma ausência impermanente.

Aquela, nada consola senão a submissão ao destino; esta, é uma confiança de lograr o bem que desejamos: — a esperança.

Jac.

(Do periódico "Botão de Ouro", de S. Luiz do Maranhão, de 14 de Junho de 1855)

PELO DECRETO N.º 5.107,  
DE 11 DE SETEMBRO DE  
1934, DO INTERVENTOR DO  
DISTRITO FEDERAL, É DA-  
DO O NOME DE "DOUTOR  
JOÃO COQUEIRO" A UMA  
DAS RUAS NOVAS DA CAPI-  
TAL FEDERAL.

PEDRO ERNESTO, que, como Interventor do Distrito Federal, querendo prestar uma homenagem á memória do insigne educador e cientista, deu o seu nome á uma das ruas novas do aristocrático bairro das Laranjeiras, conforme Decreto abaixo :

"DECRETO N.º 5.107, de 11 de Setembro de 1934.

Reconhece como logradouro público da cidade do Rio de Janeiro, com a denominação oficial aprovada, a RUA DOUTOR JOÃO COQUEIRO, na 9.ª Circunscrição — GLÓRIA.



O INTERVENTOR NO DISTRITO FEDERAL, DECRETA :

ARTIGO ÚNICO — E' declarado logradouro público da cidade do Rio de Janeiro, de acordo com os parágrafos ns. 1.778 e 2.275, aprovados, respectivamente, em 6 de Julho de 1927 e 4 de Julho de 1934, com a denominação aprovada de RUA "DOUTOR JOÃO COQUEIRO", o logradouro que começa na rua Pereira da Silva, junto e antes do n.º 202 e termina a 175 metros da mesma rua, na 9.ª Circunscrição — GLÓRIA.

Distrito Federal, 11 de Setembro de 1934, 46.º da República. — (a) DR. PEDRO ERNESTO".

O CENTENARIO DO GRAN-  
DE EDUCADOR E AS EX-  
PRESSIVAS HOMENAGENS  
QUE LHE FORAM TRIBUTA-  
DAS NA CAPITAL FEDERAL  
E NO ESTADO DO MARA-  
NHAO

## CARTA PREFACIO.

(Transcrita dos "Dados Biográficos do Dr. João Antônio Coqueiro", na data do primeiro centenário do seu nascimento)

Edmundo

"Quer V. que eu escreva algumas linhas de prólogo aos "Dados Biográficos" do seu ilustre e pranteado pai. Aqui estou para atendê-lo, embora certo seriam dispensáveis. Os trabalhos feitos e os cargos exercidos pelo Dr. Coqueiro, todos enumerados naqueles "Dados", dizem bastante do que ele fez, do que ele foi, para não ser preciso algo se lhes acrescente. Entretanto, aceitando livremente a incumbência, como discípulo e admirador do nobre extinto, deixe que lho diga, desde já, logo depois de ler e reler as notícias sobre a vida e a obra do saudoso Mestre: — O DR. COQUEIRO FOI GRANDE, MAS DEVIA SER MAIOR...

Para mim, o talento matemático do Dr. Coqueiro, revelado de modo invulgar no principio da adolescência, não só através do famoso concurso de Paris, onde figurou dos primeiros entre quatrocentos candidatos, como também com a publicação do justamente notável "Tratado de Aritmética" — até hoje, entre os que conheço, o melhor e o mais completo que já se escreveu em qualquer língua fora do programa enciclopédico de Augusto Comte — não teve o desenvolvimento e a aplicação que merecia.

Apesar de ciência sociologicamente, subjetivamente esgotada desde Lagrange, teria contudo a matemática encontrado no Dr. Coqueiro um grande intérprete se ele se tivesse consagrado inteiramente a ela, aproveitando os ensinamentos sistemáticos de Augusto Comte. O estudo e a meditação da "Síntese Subjetiva" do Mestre dos Mestres, tê-lo-ia feito, talvez, escrever, antes dos discípulos de Benjamin Constant e Teixeira Mendes, os grandes livros didáticos que escreveram sobre matemática elementar, superior e transcendente aqueles discípulos — Almeida Cavalcanti e Roberto Trompowsky.

Não é gratuita a hipótese, porquanto na sua "verde velhice", rompendo com os preconceitos do seu meio e do seu tempo, aceitou as lições de Augusto Comte em matéria política e pedagógica, tornando-se adepto fervoroso da liberdade profissional e da extinção relativa do ensino oficial. Prova-o, sobejamente, o memorável "RELATÓRIO" que apresentou em 1908, como Diretor do Externato do Ginásio Nacional, hoje Colégio Pedro II, e onde formulou as bases fundamentais da reforma geral da instrução pública e especial do ensino secundário.

Nessa invulgar peça oficial, publicada posteriormente no "Diário Oficial" de 9 de Agosto de 1910, o Dr. Coqueiro emitiu conceitos que não envelhecem; pregou doutrinas racionais e morais, que se tornam cada vez mais oportunas e úteis diante das idéias retrógrado-revolucionárias que estão avassalando o mundo, diante da ultrajante regressão a que estamos assistindo, aos tempos remotos do Estado Teocrático, sob o nome de Estado Totalitário ou Estado Integral.

Recordemô-lo para glória do Mestre e ensinamentos de governantes e governados.

"A instrução pública no Império e durante a República — escreve o Dr. Coqueiro — tem sido sempre o objeto das solicitudes dos governos, que têm proposto e realizado uma série de reformas. Entretanto, a instrução pública continua a decair. Como explicar essa anomalia?"

Resulta de dois motivos incontestáveis:

1.º — que tôdas as reformas propostas e praticadas trazem o vício fundamental do privilégio escolástico acadêmico;

2.º — Ser o ensino transmitido com tôdas as minúcias, na hipótese da ignorância completa do discípulo. Esses dois males devem ser sanados, estabelecendo como medidas preliminares da reforma:

1.º — Abolição dos privilégios dos diplomas fornecidos por quaisquer Institutos, oficiais ou não;

2.º — Organizar os programas de modo a condensar as matérias a estudar, reduzindo-as ao essencial para que o discípulo por si só possa aprofundar os conhecimentos adquiridos.

A essas medidas preliminares convém acrescentar três outras, concernentes á distribuição do ensino, á seleção dos alunos e á investidura do professorado.

Quanto á distribuição, deve ser tal que as matérias a ensinar sejam ministradas aos alunos sucessivamente, ensinando-se-lhes primeiro as mais simples e depois as mais complexas, de acôrdo não só com as dificuldades dos estudos, mas também com o desenvolvimento gradual da inteligência do discípulo.

A seleção dos alunos deve obedecer á condição primordial da capacidade intrínseca, tanto intelectual como

moral, e secundariamente ao grau de conhecimentos já adquiridos.

A investidura do professorado, mantida por concurso, exige que cada professor dê provas de saber em todo o conjunto das matérias do respectivo curso, afim de ensiná-las aos mesmos alunos em cada período escolar ou acadêmico".

Se o Dr. Coqueiro merece os elogios da posteridade como professor de matemática, como engenheiro e funcionário público, esses elogios são comuns a outras figuras de relevo semelhante que o Brasil tem possuído. Mas, como defensor da verdadeira reforma do ensino, propagandista de idéias em matéria pedagógica — tudo isso feito em plena velhice cronológica, aos 70 anos, e contrariando vetustos preconceitos que lhe deviam estar arraigados através das lições que recebeu de prestigiosos mestres de Paris e Bruxelas, e de um longo tirocínio do magistério oficial — êle fica um dos poucos senão único no meio intelectual brasileiro. Eis porque glorifico no Dr. Coqueiro o grande campeão oficial da reforma da instrução pública no Brasil o dos centros educados ou influenciados longamente pela Escola Positivista. É de admirar e de louvar que um discípulo de Duhamel e de Liouville, cientistas mais ou menos retrógrados, viesse um dia subscrever idéias pedagógicas pregadas e demonstradas por Augusto Comte.

A minha terra, o Maranhão, e todo o Brasil não esquecerão nunca o varão ilustre que ensinou a ciência fundamental a mais de uma geração; que deu impulso á lavoura, creando e desenvolvendo usinas de acôrdo com os processos técnicos mais adelantados na época; que concorreu para a manutenção e progresso do ensino profissional e científico com a criação e aperfeiçoamento de Institutos docentes; e que deixou assinalada a sua capacidade de administrador em várias repartições. Mas, acima de tudo, figurará a sua atuação final como apóstolo da reforma republicana do ensino oficial, como defensor da plena liberdade profissional, como propugnador da abolição dos privilégios escolásticos e acadêmicos — dos seus próprios privilégios — pois era duas vezes diplomado: doutor em ciências físicas e matemáticas pela Universidade de Bruxelas e bacharel em ciências pela Faculdade de Ciências de Paris. É essa a maior lição cívica que lega ao Maranhão e ao Brasil o seu grande filho — DR. JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO.

Eis aí, Edmundo, as linhas que bem ou mal me vieram ao bico da pena para prologar os "Dados Biográficos", satisfazendo, assim, a gentileza do seu honroso convite.

Sem mais, aceite cordiais saudações do patricio e amigo".

(a) Reis Carvalho

Rio de Janeiro, 19 de Aristóteles de 149

16 de Março de 1937.



Revestiram-se de excepcional brilhantismo tôdas as homenagens levadas a efeito para comemorar o transcurso do 1.º centenário de nascimento dêsse saudoso e provector educador, occorrido a 30 de Abril de 1937.

Tanto nesta capital, como na sua terra berço — o Maranhão — foram simplesmente impressionantes e mesmo comoventes tôdas as solenidades realizadas com aquele fim. Associaram-se autoridades civis e militares, professorado, imprensa, associações de classe e elevado número de pessoas gradas.

O "Jornal do Brasil", de 21 daquele mês, publicou a seguinte notícia:

"O Sr. Edmundo Coqueiro ofereceu ao Sr. Gustavo Capanema um estudo biográfico sobre o Dr. João Antônio Coqueiro, grande vulto maranhense de educador e matemático, cujo centenário de nascimento será comemorado no próximo dia 30, devendo o Ministério da Educação associar-se às comemorações".

A propósito dêsse acontecimento, recebemos os seguintes telegramas, cartas e cartões:

"Muito grato biografia seu venerando e ilustre progenitor. — **Cardenal Leme**".

"Tenho a enorme satisfação de agradecer, em nome do Sr. Presidente da República, a interessante coletânea biográfica do ilustre educador e matemático Dr. João Antônio Coqueiro. — **Luiz Vergara, Secretário da Presidência**".

"Congregação Liceu Maranhense rende, hoje, memória inesquecível professor e pedagogo maranhense, doutor João Antônio Coqueiro, significativa homenagem por motivo transcurso centenário seu nascimento. Tenho grande prazer comunicar-vos Governo Estado, autoridades civis, militares, magistrado Capital, imprensa, associações classes, incorporaram-se esta homenagem, assistindo hoje saúdo nobre Liceu inauguração retrato consumado Mestre. Discurso oficial cargo Professor Jerônimo Viveiros, catedrático História da Civilização, saudação nome cadeira Matemática feita auxiliar mesma Professor Orlando Leite.

Aproveito ensejo saudar em vossa pessoa nome Congregação ex-celentíssima Família glorioso extinto. Saudações. — **Antônio José Cordeiro, Diretor Liceu Maranhense**".

"José Bonifácio de Andrade e Silva, Embaixador do Brasil na República Argentina, saudando, atentamente, o Sr. Edmundo Coqueiro, muito lhe agradece a remessa do folheto em homenagem à memória do saudoso Professor doutor João Antônio Coqueiro, que tão dedicadamente serviu ao Brasil. Leu, com especial carinho, os "Dados biográficos", que confirmam o conceito em que sempre teve o ilustre bra-

seiro. Agradeço o envio para apresentá-lo ao protestos de seu elevado apreço. Buenos Aires, 22 de Junho de 1937".

"Muito agradecido pelo atendimento do trabalho relativo a seu glorioso pai, em cuja *Aritmética* estudei com muita fé, esforço, era raro êsse trabalho, que é magnífico. — **Edmundo Luis, Presidente da Corte Suprema**".

"Cumprimentando-o, muito agradeço o exemplar que teve a lembrança de oferecer-me, do seu venerando pai, o estudioso e sauloso Professor Dr. João Antônio Coqueiro. — **Epitácio Pessoa**".

"Venho agradecer-lhe o folheto com a biografia de seu digno pai Dr. João Antônio Coqueiro. Li-o com imenso prazer. Ele é, sem dúvida, um maranhense digníssimo, e cujo nome merece ser lembrado às novas gerações. Não tive a ventura de manter relações com ele, nem de ser seu discípulo. Apenas uma vez me indicaram sua casa, tendo-o eu contemplado com interesse e simpatia. A sua *Aritmética* é obra realmente notável, que li outrora com admiração e respeito. Disponha do patricio. — **Tasso Fragoso, General de Divisão**".

"Muito lhe agradeço ter-me lembrado de mim, a propósito da publicação do folheto comemorativo do primeiro centenário do nascimento de seu digno Pai, o Dr. João Antônio Coqueiro, cujo retrato figura no quad. o dos bachareis em letras de minha turma de 1902, como Diretor que era, então, do Ginásio Nacional, o ex-Colégio Imperial e hoje Pedro II. Ofereci um dos exemplares ao meu colega Dr. C. M. de Figueiredo, Conselheiro desta Embaixada, que, como eu, sempre recorda os tempos idos. O culto por seu Pai é dos mais subers. O Dr. Coqueiro, dentro da sua grande modéstia, influiu, enormemente, nos destinos do Brasil, dando os salutarese exemplos de uma vida dedicada ao trabalho, ao estudo, ao bem e à verdade. Foi, quando menino, seu grande admirador. Hoje que recolho as saudades da infância e adolescência, às portas do outono da vida, confesso o que pensava dele naquela época longínqua. Quero felicitá-lo pela merecida homenagem tributada ao velho e saudoso Mestre da mocidade, que não se esquece daquela mão generosa, guia segura no caminho cheio de surpresas e tentações da nossa existência. Tenho o prazer de subscrever-me seu patricio e admirador. — **Lucilo Buena, Embaixador do Brasil no Uruguai**".

"Acusando o recebimento dos "Dados Biográficos" do Dr. João Antônio Coqueiro, que foi meu diretor no antigo Externato do Ginásio Nacional, muito agradeço a gentileza de sua oferta. — **Mário de Brito, Superintendente do Ensino Secundário**".

"Venho, hoje, cumprir um dever para com o Sr. e talvez dissipar uma apreciação desfavorável que haja feito do meu proceder. Recebi uma delicada oferta sua, da apreciação biográfica muito preciosa, posto

que sumária, do seu venerando Pai, o eminente brasileiro Dr. João Antônio Coqueiro, a quem tanto deve o nosso País. Foi-me então impossível escrever-lhe agradecendo efusivamente, como era de meu desejo, em vista do meu estado de saúde e abatimento moral. Pouco depois tomei a deliberação de desobrigar-me dêsse carinhoso dever assistindo à justa homenagem que, à memória do Sr. seu Pai, foi prestada no Colégio Pedro II, por ocasião de seu centenário natalício. Mas, o agravamento inesperado dos meus sofrimentos inibiu-me ainda mais cruelmente; de modo que só hoje posso apresentar-lhe minhas escusas e enviar-lhe, por escrito, de mão própria, a manifestação da minha solidariedade em tôdas as manifestações feitas à memória do insigne e venerado Companheiro. Tendo perdido em minha residência, a 3 de Março dêsse ano, meu pranteado pai, e quinze dias depois, minha prezada sogra, também na minha residência, senti-me profundamente abalado e sofria cruciantes dores no peito e no abdômem, que me faziam suspeitar de alguma úlcera interna. Submetido a um regime severíssimo, só há poucos dias comecei a ter melhoras sensíveis e energia para retomar meus antigos hábitos de trabalho e cumprimento de deveres sociais. Eis o motivo por que só agora posso traçar-lhe estas linhas apresentando-lhe meus sentimentos de veneração pelo eminente compatriota, seu extremo Pai, assim como meu cordial abraço. — Agliberto Xavier, lente catedrático do Colégio Pedro II".

"Cumprimentando-o, cordialmente, agradeço o folheto que teve a bondade de me oferecer sôbre a nobre figura do grande educador e cientista Professor João Antônio Coqueiro. — Bastos Tigre".

"Impedido comparecer, associe-me homenagens Colégio Pedro Segundo saudosa memória seu venerando Diretor. — Escragnoille Dória, lente catedrático do Colégio Pedro II".

"Associe-me ao senhor e meus colegas na justa homenagem prestada a seu ilustre e saudoso Pai e agradeço oferta biografia. — Quintino do Valle, Diretor e Lente do Colégio Pedro II. (Internato).

"Apresento respeitosa saudação distinta família Coqueiro passagem centenário nascimento ilustre cientista e emérito educador Doutor João Antônio Coqueiro, que tive grata satisfação contar entre melhores amigos. — Max Kitzinger, Diretor do Externato Franco Brasileiro".

"Com os meus cumprimentos cordiais, agradeço-lhe o folheto consagrado à memória do notável e grande maranhense, Dr. João Antônio Coqueiro, que tanto honrou a nossa terra natal e ao Brasil. Com os saúdares do conterrâneo obrigado. — Raul de Azevedo, Diretor Regional dos Correios e Telégrafos do Distrito Federal".

"Muito grato me confesso pela gentil oferta de um exemplar da bela poliantea comemorativa do centenário do nascimento do seu ilustre progenitor, Dr. João Antônio Coqueiro, cuja vida foi um mo-

dêlo de saber e de virtudes no magistério, na engenharia e na indústria do Brasil. — Professor Washington Garcia, Diretor do Curso Pedagógico".

"Cumprimentando-o, agradeço-lhe os "Dados Biográficos" do seu falecido Pai, o Dr. João Antônio Coqueiro, na data do centenário dêsse ilustre maranhense, que tão dignamente soube honrar a nossa terra. Cultivando a memória dêsse brilhante e talentoso matemático e agostador Professor, o amigo mostra que sabe zelar, com orgulho, o nome de seu digno Pai. Apresento os meus respeitos à Exma. Família. — Benedito Vieira Lima, Engenheiro Civil".

"Ontem, sexta-feira, estava no meu intento deixar o conselheiro um pouco mais cedo e ainda chegar com tempo de lhe dar um grande abraço na solenidade em justíssima homenagem ao seu venerando e ilustre Pai. Por mais, porém, que me apressasse foi isso impossível, dado o compromisso assumido com muitos doentes do interior, já marcados. Mando-lhe, por isso, o meu sincero abraço. — Dr. Renato Souza Lopes, Professor da Faculdade de Medicina".

"Tenho a grande satisfação de transmitir-vos os cordiais agradecimentos do Sr. Diretor Geral do Departamento dos Correios e Telégrafos, pela gentileza que tivestes enviando-lhe a brochura publicada por ocasião do centenário do Dr. João Antônio Coqueiro, cuja leitura interessante nos proporciona ensejo de conhecer a vida cheia de grandes e relevantes serviços ao Brasil dêsse ilustre brasileiro e educador insigne. — Carneiro da Rocha, Chefe do Gabinete".

Acuso o recebimento de um exemplar dos "Dados Biográficos" do vosso ilustre progenitor e meu prezado e saudoso Mestre, Dr. João Antônio Coqueiro, cuja bondade inextinguível impressionou fortemente o meu espírito e influiu com grande predominância na minha formação moral. Por isso mesmo, rendo à sua memória as melhores homenagens de meu respeito e da minha admiração e gratidão pelo muito que fez por mim, como pelos grandes e inestimáveis serviços prestados à causa do nosso progresso. Agradeço-vos, com tôdas as véras do meu coração, vossa delicada lembrança, ao reafirmar os protestos de minha amizade e elevada consideração. — Málio Piragibe, Secretário Geral do Interior e Segurança da Prefeitura do Distrito Federal".

"Cumprimento-o e agradeço a biografia do eminente Professor Coqueiro, a quem já admirava há muito tempo e que, agora, mais admiro depois de conhecer a sua vida, cheia de serviços ao nosso país, e a sua obra. Felicitoo e a todos os seus, pois motivo de forte orgulho é usar-se o nome de "Coqueiro". — Dr. Eurico Sampaio, Coronel e Lente catedrático da Escola Militar do Brasil".

"Li com infinito prazer tudo que se refere à vida do eminente brasileiro, seu ilustre Pai. A sua iniciativa bem revela o seu elevado

amor filial e fôra, sem dúvida, o melhor incentivo para despertar a gratidão dos homens que constituem os núcleos intelectuais do Brasil. Ao bom filho deve-se o brilho das homenagens merecidamente tributadas à memória do grande morto. Abraços de congratulações. — Jeremias Atarigbola”.

“Agradeço a brilhante monografia sôbre o ilustre conterrâneo Dr. João Antônio Coqueiro. — Dr. Marcelino Machado, ex-deputado federal”.

“Muito grato biografia, envio cumprimentos. — Dr. Lino Machado, ex-deputado federal”.

“Cumprimentos cordiais. Lamentando profundamente não poder comparecer, hoje, ao Colégio Pedro II, em homenagem ao ilustre educador Dr. João Antônio Coqueiro, seu digno Pai, peço-lhe desculpar-me por esta falta involuntária. — Souza Filho”.

“Associo-me inteiramente justas homenagens prestadas ao eminente e saudoso Professor Coqueiro e agradeço biografia enviada. — João Torres”.

COMO TRANSCORRERAM AS  
COMEMORAÇÕES NA CAPI-  
TAL FEDERAL.

S. Luiz a "Escola Onze de Agosto", onde milhares de operários de todas as classes foram instruídos.

Agora que passa o centenário do seu nascimento, os seus antigos alunos, maranhenses e cariocas, congregam-se para condignamente festejarem a data. O programa das festas comemorativas ainda não está inteiramente organizado, mas podemos, desde já adiantar o que foi combinado pelos Diretores do Externato e Internato do Colégio Pedro II e pelo Professor da Escola Politécnica dr. Inácio do Amaral. Estão combinadas, entre outras, as seguintes manifestações para o dia 30 do corrente: às 17 horas sessão cívica no Colégio Pedro II (Externato) presidida pelo respectivo Diretor. Far-se-ão ouvir vários oradores, entre os quais convidados oficialmente pela diretoria do referido Colégio o Almirante Graça Aranha e o Professor Reis Carvalho.

No dia 27, antecipando as homenagens, o escritor e jornalista maranhense M. Nogueira da Silva, da "Academia Carioca de Letras", ocupar-se-á, na sessão semanal desse instituto, da individualidade do Dr. Coqueiro como homem de letras, que nele co-existia ao lado do educador.

Em sessão do dia 30, o Rotary Club do Rio de Janeiro também renderá homenagem ao Professor maranhense. Usará da palavra o dr. Dulcídio de A. Pereira, Professor da Escola Politécnica.

O dr. Luiz Cláudio do Castilho, Professor da Escola Naval e da Escola Nacional de Química e docente da Escola Politécnica, proporá à Academia Brasileira de Ciências uma homenagem pela passagem do primeiro centenário do notável Mestre. Além dessas, outras homenagens estão sendo projetadas por outras corporações de ciência e de educação desta capital.

(Do "O Jornal", de 18 de Abril de 1937).

### O CENTENÁRIO DO PROFESSOR COQUEIRO

"Será comemorado, no próximo dia 30 do corrente mês, condignamente, o centenário de um grande vulto de educador e cientista: o Dr. João Antônio Coqueiro.

Maranhense de nascimento, o Dr. Coqueiro partiu muito jovem para a França, fazendo os seus estudos superiores na Escola Central de Engenharia de Paris, onde obteve notas distintas em todo o curso.

Aos 18 anos, apenas, de idade, publicou o seu célebre "Tratado de Aritmética", considerado um dos melhores, até hoje, escritos em português.

O notável e consagrado matemático exerceu durante muitos anos o cargo de Diretor do Colégio Pedro II, e era uma figura inconfundível no seio do magistério brasileiro.

Justas são, pois, todas as homenagens que estão sendo projetadas para comemorar o transcurso do 1.º centenário de seu nascimento, e que constam do seguinte programa:

O Colégio Pedro II fará realizar, no próximo dia 30, às 17 horas, no salão nobre do edifício do Externato do mesmo Colégio, sob a presidência do Dr. Fernando Raja Gabaglia, Diretor, uma sessão cívica,

em que se farão ouvir, entre outros oradores, o Almirante Graça Aranha, e os Professores Reis Carvalho e Quintino do Vale, este último em nome da Congregação do Colégio Pedro II.

No dia 27, antecipando as homenagens ao Dr. Coqueiro, o escritor e jornalista maranhense Sr. M. Nogueira da Silva, membro efetivo da "Academia Carioca de Letras", ocupar-se-á na sessão semanal desse instituto de letras, da individualidade do Dr. Coqueiro como homem de letras que nele co-existia ao lado do educador e cientista.

Rotari Club do Rio de Janeiro, em sessão que se realizará no próximo dia 30 do corrente, renderá uma expressiva homenagem a esse inesquecível Mestre. Falará o Dr. Dulcídio Pereira, Lente catedrático da Escola Politécnica da Universidade do Brasil e filho do conhecido e saudoso Professor maranhense, Coronel Artur Pereira.

A Academia Brasileira de Ciências, por proposta do Dr. Luiz Cláudio de Castilho, Professor catedrático da Escola Naval e da Escola Nacional de Química e docente da Escola Politécnica, renderá, também, a sua homenagem pela passagem do primeiro centenário desse notável pedagogo maranhense, que foi seu Mestre. A Diretoria da União dos Escoteiros do Brasil, em reunião de 16 do corrente, resolveu prestar uma homenagem a esse notável cientista, por ocasião da reunião da mesma Diretoria, a realizar-se a 30 do corrente.

Outras homenagens estão sendo projetadas e que serão, em breve, publicadas".

(Do "Jornal do Brasil", de 18 de Abril de 1937).

### O CENTENÁRIO DO PROFESSOR JOÃO COQUEIRO

"Grandes homenagens serão prestadas à memória do inolvidável mestre e cientista, Dr. João Antônio Coqueiro, por ocasião da passagem do 1.º aniversário de seu centenário, no próximo dia 30 do corrente.

O Dr. Coqueiro, como era geralmente conhecido o notável matemático, desde muito jovem se dedicou aos estudos das ciências positivas, se destacando em Paris desde estudante, pois, aos 18 anos, já fazia publicar o seu magnífico e conhecidíssimo "Tratado de Aritmética". Engenheiro pela Escola Central de Engenharia de Paris. Bacharel em ciências pela Faculdade de Ciências da mesma cidade, e, finalmente, Doutor em Ciências Físicas e Matemáticas pela Universidade de Bruxelas, o Dr. Coqueiro, que educou várias gerações, tornou-se figura de grande projeção no magistério do nosso país.

Além de outros cargos de importância, exerceu, por longos anos, o de Diretor do Colégio Pedro II, no exercício do qual veio a falecer.

Inúmeros e relevantes foram os serviços prestados pelo saudoso Professor, cuja vida fôra um exemplo de dedicação à causa da instrução e à lavoura do Brasil.

O Colégio Pedro II realizará no dia 30, às 17 horas, no salão nobre do Externato, sob a presidência do Dr. Raja Gabaglia, respectivo Diretor, uma sessão cívica, com a presença dos corpos docente e discente do Colégio.

Vários oradores se fazem ouvir, entre eles o Almirante Heráclito da Graça Aranha, e os Professores Reis Carvalho e Quintino do Vale, sendo que este último, em nome da Congregação do Colégio Pedro II.

No dia 27, o escritor e jornalista M. Nogueira da Silva, maranhense e membro da Academia Carioca de Letras, ocupar-se-á na sessão semanal desse instituto de letras, da individualidade do Dr. Coqueiro como homem de letras que nele coexistia ao lado do educador e cientista.

O Rotary Club do Rio de Janeiro, no próximo dia 30, renderá significativa homenagem a esse inolvidável pedagogo. Usará da palavra o Dr. Dulcídio Pereira, catedrático da Escola Politécnica e filho do saudoso Professor Artur Pereira, maranhense ilustre.

A Academia Brasileira de Ciências, por proposta do membro titular, Dr. Luiz Cláudio de Castilho, Professor catedrático da Escola Naval, prestará, igualmente, expressiva homenagem àquele grande educador por ocasião da passagem do primeiro centenário de seu nascimento.

Também a Diretoria da União dos Escoteiros do Brasil, em reunião de 16 do corrente, deliberou homenagear a esse notável cientista maranhense por ocasião da reunião da referida diretoria, a realizar-se a 30 do corrente.

Estão sendo ainda projetadas várias outras homenagens, que serão, dentro em breve, publicadas".

(Do "Correio da Manhã", de 18 de Abril de 1937).

#### O CENTENÁRIO DE UM NOTÁVEL EDUCADOR

"Conforme vem sendo anunciado, será comemorado no próximo dia 30 do corrente, com a máxima solenidade, o transcurso do primeiro centenário de nascimento do grande educador maranhense, Dr. João Antônio Coqueiro, matemático dos mais notáveis e com inúmeros e relevantes serviços prestados ao seu país.

O programa das solenidades que se deverão realizar é bastante vasto, tendo aderido várias associações científicas.

O Ministério da Educação resolveu se associar a essas justas homenagens tributadas à memória do velho e saudoso Mestre.

O Colégio Pedro II, que teve o Dr. Coqueiro como Diretor durante muitos anos, fará realizar, no próximo dia 30, às 17 horas, no salão nobre do edifício do Externato, uma sessão cívica, que será honrada com a presença de altas autoridades do país e sob a presidência do Dr. Raja Gabaglia, Diretor do Externato.

Especialmente convidados pelo Diretor, falarão os Srs. Almirante Graça Aranha e os Professores Reis Carvalho e Quintino do Vale, este último em nome da Congregação do Colégio Pedro II, do qual é Professor catedrático.

(Da "A Ofensiva", de 18 de Abril de 1937).

#### JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO

##### O Ministério da Educação e as comemorações do centenário desse vulto Maranhense

"Ao Sr. Gustavo Capanema, ministro da Educação, foi oferecido, pelo Sr. Edmundo Coqueiro, um estudo biográfico sobre João Antônio Coqueiro, vulto maranhense cujo centenário, será comemorado no dia 30 do corrente, devendo associar-se às comemorações o Ministério da Educação".

(Da "Gazeta de Notícias", de 21 de Abril de 1937).

#### JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO

##### O Ministério da Educação e as comemorações do centenário desse Vulto Maranhense

"Ao Sr. Gustavo Capanema, Ministro da Educação, foi oferecido pelo Dr. Edmundo Coqueiro um estudo biográfico sobre o Dr. João Antônio Coqueiro, vulto maranhense, cujo centenário será comemorado condignamente, no próximo dia 30 do corrente, devendo associar-se às comemorações o Ministério da Educação".

(Do "Diário Português" de 21 de Abril de 1937).

"Ao Sr. Gustavo Capanema, Ministro da Educação, foi, pelo Dr. Edmundo Coqueiro, oferecido uma coletânea biográfica sobre o conhecido educador e matemático, Dr. João Antônio Coqueiro, cujo centenário será comemorado, solenemente, no dia 30 do corrente, devendo associar-se às comemorações o Ministério da Educação".

(Do "Jornal do Comércio", de 21 de Abril de 1947).

"O Sr. Edmundo Coqueiro, filho do saudoso e provento educador Dr. João Antônio Coqueiro, ofereceu ao Sr. Gustavo Capanema, Ministro da Educação, um estudo biográfico sobre esse vulto maranhense, cujo primeiro centenário de nascimento será comemorado no próximo dia 30 do corrente, devendo associar-se às homenagens o Ministério da Educação".

(Do "Correio da Manhã", de 21 de Abril de 1937).

#### O CENTENÁRIO DE UM GRANDE EDUCADOR BRASILEIRO

"A 30 do corrente mês passa o primeiro centenário do nascimento de um dos maiores educadores do nosso país; o Dr. João Antônio Coqueiro, Mestre de várias gerações, que ouviram as suas sábias lições ou se valeram das suas obras didáticas. Brasileiro eminente, entre os muitos serviços que prestou ao nosso país, se conta a organização do plano da nossa Escola Politécnica.

— Várias homenagens estão projetadas para solenizar o centenário do Dr. Coqueiro.

O Colégio Pedro II, que conta o Dr. Coqueiro entre os seus antigos diretores, realizará uma sessão cívica, no próximo dia 30, às 17 horas, no salão nobre do edifício do Externato do mesmo colégio, sob a presidência do respectivo diretor, o Professor Dr. Fernando Antônio Raja Gabaglia. Usarão da palavra, nessa sessão, além de outros oradores, o Professor Quintino do Vale, diretor do Internato do Colégio Pedro II; o Almirante Heráclito da Graça Aranha e o Professor Reis Carvalho, que, para tal fim, foram especialmente convidados.

— No dia 27, antecipando as homenagens ao Dr. Coqueiro, o escritor e jornalista maranhense, Sr. M. Nogueira da Silva, membro efetivo da "Academia Carioca de Letras", ocupar-se-á, na sessão semanal desse instituto de letras, da individualidade do Dr. Coqueiro, como homem de letras, que nele coexistia ao lado do educador e do cientista.

— Em sessão de sexta-feira, 30 do corrente, o Rotari Club do Rio de Janeiro, renderá uma expressiva homenagem a esse eminente Professor. Usará da palavra o Dr. Dulcídio de A. Pereira, Professor catedrático da Escola Politécnica da Universidade do Brasil e filho do conhecido Professor maranhense Coronel Arthur Pereira.

— O Dr. Luiz Cláudio de Castilho, Professor catedrático da Escola Naval e da Escola Nacional de Química e docente da Escola Politécnica, proporá à Academia Brasileira de Ciências uma homenagem pela passagem do primeiro centenário desse notável brasileiro, que foi seu Mestre.

— A diretoria da União dos Escoteiros do Brasil, em reunião de 16 do corrente, resolveu prestar uma homenagem ao Dr. Coqueiro, por ocasião da reunião da mesma diretoria, a realizar-se a 30 do corrente. (Do "Jornal do Comércio", de 18 de Abril de 1937).

### O CENTENÁRIO DE UM GRANDE PROFESSOR

Brilhantes homenagens, dos centros culturais do Rio, à memória do Professor João Antônio Coqueiro

"Passará a 30 do corrente mês, o centenário do nascimento do notável educador maranhense, Dr. João Antônio Coqueiro, matemático consagrado e que, por longos anos, exerceu o cargo de diretor do Colégio Pedro II.

Além de vários serviços prestados ao país o Dr. Coqueiro foi o organizador do plano da nossa primeira Escola Politécnica e da reforma do ensino secundário.

Várias homenagens estão projetadas para solenizar o centenário do grande educador.

O Colégio Pedro II, realizará, no dia 30, às 17 horas, uma sessão cívica, no seu salão nobre, presidida pelo Professor Raja Gabaglia. Serão oradores, nessa festividade, os srs. Quintino do Vale, Diretor do Internato, Almirante Heráclito da Graça Aranha e Professor Reis Carvalho.

Antecipando essas homenagens, outros centros culturais do Rio, como a Academia Carioca de Letras, o Rotari Club, o Centro Maranhense, a diretoria da União dos Escoteiros do Brasil e a Academia Brasileira de Ciências prestarão à memória do notável matemático Dr. João Antônio Coqueiro expressivo culto.

O Diretor da Educação Municipal recomendou a todos os diretores dos estabelecimentos de ensino subordinados à Prefeitura do Distrito Federal que, no dia 30 do corrente, asinalassem e invocassem aos alunos a figura brilhante do provento mestre e a passagem do primeiro centenário do seu nascimento.

(Da "A Nota", de 20 de Abril de 1937).

### O CENTENÁRIO DO DR. JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO

"Será comemorado no dia 30 do corrente o centenário do nascimento de João Antônio Coqueiro matemático e mestre de várias gerações, que exerceu durante longos anos o cargo de Diretor do Colégio Pedro II.

Várias homenagens estão projetadas para solenizar a data. O Colégio Pedro II realizará uma sessão cívica, às 15 horas, no salão nobre do edifício do Externato do mesmo Colégio sob a presidência do respectivo Diretor, Professor Raja Gabaglia. Em sessão de sexta-feira, 30 do corrente, o Rotari Club do Rio de Janeiro renderá expressiva homenagem à memória do Professor Coqueiro. Usará da palavra, o Doutor Dulcídio Pereira, Professor catedrático da Escola Politécnica da Universidade do Brasil.

Além destas, muitas outras homenagens serão prestadas, em diversos estabelecimentos de ensino à memória daquele educador. (Do "Diário da Noite", de 19 de Abril de 1937).

### O PRIMEIRO CENTENÁRIO DE UM GRANDE EDUCADOR DR. JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO

"Passará, a 30 do corrente mês, o centenário do nascimento do notável maranhense e educador, Dr. João Antônio Coqueiro. Mestre de várias gerações, matemático consagrado, e que por longos anos exerceu o cargo de Diretor do Colégio Pedro II. Inúmeros foram os serviços prestados pelo Dr. Coqueiro ao nosso país, salientando-se a organização do plano da nossa primeira Escola Politécnica e a reforma do ensino secundário que apresentou ao governo quando Diretor do Externato Pedro II.

Várias homenagens estão projetadas para solenizar o centenário do Dr. Coqueiro. O Colégio Pedro II que conta o Dr. Coqueiro entre os seus antigos Mestres e Diretores, realizará uma sessão cívica, no próximo dia 30 às 17 horas, no salão nobre do edifício do Externato do mesmo Colégio, sob a presidência do respectivo Diretor, o Professor Fernando Antônio Raja Gabaglia. Usarão da palavra nessa sessão, além de outros oradores, o Professor Quintino do Vale, Diretor do

Internato do Colégio Pedro II, o Almirante Heráclito da Graça Aranha e o Professor Reis Carvalho, que para tal fim foram especialmente convidados.

No dia 27, antecipando as homenagens ao Dr. Coqueiro, o escritor e jornalista maranhense Sr. M. Nogueira da Silva, membro efetivo da "Academia Carioca de Letras", ocupar-se-á na sessão semanal desse instituto de letras da individualidade do Dr. Coqueiro, como homem de letras, que nele coexistia ao lado do educador e do cientista.

Em sessão de sexta-feira, 30 do corrente, o Rotari Club do Rio de Janeiro renderá expressiva homenagem a esse eminente Professor. Usará da palavra o Sr. Dulcídio de A. Pereira, Professor catedrático da Escola Politécnica da Universidade do Brasil e filho do conhecido Professor maranhense Coronel Artur Pereira.

O Sr. Luiz Cláudio de Castilho, Professor catedrático da Escola Naval e da Escola Nacional de Química e docente da Escola Politécnica, proporá à Academia Brasileira de Ciências uma homenagem pela passagem do primeiro centenário desse notável maranhense, que foi seu mestre.

A diretoria da União dos Escoteiros do Brasil, em reunião de 16 do corrente, resolveu prestar uma homenagem ao Dr. Coqueiro, por ocasião da reunião da mesma diretoria a realizar-se a 30 do corrente.

O Sr. J. da Costa Sena, Diretor da Educação da Prefeitura, recomendou aos diretores dos estabelecimentos de ensino subordinados à Prefeitura do Distrito Federal, que no dia 30 do corrente mês, assinalem aos alunos dos mesmos estabelecimentos a passagem do 1.º centenário do nascimento do grande educador patricio Dr. João Antônio Coqueiro.

O Centro Maranhense, em dia ainda não determinado, prestará significativa homenagem a esse notável matemático. Usará da palavra o senhor Walfredo Machado, presidente do referido centro.

(Do "O Globo", de 20 de Abril de 1937).

#### PRIMEIRO CENTENÁRIO DE UM GRANDE EDUCADOR DR. JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO

"Comemora-se, a 30 do corrente mês, o primeiro centenário do nascimento de um grande vulto maranhense — o Dr. João Antônio Coqueiro — emérito educador e com reais serviços ao nosso país. Diversas homenagens estão sendo projetadas para solenizar essa data, tão cara aos nossos meios educacionais.

O Colégio Pedro II, do qual foi o Dr. Coqueiro durante muitos anos Diretor, realizará, sob a presidência do respectivo Diretor, Dr. Fernando Antônio Raja Gabaglia, no próximo dia 30, às 17 horas, no salão nobre do edifício do Externato, uma sessão cívica, que terá a presença das altas autoridades do país. Usarão da palavra nessa ocasião, além de outros oradores, o Dr. Quintino do Vale, Diretor e Professor do Internato do Colégio Pedro II, o Almirante Heráclito da Graça Aranha e o Professor Reis Carvalho, que, para tal fim, foram oficialmente convidados.

No dia 27, o nosso colega de imprensa e maranhense, M. Nogueira da Silva, membro efetivo da "Academia Carioca de Letras", ocupar-se-á, na sessão semanal desse Instituto, da personalidade desse eminente brasileiro como homem de letras que nele coexistia ao lado do educador e do cientista.

O Rotari Club do Rio de Janeiro, em sessão do dia 30, renderá uma expressiva homenagem a esse provento Professor. Usará da palavra o Dr. Dulcídio Pereira, Lente catedrático da Escola Politécnica da Universidade do Brasil e filho do conhecido e saudoso Professor maranhense, Coronel Artur Pereira.

A Academia Brasileira de Ciências, por proposta do Dr. Luiz Cláudio de Castilho, Professor catedrático da Escola Naval e da Escola Nacional de Química e docente da Escola Politécnica, prestará também a sua homenagem pela passagem do primeiro centenário desse notável pedagogo maranhense, que foi seu mestre.

A Diretoria da União dos Escoteiros do Brasil, em reunião de 16 do corrente, resolveu prestar uma homenagem ao Dr. Coqueiro, por ocasião da reunião da mesma Diretoria, a realizar-se a 30 do corrente.

Outras homenagens estão sendo organizadas e que serão, em breve, publicadas.

(Da "A Nação", de 18 de Abril de 1937).

#### O PRIMEIRO CENTENÁRIO DE UM GRANDE EDUCADOR DR. JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO

Passará, a 30 do corrente mês, o centenário do nascimento do notável maranhense e educador, Dr. João Antônio Coqueiro, mestre de várias gerações, matemático consagrado, e que por longos anos exerceu o cargo de diretor do Colégio Pedro II.

Inúmeros foram os serviços prestados pelo dr. Coqueiro ao nosso país, salientando-se a organização do plano da nossa primeira Escola Politécnica e a reforma do ensino secundário, que apresentou ao governo quando Diretor do Externato Pedro II.

Várias homenagens estão projetadas para solenizar o centenário do Dr. Coqueiro. O Colégio Pedro II, que conta o Dr. Coqueiro entre os seus antigos Diretores, realizará uma sessão cívica, no próximo dia 30, às 17 horas, no salão nobre do edifício do Externato do mesmo Colégio, sob a presidência do respectivo Diretor, o Professor Dr. Fernando Antônio Raja Gabaglia. Usarão da palavra nessa sessão, além de outros oradores, o Professor Quintino do Vale, Diretor do Internato do Colégio Pedro II, o Almirante Heráclito da Graça Aranha e o Professor Reis Carvalho, que para tal fim foram especialmente convidados. No dia 27, antecipando as homenagens ao dr. Coqueiro, o escritor e jornalista maranhense sr. M. Nogueira da Silva, membro efetivo da "Academia Carioca de Letras", ocupar-se-á na sessão semanal desse instituto de letras, da individualidade do Dr. Coqueiro, como homem de letras, que nele coexistia ao lado do educador e do cientista.

Em sessão de sexta-feira, 30 do corrente, o Rotary Club do Rio de Janeiro renderá uma expressiva homenagem a esse eminente Professor. Usará da palavra o Dr. Dulcídio de A. Pereira, Professor catedrático da Escola Politécnica da Universidade do Brasil e filho do conhecido Professor maranhense Coronel Artur Pereira. O dr. Luiz Cláudio de Castilho, Professor catedrático da Escola Naval e da Escola Nacional de Química e docente da Escola Politécnica, propôs à Academia Brasileira de Ciências uma homenagem pela passagem do primeiro centenário desse notável maranhense, que foi seu mestre. A diretoria da União dos Escoteiros do Brasil, em reunião de 16 do corrente, resolveu prestar uma homenagem ao Dr. Coqueiro, por ocasião da reunião da mesma diretoria, a realizar-se a 30 do corrente. O dr. J. da Costa Sena, Diretor da Educação da Prefeitura, recomendou aos Diretores dos estabelecimentos de ensino subordinados à Prefeitura do Distrito Federal, que no dia 30 do corrente mês, assinalem aos alunos dos mesmos estabelecimentos a passagem do 1.º centenário de nascimento do grande educador patricio, Dr. João Antônio Coqueiro.

O Centro Maranhense, em dia ainda não determinado, prestará, também, significativa homenagem a esse notável matemático. Usará da palavra o Dr. Walfredo Machado, Presidente do referido Centro.

(Do "Correio da Noite", de 23 de Abril de 1937".

#### CENTENÁRIO DO PROFESSOR DR. JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO

"A Congregação do Colégio Pedro II resolveu realizar na próxima sexta-feira, 30 do corrente, sessão solene em homenagem á passagem do centenário do nascimento do Professor Dr. João Antônio Coqueiro, ex-Diretor desse estabelecimento de ensino.

Sobre a personalidade do saudoso e emérito educador, deverão falar, especialmente convidados pelo Professor Raja Gabaglia, Diretor do Externato, os Srs. Almirante Graça Aranha e o Professor Reis Carvalho.

Em nome da Congregação, fará uso da palavra o Professor Quintino do Vale, Diretor do Internato do mesmo Colégio.

(Do "Jornal do Comércio", de 24 de Abril de 1937".

#### O CENTENÁRIO DO PROFESSOR COQUEIRO

"No próximo dia 30, a Congregação do Colégio Pedro II se reunirá para prestar expressiva homenagem ao seu ex-Diretor e insigne educador, Professor João Antônio Coqueiro.

A sessão será solene e terá a presença das altas autoridades do país.

(Do "Correio da Noite", de 27 de Abril de 1937".

#### NO ROTARY CLUB DO RIO DE JANEIRO

O Rotary Club do Rio de Janeiro, antecipando estas comemorações, na Sessão de 23 de Abril e sob a presidência do rotariano e eminente catedrático da Escola Nacional de Engenharia, da Universidade do Brasil, Dr. Inácio M. do Azevedo Amaral, prestou significativa homenagem á memória daquele inesquecível Mestre.



DULCIDIO PEREIRA, talento privilegiado, espirito dos mais brilhantes, e culto Professor catedrático da Escola Nacional de Engenharia, e que, em nome do Rotary Club do Rio de Janeiro, falou na homenagem tributada ao Professor Coqueiro.

Para essa solenidade, foi-lhe passado o seguinte telegrama:

"Devendo Rotary Club do Rio de Janeiro homenagear memória Professor Coqueiro durante reunião sexta-feira, 23 do corrente, convidamos-vos participar nosso almoço aquele dia, doze horas, Palace Hotel. Saudações afetuosas. (a) Inácio do Amaral, Presidente em exercício".

Com a assistência de 132 rotarianos teve início a Sessão ás 12 horas precisamente.

Especialmente convidados, compareceram: — Sr. Almirante Graça Aranha, Diretor do Lloid Brasileiro; Drs. Fernando Antônio Raja Gabaglia, Diretor e Professor catedrático do Colégio Pedro II (Externato); Luiz Cantanhede de Carvalho Almeida, Diretor e Professor catedrático da Escola Nacional de Engenharia.



ria, representando esse Instituto superior de ensino, a terra maranhense, e, em particular, um dos grandes vultos que não pode comparecer: — o Professor Lucano Reis; e o autor deste livro, como filho do homenageado.

Usou, então, da palavra o Professor catedrático da Escola Nacional de Engenharia, o eminente Dr. Dulcídio Pereira, que, em belo e comovente improviso, declarou que era com indizível satisfação que o Rotary Club do Rio de Janeiro se associava às justíssimas homenagens que, dentro de muito pouco tempo, e, na certa, iriam ser prestadas à memória do grande Mestre e notável matemático que foi de fato João Antônio Coqueiro, do qual, no próximo dia 30 do corrente, se comemoraria o 1.º centenário de seu nascimento.

Depois de se estender longamente sobre a vida e a obra daquele saudoso Professor, disse o orador ter a honra de ser filho de um antigo discípulo e amigo particular de Coqueiro. Fôra educado dentro dos princípios da gratidão, e, porisso, se comprazia em enaltecer, naquela sessão, aquela personalidade por todos os títulos eminente, porque Rotary, dentro do seu ideal de servir, deve apresentar aos seus compatriotas as figuras venerandas, que constituem para êle belos exemplos a serem apresentados aos contemporâneos e aos pósteros.

Sob uma prolongada salva de palmas, terminou o Dr. Dulcídio Pereira o seu magistral improviso, sendo muito abraçado.

Como a emoção nos embargasse inteiramente a voz, não nos permitindo, assim, de nenhum modo, usar da palavra para agradecer ao ilustrado Professor Dulcídio Pereira aquelas suas palavras, tão cheias de carinho e de afeto, delegamos poderes ao Sr. Almirante Graça Aranha para o fazer em nome da família Coqueiro, de quem, aliás, fôra sempre grande amigo.

Dada a palavra ao Sr. Almirante Graça Aranha, disse êle, de início, da afinidade de sua família com o velho Professor Coqueiro, grande amigo de seu Pai. Desde menino que se tornara um grande admirador daquele notável educador maranhense. Citou, em seguida, que fôra o Professor Coqueiro quem primeiro analisara, quimicamente, o açúcar e o algodão no Brasil, senão na América do Sul, tendo aquele Professor, com seu Pai, Temístocles Aranha, organizado as **DUAS PRIMEIRAS EXPOSIÇÕES DAQUELES PRODUTOS** levadas a efeito em S. Luiz do Maranhão. Tinha guardados em seus arquivos os relatórios destas exposições, os quais pretendia reeditar com o apoio da colônia maranhense, em homenagem ao grande mérito do Professor Coqueiro.

Engenheiro, matemático, químico, professor e industrial, em qualquer dessas atividades, disse o Almirante Graça Aranha, o Dr. Coqueiro se distinguiu sempre de uma maneira notável e inconfundível.

Terminou a sua bela oração agradecendo, em nome da família Coqueiro, de quem era grande amigo, e dos maranhenses, em geral, aquela manifestação, que bem demonstrava o sentimento de interesse incontestável, que domina o Rotary por tudo que diz respeito ao progresso do Brasil, qualquer que seja o seu aspecto, o que muito conforta, no meio da indiferença, da confusão de hoje, sendo, porisso, uma demonstração viva e prática de que todos se acham empenhados em divulgar, no futuro, o que foi o Brasil de ontem. (Palmas; muito bem).

## NA UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL

A União dos Escoteiros do Brasil, na Sessão da Diretoria realizada em 23 de Abril, associou-se de maneira condigna às comemorações levadas a efeito para solenizar a passagem do primeiro centenário de nascimento daquele insigne educador.

Assim é que seu ilustre Presidente, o eminente Professor Dr. Inácio M. do Azevedo Amaral, proferiu brilhante e vibrante oração pondo em destaque a vida gloriosa e operosa de João Antônio Coqueiro, realçando o seu importante papel de educador.

Terminando o seu improviso, que muito bem impressionou a assistência, propoz que a União dos Escoteiros do Brasil se associasse às merecidas homenagens que estavam sendo promovidas pelo transcurso do primeiro centenário desse tão ilustre brasileiro.

Posta a votos essa proposta, foi a mesma unanimemente aprovada.

Sobre isso, foi-nos endereçada a comunicação que se segue :

"União dos Escoteiros do Brasil. Rio de Janeiro, 7 de Março de 1937. Ilmo. Sr. Dr. Edmundo Coqueiro. Tenho a honra de comunicar a V. S. que a União dos Escoteiros do Brasil no bom desempenho de suas finalidades, associou-se, de todo coração, às justíssimas homenagens prestadas à memória de seu venerando e ilustre progenitor, Dr. João Antônio Coqueiro, ao comemorar-se o primeiro centenário de seu nascimento. Nosso acatado Presidente, Sr. Dr. Inácio M. do Azevedo Amaral, na Sessão da Diretoria realizada em 23 de Abril findo, proferiu vibrante oração pondo em destaque a vida operosa e gloriosa de João Antônio Coqueiro, figura inconfundível, que bem pode servir de paradigma para todos os escoteiros, realçando seu grandioso papel de educador.

Assim, propoz e foi, unanimemente, aprovado, que a União dos Escoteiros do Brasil se associasse às justas homenagens que estavam sendo promovidas pela passagem dessa verdadeira efeméride nacional. Na sessão de 30 do mesmo mês, na ausência, por motivos jus-

nificados do Dr. Inácio M. do Azevedo Amaral, o Vice-Presidente, Dr. Bonifácio A. Borba, que dirigia os trabalhos, reforçou as palavras proferidas pelo Presidente na Sessão anterior, terminando por propor que constasse da ata daquele dia um voto muito sincero pela passagem do primeiro centenário do nascimento de tão ilustre brasileiro, e que a União dos Escoteiros do Brasil, na pessoa de seu ilustre e acatado Presidente, Dr. Inácio M. do Azevedo Amaral, se representasse em tôdas as solenidades. Desempenhando-me de tão grata missão, apresento os protestos de meu alto apreço e distinta consideração. Sempre alerta. (a) David M. de Barros, Comissário Administrativo".

## NA ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS



**LUIZ CLAUDIO DE CASTILHO.**  
engenheiro naval, oficial dos mais ilustres da nossa marinha de guerra. Lente catedrático das Escolas Naval e Nacional de Química, Membro da Academia Brasileira de Ciências, Livre docente da Escola Nacional de Engenharia, e que apresentou a proposta para que essa Academia se associasse às homenagens tributadas à memória do Professor Coqueiro, conforme se vê pelo officio abaixo :

"Academia Brasileira de Ciências. Rio de Janeiro, 29 de Abril de 1937. Exmo. Sr. Dr. Edmundo Coqueiro. Tenho a grande satisfação de vir á estimável presença de V. S. afim de lhe dar conhecimento de que em sessão da Assembléia Geral desta Academia, realizada a 27 do corrente, foi, sob uma prolongada salva de palmas, aprovada uma proposta do nosso ilustre confrade, Professor Luiz Cláudio de Castilho, para que esta Instituição se associasse ás mais do que justas homenagens que vêm sendo prestadas por todo o país á memória do insigne Professor e consagrado matemático, Dr. João Antônio Coqueiro, uma das mais ilustres figuras que têm elevado a eficiência e o prestígio cultural do magistério brasileiro.

É-me muito grato assinalar que entre os acadêmicos presentes não eram raros os que, atávés das notáveis publicações didáticas do ilustre progenitor de V. S., podiam incluir-se dentre os seus discípulos, e, como menor deles, o que subscreve estas linhas. Prevaleço-me do ensêjo que se me oferece para apresentar a V. S. os meus protestos de subida consideração e apreço. (a) Alvaro Alberto, Capitão de Mar e Guerra".

NO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO DA PREFEITURA  
DO DISTRITO FEDERAL

O Dr. Costa Sena, Diretor, então, do Departamento de Educação da Prefeitura do Distrito Federal, em Edital, recomendou a todos os Superintendentes de Ensino e Diretores de Escola, que no dia do centenário desse grande educador fosse esse fato assinalado e posto em destaque por meio de uma palestra aos alunos e como parte integrante dos trabalhos escolares do dia.

"EDITAL N.º 104. Centenário do Dr. João Antônio Coqueiro.

Srs. Superintendentes de Ensino e Diretores de Escolas. Trancorrendo no próximo dia 30 do corrente o centenário do grande educador Dr. João Antônio Coqueiro, recomendo-vos que seja esse fato assinalado e posto em destaque por meio de uma palestra aos alunos e como parte integrante dos trabalhos escolares do dia.

Distrito Federal, 27 de Abril de 1937. — (a) COSTA SENA, Diretor".

## NO CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO



PAULO LIRA, Professor eminente, insigne homem de letras e Membro do Conselho Nacional de Educação, e que na Sessão, da manhã, do dia 30 de Abril, proferiu essa belíssima oração, que vai abaixo transcrita, e mereceu dos seus demais colegas francos aplausos.

"Há cem anos, na data de hoje, nascia, em S. Luiz do Maranhão, João Antônio Coqueiro, o inesquecível educador brasileiro.

Filho de pais pobres, João Antônio Coqueiro, desde a sua infância, revelou penhores acentuados para o estudo das ciências físicas e matemáticas. Moço, ainda, e vencendo sacrifícios de toda ordem, seguiu-se para a França, a fim de completar os seus estudos. Em Paris, foi aluno da Escola Central de Engenharia e bacharelou-se em Ciências Físicas e Matemáticas na Faculdade de Ciências. Em Bruxelas, tempos depois recebia na Universidade o grau de Doutor em Ciências Físicas e Matemáticas, com a nota de distinção. Em Paris, contando apenas 18 anos, publicava, o Professor Coqueiro, o seu magalífico "Tratado de Aritmética", que obteve consagrada aceitação no Brasil e em Portugal e mereceu as mais elogiosas referências dos Professores P. Renoux e L. Tarbourieche. Muitos outros livros publicou ainda o saudoso Professor, que enriqueceu, assim, as bibliotecas dos estudantes e dos Professores de matemática. Não se limitou somente ao setor educacional a infatigável atividade do grande educador, que, sem abandonar o magistério, muitos outros cargos públicos ocupou, emprestando-lhe o brilho de seu saber e de sua experiência. Em sua terra natal, fundou ainda

a Sociedade Promotora de Instrução Popular, conseguindo, por subscrição pública, angariar os recursos com que adquiriu prédio e material didático para a instalação da Escola Noturna, onde ensinou, durante muitos anos, gratuitamente. Organizou ainda, o incansável batalhador, um plano para a criação de uma Escola de Agricultura e elaborou um projeto de organização de uma Escola de Engenharia, dividindo os cursos em geral e especiais, sob a denominação de Escola Politécnica. Dêsse estudo resultou a reforma da Escola Central do Rio de Janeiro, que passou a chamar-se Politécnica, conforme o plano que elaborou e que lhe valeu um louvor do Governo Imperial. Transferindo sua residência para esta Capital, depois de longos anos de intensa atividade em sua terra natal, não conseguiu o Professor Coqueiro o descanso que a sua saúde reclamava. A Medeiros e Albuquerque, então, Diretor Geral de Instrução Pública Municipal, durante três anos êle auxiliou eficientemente como julgador das provas de concurso á admissão na Escola Normal, merecendo elogios pelos relevantes serviços prestados á instrução pública e pela maneira criteriosa com que se houve no desempenho de tão árdua e fatigante missão. Em 1901, nomeou-o Campos Sales, para dirigir e Internato do Ginásio Nacional, e em 1903 foi o Professor Coqueiro transferido para o Externato. Nessa época, apresentou ao Governo um minucioso projeto de reforma do ensino secundário, trabalho que lhe valeu louvores gerais e que foi transcrito, por ordem do Ministro Esmeraldino Bandeira, integralmente, no "Diário Oficial". Os pontos principais do seu projeto consistiam na abolição dos privilégios de diplomas, redução dos programas, distribuição de ensino, seleção dos alunos e nomeação dos Professores. O curso ginásial seria dividido em dois ciclos: o primeiro, fundamental, constava de quatro anos, para alunos de onze a quinze anos, e onde seria ministrado o ensino de noções sintéticas sobre os conhecimentos científicos e literários; e o segundo ciclo, por um curso complementar, que constaria de três anos, para alunos de quinze a dezoito anos, dividido em duas seções: bacharelado em letras e bacharelado em ciências, sendo feito o curso ginásial integral em sete anos, quer para o bacharelado em letras, quer para o de ciências.

Em traços largos e ligeiros, foi essa, em síntese, a vida do inesquecível educador brasileiro, que a dedicou, inteiramente, durante setenta e três anos vividos, ao Estado, ao ensino e á educação da mocidade brasileira.

Em 1910, aos vinte e seis de Fevereiro, morria, nesta Capital, o saudoso Professor, cuja vida constitue edificante exemplo de trabalho, de tenacidade e de sacrifício pela realização de um ideal supremo e patriótico, que era tóda a razão da existência do velho e saudoso Professor: ensinar e educar a mocidade brasileira.

Estas palavras, senhores Conselheiros, que peço sejam registradas em ata, valem pela expressão da nossa saudade, pela manifestação de nosso reconhecimento, pela nossa homenagem, enfim, á memória de João Antônio Coqueiro, um dos maiores entre os grandes educadores da mocidade brasileira".

AMOROSO LIMA, Membro dos mais conspícuos da Academia Brasileira de Letras e do Conselho Nacional de Educação, e que, naquela mesma Sessão do dia 30 de Abril, do referido Conselho, também falou sobre a individualidade daquele sempre lembrado educador.



Em sentidas e repassadas palavras, ditas de improviso, recordou o Dr. Alceu Amoroso Lima — cuja sólida e invejável cultura é de todos conhecida — o zelo pela disciplina e o indefectível espirito de justiça que soube sempre o Dr. Coqueiro imprimir, durante tóda sua longa administração, no antigo Ginásio Nacional.

Assim falou o Dr. Amoroso Lima :

"Lembro-me bem de sua figura austera, da dignidade de suas atitudes e do brando rigor com que mantinha a autoridade no estabelecimento.

Embora a educação daquele momento nos estabelecimentos oficiais fosse prejudicada pelo ambiente de separação entre o ensino e a vida moral, social e religiosa dos alunos, o fato é que se estudava e muito. O que faltava de vida interior ou de reflexo moral e social a êsse estudo, era por culpa dos Regulamentos em vigor ou dos preconceitos reinantes.

Guardo do velho Mestre uma grande recordação de respeitabilidade no cumprimento de seus deveres funcionais.

Lembro-me, muito bem, do carinho delicado com que, apenas uma vez, me puniu — privando-me de saída, ou, antes, retardando-a por uma hora — penalidade muito justamente aplicada pois eu e um grupo de companheiros aproveitávamos uma hora vaga para disputar corrida no enorme pátio do velho ex-Convento de S. Joaquim, perturbando, com isso, as aulas.

É essa a recordação que guardo dessa nobre figura de educador austero, de envolta com a saudade que o tempo deixa cair sobre tódas as coisas que passam".

## NA CÂMARA DOS DEPUTADOS

A Câmara dos Deputados se associou, outrossim, às significativas homenagens que vinham sendo prestadas, em todo o País, àquele ínclito brasileiro.



CARLOS HUMBERTO REIS, espírito de eleição, legítimo orgulho da terra maranhense, e que, como seu representante na Câmara Federal, em belas e arrebatadoras palavras, justificou o requerimento abaixo.

"Requeremos seja consignado na ata dos nossos trabalhos um voto de homenagem pela comemoração do primeiro centenário de nascimento do insigne maranhense Professor João Antônio Coqueiro, um dos mais notáveis cientistas da nossa Pátria.

Sala das Sessões, 30 de Abril de 1937.

(a) Carlos Reis, Lino Machado, Sampaio Costa, Figueiredo Rodrigues, Diniz Junior, Xavier de Oliveira, Prado Kéli, Lengruber Filho, Amaral Peixoto Junior, Café Filho, Dario Magalhães e Alde Sampaio".

Ocupando a tribuna o Deputado maranhense Carlos Humberto Reis, assim justificou êsse requerimento:

"O voto de homenagem que requeremos fôsse consignado na ata de nossos trabalhos de hoje, pela passagem do primeiro centenário memorativo do nascimento do insigne maranhense João Antônio Coqueiro, tem para nossa Pátria, e em particular para o meu Estado, a significação eloquente de um preito da mais restrita justiça à memória de um sábio e de um abnegado, á causa do levantamento espiritual de um povo, na manifestação que se plasmou nos diversos ramos do saber humano.

O nome de João Antônio Coqueiro foi, incontestavelmente, um

taço que vinculou o Brasil, durante muitos anos, ao intercâmbio mental com a França e a Bélgica; esta, a pátria do heroísmo, aquela a do batismo lustral das intelectualidades mundiais.

Homenageando, postumamente, ao grande educador, emérito matemático, conspícuo mestre na acepção mais ampla da palavra, cumprimos o dever de cultuar aquele, cuja existência tão pródiga de elevado labor, constitui um modelo á imitação, pelo exemplo legado aos coevos e aos pósteros. Espírito afieito e caldeado no raciocínio científico, desde muito moço, começou a produzir obras didáticas de matemática, física, química, stereometria e aereometria.

No parlamento nacional, já o verbo irisado de José Bonifácio, então deputado por Minas Gerais, e hoje nosso Embaixador na Argentina, ao definir os homens mais notáveis do meu Estado, acentuára que, João Antônio Coqueiro, "doutor em ciências físicas e matemáticas pela Universidade de Bruxelas e Bacharel em ciências, pela Faculdade de Paris, fôra matemático dos mais ilustres e Professor que elevou sobremodo o magistério brasileiro".

Mas, Sr. Presidente, dentre os feitos ilustres do genial filho do Maranhão, um deflue que se gravou na perpetuidade dos tempos, e que jamais poderá ser olvidado, notadamente pelos eminentes engenheiros que têm assento nesta Câmara.

É sabido que o Dr. João Antônio Coqueiro era dotado do pendor das grandes e úteis iniciativas, e foi quem, em nosso país, lançou as bases, num projeto longamente desenvolvido, para a organização de uma Escola de Engenharia, dividindo os cursos em geral e especiais, sob a denominação de Escola Politécnica, em que se transformou a antiga Escola Central de Engenharia do Rio de Janeiro.

Por êsse magistral trabalho houve por bem louvá-lo o Governo Imperial.

Sua vida, tôda devotada á magnitude das mais elevadas concepções, dividu-se entre o seu Estado natal, a Europa e a Capital do país.

Registrando o desaparecimento de João Antônio Coqueiro escrevera algures: "enorme o pezar da imprensa brasileira pelo passamento do grande Professor, cuja vida fôra tôda dedicada ao aprimoramento da consciência juvenil da sua raça".

Pelas notícias, podemos hoje avaliar a perda que o Brasil sofreu, pelo desaparecimento do sábio, que soube ser grande na sua pátria e ainda maior fora dela".

Toçado pelo pendor sagrado da terra mãe, João Antônio Coqueiro, além de notável cientista, foi também glorificado, como poeta, no Parnaso Maranhense, ao lado dos célebres vates que fizeram da minha terra — a pátria por excelência — da poesia brasileira.

Tenho dito". (Muito bem; palmas).

Em seguida, foi aprovado, unanimemente, o requerimento e o Presidente Antônio Carlos mandou consagrar em ata a homenagem prestada, naquela sessão, pelo Parlamento Nacional, a um dos maiores vultos da pátria brasileira.

## NA RADIO NACIONAL

A Rádio Nacional assinalou, na noite do dia 30, a passagem dêsse centenário com as seguintes palavras:

"Passa-se, hoje, o primeiro centenário do nascimento de um brasileiro ilustre, educador insigne, que bem serviu a nossa pátria e honrou o seu nome em terras estranhas: — o Dr. João Antônio Coqueiro.

Muitos dos que nesta hora ouvem estas palavras foram discípulos do grande Mestre ou valeram-se de suas valiosas obras didáticas, entre as quais se destaca o seu grande "Tratado de Aritmética", escrito em Paris quando o seu autor era ainda um simples estudante de dezoito anos apenas de idade.

Esse compêndio, entretanto, é, sem favor, dos melhores até hoje escrito, sobre o assunto, em nossa língua.

O Dr. Coqueiro — como, comumente, era conhecido — era Bacharel em Ciências, pela Faculdade de Ciências da Universidade de Paris e Doutor em Ciências Físicas e Matemáticas, pela Universidade de Bruxelas. Discípulo dos maiores vultos da ciência do seu tempo, entre os quais se contavam Duhamel, Liouville, Serret, Fourey, Puisseur, Despretz, Dessain e Quetelet, o Dr. Coqueiro procurou beneficiar o seu País com os melhores frutos das lições de seus sábios Mestres.

Na direção do antigo Ginásio Nacional, tanto no Internato, como no Externato, a sua passagem foi assinalada por serviços relevantes e pelo lançamento de adiantadas idéias.

Foi, não há dúvida, o Dr. Coqueiro um benemérito.

Que a posteridade o recompense com a veneração a que fazem jús os que verdadeiramente souberam servir á humanidade".



## NA RADIO EDUCADORA

Essa emissora, também, na noite daquele dia, poz em destaque essa efeméride.

Ouçamô-la :

"A 30 de Abril de 1837 — isto é, precisamente, um século — nascia, na cidade de S. Luiz, capital da então Província do Maranhão, aquele que foi o Dr. João Antônio Coqueiro. Educador de grande renome, publicou várias obras didáticas notáveis, entre as quais se destaca o seu muito conhecido "Tratado de Aritmética", escrito pelo seu autor quando estudante em Paris, aos 18 anos de idade, trabalho justamente considerado entre os melhores sobre a matéria em lingua portuguesa.

Foi Coqueiro aluno da Escola Central de Engenharia, de Paris, e bacharelou-se em Ciências na Faculdade de Ciências daquela capital, onde serviu durante dois anos, como Ajudante de Preparador do curso de Física de Despretz e Dessain.

Em Paris, teve o nosso patricio entre os seus Mestres Duhamel, Liouville, Serret, Fourcy e Puiseur.

Em Bruxelas, praticou Astronomia no Observatório daquela cidade, sob a direção do notável astrônomo Quetelet e recebeu, na Universidade, o grau de Doutor em Ciências Físicas e Matemáticas, com a nota de Distinção, o que lhe facultava apresentar-se á aggregação universitária.

A Escola Politécnica deve-lhe o plano de organização segundo o qual se realizou a transformação da antiga Escola Central no Instituto hoje incorporado á Universidade do Brasil.

Prestou, enfim, Coqueiro, ao Brasil, os mais relevantes serviços".

## NO COLÉGIO PEDRO II

Conforme vinha sendo anunciado, a Congregação do tradicional Colégio Pedro II, na tarde do dia 30 de Abril, prestou comovente e sincera homenagem á memória daquele Professor e ex-Diretor dêsse estabelecimento de ensino, fazendo realizar uma sessão solene no salão nobre do Externato, que se achava artisticamente ornamentado com o pavilhão nacional.

Às 17 horas precisamente com a presença de Professores e grande número de convidados especiais, famílias, funcionários e alunos do estabelecimento e de vários outros Colégios, teve início a solenidade.

Assumindo a Presidência o eminente Professor Dr. Fernando Antônio Raja Gabaglia, Diretor do Externato, convidou para fazerem parte da mesa os Srs. Cônego Dr. Benedito Marinho, representando Sua Eminência, o Excelentíssimo Senhor Cardeal D. Sebastião Leme; General de Divisão Augusto Tasso Fragoso; Almirante Heráclito da Graça Aranha; Professor Reis Carvalho; Professor Benjamim Mêlo e quem escreve estas linhas, na qualidade de filho daquele consumado Mestre.

Ao declarar aberta a sessão, em expressivo e emocionante improvisado, disse o Professor Raja Gabaglia que o Colégio Pedro II não poderia, sem que com isso cometesse grave injustiça, deixar de comemorar a passagem do primeiro centenário de nascimento do Dr. João Antônio Coqueiro, que durante dois lustros dirigiu aquele Colégio e que tão alto soube elevar as tradições de cultura e de civismo dêsse estabelecimento e do magistério nacional.

Sobre a personalidade do ilustre e eminente brasileiro e cientista e relembando fatos da vida e da obra deixada pelo Dr. João Antônio Coqueiro, falaram, especialmente convidados pelo Professor Raja Gabaglia, os Srs. Almirante Graça Aranha e os Professores Reis Carvalho e Benjamim Melo, cujos discursos foram demoradamente aplaudidos.

Em primeiro lugar, falou o Sr. Almirante Graça Aranha, figura de grande relevo da marinha brasileira.

Começou por dizer que sobre a individualidade de João Antônio Coqueiro muito já se havia escrito e muito já se havia dito.

Que os grandes e relevantes serviços por ele prestados à Pátria, quer como educador, quer como industrial, e ainda nos importantes cargos que ocupou, em elevado destaque, sempre, e com inextinguível dedicação em toda sua longa vida laboriosa, são sobejamente conhecidos por todos os bons brasileiros, e, assim sendo, limitava-se a ler o que, a seu respeito, havia já escrito para prefaciá-la sua biografia, distribuída para comemorar o primeiro centenário de seu nascimento.

E o Almirante passa a ler, então:



"Convidado pelo meu digno patrício Sr. Edmundo de Viveiros Coqueiro para colaborar na muito justa homenagem que vai ser prestada a JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO, maranhense ilustre sob todos os títulos, não hesitei, embora não dispondo de muito tempo, em vir ao encontro dos que desejam cultivar a memória do maranhense que se destacou na velha Província, e fora dela, pelo seu saber incontestável, pela sua grande competência profissional, onde quer que desempenhasse sua atividade.

Andou muito acertado quem afirmou que "recordar é viver", pois, já na velhice sinto um grande prazer cívico em recordar os dias de minha infância na velha S. Luiz, onde nasci e onde vivi, acompanhando, apesar de criança,

a vida intensa, desinteressada e rigorosamente patriótica de meu saudoso Pai — Temístocles Aranha — que pode ser apresentado como um tipo — padrão — do verdadeiro patriota, pela sua cultura, pelo seu ardor cívico, pela sua honestidade e pela sã preocupação de tudo fazer, em visar lucros pessoais, pelo Maranhão e pelo Brasil.

Infelizmente, os moços daquele tempo, já na velhice hoje, vão desaparecendo, e portanto não poderão dizer aos moços de hoje o que fizeram aqueles maranhenses pelo progresso da nossa terra.

Recordo-me perfeitamente da grande amizade, do grande apreço que meu Pai tinha pelo brilhante matemático JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO, cuja capacidade científica desde moço foi posta à prova.

Igualmente recordo-me das vezes que meu Pai dizia que lamentava não poder eu iniciar os meus estudos de matemática sob a direção de quem era apontado como o autor da melhor e mais afamada *Aritmética*.

De todas as manifestações, porém, de estudo, de trabalho, que JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO fez e que apesar de muito criança

observava, foi a eficiente e brilhante cooperação que lhe prestou com o seu saber e a sua cultura, à realização pronta das duas grandes EXPOSIÇÕES DE AÇÚCAR e ALGODÃO que Temístocles Aranha levou a efeito com o maior sucesso em S. Luís.

JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO, auxiliado por jovens maranhenses, realizou com as suas máquinas, trabalhos impecáveis e de grande valor para a indústria.

O Maranhão, o Brasil, devem, portanto, gloriar-se de contá-lo no número dos seus melhores servidores, pois deu aos sobejos provas na indústria, no profissionalismo e por toda parte onde trabalhou, sempre em destaque.

Não, velhos maranhenses, sentimos um prazer especial em apontar aos moços maranhenses, como exemplo, esta vida cheia de grandes serviços ao Brasil.

Ele incorporou-se, seguramente, ao grupo de maranhenses que "por obras valerosas libertaram-se da Lei do esquecimento".

E aqui termino o que imperfeitamente pude dizer ao digno filho de JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO, que zela com justo orgulho o nome honrado de seu digno Pai, e aos demais patrícios, o filho de quem foi grande amigo e admirador de JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO, Temístocles Aranha".



O Almirante Graça Aranha, falando no Colégio Pedro II

Após finalizar essa leitura, recordou, então, o Almirante, com vivas saudades, os tempos de sua infância em que viveu em S. Luiz, e terminou evocando o maior poeta lírico brasileiro — Antônio Gonçalves Dias — dizendo: — “e minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá...”

As últimas palavras do Sr. Almirante Graça Aranha foram abafadas por uma prolongada salva de palmas.

Em seguida, foi pelo Diretor Raja Gabaglia dada a palavra ao conhecido e erudito Professor Benjamim de Melo, maranhense ilustre, que proferiu o seguinte e eloquente discurso:



“Ter alma, é ter na vida um raio do infinito,  
Que nos suspenda o olhar eternamente fito,  
A contemplar-lhe sempre a esplêndida grandeza”.

“A vida é no infinito, o que é no mar o vento.  
Se um barco surge mais soltando a vela aos ares,  
Vem a aragem da vida, a viração dos mares,  
Encontra a vela erguida e dá-lhe movimento.  
O vento é, pois, que a leva, e nunca ao vento, a vela,  
Pois quando aberta a vaga em que o batel flutua,  
Se afundam vela e barco e o vento continua,  
Levando às mil e mil como levava aquela”.

Assim filosofou magistralmente sobre a vida da alma, no infinito, o notável poeta. Também eu, num dos meus minutos de cogitação sobre a vida, disse:

“A vida é flúido divino  
De um Deus repleto de amor”.

E ainda:

“Não transformes a existência  
Em taça de amargo fel;  
Ama tudo e a todos ama,  
Enche a colméia de mel”.

Quem não faz de amor fonte de bem e o não vive sem vida da natureza, não vive — segue.

Aquela cuja estabilidade vivida de modo a não perder sua “liberdade divina”, souz a estabilidade de vida e se vive espiritualmente.

Essa vida, sua vida criada para uma liberdade elevada, eterna, bela, grandiosa, serena, não individual, é que nos agita e nos conduz no mar tempestuoso desta existência tão instável pelo equívoco. Felizes os que vivem a alegria eterna de viver.

Na nossa história pátria há uma unidade luminosa pela vida espiritual, na sua mais alta expressão — o TERCEIROS.

Perseverando o letrado da pátria, observou todos os sentimentos de seus irmãos patriotas, sob o jugo trágico de Portugal.

Tomou-os sobre os seus ombros, e, qual Cristo, se quis vencer sozinho. E na sua divindade rebelião, a alma o agita para a prática do bem e o inenunciável de seus do corpo material. Era a prática virtual do maior dos mandamentos, justamente o mais desprezado pelos homens: — AMA TEU PRÓXIMO COMO A TI MESMO.

A proclamação dos mártires, da morte ignominiosa, em vez de o abater, mais o exaltava e o animava para o cuidado de sua abnegação por amor. É assim que se vive a vida espiritual. Um simples, um enforcado, um esquartejado, um símbolo de uma época de tirania, pelo seu idealismo, pela força de alma na prática do bem, se transforma, em pouco tempo, num ídolo da pátria, no símbolo vivo da LIBERDADE.

É esse sentimento impresso em nossa alma e cultivado no meio alto grau, que faz os heróis e os beneméritos de todas as pátrias.

E eles se nos apresentam em múltiplos aspectos. Os martirizados e derramando o sangue pelo nobre ideal, ora no labuto exaltativa e quotidiana, nas vigílias constantes, nas mágoas do individualismo egoístico, nas decepções.

JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO foi um destes. Mestre nas ciências a que se dedicou com toda a alma, sem medir sacrifícios, e com aquele ardor próprio dos iluminados, teve sempre o desprendimento dos predestinados.

O amor à ciência para bem servir ao próximo, fez dele o apóstolo, o Mestre culto, devotado e bom.

A sua didática é aplaudida, a sua engenharia louvada, a sua técnica industrial exaltada.

Mas, o que mais nele exalta é o Mestre, no exercício conciente e abnegado da transmissão das ciências aos seus discípulos, a profunda sinceridade e valor cívico de seus trabalhos.

Os mestres são os preparadores de todos os valores sociais.

Que importa não sejam eles os escolhidos para os postos avançados dos destinos administrativos da Pátria, se são os edificadores materiais e irrevogáveis de todas as Pátrias?...

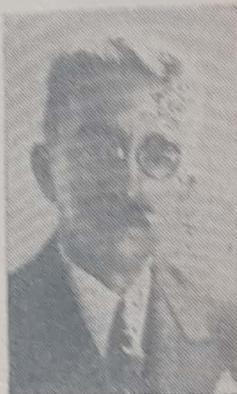
São eles os maiores patriotas, os maiores heróis de todos os tempos, e tão grande e tão alto é o seu valor que Cristo, Deus

humanidade, foi Mestre abnegado e sábio, preparando dos continua- dores dos verdadeiros ensinamentos.

Nos tempos turbos e incertos que atravessamos, em que os jovens quase na sua maioria, vivem absorvidos e inflamados pelos novos pagtos violentos, pelas oscilandas das telas, pelo ruído ensurdecido dos raios na transmissão de sinbas do um eterno carnaval, pelas fotografias de crimes recompostos para insensibilizar o coração e se coarctam com o quociente mínimo que lhes dê para passar nos exames, vibramos nessa Assembléa Ilustre em que se tendo para prelo de homenagem a quem fez do ensino um apostolado, emanados pelo espirito e pelo coração, recordemos e exaltemos a obra d'esse que se chamou JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO e que com todo o direito deve habitar a eterna e celestial morada promettida aos sábios e abnegados".

O orador foi freneticamente aplaudido.

Por último, falou o culto Professor e homem de letras, Dr. Reis Carvalho, que, com dição clara, pronunciou a bellissima e comovente alocução, que vai abaixo transcrita, e que tantos e tantos aplausos provocou daquela escolhida e numerosa assistência.



"Atendendo e agradecendo o convite com que me distinguiu o Sr. Direto: do Externo Pedro II, Dr. Raja Gabaglia, compareço a esta solenidade afim de algo dizer sobre o Dr. João Antônio Coqueiro — o Dr. Coqueiro, como era geralmente conhecido — varão Ilustre de quem fui aluno, que me honrou sempre com a sua amizade, e cujo primeiro centenário natalício hoje se comemora.

Serão poucas as minhas palavras, porque de- sejo substituir o que eu poderia dizer para glorificar o nobre extinto, pela leitura de algumas páginas do seu último trabalho sobre a reforma da instrução pública, o qual reputo a maior lição cívica legada pelo Dr. Coqueiro ao Maranhão e ao Brasil.

Três personalidades avultam no glorificado de hoje: — o matemático, o engenheiro e o educador.

O matemático — é preciso dizê-lo com a justiça que ele próprio fazia a si mesmo, quando lamentava não ter seguido a sua vocação — não foi o que devia ter sido. O concurso de admisión à Escola Central de Engenharia de Paris, em que ele, um estrangeiro, com pouco mais de três lustros de idade, figurou entre os primeiros classificados no meio de 400 candidatos; o "Tratado de Aritmética", escrito e publicado aos 19 anos; os cursos brilhantes que fez na

Europa, donde veiu duas vezes diplomado: — Doutor em Ciências Físicas e Matemáticas pela Universidade de Bruxelas e Bacharel em Ciências pela Faculdade de Paris; o prestigio adquirido como discípulo e como Mestre, entre grandes figuras do ensino acadêmico da França e da Bélgica; tudo isso fazia esperar que o Dr. Coqueiro se tornasse, em Matemática, maior do que foi. Entretanto, na minha desautorizada mas sincera opinião, o desvio da carreira do Mestre — ocasionado por motivo fortuito, de ordem sentimental e que muito o honra — talvez não lhe tenha sido tão prejudicial ao renome como á primeira vista parece. É possível que com aquelle desvio se tenham perdido belas obras matemáticas, úteis e oportunas, mas também é de supôr que o cientista se entregasse cada vez mais á cultura isolada da ciência, escrevendo memórias, que certo valem objetivamente, como prova do seu saber em Cálculo, em Geometria, em Mecânica, mas que, como tantas outras, haviam de ser subjetivamente, socialmente, obstáculos á regeneração da ciência total, da ciência única que é a ciência da Humanidade, de que todas as outras não passam de préambulo. Em lugar disso, em lugar de novas descobertas matemáticas, inúteis ou aditivas, o Dr. Coqueiro se occupou em espalhar a ciência conhecida, útil e oportuna, em ensiná-la a várias gerações. Dessa tarefa árdua e profícua, ficou, além de meia dúzia de opúsculos, um livro, verdadeiro marco milhário do ensino matemático, o célebre "TRATADO DE ARITMÉTICA", que permanece novo apesar de contar perto de oitenta anos. A 1.<sup>a</sup> edição, a edição de Paris, traz a data de 1860.

Salvo o "Cálculo Aritmético", de Pierre Laffit e os "Apontamentos de Aritmética", de Almeida Cavalcanti, ambos livros inspirados na maravilhosa "Síntese Subjetiva" de Augusto Comte, nenhum outro conhecido se avante em método e doutrina ao "Tratado de Aritmética" do Dr. Coqueiro. E, como o ponto de vista dominante nos meios científicos é, foi, e infelizmente será por muito tempo ainda, o do ensino dispersivo, do ensino, por assim dizer, afilosophico, sem coordenação enciclopédica, sem linciação subjetiva, a Aritmética de Coqueiro continua a ocupar e occupará por longo periodo, senão o primeiro, um dos primeiros lugares entre os Tratados, congêneres. E quando tiver cessado a sua utilidade no presente, será sempre lembrado como preciosa reliquia do passado.

Engenheiro, fica o Dr. Coqueiro na história do Maranhão e do Brasil como criador em nossa Pátria da primeira usina açucareira cientificamente organizada — a Usina "Castelo" — erguida no vale do Pindaré. Para realizar a criação, fez em Paris estudos especiais de química industrial e os applicou sistematicamente no laboratório anexo á Usina, do qual se tornou Diretor técnico, e o foi como ainda não se tinha sido. O que reinava até então nos engenhos de açúcar, era o simples empirismo.

Se não me engano, foi o Dr. Coqueiro o primeiro que, nesse dominio, poz no Brasil, a ciência a serviço da indústria. As exposições que pouco depois se realizaram em S. Luiz do Maranhão, por iniciativa sua e com o concurso de outro notável maranhense, Temisto-

des Aranha, demonstraram eloquentemente o valor total da obra construída pelo sábio engenheiro.

Quanto ao educador, deixou nome como Professor de Matemática elementar e superior no Liceu Maranhense; de Geometria prática e Mecânica aplicada no Instituto Profissional de S. Luiz do Maranhão; como examinador de admissão na Escola Normal desta Capital; como organizador de um plano para criar-se no Maranhão uma Escola Politécnica, o qual serviu de base à reforma da antiga Central, hoje Escola Politécnica da Metrópole do Brasil; como Diretor do antigo Ginásio Nacional, hoje Colégio Pedro II; finalmente, como autor de uma reforma geral da instrução pública e especial do ensino secundário.

É por essa atuação final, que a obra educativa do Dr. Coqueiro assume caráter de uma verdadeira revolução, infelizmente abortada pela marcha retrógrada que tem seguido quase sempre o movimento político brasileiro, através dos seus dirigentes.

Apesar de serem sido as idéias do Mestre sobre a reforma do ensino, acolhidas, em parte, três anos depois de extirpadas, em 1911, pelo Ministro Rivadávia Correia — que aliás já era partidário delas através da propaganda dos republicanos sociocratas, feita por órgãos isolados ou por associações, entre as quais o Apontado Positivista e o Centro Republicano Conservador — não chegaram nunca a ser praticamente realizadas.

A liberdade profissional e a abolição dos privilégios escolásticos e acadêmicos, incorporados à reforma Rivadávia, tornaram-se letra morta diante da opinião respeitável mas reacionária, anti-republicana e anti-constitucional da maioria dos Ministros do Supremo Tribunal Federal, e de chefes de vários departamentos da administração pública.

Morreu o Dr. Coqueiro sem ver nem sequer a tentativa baldada de Rivadávia Correia. Mas isso não diminuiu o valor das idéias apontadas oficialmente pelo grande cidadão. E como para mim é faz apontado que mais o recomenda à posteridade, apesar de todas as oposições e extravios do nosso reacionário presente; como fez apontado se fez ao próprio seio do mundo oficial, quando o apontado era Diretor deste Instituto de Ensino, que hoje o glorifica com esta solenidade; como quase não se conhece a peça notável onde foi pregada a reforma do ensino oficial, pois foi publicada apenas no "Diário Oficial" e há 27 anos, permiti que, em homenagem à memória do grande morto, eu termine esta alocução com a leitura de extratos desta peça, onde a velhice cronológica do homem desaparece diante da novidade psicológica do Mestre. Ouçamá-lo".

Em seguida, o orador leu, integralmente, a parte referente à reforma do ensino, publicada no "Diário Oficial" de 9 de Agosto de 1910, cujo exemplar tinha em mãos.

Em nome do Instituto "Professor Benjamin de Melo", falou o aluno David Sibá, que proferiu uma alocução ligeira, mas cheia



A mesa que presidiu a Sessão solene da Congregação do Colégio Pedro II, memorativa do centenário de nascimento do grande educador e ex-Diretor do Internato e Externato do Ginásio Nacional. Nela tomaram parte: Dr. Raja Gabaglia, Diretor Monsenhor Dr. Benedito Marinho, representante de Sua Eminência o Sr. Cardeal D. Sebastião Leme; General Tasso Fragoso, Professor Reis Carvalho, Almirante Graça Aranha, Professor Benjamin Melo e o autor destas linhas, como filho do homenageado.

de saudades, evocando a figura simpática e estrepidamente bondosa do velho Mestre, cujo centenário estava sendo comemorado, naquele momento, com o máximo esplendor. Disse, ainda, o jovem David Sibi, ser o notável educador filho do glorioso Estado do Maranhão — a ATENAS BRASILEIRA — berço de tantos homens eminentes e daquele genial poeta lírico que se chamou — ANTONIO GONÇALVES DIAS — o poeta das "palmeiras onde canta o sabiá". Palmas e muitas palmas se fizeram ouvir, sendo o aluno Sibi muito abraçado.

Compareceram ao Colégio Pedro II, entre outras, as seguintes pessoas:

Monsenhor Dr. Benedito Marinho, representando Sua Eminência o Senhor Cardeal D. Sebastião Leme; Almirante Heráclito da Graça Aranha, Diretor do Loyd Brasileiro; General de Divisão Augusto Tasso Fragoso, Ministro do Supremo Tribunal Militar; Professor Benjamin de Melo, Diretor do Instituto "Benjamin de Melo", acompanhado de vários alunos, com o respectivo estandarte; Dr. Jonatas Serrano, Professor do Colégio Pedro II; Dr. Almeida Lisboa, Professor do Colégio Pedro II; Dts. George Summer, Antenor Nascentes, Enoch da Rocha Lima, Professores do Colégio Pedro II; Dr. Quintino do Vale, Diretor e Professor do Colégio Pedro II (Internato) representado pelo Dr. Antônio Gomes Pereira Fortes, Chefe de Disciplina; Dr. João Veiga, Professor do Colégio Pedro II; Professor Reis Carvalho e senhora; Almirante Joaquim de Albuquerque Serejo e senhora; Dr. Nogueira Coelho, advogado; Dr. João Lisboa Serra e senhora; Dr. Eduardo Imbassai e senhora; Dr. Américo de Viveiros e senhora; Dr. Almir Madeira e senhora; Coronel Cantalice Pinheiro e filhas; Coronel Dr. Acelino de Lima, Diretor do Hospital Central do Exército; Dr. Inácio Xavier de Carvalho, Juiz Federal; Dr. José Elísio do Couto; Coronel João Batista de Moura Carvalho; Professora Maria Isabel Bivar, Diretora do Colégio "Santa Cecília", que se fez acompanhar de vários alunos do Colégio; Otávio de Castro, Chefe de Disciplina do Colégio Pedro II (Externato); Coronel José Ribeiro de Oliveira; Dr. M. Nogueira da Silva, membro da Academia Carioca de Letras, representando a mesma Academia; Dr. Castêllo de Viveiros, Diretor de Seção do Ministério da Justiça; Dr. Carlos Costa Lima, Vice-Diretor do Hospital Central da Marinha; Dr. Raimundo José Coqueiro Watson; José Maria Coqueiro; Bernardo Coqueiro; Inácio Cerveira; Professor Lima Rodrigues; Mário Matos; Odilon Braga; Alvaro Queiroz; Aristides Pereira Leitão; Raimundo Maia; Dr. Hugo da Silveira Lobo; Senhorita Marina de Oliveira Bastos; Antônio Abel Porto Barroso; Dr. Frederico Lima, Diretor da Escola Regimista; Dr. Jorge Vasconcelos e senhora; Eiter de Souza e senhora; Dr. Adélino Xavier e senhora; José Pinto de Albuquerque e senhora; Dr. Pedro Viana da Silva, Professor da Escola Politécnica; João Lima, redator da "A Nota"; Joaquim Pereira de Souza; Dr. João Lopes de Sá; Anísio Gomes da Silva e muitas outras pessoas.

## CENTENÁRIO DO PROF. JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO

"Conforme estava anunciado, a Congregação do Colégio Pedro II prestou, ontem, significativa homenagem à memória do emérito e saudoso educador Dr. João Antônio Coqueiro, ex-Diretor daquele estabelecimento de ensino, realizando uma sessão solene no salão nobre do Externato, que se achava artisticamente ornamentado com o Pavilhão Nacional.

As 17 horas, com a presença de grande número de Professores, convidados especiais, funcionários e alunos do estabelecimento, teve início a solenidade, havendo o Presidente da Congregação, Professor Raja Gabaglia, convidado para fazer parte da mesa os Srs. Cônego Dr. Benedito Marinho, representante S. Eminência o Cardeal D. Sebastião Leme; General Tasso Fragoso, Almirante Graça Aranha, Professor Reis Carvalho, Dr. Benjamin Melo e o Sr. Edmundo Coqueiro, filho do homenageado.

Ao declarar aberta a sessão, disse o Prof. Raja Gabaglia, num brilhante improviso, que o Colégio Pedro II não podia, sem grave injustiça, deixar de comemorar a passagem do centenário do nascimento do Dr. João Antônio Coqueiro, que tão alto sobre eleva as tradições de cultura e de civismo do estabelecimento e do magistério nacional.

Sobre a personalidade por todos os títulos ilustre do Mestre Maranhense, e lembrando fatos da vida e da obra do Dr. João Antônio Coqueiro, falaram, especialmente convidados pelo Presidente da Congregação, os Srs. Almirante Graça Aranha, Dr. Benjamin Melo e o Prof. Reis Carvalho, cujos discursos foram demoradamente aplaudidos. Em nome do corpo docente do Colégio Pedro II fez-se ouvir ainda um aluno do Externato.

A seguir, o Prof. Raja Gabaglia declarou encerrada a sessão, congratulando-se com o Colégio Pedro II pelo brilho da solenidade e agradecendo a presença da numerosa e atenta assistência.

Estiveram presentes, além de outros, os Professores católicos Drs. Almeida Lisboa, Antenor Nogueira, George Juner, — Jonatas Serrano e Enock da Rocha Lima".

(Do "Jornal do Comércio", de 1.º de Maio de 1937).

EM HOMENAGEM A MEMÓRIA DO PROFESSOR  
JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO

## UMA SESSÃO SOLENE NO COLÉGIO PEDRO II

"A Congregação do Colégio Pedro II prestou, ontem, expressiva homenagem à memória do Professor João Antônio Coqueiro, antigo Diretor daquele estabelecimento de instrução. Comemorava-se a passagem do primeiro centenário do nascimento do saudoso educador.

As 5 horas da tarde, no salão nobre do Externato, à rua Marquês Floriano, realizou-se uma sessão solene, que se revelou de muito brilhantismo. Presidiu-a o Professor Raja Gabaglia, que convidou

a fazer parte da mesa os Srs. Cônego Dr. Benedito Marinho, representante do Cardeal D. Sebastião Leme; General de Divisão Augusto Tasso Fragoso, Almirante Graça Aranha, Professor Reis Carvalho, Professor Benjamin Melo e o Dr. Edmundo Coqueiro.

Iniciando a sessão, falou o Dr. Raja Gabaglia, que realçou a personalidade do Professor Coqueiro, num discurso que foi muito aplaudido.

Discursaram, ainda, sobre a vida e a obra do grande educador brasileiro, os Srs. Almirante Graça Aranha, Dr. Benjamin Melo e o Professor Reis Carvalho, cujos discursos foram demoradamente applaudidos. Em nome do corpo docente do Colégio Pedro II, fez-se ouvir ainda um aluno do Externato.

A seguir, o Professor Raja Gabaglia declarou encerrada a sessão, congratulando-se com o Colégio Pedro II pelo brilho da solenidade e agradecendo a presença da numerosa e atenta assistência".

(Do "Correio da Manhã", de 1.º de Maio de 1937).

PROFESSOR JOÃO ANTÔNIO COQUEIRO  
A COMEMORAÇÃO DO CENTENÁRIO DO NASCIMENTO  
DESTE ILUSTRE EDUCADOR, NO COLÉGIO PEDRO II

"Conforme estava anunciado, a Congregação do Colégio Pedro II prestou, ontem, significativa homenagem à memória do emérito e saudoso educador Dr. João Antônio Coqueiro, ex-Diretor daquele estabelecimento de ensino, realizando uma sessão solene no salão nobre do Externato.

As 17 horas, precisamente, com a presença de grande número de Professores, convidados especiais, famílias, funcionários e alunos do estabelecimento, teve início a solenidade, havendo o Presidente da Congregação, Professor Raja Gabaglia, convidado para fazer parte da mesa os Srs. Cônego Dr. Benedito Marinho, representante do Cardeal D. Sebastião Leme; General Tasso Fragoso, Almirante Graça Aranha, Professor Reis Carvalho, Dr. Benjamin Melo e o Dr. Edmundo Coqueiro, filho do homenageado.

Ao declarar aberta a sessão, o Professor Raja Gabaglia, num brilhante improviso, disse que o Colégio Pedro II não podia, sem grave injustiça, deixar de comemorar a passagem do centenário do nascimento do Dr. João Antônio Coqueiro, que tão alto sobre eleva as tradições de cultura e de civismo do estabelecimento e do magistério nacional.

Sobre a personalidade, por todos os títulos ilustre, do nobilíssimo Mestre Maranhense, e lembrando fatos da vida e da obra do Dr. João Antônio Coqueiro, falaram, especialmente convidados pelo Presidente da Congregação, os Srs. Almirante Graça Aranha, Dr. Benjamin Melo e o Professor Reis Carvalho.

Em nome do corpo docente do Colégio Pedro II, fez-se ouvir ainda um aluno do Externato.

A seguir, o Professor Raja Gabaglia declarou encerrada a sessão".

(Do "Diário de Notícias", de 1.º de Maio de 1937).



## NA ACADEMIA CARIOCA DE LETRAS



M. NOGUEIRA DA SILVA, membro titular efetivo da Academia Carioca de Letras, conhecido e festejado literato, talento dos mais brilhantes e jornalista consagrado, recordando, nesse Cenáculo, a passagem do primeiro centenário de nascimento do notável educador brasileiro, proferiu, perante numerosa e seleta assistência, a conferência que se segue, subordinada ao título "CIENTISTA E POETA":

"Figure-se um menino de 14 anos, não aparentando, porém, pelo seu aspecto mofo, mais que 12, com a cabeça um tanto exagerada para o corpo, côr de gente dos trópicos, metido numa indumentária provinciana, certo dentro dela mal agitado, e ter-se-á o menino

João Antônio Coqueiro, saído do Maranhão e enleado, pelo receio e acanhamento próprio de um desconhecido, entre 400 garotos, vindos, como ele, de várias e longínquas terras, no momento de tomarem assento às carteiras para o exame de admissão da Escola de Engenharia de Paris.

Eu não sei se hoje, lá como aqui, predomina nesses atos o apadrinhamento dos políticos de destaque e o prestígio dos pais alcaides. O que posso afirmar, sem temor de contestação, é que, ao tempo, os exames lá como os estudos no Maranhão, não estavam em função dos cargos ocupados pelos amigos dos estudantes, nem dependiam das posições e fortunas dos seus papás.

Assim, é de ver que, embora certo de que podia arcar com as exigências da prova, não devia ser de muita tranquilidade e confiança o estado de espírito do menino do Maranhão.

Filho, porém, da terra dos poetas, mas que já se podia orgulhar de ter entre os seus grandes homens, matemáticos como Joaquim Gomes de Souza — o Souzainha, da Escola Central — e da qual saíram mais tarde, transformada em Politécnica, matemáticos como Teixeira Mendes, Gonzaga e Cezar de Campos, os dois Moraes Regos, Dias Carneiro, José Eulálio, Dulcídio Pereira e tantos outros, não foi nenhuma surpresa o resultado do exame de admissão, no qual o bisonho maranhoto alcançou naquele número 400 candidatos, em sua maioria franceses, o décimo sexto lugar.

Não parecerá que, se outras fossem as circunstâncias e outros os professores, outro o meio e outros os companheiros, o jovem estudante tiraria senão o primeiro lugar, ao menos um dos primeiros.

A resposta está aqui: o menino de 14 anos que, desconhecido e só, no meio de 400 candidatos alcançou o décimo sexto lugar na classificação geral dos examinandos aprovados, dava a publicidade.